

Túlio Moreira

APRENDENDO A PERDOAR

NOTA EXPLICATÓRIA

Fui abordado insistentemente, em sonhos, por um indivíduo que queria me ditar um livro. Disse-me ele que era um ser do futuro, que voltava no tempo para me contar algo do que houve, começando em nossos dias e indo até o futuro de daqui a milênios. Perguntei-lhe porque a mim procurava. Explicou-me que não era exatamente uma opção, apenas tinha dado certo, aleatoriamente, o contato comigo. De tanto ouvir seus apelos em sonho, concordei em receber o seu material. Ao acordar naquele dia, encontrei em minha mesa, sem a menor explicação, um disquete todo de ouro. Liguei meu velho 386 e constatei que o dispositivo era compatível. Após "abrir" e "salvar como", enquanto eu dava uma olhada no material, o disquete volatilizou-se no "deck a", de modos que não tenho como provar que aconteceu o que aconteceu, ainda que seja a mais pura verdade. Procurei preservar o texto como estava, inclusive os erros grosseiros e a cantilena insistente da linguagem adversativa desse homem do futuro. Sem a pretensão de convencer os leitores mais céticos, convido a todos que se deleitem com a narrativa e, digamos assim, a fantasia.

Quanto a isso, devo dizer que concordo com quem acha um livro desses um mergulho para além do real, mas também uma busca de solução, ainda que idealizada e impossível, dos dramas dessa realidade. Um mundo de heróis e

vilões. Beldades e fortalezas. Sucessos e tragédias. Fracassos e desgraças. Um mundo onde se insinua a vingança e cabe o perdão. Como ex-ateu e questionador habitual, duvido do panorama melancólico e mefistofélico que Gregório pintou de uma suposta realidade religiosa. De todo modo, desenhou um mundo e, confesso, tenho que encher a pança à custa das palavras. Portanto, decidi por levar a público o material, na esperança de angariar uns cobres. Consoante com a obra em que arrisco pôr o nome, convido o leitor a uma reflexão sobre como amarmos o próximo quando o próximo não se faz amável.

Abriu a gaveta e tirou o chaveiro. O molho se resumia a duas chaves, uma para o veículo e outra para o apartamento. Quando estava no escritório, Gregório deixava as chaves na gaveta, pois se incomodava com o metal frio no bolso enquanto atendia na agência da qual era sócio minoritário. Alguns clientes se espantavam que um dos donos fizesse o serviço de atendimento, mas Gregório sabia que só chegara tão longe no mercado graças à humildade dos seus serviços. Não era um tonto, mas o que as pessoas querem é serviço de qualidade, é por isso que elas pagam com gosto. Quem serve aos ricos são os que estão a serviço. A maioria dos ricos é gente a serviço. Corruptos são uma raridade que ganha importância não pelo número de adeptos, mas pelo prejuízo que causam. Gregório soube capitalizar sua serventia e se tornou dono de uma das muitas lojas da Agência CapTur, uma das mais luxuosas do ramo de turismo, popularizada graças a campanhas massivas na TV. Sua sala era simples, além do birô e da poltrona, apenas duas cadeiras para clientes e visitantes. Todos os móveis da agência eram de uma sobriedade moderna que fugia do luxo, mas eram bastante confortáveis. Afora a sua sala, a agência tinha apenas um amplo ambiente para tudo o mais, além de uma salinha somente para funcionários, com uma pequena cozinha, despensa e banheiro. Lá, eles lanchavam graças a uma vaquinha, para economizar o salário, além de ser a sala do contínuo e faxineiro, o seu Gomes.

Pôs as chaves no bolso, levantou-se da poltrona de escritório e rumou para a porta dos fundos, na cozinha, por onde os funcionários saíam ao fim do expediente. Para chegar à porta dos fundos, tinha que passar pela área de atendimento, onde, àquela altura, com as portas da loja já fechadas, os funcionários se arrumavam para ir embora. Todos, menos Karine, a arquivista, que normalmente ficava depois do expediente, pondo a papelada em dia. Os funcionários trabalhavam lado a lado em mesas de pernas tubulares brancas e tampo de madeira pintada, também de branco. Gregório era um falso magro e, ultimamente, andava um pouco acima do peso, pois abandonara o futebol aos domingos, imaginando adotar uma carga regular de exercícios numa academia, e descuidou-se, gozando a disposição extra que os atletas obtêm no descanso. Àquela altura, estava-se já ressentindo da inatividade. Como era ex-fumante, sentia-se como que obrigado a manter uma atividade física. Alguns de seus funcionários eram fumantes ou tinham também largado o vício. Gregório não via esse detalhe na hora de contratar. A condição é que só fumassem na hora do lanche. O movimento da loja variava conforme a temporada e, nos últimos tempos, o trabalho era pouco. Tomou a decisão de matricular-se numa academia no instante em que atravessava a cozinha e viu o cinzeiro. Encaminhou-se para uma que já tinha em mente, sem demora. Assim era Gregório: podia até postergar uma tomada de decisão, mas não

definia nada para amanhã, depois de amanhã ou a semana que vem. Isso quem fazia eram os clientes, ele resolvia seus deveres imediatamente. Detestava quando algum profissional a quem recorresse, como o médico, estivesse com a agenda lotada e o deixasse para ser atendido dentro de algum prazo relativamente longo, como uma semana. Portanto, teve a dificuldade de ânimo, sentiu vontade de resolvê-la, decidiu fazê-lo e o seu aprazamento foi o mesmo de sempre: imediato.

Atrás do volante de seu Sedam de luxo, lembrou de avisar a esposa, mas nunca mais ousou utilizar o celular ao guiar, depois que um guarda lhe deu uma multa. Custou-lhe uma pequena fortuna o "luxo". O estacionamento da academia tinha vagas, como sempre. Ele havia constatado isso ao passar em frente algumas vezes. Por isso a escolheu. Ligou para Lídia e avisou que ia chegar mais tarde. A esposa não se surpreendia mais com essas decisões de última hora do marido. Ele tinha um emprego e tratava bem o filho do casal. Lídia estava satisfeita e não se incomodou de lanchar só. Os três sempre comiam juntos no começo da noite e, algum tempo depois, sem prazo definido, jantava somente o casal algo mais substancioso, normalmente uma sopa. Haroldinho, o filho de quatro anos, comia no fim da tarde e depois da primeira refeição noturna ia dormir. Ele tinha quatro anos. Se Gregório iria ficar fazendo academia ao fim do dia de trabalho, as coisas teriam que mudar. Talvez Lídia tivesse que

comer só com Haroldinho, pois Gregório com certeza chegaria em casa saciado da força que fizera. Ela fazia sua hidroginástica “campeã”, no começo da tarde, e já estava faminta quando ele telefonou. Naquele dia, comeu alguns biscoitos para esperar, mas algo tinha que mudar e a qualidade do cotidiano ia cair um pouco para Gregório se condicionar. Lídia trabalhava a maior parte do tempo por telefone. Era uma agente imobiliária e só saía de casa para mostrar os apartamentos à clientela. Mantinha um *site* de ofertas. Era um *site* de serviço, mas também um *site* pessoal, posto que ela era uma autônoma. Não teria a qualidade de vida que usufruía sem o dinheiro de Gregório, mas não lhe dava despesas além da casa e ela estava cuidando da mesma. A casa era espaçosa e arejada, com três quartos, sala, cozinha ampla e dependências de empregados incomumente grandes. Eram quatro suítes. O centro do imóvel era a sala, de onde partiam a passagem para a cozinha e o corredor para os quartos. Para quem sentasse para assistir TV, à esquerda, à frente, ficava a passagem para a cozinha. Do outro lado da esquerda, o corredor para os quartos e, no centro, a passagem para o quintal gramado, onde, em dias de sol, Lídia estirava a toalha e se banhava de luz natural. Do lado direito da sala, apenas a porta da rua, que dava para um jardim com chão de mosaicos e de muro baixo. Lídia mantinha dos dois lados da porta da rua jarros com plantas de folhagens vistosa que agüentavam bem sol e chuva, ela chamava seus jarros, que ela fazia questão de

cuidar pessoalmente, de guardiães do castelo. O telefone se localizava no canto saliente da sala que se formava entre o corredor dos quartos e a passagem para o quintal gramado. Ao lado ficava um sofá para três pessoas. Quem atendesse o telefone poderia sentar no sofá. Além do sofá, havia uma bancada almofada sem espaldar que ajudava a dividir a sala em duas. De frente para o sofá ficava a TV e, do outro lado, a aparelhagem de som. Em vez de *rack*, os aparelhos eletrônicos ficavam em mesas de concreto que foram construídas ao mesmo tempo que as paredes. A sala era mesmo descomunal. Aquela foi a casa de um rico investidor que foi à falência e a vendeu a Gregório numa pechincha. Além da casa maravilhosa, a grande qualidade de vida que Gregório proporcionava a Lídia era o ambiente que freqüentava em consequência da educação de Haroldinho. Encontrava sempre com as amigas do ensino médio. Lídia nunca se viu como uma universitária, mas não era uma inativa nos estudos. Lia muito livros de auto-ajuda e literatura religiosa, além de filósofos e ensaístas contemporâneos. Apesar de lida, não tinha jeito para o magistério. Sua intelectualidade nascera a passeio. Entre as donas de casa, com quem se juntava nas reuniões de pais e mestres, era a mais ousada. Havia também o grupo das profissionais de renome entre as mães, com quem Lídia tinha bom trânsito, mas acabava afastada dessa turma pelas questões cotidianas. Estas outras jovens se reuniam nos escritórios e congraçavam em redor da tarefa. Às vezes, Lídia

não alcançava o nível das conversas. Assim, estava sempre no aniversário de alguma criança junto com um bando de donas-de-casa, o que, no fundo, ela era. Era a nova dona-de-casa, com dinheiro próprio e idéias profundas, mas eis que era uma dona-de-casa.

Uma dona-de-casa que comprara problemas ao casar com Gregório, cujo pai, um viúvo, era uma figura triste que desencaminhara os três filhos e que agora se apresentava uma ameaça para Haroldinho. "O nome da peça é Estefano", dizia Lídia sempre, com um sorriso fingido. Aquilo realmente atrapalhara Gregório na sua vida e podia-se dizer que continuava atrapalhando, apesar de seu homem já ter vencido. Estefano havia se mudado para perto do casal, por causa do neto, dissera na maior sem-cerimônia, e Lídia fazia tudo para não deixar o velho "nojento e grotesco" sozinho com seu filhinho de quatro anos, mas, vez por outra, tinha que se submeter. Queria policiar o menino quando ele voltava desses "passeios", mas não era uma tarefa factível, principalmente porque o Gregório não ligava! Segundo Lídia, ele tinha sofrido demais na infância e ficara com o sentimento prejudicado. Nenhuma criança de quatro anos deve enfrentar esse tipo de desafio e muito menos sem a assistência de um adulto bem intencionado. Tinha essa queixa do pai da criança, que dizia que não soubesse o que fazer, mas ela não se conformava. Para outras coisas, o Gregório era um pai participativo, que se envolvia no desenvolvimento do filho, conversava com o

menino, mas não o prevenia quanto ao avô. Certa vez, ele disse a Lúdia, num sussurro, como se não devesse estar falando nesse assunto, que o Haroldinho não tinha idade para que o pai falasse mal do avô.

— Ele não vai ter idade nunca para ter esse avô. Cortou a Lúdia.

— O ódio não é a solução. Lúdia, é preciso perdoar. Nosso filho vai ser mais feliz que a gente — respondeu Gregório, suplicando com o olhar para encerrar o assunto — se você ainda quer conversar, depois, a sós, no quarto — A Lúdia se escandalizava de como o Gregório tolerava o Estefano sem se impacientar. Se fosse com ela, viveria com ódio. Quando Gregório era criança, todo dia o seu pai se sentava à mesa da cozinha, fumava um cigarro e ficava repetindo: “Ah, que delícia, que delícia.” Depois, deixava o maço e o isqueiro em cima da mesa e ia ao banheiro, onde ficava por mais de meia hora. Certa vez, o Gregório resolveu experimentar, aos oito anos de idade, e só largou aos 25. Foi pai aos 30 anos e Estefano se demonstrou um problema, para pânico e escândalo de Lúdia. Chegou a ameaçar acender um cigarro na cozinha enquanto Lúdia descansava no quarto. Gregório teve que se exaltar com o pai para deixar claro que era proibido fumar naquela casa.

— Você me deixa fumar no seu escritório, porque não em casa? Não exagera, meu filho — Gregório explicou que eram ordens médicas e também a vontade dos donos. Estefano consentiu em não fumar, mas ainda disse mais —

espero que essa besteira passe depois que a criança nascer.

A mãe de Gregório morrera muito cedo, de câncer na garganta. A Lídia não sabia como o Estefano e a sua finada esposa conseguiram gerar um homem tão bonito como Gregório, mas o Clóvis e o Cássio, os outros dois filhos, arcaram com as conseqüências. Tudo isso era muito normal naquela época. Não se podia dizer que o Estefano era um marginal, pois as propagandas de tabaco e álcool estavam em toda parte. Ele era um mau cidadão, mas cidadão. A Lídia passou os nove meses de gravidez com medo que desse a louca no Estefano e ele invadisse sua casa com um cigarro ou um charuto aceso, mas isso não aconteceu. Nem no seu caso nem no caso do Clóvis, que foi pai do seu segundo filho noutra cidade. A Lídia nunca entendeu como o Clóvis e a Larita conseguiram dar o mau passo. Justo eles que viviam falando da saúde dos bebês. O Fato é que o segundo filho separou o casal, para grata surpresa do Estefano, que disse muitas e péssimas sobre o assunto, sem nunca entregar o ouro. Lídia era crítica dos dois, mas não pôde deixar de admirar a hombridade com que eles enfrentaram a desgraça. Tanto ela como o Gregório sentiam que não teriam tido autocontrole para enfrentar a queixa de um filho, a queixa de sua obra viva. A Lídia achava que teria se matado e o Gregório tinha medo de acabar pior que o Estefano. Quando um pegava o outro imaginando "se isso e se aquilo", diziam um ao outro como o Haroldinho era um menino

lindo. E Lúdia pensava consigo: "Mais lindo que o Heráclito (o mais velho do Clóvis). Aliás, é o menino mais lindo do mundo." Foi tão atribulada a gravidez, ela achava, com o Estefano salivando de maldade, que o casal resolveu que só teriam um filho. Além do mais, o Haroldinho era um menino tão bom, obediente e piedoso que a Lúdia tinha medo de fazer outro e ele não se parecer em nada com o irmão. O Haroldinho já tinha quatro anos, o Gregório, 34 e a Lúdia, 32. O Estefano tinha 60 e dizia que se ressentia de os pais não deixarem mais o menino com ele. Quando tinham que sair, deixavam o menino com a doméstica. Passavam-se meses sem que Estefano tivesse uma oportunidade, e é que o Gregório disse na cara do Estefano para não fumar na frente do menino. Ainda assim, a Lúdia não se sentia segura com a língua viperina do Estefano a rondar. Ela pensou em uma desculpa, mas teve que dizer a verdade.

— Estefano, eu não quero o meu filho perto de gente fumante para ele não se influenciar.

— Lúdia, que bobagem. Só fuma quem quer, e eu tenho certeza que você é uma mãe muito mais talentosa do que eu sou pai, não há de ser nada — Mas a Lúdia não abriu mão, com o apoio do Gregório. O Estefano não queria se conformar — filho, você que fumou sabe que não é essas coisas todas.

— Pai, eu larguei o vício, aqui em casa é proibido fumar. Se o senhor quiser ver o menino, deixe o cigarro em casa. — E ficaram combinados

assim. O Estefano vinha, às vezes, para lanchar no final da tarde. Reclamava na frente do menino que estava proibido de fumar, o que obrigou a Lídia a dar uma explicação ao Haroldinho, aos quatro anos de idade, sobre o que era fumar.

— Sabe o inseticida?

— Inseticida faz mal, não é mamãe?

— O cigarro também faz mal.

— E porque que o vovô reclama de ficar sem cigarro? A gente não foge da sala quando põe inseticida?

— Seu avô está velho, ele não consegue largar.

— Mas o papai largou.

— Meu filho, seu pai é forte. Além do mais, o seu avô não quer largar, ele desistiu da saúde.

— Porque?

— De tristeza.

— E porque ele é triste?

— Ah, filho, é cada coisa que você me pergunta. Basta que você entenda que o seu avô se deu mal e não quer se conformar.

— E o papai?

— Também se deu mal, mas foi forte e saiu do buraco.

— Será que eu vou cair no buraco? — assustou-se o menino. Estavam sentados à mesa da cozinha e Lídia resolveu jogar uma informação mais pesada, pois a virulência da influência do Estefano estava se tornando terrível. — Lembra do Othon, seu primo mais novo?

— O que que tem?

— Notou como ele é feio?

— Ele é feio, mas é meu amigo, ele me ajudou a guardar os brinquedos e brincou de carrinho bate-e-volta comigo — essa era a brincadeira favorita do Haroldinho, pôr os bonequinhos na direção e atirar o veículo contra a parede. Não era um carrinho bate-e-volta, mas era assim que ele chamava.

— Pois é — continuou a Lídia — Se o seu pai não tivesse largado o cigarro, você seria feio que nem ele — ao ouvir isso, o menino caiu no choro, pois tinha compreendido, ao menos em parte, ainda que não lembrasse direito, a dimensão do risco. Lídia o abraçou e disse:

— Calma, meu filho, você é lindo, eu e o papai te fizemos do jeito certo, ôôôôô. — Aquilo pareceu tranquilizar o menino, mas ele nunca mais esqueceu daquela lição. Na vez seguinte que o Estefano foi visitá-los, o Haroldinho pediu para que ele parasse de fumar. O Estefano respondeu que era muito velho para mudar e completou: —Mas você tem muita sorte, uma sorte que nem eu nem meus filhos tiveram, ah se a Lídia fosse minha mãe.

— Ora, Estefano, não concordo em chamar isso de sorte. — objetou a Lídia.

— Ah, não é sorte? E é o que, então? Vamos, me diga. Vai dizer que é bondade?

— Estefano, porque você não para de se envenenar? O Gregório parou — foi a resposta.

— Na minha época não tinha esses comerciais de TV proibindo o fumo. O governo nem avisava que cigarro faz mal.

— Cigarro faz mal, vovô, o senhor tá dizendo — foi o Haroldinho.

— Já falei que estou velho demais para mudar.

— Seja como for, nesta casa você não fuma — sentenciou a Lídia.

— E eu tenho respeitado essa proibição ridícula.

— Pois eu agradeceria que você não falasse mais de fumo nessa casa. — Esbravejou a Lídia.

— É, vovô, vamos brincar de carrinho, o senhor gosta, melhor que, blerg, cigarro — reforçou Haroldinho.

— Agora, não, que eu estou velho e cansado — terminou Estefano.

Mesmo com a proibição em vigor, Lídia queria que Gregório tomasse uma medida mais firme contra o assédio de Estefano. Conversaram durante meses sem entrarem num acordo, até que a mãe de Lídia, viúva como o avô paterno, deu uma sugestão que muito agradou Lídia e que Gregório aceitou para pôr uma pedra no assunto.

Levem esse menino numa igreja — Sugeriu, lacônica, dona Susana. Ela não apresentou nenhum argumento de defesa, mas não foi necessário, pois Lídia lembrava de ter sido levada pelo braço até a missa quando tinha uns 12 anos. Durante um ano e meio, sua mãe a levou ao templo de Deus, até que mudaram-se para longe da igreja e dona Susana enferrujou-se com tanta distância. Fora uma experiência maravilhosa de confraternização, poderiam levar Haroldinho.

Para Gregório, se aquilo resolvesse as pressões de Lúdia, seria ótimo. Ele sabia que seu pai não prestava, só não concordava que fosse um bicho-de-sete-cabeças. Veja onde ele havia chegado com a própria. Se dependesse do seu pai, hoje seria um pedinte, e o seu filho infelizmente tinha o mesmo obstáculo, com a vantagem de que havia o próprio Gregório para ajudá-lo e protegê-lo. O que Gregório achava é que Lúdia queria que Haroldinho vivesse a vida que caberia ao filho de Haroldinho. Esse, sim, poderia contar com os avós. Para Gregório, Lúdia era muito luxenta e encrenqueira. Se não a amasse, não teria casado. “Se não fosse o amor, meu amor, nós não nos bicaríamos, pois não concordamos”, ele dizia toda vez que ela levantava essa questão da relação de avô e neto. Lúdia lembrou disso quando sua mãe lhe sugeriu a igreja. Afinal, a oferta era de amor, o amor de Deus, e poderia acomodar as coisas de modo a proteger Haroldinho, se bem que Lúdia levaria o resto da vida temendo por seu filho, mesmo depois que viesse o falecimento de Estefano. Era o tipo da mãe que abafa a criança, terminava por dar o mau exemplo, que seria fartamente reproduzido por gente nem um pouco bem intencionada. Disso se ressentia o Gregório, da facilidade com que os pais tomam as rédeas dos destinos dos filhos. Aquilo fora um atraso de vida, pois Estefano estava sempre “preocupado” com o bem de Gregório. Até aquela data, em que Gregório era dono de uma loja, era “natural” que seu pai temesse por ele.

No fundo, Gregório se ressentia da atitude de Lídia, ele pensava em milhões de meninos que enfrentavam uma aventura muito pior que a de Haroldinho, crianças que viviam uma aventura parecida com a sua. Gregório sabia de histórias escabrosas, de fracassos culpáveis como o de Clóvis, que aconteceram com contemporâneos de geração seus. Gente que talvez tivesse emenda se vivesse a vida de Haroldinho. Gregório não admitia nem para si mesmo, mas ele detestava imaginar que gerara um insensível que não saberia conviver com a feiúra de Estefano. Não queria que seu filho sofresse o que ele sofreu, mas achava que ele deveria descobrir que existe gente feia nesse mundo e se conformar, talvez entristecer pelo avô, o que Gregório sabia admirar, mas era da opinião de que Estefano se fizera de único dono da própria vida e, portanto, que convivesse com a falência dos seus sentimentos. Isso era um vínculo forte com Lídia, que achava que, se alguém fraquejaria sem uma vida decente, mais um motivo para se lutar pela decência a todo custo, em nome do bem comum. Lídia simplesmente condenava Estefano sem se preocupar com detalhes. Gregório também condenava, mas conhecia muitos detalhes. Seu pai era um templo à falsidade que escondia a feiúra por trás da agressividade verbal e ambiental, mas com certeza havia, no passado, um momento em que ele tomara a decisão errada pela primeira vez. Quando perdia a paciência com as diabruras do velho, Gregório pensava nesse momento

desconhecido, e podia notar o incômodo de Estefano. O velho pedia que respeitassem sua memória, mas Gregório pensava no tema por quanto tempo lhe apetecesse, tinha sempre a esperança de aprender alguma novidade que acomodasse melhor sua relação com Estefano, ao menos um pouco. O velho era duro na queda e fazia das animosidades o seu *hobby*. O motivo era óbvio, dor de amor, mas isso nunca tocou o sentimento de Gregório, pois o pai dele violava o corpo alheio para desabafar sua desilusão. “Não interessa, você está mesmo errado, papai”, pensava sempre o jovem, mas isso nunca importou para o pai, um intelectual de um certo renome no meio por sua aplicação e didática. Era um químico industrial e chegou, durante um período, a escrever para uma cadeia de jornais. Gregório nunca entendeu as conversas de seu pai sobre cadeias de átomos. Sempre teve dificuldade em química no colégio e dava graças a Deus de estar livre. Ao contrário de sua esposa, não era um grande leitor. Seu *hobby* era a sinuca inglesa e devotava seu tempo a manter as coisas no seu bom andamento, além das curvas de Lídia e os sorrisos de Haroldinho. Talvez ele estivesse precisando do amor de Deus mais que o menino, para encontrar uma motivação mais rica, mesmo que fosse nas curvas de Lídia e nos sorrisos de Haroldinho. O fato é que o velho conseguia azedá-lo, principalmente quando Gregório pensava no tempo em que amargou a inatividade econômica por causa dele. O trabalho virara seu ídolo no altar, pois muito

lhe custara chegar onde chegou. Era profundamente grato a Lídia pela ajuda que redundou na sua própria loja.

Lídia nunca cobrou isso de Gregório, pois ela se sabia agindo em proveito próprio desde o começo. Assim que conheceu Lídia, tinha que passar a humilhação de deixá-la pagar as refeições. Por isso a levava para jantar sempre, em retribuição, e também para se afirmar. Lídia permitia o mimo, principalmente porque vinha embebido em devoção. Lídia só perdia para o trabalho, no altar de Gregório. Empatava com Haroldinho. Ela gostaria que Gregório fosse mais sem-vergonha e a pusesse no centro do altar, com Haroldinho no col, e fizesse um altar menor para o trabalho, mas sem que com isso ele deixasse de ser o trabalhador aplicado que era. Por isso a ida à igreja lhe parecia um plano perfeito. Do que falam na igreja? Da família como a coisa mais importante, disse ela lembrava bem do ano e meio em que freqüentou, na infância. Ela não queria nutrir esperanças, já era algo muito bom o que tinham, apesar de Estefano e da tristeza de Susana, mas, se Gregório entendesse a mensagem com o coração, imagine o que não se tornaria divertido? Poderiam educar juntos. Respirar seria algo importante e satisfatório. Seria um salto tão importante quanto a lojinha, que possibilitou o casamento. Agora ela estava armada, sua mãe fora sábia. Sim, pois Gregório faria tudo para que ela parasse de hostilizar abertamente Estefano. Não disse nada, mas contava que Deus a

ajudasse nessa tarefa. Seria feliz da melhor forma possível e Estefano, ela lamentava muito, mas devotava a vida ao erro. Ninguém tinha mais nenhuma esperança de que ele mudasse. Planejavam todos os seus passos já levando em consideração que Estefano seria fraco e vil. Até Haroldinho caminhava com um cuidado redobrado quando estava na companhia do avô, para não cair de tontura. Definitivamente, Estefano era triste, mas seu assunto era a felicidade alheia, a qual estragava como *hobby*, é, como *hobby*. Gregório, que viveu sob sua égide a maioria dos anos que já testemunhara, compreendia o seu pai como quem lê um manual de instruções de algum aparelho produzido na Albânia, pois não tinha a menor empatia pelo o que seu pai se tornara antes mesmo de se conhecerem. De fato, Estefano era, mas não o suficiente. Gregório sempre achou seu pai burro, seus dois irmãos concordavam. Clóvis subira rápido na vida e, diria Gregório, agiu como Estefano. Este era o Clóvis. O outro, Cássio, vivia uma miserável vida de solteiro. Mesmo o Clóvis, que era fominha como o pai, achava Estefano burro de não ser a si mesmo. Lídia conhecia a situação e dizia a Gregório: "Você não devia se envergonhar de eu ter pago umas refeições para você. O que que tem? Continuo pagando." Dizia e lambia os lábios com a língua.

Pois bem, Lídia estava com a faca e o queijo na mão para mudar a vida de Gregório de ponta cabeça. Se ao menos ele entendesse a mensagem de amor que é encaminhada nos

templos. Havia uma força no amor que justificava a vida. Ela não queria antecipar se o tolo do seu marido ia ou não perceber o lucro, porque seria muito importante e talvez não ocorresse. Era bom pai e bom marido, mas andava devendo como trouxa. Não como homem, especificamente como otário. Lídia se ressentia de que Gregório tinha vergonha de tudo. Ela dizia para si mesma: "O que que tem ser otário? Sou trouxa, viva o amor." Ela mesma condicionara Gregório a dar uma valor especial ao trabalho, mas é porque o trabalho faz parte de uma vida feliz. Uma parte importante e, diga-se, condicionante. Sim, o trabalho é a grande condição, mas não é a maior parte. Tanto que só toma oito horas do dia, as outras dezesseis são para a família. E é mais gostoso dormir acompanhado, dormir também é um momento de união da família. Por outro lado, de maneira nenhuma que Lídia haveria de arriscar o excelente desempenho que Gregório vinha tendo nos últimos anos. Saiu-se melhor que a encomenda, virara dono de loja, mas a vida podia ter um entusiasmo a mais, o que, para eles, só viria à custa de sacrifício, era preciso carregar o peso morto que era Estefano. Mais que um peso morto, ele era mesmo um freio para a felicidade do casal e do menino. Lídia gostaria que ele fosse como Susana, que quase não empolgava, mas inspirava uma nostalgia bondosa que tornava verdadeira a mensagem que estava por toda a parte, num *Outdoor* ou em filmes como "Babe, o Porquinho." O tipo da coisa que Estefano

destruía, sempre à custa de vil violência. Por isso Lídia não estava tão confiante na reação de Gregório diante de um estímulo tão positivo como ela lembrava que era a igreja. Ainda assim, não pôde evitar de emprenhar de um fio de esperança de que tudo seria ainda melhor.

Gregório não havia decidido, de uma hora para outra, fazer ginástica? Bem, era uma pena para o ritual da refeição em família, mas, pelo menos, era uma ótima oportunidade para obrigá-lo a cumprir o que prometera. Sabia que ele chegaria de alto astral por exercitar e aproveitaria a lâmpada acesa para obriga-lo a marcar uma data futura, por mais que isso o incomodasse. Ele havia concordado com "algum dia", pois que agora concordasse com "no próximo domingo". Quando Gregório chegou, ela o recebeu na porta, com um beijo amoroso, e o levou até o sofá. A sala, ampla e clara. No sofá, ela o pôs contra a parede:

— Amor, lembra que nós temos que levar o Haroldinho na igreja?

— Sim, lembro, lembro. Só falta encontrar uma data — respondeu o Gregório

— A data é todo domingo. Vamos começar pelo próximo — Lídia podia falar, pois Haroldo brincava absorto no seu quarto.

— Tem que ser todo domingo? Pensei que fôssemos algumas vezes — Gregório desanimou.

— Nada disso, o que eu estou propondo é um hábito. Do mesmo modo que costumamos receber seu pai, devemos visitar a igreja. Escute: você vai gostar. Meu bem: existe uma coisa

chamada amor de Deus. Isso é verdade, as pessoas se amam umas às outras. Olhe o mundo, veja as profissões: elas são feitas para salvar. O padre vai te lembrar disso. Outra coisa, nosso problema é porque o seu pai é muito convincente. Os padres vão nos ajudar a convencer melhor as nossas vidas. Isso é um ritual de mais de dois mil anos e não faria tanto sucesso se não funcionasse. Greguinho: eu sei que para você é difícil acreditar, mas o amor é muito forte, ele vence a luta. Eu não vou deixar ficar se você não adotar esse hábito — Lídia soou professoral.

— Domingo tem o futebol na TV — queixou-se Gregório.

— Pelo amor de Deus: todo dia é dia de jogo no raio dessa TV paga. Tem que ser a missa de domingo, ela é o apanhado de todas as outras. Além do mais, é o dia em que o padre faz o melhor sermão, e é esse sermão que vai nos ajudar. Eu quero que você preste atenção, que é para a coisa funcionar. Meu bem, para que essa cara de peixe fora d'água? acredite, vai funcionar, não é porque nunca aconteceu que não vai acontecer. E tem mais, esse seu desânimo é sinal de que vem coisa boa por aí. Vai por mim. Se a igreja não tivesse utilidade, não existiria — Lídia olhou-o obsequiosa.

— Utilidade eu sei que tem. Jamais teríamos chegado ao nível de desenvolvimento dos tempos atuais sem a filosofia da não-agressão. Não digo que o mundo já seja lá muito

avанçado, mas o fato é que o que temos não seria sem a cristandade — concordou o Gregório.

— Filho, não seja tolo, é claro que há uma utilidade prática, senão porque a maioria dos freqüentadores seria mulher? E claro que o amor foi estudado por todos estes séculos. Como ele funciona. Não digo que saibam o que é o amor, mas sabem... você sabe, mexer com o amor, fazer ele acontecer assim ou assado. E é verdade mesmo que todo mundo é feito de amor, até o seu pai. Portanto, a igreja pode nos ser útil. Está combinado, domingo que vem é o grande dia — determinou Lídia.

Quase que o grande dia não vinha. As coincidências atrapalharam por semanas a ida à igreja. Se Lídia não insistisse, pondo Gregório na parede, não teriam ido mesmo. Porque ele haveria de fazer algo tão incômodo sem uma necessidade? Lídia promoveu a necessidade e, num dia de sábado, e não domingo, lá estavam eles na igreja. Lídia podia sentir como aumentava o incômodo de Gregório, que mal se agüentava, até que alguma coisa aconteceu, o amor agiu, ela percebeu que seu marido estava começando a se agradar do ambiente. Não foi a melhor das reações, mas deveria bastar para ele se dobrar a mais insistência. Ela já estava planejando uma próxima vez. A missa continuou com cânticos e outras partes faladas. Havia os momentos em que os freqüentadores tinham falas. Lídia e Gregório ficaram calados. Gregório, no começo, estava se sentido nervoso, pinicado, cheio de coceiras e, se não fora um brutamontes

resistente, teria pedido para sair da igreja. Já estava decidido a roer a corda desse compromisso de hábito. Mas os minutos foram se passando e o mal estar foi passando, foi sendo substituído por uma suave euforia. De repente, Gregório deu-se conta de como era feliz ao lado de Lídia. Nada de fenomenal, apenas um pai e marido, mas, nossa, como ele era privilegiado, e a Lídia encrocando com um detalhe secundário, ainda por cima não era para ele, era para o Haroldo, e o Haroldo não ia precisar agüentar nem a metade. Além do mais, o filho do Gregório é muito macho. Seja como for, pensando melhor, era melhor engolir essa decisão da Lídia, que não tinha nada de burra. Gregório não sabia o que era aquilo que os sacerdotes forneciam, se era amor ou o que, mas realmente funcionava. A certa altura do rito, o sacerdote mandou as pessoas cumprimentarem umas às outras. Só havia um outro freqüentador na cercanias, que cumprimentou os três. Gregório sentiu como se aquele homem o estivesse expulsando do templo. Não deu atenção à sua sensação, poderia ser desconfiança. Acontecia sempre que ele descobria uma coisa boa e, definitivamente, aquilo era bom como fazer um gol na pelada, só que não tão intenso, mas também não ia ficar com as canelas duras de pancada. E pensou que a descoberta era um lenitivo para o fim melancólico do peladeiro que estava ficando velho. Ah, a meta realmente valia a pena.

Haroldinho ficou com medo da novidade e se escondeu debaixo do braço macio da mãe.

Ele viu alguma coisa, mas não saberia dizer o que era. A coisa disse que era boa, mas aquele homem que apertou a sua mão disse a mesma coisa e Haroldinho não foi com a cara dele, portanto... isso não era uma conclusão e Haroldinho esqueceu. Mas estava muito gostoso debaixo do braço da mamãe.

Lídia chegou com a disposição de participar, imitou o gestual todo. Quando os freqüentadores diziam amém em coro, ela repetia logo em seguida. E, como ela havia previsto, o amor funcionou. Estava orgulhosa de sua perspicácia. Ainda assim, mal esperava a hora de estarem fora da igreja para colher os elogios de Gregório, pois ela sabia muito bem que ele tomou um caldo de primeira qualidade e estava esfuziante. Houve alguns instantes em que os outros ficaram cheios de energia, até em transe ela notou. Aquilo, com certeza, deveria exigir o hábito da freqüência, e para eles era a primeira vez. Pelo menos, tinha certeza que Gregório não iria tentar sabotar o novo hábito da família. Terminada a missa, a assembléia deu graças a Deus, e ela decorou a primeira resposta cerimonial além de amém. A igreja tinha uma arquitetura moderna. O desenho do teto, genialmente simples, imitava o choque da ondas e, bem sobre o corredor e também se espalhando para as duas laterais do altar, uma cruz branca, símbolo estilizado das ondas do mar. Mais abaixo, vitrais vermelhos e roxos, com imagens de santos. No altar, apenas a imagem de uma santa, que Lídia conhecia de nome, era

Nossa Senhora de Fátima. De cada lado do altar havia mais bancos para a freqüência, e Lídia pôde ver mais vitrais maravilhosos.

Na sua casa, tomando um chá de morango na mesa da cozinha, Estefano também percebeu que sua "fa-mí-li-a", como ele preferia pronunciar, tinha ido à igreja. Um dia que ele postergou o mais que pôde. Ele sabia que aquele era o primeiro dia de sua derrota. Este dia lhe havia sido profetizado pelo Cristo em pessoa, mas isso não importou no primeiro dia de seu arremedo de vingança e não importava agora. Além disso, era apenas o primeiro dia de uma derrota que ele venderia caro, haveria de demorar mais alguns anos e, quando tudo apontasse para a vitória de seu filho, Estefano viveria de memórias, dos momentos divertidos em que venceu, como os 17 anos durante os quais Gregório fumou, o braço que ele quebrou e os muitos anos de inatividade desesperada. Não senhor, não importava se a profecia de Cristo estava começando a se realizar. O fato é que a profecia estava errada, pois previa o sofrimento. O que existe é para somar, não para discriminar. Para Estefano, a ética das profissões era como a fome na pré-história, uma injustiça que foi dada como regra. E ele jamais aceitou que gente civilizada se desse ao que ele chamava de massacre. Seja como for, era um massacre forçado, enquanto ele praticava o massacre gratuito. Se Gregório entendesse as idéias de Estefano, diria que ele era muito cara-de-pau. O que se sabe é que ele era um velho experiente se aproveitando da

ingenuidade da juventude, “como se aproveitaram da minha”, completava o avô em seus pensamentos. Porque ele nunca se culpou pelo o que aconteceu, atribuía tudo ao bisavô de Haroldo, e demonstrava sua inocência com a educação que dava aos filhos. Seu favorito era o Clóvis, um lutador, dizia, “mas todos eles fumaram e não deveriam.” Às vezes, Estefano ouvia a voz de Cristo, que lhe dizia coisas sem muita importância, mas Estefano entendia perfeitamente bem a mensagem: o velho não tinha mais nada a perder e se deleitava na tortura como consolo. Gregório sabia disso instintivamente e achava seu pai um burro, mas Gregório era um tolo que achava que a cristandade era apenas um instrumento político, não pensava em termos de “o meu mundo”, mas de “o mundo maior que eu”. No fundo, Gregório entendia seu pai, o velho ia morrer e não estava aí para nada. Mas ele nunca se acostumou com essa decisão, porque ele mesmo também ia morrer e, nossa, como valia a pena. É verdade que tinha uma esposa linda e um filho lindo, mas sua mãe viveu por muito tempo e Estefano tinha três filhos, todos gente fina. Até o Clóvis, que tinha uma carreira semelhante à do pai, curtia a criação dos filhos, apesar de estar separado da esposa. Mas havia uma coisa que escapava à compreensão de Gregório: aquela era só mais uma família, com o mesmo problema que costuma perturbar todas as famílias, um pouco mais ou um pouco menos. O comportamento de Estefano era banal. O velho freqüentava um

clube, dos Pelicanos, que era um clube feito por e para gente como ele. Os sabotadores das amizades se juntavam e ficavam medindo a eficácia de seus métodos uns para os outros. Dizia-se, na cidade, que alguém que passasse na frente do Clube dos Pelicanos sem saber do que se tratava poderia ter um desmaio, coisa que os freqüentadores confirmavam. Por darem limites à sua maldade, esses indivíduos eram tolerados. Isso é o que o vulgo chama de despeito e os seus praticantes advogam que é perfeitamente aceitável, mas a recomendação oficial é que eles sejam combatidos, se não com os mesmo métodos, com a mesma moeda. Ou seja, quando eles dizem que é aceitável, o dizem como um *bekc* de futebol americano que se prepara para o embate, donde muita gente "adquire" o direito de agredir, o que muito os desagrada. Ainda assim, é o que deverão fazer, sem extrapolar o nível proposto pelo despeitado, mas o fato é que acontecem até mortes misteriosas e o sobrevivente é acolhido pelos seus. Se for um respeitador que foi ameaçado, terá o reforço dos respeitadores. Se for um despeitado que exhibe seu troféu, será parabenizado pelos seus. Tudo isso é negado por ambos os lados, mas de fato acontece. De nada disso sabia Gregório, ou, se sabia, era como uma novidade distante, um tema para conversas de pouca importância.

Portanto, o velho contava em continuar massacrando o filho por um bom tempo, até que aquilo que a tonta da sua nora chamava de

amor, que ironia, chegasse à vitória final e o fizesse assistir ao que procurou evitar à custa de muita violência espiritual. Arrependido diante da expectativa de dor? Porque?, se viu por todos aqueles anos seu filho experimentar a dor e... vejam o que aconteceu: virou dono de loja, pai de um lindo filho e amante de uma potranca burra, pois poderia ter escolhido um cavalo muito melhor, que não tivesse partido a pata nem chafurdado no lodo. Então era com orgulho da sua coerência que ele se preparava para sentir a mesma dor que por tantos anos infligiu, se é que isso ia mesmo ocorrer. Ele tinha sua unidade de pensamento e não iria abdicar dela só porque doía. Se o idiota do Gregório pôde, ele também poderia. Além do mais, sua vida financeira era tranqüila, poderia se medicar e se mimar para suportar melhor. Ainda mais, já conhecia bem o mundo, enquanto o Gregório sofreu como uma criança dissociada do conhecimento por completa inexperiência. Como consolo, o Cássio continuava plenamente ignorante, e aí seriam mais alguns anos de diversão plena, mesmo com a decepção que, provavelmente, o Gregório iria lhe causar, e como ele fazia questão de deixar claro, a vitória do Gregório talvez não se refletisse numa derrota tão grande assim. Era preciso saber abandonar o campo na última hora, estudar o adversário, quando estivesse na vantagem e, vá lá, colher as migalhas que ele deixasse cair. Nunca mais seria uma comédia pastelão, mas era fato que já tinha sido e sempre o "campeão" apresentaria as marcas do

tempo em que perdera feio. Teria esse troféu por toda a vida, provavelmente, a não ser que o Gregório fizesse a gentileza de morrer antes dele, o que agora já não era mais tão fácil, mas também não era impossível. Já no caso do Cássio, ainda era uma possibilidade a se dizer alentadora. Dificilmente isso aconteceria com o Clóvis, pois ele era esperto como o pai, mas difícil não é sinônimo de impossível. Além do mais, o Clóvis era a grande vitória de Estefano, pois caíra no mesmo poço sem fundo em que ele estava. Mas não era isso que preocupava o velho naquele momento. Estefano esperava que o caszinho fizesse segredo da ida à igreja, pois não queria ouvir nada que viesse de Deus.

No carro, voltando para casa, Gregório cantarolava, inventando a letra, um cântico que falava sobre a mensagem de Deus, enquanto Lídia fazia lá-lalará para empolgá-lo ainda mais. Haroldinho queria participar, mas estava amarrado no banco de trás, ficava atrapalhando em comunhão. Os três haviam comungado. Gregório e Haroldinho tinham feito a coisa pela primeira vez. Pareciam três porquinhos que comeram uma lavagem. Gregório guiava mais devagar que o seu costume, pois sabia que a euforia haveria de ceder quando chegassem em casa. Já Lídia estava louca para chegar e se espalhar, ia ser uma delícia tratar do jantar. Na parada do ônibus, já perto de casa, um velho, que sempre os olhava com um sorriso nos lábios, fechou a cara. Deu-se o inverso, pois eram eles que normalmente passavam sérios no veículo. Lídia

não sabia que o velhinho era assim. Talvez, fosse só uma coincidência, pois a cara do velho se desmanchou num susto e ele repentinamente olhou para o lado e levantou o braço direito, se afastando no rumo de sua tenda de papelão. Teria lembrado de algo na última hora? Chegaram em casa e era sábado. Rutinéia se encontrava. Ela era livre para sair todo fim de semana, mas, às vezes, preferia ver TV e não saía. Sabia que os patrões vinham da igreja e preparou, da sua cabeça, um lanche. Por isso que Lídia não se arrependia de ter posto uma desconhecida dentro de casa, porque ela era mesmo diligente e fazia dessas coisas, como surpreender com um lanche especial com sanduíche de atum e vitamina de cenoura, mamão e laranja. Lídia achou então que seria uma excelente idéia deixarem Haroldinho em casa e pegarem um cineminha. Quer dizer, teria que convencer Gregório, mas com cuidado para que nenhum incômodo que acontecesse desmanchasse a... a... o que era mesmo aquele entusiasmo? Lídia era capaz de jurar que Gregório estava achando. Ele não estava se achando, isso ela sabia identificar sem sombra de dúvida. Não, ele estava, tão somente, achando alguma coisa boa, era ela e o Haroldinho, é claro, mas não como antes, pois... pois... pois era ele. Muito estranho, ele não estava possessivo, como era isso? Devia ser "tenho um filho e uma esposa", mas melhor que antes, tinha uma satisfação mais completa no ar que eles respiravam. Era o efeito dos padres, dos

freqüentadores habituais, as lições do amor que sabia dar o merecido destaque às vitórias cotidianas. Ao contrário do Estefano, que só sabia depreciar tudo e todos. Ora, se o Estefano incomodava tanto com o desprezo, era de se esperar, “de se pedir a Deus”, que os profissionais do amor realmente combatessem o efeito. Estefano era só um homem, pois tomasse essa no padre. Então, era tudo como antes, só que agora eles sabiam dar valor ao que tinham. Ela mesma também estava se sentindo leve, pelo visto o Greguinho fora sábio e dera a melhor utilidade à liberdade que os... que a missa lhes forneceu. E o Greguinho estava sem trocado e deu cinco reais quando eles passaram a sacolinha, todo mundo só dava um e até moedinha tinha gente dando, sem falar que um montão de gente não deu foi nada. O homem que os cumprimentou na missa não deu um centavo e ainda por cima meteu a mão na sacolinha para fingir que doava. Será que era para atrair sorte? Não gostou dele nem um pouco, pôde notar como ele e o Greguinho bateram cabeça, só que ele tomou bonito. O Greguinho teve uma das suas explosões e o velho acusou o golpe. Não foi nada de especial, mas as explosões do Greguinho funcionam mesmo, foi só otimizar o resultado delas que veja onde dona Lídia chegou: mãe e esposa de marido rico, e é que encontrou um desempregado sem ocupação. Agora era a vez da missa dar sua contribuição para as explosões do Gregão. Ela nunca ousou chamar o Greguinho

de Gregão, mas, às vezes, ele parecia um Gregão. Lídia não estava querendo dizer sacanagem, não é isso, mas, às vezes, como quando ele chegava em casa. Abria a porta e, como um raio, a porta já estava trancada e ele já no quarto, pondo uma bermuda. Esse era o Gregão. A Lídia era até mais radiante que o Gregório, mas como um raio... só o Gregão. Estava tão contente com o sucesso do seu plano que deu-se à ousadia.

— Greguinho: você está tão contente de ter ido à missa que parece um Gregão!

— Eu, puxa, então tá.

Gregório estava temendo a mesma coisa que Lídia, que algum incômodo estragasse aquele astral extra, mas ele sentia que era um temor reflexo de tempos passados, porque aquele astral era como aquilo tudo que ele sempre achou desde criança, que a vida valia a pena com todos os problemas, só que tinha uma diferença. Uma... uma... uma correspondência. O que ele sempre achou estava encontrando um reforço e não era a Lídia, que estava ali ontem. Era a missa. Mas o que? Pelos cantos dos olhos via o que o estava levando à saciedade em Lídia e no Haroldo. Era um granulado azul claríssimo. Ele sabia onde o granulado estava, estava no ponto cego dos olhos, com certeza fora ministrado na igreja, mas aquilo era muito estranho. Nunca ouvira falar dessa experiência. Nem seu pai nem ninguém lhe falou sobre esse azul claríssimo que se coleta... nas igrejas? Aquilo era muito estranho. Queria saber mais.

Uma idéia palpitava em sua mente: ler a Bíblia, para investigar o fenômeno. Já vira padres e pastores falando do livro no rádio e na TV. Eles interpretavam. Gregório se achava com discernimento o suficiente para compreender as comparações que os sacerdotes faziam. No sentido de que concordava com boa parte das interpretações que eles faziam do texto. Outras, ele não compreendia. Os próprios especialistas admitiam que a interpretação é propositalmente ampla, chamavam de sabedoria infinita do Deus universal, o Todo-Poderoso. Lídia tinha uma Bíblia. Aliás, ela tinha toda uma biblioteca que ele mal consultava sobre anjos e todas essas fantasias que acariciam. Parece que a sua esposa tinha razão. Havia algo de concreto naquilo tudo, ou o que seria o granulado azul? A resposta estava na Bíblia, o livro base para tudo o mais que se escreve, incluindo as viagens alucinantes que fogem do texto. Gregório sabia que a fonte primeira era esse livro, pois fora escrito durante centenas de anos, ou seja, disse tudo o que um homem ocidental pode saber só com seus sentidos e, contando com a distribuição da filosofia da não-agressão, os que queriam trabalhar juntos se tornaram politicamente vitoriosos, enquanto gente como Estefano ia caindo no ostracismo. Gregório se apiedava das gerações passadas não por não terem experimentado a tecnologia, que, na verdade, ainda não funcionava direito e, nossa, como tinha gente morrendo por causa da tecnologia, ele se apiedava de quem vivera numa época sem

o tratado de não-agressão, que já estava completo, existia o livro definitivo, já a tecnologia ainda não havia chegado ao estágio do realmente confortável, ela era só impressionante, diria formidável, mas não diria elogiável. Estava se demorando em pegar o livro, se perdendo em pensamentos que já tivera antes. Se é que queria ter a novidade, era preciso estudar o livro. Foi até a estante "sagrada" de Lídia com as costas lhe pesando, como se houvesse alguém lhe impedindo de ler o livro. Mas também havia uma força o empurrando, principalmente atiçando sua curiosidade. A estante ficava no corredor que dava acesso aos quartos de dormir. Dos três quartos, Lídia usava um como escritório para contatos com os compradores. No corredor, a estante. Era uma estante larga, de madeira envernizada, com apenas três lances. Ia da porta do quarto de Haroldinho até a porta do escritório caseiro. Pegou o livro, uma edição marrom de capa dura e letras douradas, e abriu ao acaso.

"Visão profética dos sofrimentos do servo do Senhor". Foi o título do salmo de número 21. Era muita coincidência, ele falando que a vida valia a pena apesar dos problemas e abria o livro justo nessa página. Depois das palavras em itálico, o primeiro versículo dizia: "Meu Deus, meu Deus, porque me abandonastes? E permaneceis longe de minhas súplicas e de meus gemidos." Aquilo o emocionou. De fato, fora alijado daquele granulado azul que empolgava, por toda a sua vida, e lá estava o livro o acolhendo. Sua aventura era conhecida e ele era bem-vindo.

Muito bonito. É claro que tinham escrito aquelas linhas na antigüidade, quando o abandono de crianças era muito mais grave. De fato, era muita coincidência, com certeza tinha um talento misterioso para abrir livros. E o livro admitia que o... o... o cara que está falando se dizia abandonado por Deus. Ou seja, os autores, que representavam o consenso da época, lamentavam que aquela criança, ou melhor, que aquela pessoa tivesse sido abandonada. Tinham o projeto de resolver esse problema, e veja o progresso que fizeram, o Gregório era um que lamentava não ter tido acesso mais cedo ao granulado azul, fosse o que fosse, e veja como já haviam comido o problema pelas beiradas, ele era dono de loja, pai e marido. Coitada da criança da antigüidade, o que não teve que amargar na falta de recursos, estratégias e subterfúgios. O asfalto não surgira do nada, foi um trabalho dia após dia, até que se dominou os elementos, incluindo a lama dos dinossauros. Leu o segundo versículo: "Meu Deus, clamo de dia e não me respondeis; imploro de noite e não me atendeis." Isso com certeza não lhe dizia respeito. Dessa pobreza o Gregório nunca sofreu. Realmente, seu pai não valia nada, mas comida no prato nunca faltou. Bem, mas era bom saber que o acordo geral citava essa questão. Claro, só podia ser, se essa é a bandeira máxima das igrejas. De fato, com fome não tem granulado azul que agrade. Próximo Versículo: "Entretanto, vós habitais em vosso santuário, vós, que sois a glória de Israel." Essa era óbvia, a

igreja sempre esteve lá, o Gregório só não tinha ido visitar antes porque não queria. Já pensou se ele tivesse passado a vida inteira sem nunca conhecer o raio do granulado azul? Se não fosse a Lídia... e a bobinha pensando que era a força do amor. Nada disso, é... é... o que diabo é o raio desse granulado azul? Não é possível que não tivesse essa resposta no livro. Testou seu poder de abrir livros e caiu com o dedo em cima do versículo 22 do capítulo 14 dos Atos dos Apóstolos: "Confirmavam as almas dos discípulos e exortavam-nos a perseverar na fé, dizendo que é necessário entrarmos no Reino de Deus por meio de muitas tribulações." Alma é fácil, vida. Fé também era fácil, confiança. Problemas são tribulações. O texto é grandiloquente, fala da inevitabilidade do sofrimento (necessário), mas o que seria o Reino de Deus? Isto não estava claro. "Pois bem, pensou, eis o que é o granulado azul, o Reino de Deus. Não entendi foi nada", pensou Gregório. E decidiu-se a ler o livro, para entender. Abriu na introdução e, quando leu que o livro não tinha uma ordem específica em que deveria ser lido, resolveu apelar para o tiro para decidir por onde começar. Caiu nos Salmos, mas, antes de começar, Lídia veio lhe chamar para lanchar e ir se aprontar para um cineminha. Ficara em cima da hora, correu para o lanche, pois já tomara sua decisão. Começaria a ler os Salmos na primeira oportunidade. Foram a uma comédia romântica francesa que Lídia escolheu. Definitivamente, os franceses tinham a fórmula das melhores comédias românticas. Eles

sabiam mostrar o lado frágil do homem. É o que as mulheres querem e os homens precisam. Nesse tocante, as mulheres são românticas e os homens são práticos, por isso o sucesso do cinema francês é perceptível. Claro, pensou durante a sessão, que não é o mesmo estrondo do cinema americano, mas, para um cinema pouco tecnológico, fazia um sucesso equivalente a estrondoso. Como se um homem, só com um violão, fizesse sucesso em todas as festas, enquanto a banda de música animava os bailes.

Voltaram para casa satisfeitos e foram dormir. No dia seguinte, cedo demais para um domingo, Estefano estava lá para visitar o neto com um sorriso de vozão. Acharam-no especialmente incômodo. Resolveram, sem combinar, não lhe contar que haviam ido à missa, mas Haroldinho comentou e eles confirmaram.

— Foram à missa? Isso é muito bom — os quatro, Lídia, Gregório, Rutinéia e Haroldinho ouviram o que ele disse e lhes pareceu que o homem ficara especialmente incômodo, ao ponto dos quatro franzirem os olhos. “Isso não vai ficar assim, o quente é a missa de domingo, vou purificar essa casa hoje mesmo, para a gente ficar jóia que nem ontem,” pensou Lídia. Estefano contava em atrasar o mais que pudesse o tempo que eles levariam para desenvolver o hábito de ir à missa, talvez demovê-los de vez. Lídia já se tinha decidido a convidar Rutinéia a ir, pois era tão bom que não queria privá-la. Depois que Estefano foi embora, fez o convite e descobriu que a moça era de outra igreja e por

isso não poderia ir, uma pena. Aquilo chateou Lídia, pois ela estava exasperada da presença recente de Estefano e aquela recusa era como se ele tivesse estragado o próprio tecido da existência. O I Ching fala de morder como o equilíbrio entre o firme e o maleável, como um símbolo da troca e da justiça, mas Estefano tinha talento para tornar a mordida algo desagradável, e é que o velho tinha uma ponte. Talvez, a ponte incomodasse mais, com a sua cerâmica, que jamais teria a suavidade de um dente. Era um inferno ter que agüentar aquele homem. Felizmente ele foi-se embora logo. Lídia viu que Gregório voltava para o quarto, para recuperar as forças da semana, como ele dizia. Aquele era para ser um momento sagrado e dava pena a expressão de seu marido, era quem mais se ressentia das investidas de Estefano. Claro, foi quem o agüentou desde bebezinho, estava fragilizado de tantos anos de atrito. Foi ao quarto e embalou Gregório até ele dormir, não sem antes arrancar a promessa de que iriam à missa no fim da tarde. Gregório prometeu achando ótimo e achou melhor ainda adormecer com essa idéia. Sonhou que estava se casando na igreja e o padre era barbudo e dizia: "Tivesse vergonha, Gregório, você faz o menino e não avisa ninguém." Então, uma voz feminina, que vinha não se sabe de onde, falava grosso, como imitando homem: "Eu avisei o médico, precisa mais?" Gregório concordou, mas não totalmente, quer dizer, não foi ele, aí ele concordou, desta vez totalmente. "Gregório: você tem que batizar

a criança, isso não pode ficar como está, você está privando seu filho de granulado azul. Isso é sério, Gregório". Acordou petrificado de vergonha, como havia sido um mau pai ao desafiar as tradições. Era preciso batizar a criança. Aquilo era uma emergência. A Lídia havia sugerido que batizassem o Haroldinho, mas Gregório havia achado desnecessário. Agora via que estava fazendo o jogo do seu pai. Com certeza, seu filho devia estar com deficiência de granulado azul. Tinham que batizá-lo imediatamente! Levantou-se e foi ter com Lídia na sala, estava só de cueca samba-canção. Lídia estava olhando Haroldinho brincar com Rutinéia. Gregório olhou para o filho com a cara no chão.

— O que foi paio?

— Nada não, filho, Lídia, você pode vir aqui no quarto, eu quero falar com você.

— Tem que ser agora?

Gregório gostaria de dizer que estava quatro anos atrasado, mas não tinha coragem — Tem, tem que ser agora, é importante — arrastou a esposa até o quarto, enquanto ela dizia que ele estava possesso.

— O que foi Gregório? Enlouqueceu? — disse Lídia, já no quarto.

— Meu amor, preste atenção, isso é muito importante: nós temos que batizar o Haroldinho — o marido falou como quem diz: "Nós temos que levar o menino num psicólogo."

— Eu não sei se vão querer batizar o menino nessa idade — Lídia achava que Gregório estava exagerando. Afinal, a igreja não ia

desaparecer. O menino tinha adorado, olhava o marido como quem diz: "E daí se ele não fizer piano?"

— Tem que batizar! É importante.

— Quando eu falei, você disse que era credence. Falei e foi muito. Gregório, você é muito desarvorado, o padre não fala à toa. O amor precisa ser oficializado, mas agora é tarde. Também não é nada de grave, senão tinha uma lei — Lídia falava com a autoridade de quem tinha freqüentado na infância. Achava que o Gregório estava surtando com a novidade.

— É grave, não é possível que eles não aceitem um arrependimento — Gregório não sabia como explicasse que o filho deles estava com deficiência de granulado azul claríssimo. Se a Lídia entendesse, ia lhe dar razão. Pensando bem, se ela soubesse daquilo, não ia perdoá-lo nunca. Era melhor batizar o menino no momento oportuno, e ficou com aquela cobrança na agenda para Deus sabe quando. Detestava aquilo.

— Todo mundo sabe que Jesus foi batizado adulto. Deve ser possível resolver o problema, é só que eu também não conheço direito — Lídia já estava começando a se chatear com Gregório. Havia superado aquela história quatro anos antes e batizar o menino atrasado era o mesmo que o Greguinho passar atestado de burrice, pois fora ele mesmo quem fizera questão de não batizar, pois ele que resolvesse. Se era só aquilo, ela tinha mais o que fazer... antes da missa. Que o Gregório voltasse a

descansar porque o próximo domingo ia demorar uma semana. Retirou-se. Gregório ficou só com seus pensamentos. Teria sido tão simples batizar a criança, nada lhe teria custado, era um cuidado tão simples e fácil, agora seu filho devia estar sofrendo de algum mal místico, pobre garoto. Era preciso manter a calma. O que fazer? Iria depois à igreja e se informaria. O domingo não era dia para isso, sairia algum dia da semana mais cedo para ir à igreja e se informaria. Foi então que viu uma daquelas deselegantes bolas de sinuca americana, não sabia como a sinuca podia decair tanto em comparação com a legítima sinuca inglesa, o fato é que a bola, que viu de soslaio, falou: "vá em dia de festa que o padre batiza todo mundo que estiver na igreja." Talvez quem precisasse de um psicólogo era ele. Onde já se viu bola de sinuca falar? E não havia nenhuma bola de sinuca no quarto. Ainda por cima, a ilusão era americana. "Também não é assim. Eu acabei de chegar. Você vai ter que esperar umas semanas. Depois você batiza o menino. Tenha calma, para ele está muito melhor que para você. Eu só brinquei, bembalador." Não ouviu essas palavras, apenas as entendeu, mas foi com tanta confiança que o... o... o granulado azul disse que estava tudo bem que resolveu esperar as tais semanas. Afinal, fora o granulado azul que o pusera na enrascada, agora dizia que não era nada demais. Bom, então estava tudo bem, tinha só que esperar algumas semanas que algo lhe dizia que suas perguntas seriam respondidas. Aquilo o confortou e voltou

a dormir. Lídia veio acordá-lo com carinho, como sempre fazia, para almoçar. Abriu os olhos e ela estava sentada ao seu lado, com a expressão de seriedade submissa. Ele sabia o que ela queria dizer com isso: estava tudo bem, mas ela não havia gostado nem um pouco do escândalo do senhor batizado. A jovem evitava reclamar, como um cuidado com o casamento, pois sempre lhe disseram que mulher reclamona perde o marido e ela acreditou. Já Gregório estava muito satisfeito com Lídia, mas se ressentia de ela ser tão encolhida para as queixas, ele se sentia derramar indevidamente, porque ela não lhe punha um limite. Dizendo melhor: limites, ela impunha, mas escondia suas impaciências. A questão é que Gregório notava, mesmo assim, e ficava se sentindo culpado, sem saber se ela estava muito ou pouco contrafeita.

— Você não ligue para o que eu disse antes, está tudo bem com o Haroldinho. Vai ser melhor para ele, que vai ter a igreja na infância, do que foi para mim — tranqüilizou Gregório.

— Claro — respondeu Lídia na lata — você é muito impressionável. A missa vai fazer maravilhas por nós três. Até a Rutinéia, que é de outra igreja, vai ser abençoada. O amor não conhece fronteiras — amor, não, pensou Gregório, granulado azul claríssimo. Ele tinha a obrigação de alertar a Lídia para tal fato, mas o que dizer? Granulado azul era um termo que não dizia nada além do que ele via. Como falar das bolas de sinuca? Precisava de alguma informação que

ainda não havia chegado. Mas, por hora, tinha algo a dizer que poderia beneficiar sua esposa.

— Admito que fiz um escarcéu. Acho que não estava preparado para o Reino de Deus. É isso que nos está acontecendo, estamos entrando em contato com o Reino de Deus.

— É isso mesmo, meu bem, que bom que aconteceu, não é mesmo? — disse e curvou-se para lhe dar um beijo na testa. Era ótimo que Greguinho estivesse gostando da novidade. Com certeza, muitos anos de jugo paterno estavam-se desmanchando, por isso ele estava excitado. Com os dias, iam cair numa rotina de qualidade superior, graças ao amor ou, porque não?, como queria o Greguinho, graças ao Reino de Deus, fosse o que fosse que o profissional quisesse dizer com aquelas palavras cifradas. Era uma realidade concreta o convencimento, a prova é o que a missa fez com a cabeça do Gregório. Aliás, com a cabeça de todo mundo, ainda lembrava do dia anterior, a volta da missa, os três no carro, cantarolando. E agora isso, o Greguinho querendo batizar o menino como se tivesse chegado o fim do mundo. Lídia queria dizer que ele não se assombrasse, pois aquilo era a derrota de seu Estefano frente os profissionais do amor. Queria dizer que era mesmo um absurdo o que o pai fizera com o filho e para gente assim se abana a cruz. Os padres iriam tratá-lo sem fazer perguntas. O Greguinho não entendia direito o período da Antigüidade. Eles estavam descobrindo o efeito dos sentimentos e, infelizmente, esse conhecimento ficou meio

escondido na tal de era científica. Escondido, sim, inacessível, não. No final da tarde, foram à missa. O padre era outro. Era mais bravo que o do dia anterior, fez um sermão condenatório e falava embalado por suas palavras, como quem diz: "É um absurdo o que as pessoas fazem." Foi aí que Lídia entendeu porque a missa de domingo era especial. Ela era é mais difícil, um desafio, como surfar na crista da onda, porque a missa não era encantadora como a de sábado, mas exigia o comportamento do povo. Entendeu a mensagem como: "Quem puder amar com estas exigências, encontrará a paz." Com as exigências, ela até que concordava, mas, realmente, só o hábito haveria de tornar a missa de domingo encantadora. Ainda assim, seu coração se encheu de esperança de uma melhora significativa, pois, se pudessem se acostumar com o domingo, venceriam Estefano. Dessa vez, Gregório tinha um real trocado. No caminho de volta, não estavam empolgados como no sábado, mas estavam satisfeitos, especialmente Gregório, que notou que o granulado azul era recarregável. Mal podia esperar as semanas que trariam o conhecimento. O granulado azul estava no seu lugar, mas não estava falando. Resolveu inquire-lo, pois a curiosidade era tamanha que não agüentava esperar. "Agora não", foi a resposta lacônica e Gregório resolveu se entregar à tarefa de guiar o carro, tão somente. Não estava animado para cantarolar, mas estava animado para outras coisas, pois o padre fora muito ousado nas suas

condenações. Quando chegassem em casa, iria reivindicar Lída no começo da noite mesmo, como fez muitas vezes antes de Haroldinho estar crescidinho. Bastaria um quarto de hora para resolver a questão. Não teve a ereção imediatamente, mas, na sala de estar, enquanto Lída via TV com o dorso à mostra na bancada almofadada, provocou a ereção ao mirar os olhos na base da coluna vertebral. Lída acusou o golpe, virou-se sobressaltada e com interesse no olhar. Gregório sussurrou: "Vamos?"

— Você que sabe — foi a resposta, sibilada, e rumaram para o quarto. Lá, Gregório afrouxou a calça *Jeans* e o membro surgiu já rijo, saltando feito mola. Lída foi malvada e fugiu para o outro lado da cama, deixando Gregório no meio do quarto de calças baixas e pau duro. Ele saiu pulando e se sentou na cama, onde terminou de se desvencilhar das roupas. O chão do quarto era de um mosaico vermelho e amarelo, de desenho ondulado. De cada lado da cama, um criado mudo de madeira negra. Do lado de Gregório, apenas a papelada do escritório espalhada e, do lado de Lída, o telefone e a agenda. Embaixo, uma pilha de catálogos. Gregório não guardava nada embaixo.

— Lída! Ainda é cedo. Vamos logo que o menino talvez bata na porta.

— Mandão — disse Lída e se inseriu entre as pernas de Gregório, que pendiam da cama, tocavam o chão os pés. Serviu-se com a boca do membro dele, que estremecia a cada mordiscada. Ele pousou a mão nos seus cabelos

e a chamou para cima, para um beijo, enquanto ela tinha idéias com o púlpito. Nas igrejas modernas, há um microfone no púlpito. Só não era melhor essa idéia porque a barriga de Gregório também era muito bonita e estava ganhando uma forma maravilhosa agora que ele havia entrado para uma academia. Como sempre, demoraram-se mais nos preparativos que no ato. Para que desgastar a bomba? Era só o tempo de acender o rastilho e... bum! Talvez quisessem uma segunda vez no mesmo dia, isso dependeria do apetite de Gregório. Lídia preferia que ficassem na primeira, pois saborearia muitas horas mais de leveza. Uma segunda transa diminuía a qualidade do sabor. Definitivamente, ele apreciava mais que ela, mas se entendiam. Tanto ela cedia como ele se refreava. Ela tomava a pílula. Nos tempos mais recentes, andara desejando engravidar de novo, mas o negócio da igreja a atrasou. Já tinha 32 anos. Quando era criança, isso significava que não deveria ter filhos, mas já se ouvia de mulheres de mais de 60 anos que tiveram filhos normais. Era preciso se informar se seria seguro. De fato, a medicina evolui. De qualquer forma, já era mãe. Mãe de um filho lindo que a qualquer instante iria chamá-la para mandar a Rutinéia fazer o jantar. Vestiu uma roupa caseira e levou Gregório a fazer o mesmo. Gregório vivia só de bermudas dentro de casa, no máximo um chinelão. Lídia que lhe empurrava a camisa, para que ele desse o exemplo a Haroldo. Quem fica de camisa está sempre protegido, pensava Lídia, e não era em

menção ao sol. Fosse o que fosse esse poder que Estefano exercia, esse poder que tanta gente exercia, o fato é que roupas ajudavam um pouco a defender e, se Haroldinho adquirisse o hábito, melhor para ele. Lídia não entendia porque Estefano era como era. Sempre houve gente como ele, desde a pré-história, mas eles só podiam estar muito equivocados, pois suas queixas jamais foram assimiladas pelo sistema. Lídia achava que nunca entenderia, pois agia pensando na felicidade de um outro e isso era especialmente agradável, porque esse outro era seu filho. Ela se sentia premiada com o sucesso do filho. Desde que Haroldo nasceu que ela gozava duplamente. Ela sabia que Estefano diria que ela era apenas uma espertalhona. Ora, Lídia sabia que muita gente havia sido prejudicada pelas drogas na sua concepção. Feiúra, ela achava, não era normal. Existiam as greco-romanas e existiam as simpáticas que, ela era obrigada a admitir, rivalizavam. Como havia gente feia nesse mundo. O Estefano também. Mas, mesmo assim, ela não entendia porque. Seja como for, aquele comportamento já havia sido julgado em praça pública pelos antigos e, fosse qual fosse a sentença, o Estefano iria engolir, pois, como diz o povo, mais fortes são os poderes de Deus. Ou seja, o sistema dos padres demorava, mas não encontrava um poder maior pelo caminho. Talvez chegasse atrasado ou, como fora o caso desses dois bestas que juntaram os penicos há meia década, talvez não fosse requisitado o serviço. A Lídia entendia tudo

isso, estava orgulhosa de sua obtenção. Já o Greguinho, coitado, fazia seu "mea culpa". Mas não havia de ser nada. Se o batizado fazia tanta falta assim, o menino não teria adorado as missas. Especialmente a de sábado. A mãe pôde se embevecer com o encanto do filho que admirava o rito debaixo da sua asa. Aquilo com certeza ia virar rotina na vida daquela família e seria ótimo para Haroldinho, mas não deixaria de ser muito bom para os pais.

Lídia se perguntava se não teriam paz enquanto Estefano fosse vivo. Definitivamente, era tempo demais. A igreja era sua última tentativa. Saiu para a sala, para conter a felicidade de Haroldinho. Não iria frear nem cortar, mas conter, como uma jarra contém o líquido. Talvez os padres fossem lhe dizer que tinha dois homens maravilhosos e que uma mulher nessa situação tem mais que agradecer. Os padres eram assim, femininos, diziam o que contentaria a todos ou, pelo menos, o que conteria a todos. Pôde perceber a malícia da missa. Eles reclamavam da feiúra "natural" dos próprios frequentadores. Muito irônicos, os padres. De qualquer modo, estava livre da pecha. Haviam feito o menino praticamente dentro do hospital. Uma bateria de exames foi feita, especialmente o sêmen do Gregório, que o Estefano desencaminhou para o álcool e o cigarro, e poderia estar comprometido. Se não fosse a Lídia, ela poderia se orgulhar tranqüilamente, o Gregório ainda seria um viciado. Dificilmente teria se tornado um dono de

loja. Faziam dois anos que ele não se drogava quando eles juntaram os penicos e foi mais um ano antes de encomendar o menino. O Gregório teve até dificuldade nos dias recomendados, pois a presença do médico era palpável no quarto de dormir. Resultado: um menino lindo. Era como os padres, feminino, mas não, não tinha a vocação sacerdotal. Era um menino muito óbvio, muito explícito demais para ser padre. Vá saber o que aquele menino iria ser. Quando olhava para o Haroldinho, Lídia perdia a razão de vista por tentar comparar com o que sabia do Greguinho. Dizia para si mesma que, como eram pessoas diferentes, a comparação era impossível, mas isso não convencia nem ela mesma. Não, eram as condições. O pai, maltratado na infância. Não chegaram ao exagero de lhe dar uns tapas literalmente, mas, como se diz em linguagem popular, o Greguinho comeu osso. Não fora isso, um marido tão bom não se entregaria às drogas, tinha certeza. O que a deixava sem respostas era que o Haroldinho era filho do Gregório e o Gregório mesmo faria dele um homem muito melhor que o próprio Gregório, melhor até demais e isso era culpa do Estefano. Além da infâmia, aquilo se revelava inominável. Quando ela dizia inominável, não queria dizer proibido, queria dizer sem nome mesmo. A palavra cronologia engloba, mas são tantos os detalhes que contam para o significado... Definitivamente, gente é muito frágil diante da criação, o que de forma nenhuma justificava ou atenuava as atitudes livres e graciosas de

violência que vinham do Estefano. Aquele velho nojento havia profanado-se a beleza para agredir. Pois bem, a Lídia, que não apanhou de ninguém, nem da mãe da sua irmã, que era feia e deve ter se alegrado demais com a primeira filha, tomou uma atitude cabível e, tandã: o Greguinho estava “encantado com o Reino de Deus”, mais dia, menos dia, ia virar Gregão para cima do Estefano. E, nossa, como o velho era burro. A prova de que ele era burro era dona Susana, que levaria a pecha na igreja (graças a Deus que não por Lídia) e nem por isso se vilanizou, e Selma, a irmã de Lídia, nem era tão feia assim. Pelo contrário, tinha uma personalidade encantadora, era um poço de bondade, e dava uma ótima Raimunda. Já a dona Susana... como era feia a mãe da Lídia, o raio da droga havia estragado mesmo a coitada. Ela era apática, mas não era má, era triste. Triste de ter feito a mesma coisa que lhe acontecera. Vivia reclamando da avó de Lídia pelos cantos, especialmente para Selma.

Isso eram reminiscências que não deveriam empanar o brilho do início da virada na vida daquela família. Estefano haveria de pagar e, pensando nisso, Lídia resolveu dar uma festa, até Estefano seria convidado. Duvidava que o velho ousasse se malcomportar diante de testemunhas. Adorou a idéia e, de um salto, começou a fazer a lista de convidados:

- Susana
- Selma

- Estefano

Parou um instante, pensando em quem mais chamar, estava muito isolada do resto do mundo e resolveu chamar suas amigas de hidroginástica, duas delas com certeza aceitariam.

- Luísa

- Verônica

Era muito pouco para garantir um jantar, pois era essa a sua idéia. Foi ter com Gregório e ele indicou três nomes, eram funcionários da CapTur.

- Helvécio.

- Benedito

- Karine

Ficou combinado, assim, um jantar para onze pessoas, contando com Haroldinho, ainda sem data, pois os preparativos mal tinham começado. Claro que Haroldinho ia comer e dormir. Contente com a sua decisão, foi inteirar Gregório.

— Meu bem, vai ser uma festinha aqui em casa, para poucos convidados, a gente se diverte tão pouco na rua, resolvi trazer a diversão para dentro de casa.

— O que? Eu não te ouvi.

— Eu disse que vai ser uma festinha aqui em casa.

— Ah, tá. Já te indiquei três nomes — Disse Gregório, sentado no sofá da sala. Ele achou a idéia ótima, mas uma força incômoda o impedia de aquiescer de pronto. Teve que se empertigar no assento para responder — você é tão dona dessa casa quanto eu. Quem sou eu para te proibir? Além do mais, também estou a fim de um pouco de movimentação.

— Não é que você possa me proibir, mas eu só vou dar a festa se você concordar. Se for para você ficar emburrado pelos cantos, de que adiantaria ter dado a festa?

— Não é isso, é que de repente eu fiquei meio incomodado. Esse sofá, às vezes, me dá isso, uma moleza, como se eu tivesse um plano enorme para cumprir.

— Que estranho.

Gregório não falou nada, pois realmente tinha o plano de batizar o filho e, ainda por cima, não sabia como o fizesse. Nesse instante, entrou Haroldinho na sala e caiu de bunda no chão e começou a chorar. Aquilo era muito estranho, uma queda tão sem importância e o capeta do Haroldinho chora. Gregório se levantou para erguer e consolar o filho, enquanto Lídia tinha premonições sem sentido. A ela pareceu que nem a premonição sabia o que queria dizer. Por um lado, ficou temerosa. Por outro, alegrou-se, pois aquele devia ser o efeito inicial do amor que os padres distribuem e contamina todas as coisas. Não podia deixar de convidar Estefano, pois não tinha um motivo para lhe recusar essa gentileza, mas ele que tomasse um *show* de

amor na casa dela. Sim, aquela casa era dela, ela arrumava tudo e também participava no pagamento, se bem que Gregório desembolsava a maior parte. Iria preparar uma surpresinha, só não sabia o que, o amor haveria de agir, tão certo como agiu na sua família, como quando eles comungaram na igreja e saíram radiantes. Decidiu, num pique de energia, que o jantar seria dali a dois sábados. Marcaria para as nove horas, pois daria tempo de estarem “emissados” para divertir melhor os colegas e agüentar o Estefano. Bem, o Greguinho tinha concordado. Agora restavam os preparativos para a festa. A primeira coisa que ela pensou foi na comida. Tinha que ser algo especial e que não se come normalmente. Decidiu por fazer peixe assado, no que ela era muito boa. Para onze pessoas, teriam que ser dois peixes grandes e um pequeno. Que peixe ela escolheria? Caraminholou um pouco e resolveu que serviria robalo e, para quem não gosta de peixe, prepararia sururu e camarão. Pensou também que talvez caranguejo fosse uma boa idéia, mas não iria servir como se serve na praia num jantar elegante. Portanto, faria a receita de sururu com carne de caranguejo. Achava delicioso, apesar de dar um pouco de trabalho. É preciso medir com perfeição as quantidades, pois o ardido do caranguejo tem que se misturar equilibradamente com o doce do sururu. E a bebida seria suco e, para contentar quem come porcaria, refrigerante. Preparou um jantar maravilhoso, para onze convidados, incluindo os de casa. Enquanto os convivas se

alimentavam e Haroldinho comia na sala, o menino começou a chorar sem motivo. Lídia correu para socorrê-lo.

— O que foi meu filho?

— Minha cabeça está doendo — No mesmo instante, a cabeça de Lídia também doeu, e era uma dor bem intensa, como se alguém tivesse passado um gancho em brasa. “Que horrível”, temeu pelo filho e correu com ele para seu quarto, onde ficavam os brinquedos. Estefano se ofereceu para ajudar, mas Lídia recusou.

— Não se preocupe, Estefano, o menino está bem. Atenção, todos, eu vou ficar com o menino até ele dormir, depois eu volto. Lídia ficou com Haroldinho até a dor ceder e o menino adormecer. Enquanto isso, os outros conversavam na sala de jantar. Estefano tinha coisas inteligentes a dizer. A conversa descambou para a Copa Mundial de Futebol de Grama. Estefano tinha algo a dizer.

— Com esse técnico e sem o grande craque, pois os dois não se entendem, o Brasil não vai ser campeão nunca.

— O time teve dificuldades, mas o técnico já arrumou a defesa. Concordo que ele deveria chamar o craque, mas estamos com uma sorte dos diabos — comentou Helvécio.

— Que nada, a bruxa está solta, vai ser um fiasco — disse Estefano. Ele falava só por falar. Alguma coisa parecia divertir Estefano mais que um mero bate-papo. Foram continuar a conversa na sala de visitas. Todos estavam animados, mas

Benedito comentou que seria uma boa tomar uma bebidinha.

— Benedito, aviso logo que sou barriga branca. Segunda é dia de trabalho e eu me demoro para recuperar. Você que tem o fígado de aço, eu não. Benedito, outro dia você bebe — disse Gregório. Benedito concordou e continuou conversando. O papo descambou para o lado das recentes descobertas científicas, como o salto do elétron. Não chegaram a um acordo. Uns achavam que aquilo só acontecia no mundo subatômico e outros achavam que somos todos partículas de Deus.

— E você, Gregório, o que acha? — perguntou Luísa, curiosa.

— Não sei ao certo, mas descobri recentemente a igreja e estou convicto que existe o Reino de Deus, seja lá o que for.

— Em Deus eu sempre acreditei, só queria saber o que é isso — foi Luísa.

— Eu também, mas o... o... digo, Deus me falou que eu vou descobrir um monte de coisas, que ele precisa... é... ganhar força para poder falar.

— Você acredita nisso, Gregório — insistiu Luísa.

— Bom, é preciso fazer força para falar, seja o que for Deus, ele deve estar acumulando energias.

— Você não sabe o que é Deus, Gregório? — estranhou Luísa.

— Não — Gregório soou triste.

— Deus é Jesus Cristo, que morreu para nos salvar — explicou Luísa.

Enquanto isso, os demais conversavam sobre escândalos políticos, todos argumentando contra Estefano, que achava que as inovações não iam dar em nada. Lídia voltou para a sala e entrou de bunda na conversa.

— Porque os poderosos haveriam de se preocupar? — perguntou Estefano, pleno de convicções.

— Porque o amor é mais forte que tudo — interrompeu Lídia.

— Só se for o amor aos cofres públicos — escrachou Estefano.

— Nada disso — discordou Lídia — veja o caso daquele senador que foi cassado e preso: fotografaram ele lendo um livro de filosofia oriental. Estou convicta de que ele se sentiu livre do esquema, talvez seja mais feliz agora que antes, esse negócio de polícia e bandido não é tão simples assim.

Estefano esticou o beijo e perguntou — Você acha mesmo?

— A Lídia está certa, mas, quando é tarde demais, é tarde demais. Esse senador vai viver rico para o resto da vida. E o que foi que ele contribuiu? Nada, não fez absolutamente nada. Foi pau mandado do atraso — interrompeu Gregório.

— Há um projeto em andamento — argumentou Estefano.

— Não interessa se há um projeto em andamento! — enfureceu-se Gregório — o que interessa é que haja caridade em andamento.

— Caridade? — irritou-se Estefano — o sujeito passa a vida inteira sem fazer nada e vai ter do bom e do melhor só porque existe? É muito...

— Muito o que? — Perguntou Gregório. Estefano não respondeu nada, mas curvou as costas e tocou o chão com a mão.

Gregório achou que tinha vencido a questão, mas veio-lhe a bola de sinuca americana e lhe soprou uma idéia, ao passo que ele imaginava: "ele é Jesus". Teve a idéia e cuspiu no ato — e tem mais, senhor Estefano, a infância não pode esperar enquanto senadores ficam brincando de atrapalhar a salvação nacional — Estefano não disse nada, mas sorriu por largos instantes e depois pensou consigo mesmo: "Espero que Haroldinho tenha gostado do meu argumento novo."

A festa terminou, os convidados foram embora e os donos foram dormir, Lídia resolveu dormir no quarto de Haroldinho, pois ele estava muito incomodado. Teve que niná-lo duas vezes aquela noite. No dia seguinte, ele acordou melhor e Lídia resolveu mimá-lo com uma vitamina de frutas, que pediu a Rutinéia para preparar. Talvez não tivesse sido uma boa idéia desafiar Estefano, mas, por outro lado, que opção ela tinha? O fato é que tudo terminara bem, Haroldinho estava bem e regalava-se com a vitamina. Era domingo e Gregório dormia até

mais tarde, como de hábito. Acordou por volta das dez e meia e Lídia lhe ofereceu a mesma vitamina que Rutinéia iria preparar. Gregório estava faminto e adorou a idéia. Estava ansioso por ir à igreja para averiguar se o granulado azul claríssimo era mesmo Jesus Cristo. Se bem que a igreja que estavam freqüentando não era dedicada a Jesus, mas a Nossa Senhora de Fátima. Havia lá uma estátua de Jesus bem em segundo plano. Ele iria se aproximar dela e inquirir o filho de Deus se ele era o granulado azul. Estava especialmente descansado aquela manhã, mas Haroldinho estava sonolento. Então, foram para o quintal, brincar, para animar o garoto e ele finalmente despertou para o dia. Comeram num restaurante, pois Rutinéia resolveu tirar o resto do dia de folga. Teve um ânimo repentino e resolveu visitar umas amigas que não via há muito tempo. Estava tão animada que pediu à patroa para só voltar segunda à tarde. Depois dessa, Lídia parou de se recriminar por ter desafiado Estefano. Se Haroldinho sentira o baque, já estava bom de novo. E o efeito positivo da festa beneficiara até a Rutinéia, que só comeu o peixe na cozinha. Gregório inventou de levar Haroldinho num parque para esperar a hora da missa, seria às cinco. Ele calculou o tempo para que chegassem cedo à missa. Sentou próximo da estátua de Jesus e perguntou silenciosamente, pronunciando de boca fechada: "Granulado: você é Jesus Cristo?"

— Preciso mesmo responder essa pergunta?

Lídia ouviu a resposta.

— Quem Falou? Greguinho, foi você?

— Veio da estátua — respondeu Gregório.

— Greguinho? Você tá variando? — preocupou-se Lídia.

— Não, foi o gr... digo, esse aí é o "amor dos padres." — soou uma grossa voz feminina.

— Lídia, Lídia, Lídia — foi a estátua, ou o granulado ou o que quer que fosse que falava e era audível. Lídia se voltou para os fiéis e inquiriu com o olhar, angustiada, esperando que viesse uma resposta, mas ninguém falou nada. Então ela sentiu uma simpatia agradável e ouviu: "Lídia, você acredita na alma imortal?" Ela respondeu mentalmente: "Claro, quer dizer, não sei." Passaram-se uns poucos momentos em silêncio até que ela somou dois mais dois.

— Ó o cara! — ela sibilou. Queria contar para o Greguinho a melhor notícia de todos os tempos, mas teve vergonha de, talvez, ele a olhar com aquele ar de "sua anta" e resolveu esperar para ter certeza. Pensando melhor, o jeito era esperar que ele fizesse a mesma descoberta no Reino de Deus. Como homem é teimoso. Se não descobre só, não confia em ninguém. Ainda assim, fora o Greguinho quem falara que a estátua de Jesus Cristo estava falando, sinal de que a incredulidade estava cedendo. O melhor de tudo é que ia continuar casada e mãe para sempre! Que maravilha. Virou-se para a estátua e começou a conversar de boca fechada, enquanto Gregório dava atenção ao filho.

— Jesus, Jesus. O que é a alma? Dura para sempre mesmo?

— O que é não sei, mas dura para sempre e pronto. Agora, me chame de Senhor Jesus.

— Senhor Jesus? Porque?

— Respeite os mais velhos, eu tenho séculos de idade. Além do mais, é um título de reconhecimento, pois eu sou Deus. Vou Me apresentar, Jesus Salvador, Deus. E nunca esqueça que Jesus é um só.

— O Senhor é um só? Como assim?

— Preciso mesmo responder essa pergunta?

Gregório deixou o menino distraído com as próprias mãos e ouviu a última fala de Jesus. E soltou num sussurro — pergunta? Que pergunta?

— Você ouviu nossa conversa? — Lídia perguntou ao marido.

— Você eu não ouço nunca, minha girafa.

Jesus interveio — Sou um só para todo grupo que se forma, como os fiéis ou os grupos que voltam para casa da missa. Tenham calma, sorvam a missa, eu vou orientar vocês em casa — e assim se deu. Jesus deu indicações de como eles deveriam proceder, um princípio de devoção que durou alguns meses. Apesar de obedecer a Deus em quase tudo, Gregório demorou quase três meses para se convencer de que existia vida após a morte. Pois, sempre que pedia a Deus uma explicação, o Senhor respondia:

— Tenho mesmo que responder essa pergunta? Jesus é um só — portanto, Gregório

passou a acreditar por sua conta e risco que existe uma alma imortal, pelo mero convívio com o Filho Unigênito de Deus Pai, e não porque lhe disseram que existe a vida após a morte. Por determinação de Jesus, o casal passou a freqüentar outra igreja, esta dedicada a ele, Senhor Jesus. Gregório quis saber porque.

— Da mesma forma que eu fui o primeiro a conversar com vocês, vocês devem comemorar as datas cristãs pela primeira vez comigo. Depois eu libero vocês para se dirigirem para onde preferirem.

— Mas a imortalidade é um exército! — Exclamou de espanto o Gregório.

— É, é a legião de Maria — explicou Jesus.

— O exército de Nossa Senhora? — foi o Gregório.

— É e não — Jesus alimentava o mistério.

— Como assim? — estranhou Gregório

— Vai dizer que não entendeu? É a legião de Maria? É e pronto. É a legião de Nossa Senhora? É e não — para Jesus não havia mais nada a dizer, mas Gregório queria pôr tudo em pratos limpos.

— Entender, eu entendi. Maria é maior que Nossa Senhora.

— Precisa dizer um negócio desses, Gregório? Sabe o que é? Tou comendo e não me estrague a fantasia — Reclamou Jesus bem a sério e energicamente. Passou-se o Natal e entrou-se no tempo da quaresma sem que nada demais acontecesse com aquela família, a não ser uma melhora lenta nas relações com o Estefano,

graças às intervenções e às palavras de Deus, fosse na pessoa do filho, fosse na pessoa do Pai, que começou a falar sozinho, fosse na pessoa do Espírito Santo. O Pai se demonstrou um *expert* em pecar com educação. Pelo menos era o que se depreendia das suas palavras que menos se ouvia e mais se dizia por ele. Ainda assim, ele balbuciava coisas como “vou te orientar” e “agora não”. Lídia anotou certa vez a seguinte mensagem do Pai: “Não entendo como eles conseguem se irritar tanto com a vida, a vida é diversão.” Lídia sabia quem eram eles. Era gente como o Estefano, o pai do Gregório. Havia alguma coisa que o Pai tentava dizer, mas não conseguia. Então, ele pediu a seu Filho que o ajudasse. Jesus foi ter com Lídia, já na Semana Santa, e lhe explicou que Estefano não tinha mais uma alma imortal.

— Isso é pelo que aconteceu com os irmãos do Greg?

— É — respondeu Jesus, lacônico.

“Pois é muito bem feito”, pensou Lídia. Ela sabia muito bem o que tinha acontecido na família de Estefano. Aquilo tinha afetado sua irmã. Não é que ela não perdoasse Susana. Ela perdoava, pois Susana fora boa com ela, mas Lídia não conseguia decidir o que era mais grave, o fim de sua mãe ou a eternidade de sua irmã. Ela jamais se conformaria, como sua irmã não se conformava. E, ao contrário da mãe, não cometera falta tão grave. Pelo contrário, era uma dádiva na vida de Lídia aquela irmã. Como o Gregório, Lídia achava que a tecnologia estava

nos seus primórdios. Às vezes, ela se pegava sonhando com um futuro onde o percentual de acidentes de todos os tipos fosse mínimo em todo o universo conquistado. Ela ficava se imaginando uma alma imortal, já respondendo pelo título de Nossa Senhora, ou que outro título a igreja da época vai dar, e ficar olhando para as pessoas e dizendo: "Na minha época você teria perdido a alma. Dê-se por feliz. Quanto a você, meu querido, seja feliz por quantos séculos o seu corpo agüentar. Você é meu favorito porque não perderia a alma em tempo algum." Lídia pensava nisso, mas não tinha coragem de contar ao Gregório. Pois ele estava aprendendo a perdoar com Jesus. Estava se acostumando a perdoar o Estefano sem se descuidar da luta. Lídia tinha certeza que ouvira o Senhor, certa vez, ao Greguinho: "Bata nele quando precisa, eu digo, não fisicamente, você entendeu, mas não perca a paciência." E o Gregório realmente sussurrou de volta, a Lídia pode ouvir.

— Vou trata-lo como um espécime selvagem. Não devemos odiá-lo, perdoamos sua violência. É só que nos preservamos. Pensando bem, foi terrível, mas poderia ter sido pior. Felizmente eu não dependo mais dele.

Chegou a sexta-feira da Paixão de Jesus Cristo e Ele disse aos dois para deixarem Haroldinho em casa, pois não era dia de levar crianças à missa.

— Senhor, é perigoso?

— Não muito.

Lídia pôs calças compridas. Normalmente andava de vestido, o que a destacava da maioria das mulheres da época, e calçou tênis, quando usualmente andava de sandálias. Já Gregório, por conselho de Deus, foi de chinela japonesa. A missa foi assombrosa, foi toda cantada, em um tom lúgubre. Gregório impressionou-se com as imagens que se formaram em sua mente ao ouvir o ofício, parecia que um porco com o nariz sujo de sangue chafurdava na lama, e essa imagem era reforçada pela missa. Em toda a sua vida, Gregório jamais imaginou que houvesse um dia tão demoníaco na Santa Igreja. Para tornar as coisas ainda mais estranhas, o rito do beija pés de Jesus crucificado, e Gregório consentiu em beijar os pés de Deus, mas Lídia preferiu manter-se fora do tal rito de dia tão perigoso.

No dia seguinte, era a procissão do Círio Pascal. E lá estava o casalzinho na igreja, excitado de curiosidade, ambos se achando especiais, pois eram praticamente os únicos que estavam lá para realmente adorar a Deus, enquanto os outros foram gozar a assunção da derrota por parte da comunidade cristã. Lá chegando, Deus levou-os aos fundos da igreja, onde havia uma porta para rua e já ardia uma pequena labareda numa churrasqueira. Olharam o fogo por longos instantes e então rumaram para o interior da nave. Gregório pegou o jornal da igreja, enquanto a freqüência começou a lotar e o clima se tornou denso e perigoso, podia-se cortar a atmosfera com a mão e senti-la compacta. Para espanto de Gregório, ele

começou a enxergar as auras de energia de cada indivíduo, ele via como ele mesmo era abordado a distância e em silêncio pelas energias. Nada disso espantou Lídia, pois ela sempre percebeu-as, aquilo para ela era apenas mundano e vulgar, enquanto para Gregório era uma nova percepção. Então, como o padre anunciou, todas as luzes da igreja foram apagadas e os fiéis se dirigiram para o fogareiro, quando, num ritual improvisado, foi aceso o Círio Pascal, uma vela enorme feita de cera de abelha. Foi aí que Gregório percebeu que era a cera da vela especial que o fazia ver as energias na atmosfera. Pelo o que ele pode depreender da leitura do jornal, aquele era o dia dos cristãos feridos, e ele lembrou da luxação no seu braço esquerdo, que dificilmente teria ocorrido sem o incômodo permanente de Estefano. Aquele foi o dia mais significativo da Páscoa para Gregório, mas ele também se identificou um pouco com o dia seguinte, o domingo, quando a igreja comemora a integridade do cristão. Só no domingo foi que ele entendeu o que um velho com cara de safado lhe disse depois de pedir 50 centavos de esmola: "Só no domingo, só no domingo." E Gregório pensou consigo mesmo: "Porra, como tem gente brincando de ferir, até eu, que vim à igreja, eles querem pegar, que povo horrível." Mas Lídia entendeu o sujeito de outro modo, e olhou para ele com um sorriso crítico. Ela sabia muito bem o que ele quis dizer: "Meu tipo de ser humano só se torna respeitoso num mundo sem acidentes." A Lídia sentia muito, mas estava

pronta a auxiliar homens como o seu Gregão a tornar o mundo plenamente seguro. Ela sentia muito, la-men-ta-va muito, mas quem não tem paciência se “trumbica”. Greguinho guardou o jornal do dia da procissão. Outro detalhe curioso da procissão foi o encontro da imagem de Nossa Senhora das Dores com a de Jesus, no meio da rua, e ela foi parar na igreja de Cristo, junto a ele. Jesus disse a Gregório: “me desobedeça um pouquinho.” O povaréu estava adorando tudo. Gregório podia ouvir algumas frases mentais, como “você não é melhor que ninguém” e “tirei a sua crença”. Até em outras línguas ele pensou ouvir manifestações. Uma velha alta e magra parecia ficar repetindo “I am just an american wife”. Pelo menos, a missa de domingo foi tranqüila e dentro da normalidade e uma porta do templo, que era mantida sempre fechada, foi aberta e quem quis saiu por ela, como Gregório e Lídia, saíram pela porta nova. “Se eu soubesse, tinha trazido o Haroldinho hoje. Jesus tem tanta dificuldade de falar”, pensou Lídia, e começou a se espantar como havia ainda uma caminhada longuíssima até que a humanidade se acostumassem a não sofrer acidentes, seriam séculos ainda de evolução tecnológica, saindo em desespero para o espaço sideral, até que se atingisse o nível da precisão cirúrgica no que há de comezinho na vida. Ter filhos e andar por aí. E claro que esse pessoal da política ia levantar um monte de “senões” para criticar a rigidez das novas regras. De fato, até tudo virar um caso de polícia, ia demorar muito. Foi para casa entretida

nesses pensamentos, enquanto o Greguinho guiava o carro para ela. Lídia nunca temeu acidentes ao lado de Gregório. Não que ele fosse um às, mas com ele as coisas sempre davam certo, até a sorte sempre o beneficiou no trânsito. Nos primeiros tempos, ela ficava de olho, pois os homens têm uma atenção muito concentrada, mas depois se despreocupou. O Greguinho praticava o que nos últimos tempos a Lídia batizou de direção defensiva graças a Deus. Pois só poderia ser um plano do alto para que as coisas dessem certo nesse mundo. Claro que só podia ser, com tanta gente fazendo a coisa errada e o mundo melhora de século em século? Só mesmo Deus onipotente para resultar a melhora num mundo de tanta desilusão. Não que a Lídia estivesse insatisfeita com o seu quinhão na vida, mas como era grande a confusão eterna e as coisas só fazem melhorar ao longo dos tempos longos. E claro que Deus tinha tempo para evitar que o Gregório batesse o carro.

Gregório demorou meses antes de parar de duvidar da vida eterna. Quando finalmente deu a coisa como certa, ficou maravilhado, mas pensou: "É tão bom que dá medo de morrer logo, isso é uma tentação". Lídia já havia se dado conta da severidade da lei divina, mas Gregório ainda não tinha atinado que o seu pai era um homem punido por Deus e o motivo, então, ele nem desconfiava. Jamais lhe passou pela cabeça que os seus irmãos não fossem gente como ele, pois eles entendiam tudo, eram autônomos,

talentosos e em muitas coisas mais capazes que ele. Nunca foi muito próximo de nenhum dos dois, pois ser filho de Estefano é uma coisa que, muito ao contrário de unir, separa. Não concordava com o Clóvis e não faria como o Cássio, mas isso não haveria de ser nada, pois cada um seguiria o seu rumo e, nos encontros, se a tônica não fosse o amor, seria com certeza a amizade. Achava que eles teriam todo o tempo do mundo para se entender, mas isso não iria lhe ocupar as preocupações da vida, já que eles tinham o pós-mortem para se entender. Definitivamente, ia ser difícil explicar ao Gregório que o Estefano e o Clóvis não iam continuar existindo no outro mundo. Se é que ele queria se entender, no sentido verdadeiro da expressão, com o canalha do Estefano ou o sonso do Clóvis, teria que o fazer nesse mundo. Já Lídia contava em ter Clóvis como um membro reconhecido da família, um membro distante, mas ainda assim ela o receberia com o perdão, pois sabia que ele tratava bem os filhos, ainda que não fosse um pai muito preocupado, ele não abandonava e nem perseguia, o que não se pode dizer do Estefano, que conseguia fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Realmente, além da química e do jornalismo, o Estefano era um destaque em matéria de prejudicar os filhos. Quer dizer, pelo menos foi o que ela depreendeu do que Gregório falava de Estefano. Ela tinha de ouvir o Gregório murmurar quando o Estefano lhe aprontava alguma. “Meu Deus, que inferno.” E, em seguida, ele ficava dizendo para

si mesmo: “Eu sou feliz, eu sou feliz, apesar de tudo eu sou feliz. E vai melhorar, devagar tudo melhora, tudo há de melhorar.” A Lídia sabia que o Estefano dependia dessas picuinhas para se sentir bem consigo mesmo. Isso é o que deixava a Lídia de estômago virado: como um ser humano, o animal mais complexo do planeta, com bastante dinheiro, chance de conhecer o mundo, chega num ponto da vida que não faz nada a não ser dar aulas num cursinho, depois da aposentadoria, e perseguir seus três filhos. Às vezes, ela tinha um momento de pena do Clóvis, pois o Estefano era mesmo terrível, mas, pelo que ela sabia, o irmão de Gregório tinha aceito, ao menos em boa parte, as condições impostas pelo pai, e isso não era nada bonito. O que não preocupava Lídia, ela nunca havia se encontrado de perto com o Clóvis, foram apresentados por telefone. Naquele momento, era importante que o Gregório entendesse o que acontecia com quem tinha uma culpa de gravame na vida. A alma dessa gente se desmancha. O tempo estava passando, Jesus não conseguia dizer claramente e a Lídia resolveu abrir o jogo com o Greguinho. Foi até a sala e lá estava ele, dormitando no sofá, em frente à TV.

— Meu bem, meu bem, eu preciso falar com você.

— Hem? O que? O que?

— Eu disse que preciso falar com você.

—Ah, tá — Ele se levantou, sonolento, resistindo para abrir os olhos, até que espertou numa vez, chacoalhando a cabeça — pode dizer.

— É sobre a vida eterna — revelou Lídia.
— Pode dizer — disse ele, curioso.
— Bem, a vida eterna não é para todo mundo. É só para gente inocente.
— Tem certeza?
— Tenho certeza. E você, acredita em mim?

— Eu sei que você não está mentindo, mas será que você está certa? Puxa, eu não sei nada quanto a isso. Vamos perguntar a Deus?

— Pergunte, pergunte. Acho ótimo que você converse com Deus. Você ainda não entendeu que Deus precisa de ajuda para se revelar. O quanto você falar com Deus, melhor para você. Não se sinta tolo, eu também fui uma tola, atribuindo os milagres da vida ao amor. Realmente, foi tolice, mas isso é comum. É como eu ouvi de Deus, nós todos neste mundo somos crianças. Deus não espera que nós saibamos tudo. Ele só precisa que nós sejamos bons. Isso é tudo o que basta para viver para sempre. E, Gregório, foi por isso que eu escolhi você para mim. Mas você sabe muito bem que não foi só sendo bom que você venceu na vida. O mundo é um caos.

— Puxa, Lídia, acho que essa foi a maior declaração de amor que você já fez para mim — Gregório beijou-a na boca, tocando a língua com a língua por bom meio minuto. Então, virou-se para o teto e perguntou para o branco da tinta — Senhor Jesus, que história é essa de a culpa acabar a alma? Isso é verdade?

— Confirmando — Puderam ouvir Gregório e Lídia abraçados no meio da sala. — E tem mais, Gregório, para salvar a alma é só ser bom, sua esposa está coberta de razão. Mas ela também está certa ao dizer que não foi exatamente sendo bom que você saiu debaixo da asa do seu pai. A bondade, no seu caso, foi essencial no tempo em que você viveu no mundo da droga, mas sair das drogas é uma luta e não é nada bonito se desvencilhar de quem quer que o vício perdue.

— Então, o Estefano nunca foi bom? Um lutador, ele é, eu mesmo demorei a virar a partida.

— Ele foi bom quando criança, mas o seu avô convenceu ele ainda muito novinho a mudar de opinião. Uma lástima que eu não pude evitar. Pois eu estava lá e vi tudo. Eu me lembro. Ele tomou umas sovas e largou de ser bom. Lamento muito. Gregório, pode-se dizer que você teve muita sorte de nascer perfeito.

— O meu irmão não é normal?

— Um é normal e o outro não, mas nenhum dos dois é perfeito. Eles não têm cérebro.

— Mas não é possível, são dois adultos independentes, eles são responsáveis, são cidadãos desta nação.

— Para você ver como a ciência não sabe nada da existência — cortou o ser humano do outro mundo, e continuou — Por exemplo, Santo Antônio e São Francisco são como os seu

irmão mais novo. Já eu, sou como você. E o seu irmão do meio já era.

— Deixa eu ver se eu entendi — pediu Gregório, soltando Lúdia e sentando na bancada almofadada — Isso é uma malformação fetal... O papai e a mamãe, o Clóvis de novo. E o Cássio, não. Por causa disso, a alma acaba. Puta que o pariu!, eu corri o maior risco sem nem saber. — disse e se arrepiou de medo, mas Jesus não concordava plenamente com ele.

— Esse risco você não correu, mas você poderia ter morrido — então, eles ouviram uma voz que vinha de toda parte e de parte alguma.

— Homem bom não canga.

— Foi o Senhor, Jesus? — espantou-se Lúdia.

— Esse foi o meu "tio" — corrigiu Jesus, e explicou — esse é o Divino Espírito Santo, eu estou sempre com ele. Ele só aparece quando tudo já está pronto.

— Pronto para que? — quis saber Gregório, mas a voz tinha outras coisas para dizer.

— Gregório e Lúdia — disse o Espírito Santo — se preparem para gozar a vida como vocês nunca conseguiram, na plena paz, longe do Estefano, e vamos ajudar o Clóvis e o Cássio a tomarem seus rumos — ao ouvir isso, Lúdia imaginou a trabalhadeira que iria ser e sentiu como se o hálito de Estefano a estivesse queimando, o Espírito Santo percebeu e falou para ela — Calma, Lúdia, isso demora um ano ou mais, mas já preparei tudo, nos seus primeiros meses de crença, e garanto que vai dar tudo certo. Meu

milagre é de risco, mas já sei que venci, pois tive tempo suficiente para isso, e agora me apresento vitorioso antes da partida começar, isso é uma graça abençoada.

— O Senhor está falando a sério? — ousou duvidar o Gregório.

— Pode me chamar de Divino, e lhe digo mais: quem viver, verá.

— O Senhor é Deus? — insistiu o Gregório.

— Sou, sou Deus, e tenho um conselho para lhe dar: pare de tomar café, largue o achocolatado, e tome no limão! Tome no limão! Tome no limão!

— Mas menina! O cara é um palhaço! — ousou novamente o Gregório, deixando Lídia um tanto preocupada, pois o sujeito era Deus, regia os destinos de toda a humanidade, e seu marido parecia uma criança com um brinquedo novo. Já pensou se Deus se irritasse? — Não se preocupe, dona Lídia, eu sou chato, mas não sou mau. Nunca fiz nada de mal em toda a minha existência. Muito pelo contrário, o mal eu combato desde o princípio da vida — comentou o Divino — mas tem uma coisa, aviso logo que o meu milagre é de risco e tomem cuidado que a vida sempre acaba em morte, não é senhor Jesus? — No mesmo instante a Lídia virou-se para o Gregório e disse — Você seja mais cerimonioso, o homem é Deus e o milagre é de risco.

— Eu tenho uma pergunta — o Gregório estava impossível — porque que o papai fez o que fez? Ele agüenta tão bem a briga — Neste

instante outra voz se manifestou, era grave, ecoante e se movia por todo o ambiente — Ora mais, meu rapaz — disse a voz, que era o Anjo do Senhor todo-poderoso, representando Deus Pai — o seu pai era muito “necessário”, achou tudo um “absurdo” e entrou pelo cano. Justo ele que se tinha em tão alta conta. Entendido?.

— Não entendi lhufas — disse Gregório. A Lídia estava começando a ficar zangada com a ousadia do Gregório, para ela a ele faltava devoção pelas divindades. O anjo de Deus Pai, ao contrário, estava satisfeito de terem surgido mais dois crentes e procurou responder a Gregório — Ora, Gregório, vai dizer que não sabe? — E como que apontou as partes de Lídia e de Gregório — foi por isso que o seu pai tomou na canga. — O Divino fora interrompido e queria ainda dizer mais alguma coisa — Vou repetir, eu já venci, mas o milagre é de risco, portanto, lutem com todas as suas forças e cuidado para não saírem feridos. — A Lídia estranhou — Mas o senhor não já venceu? Ao que o Divino respondeu — Já venci milhões de vezes — E aí a Lídia entendeu a dimensão do risco e se arrepiou de medo. No mesmo instante, ela mudou de idéia quanto à obrigação de Gregório de se dedicar a Deus. Era melhor que o seu marido investigasse o mais que desse, pois Deus estava se dispondo a armar o maior barraco. A moça resolveu sumir daquele encontro. — Amor, você vai ficar conversando com Deus o dia inteiro? Amanhã, você tem que trabalhar, não vá deixar esse milagre de risco que

“já venceu” interferir nas suas obrigações. Ao que o Gregório respondeu: — Já pensou se nós conseguirmos expulsar o mal que o Estefano causa das nossas vidas? Nunca mais as visitas inoportunas, nunca mais aquela Prótese dentária.

— Ora mais, se ele vier com caras e bocas, eu sei o que faço, enfio o pé na boca — Exaltou-se a Lídia, que já não agüentava mais o Estefano e só não rompia abertamente por causa do Gregório, que ela muito amava, mas era isso mesmo que ela iria fazer com Estefano, enfiar o pé na boca. Só de tomar essa decisão, ela sentiu-se melhor, mas o Divino Espírito Santo não concordava — Na boca, não, minha filha, enfie o pé nas costas que ele vai acabar tomando jeito — A Lídia não queria mais saber daquela conversa perigosa. Enfiou o pé nas costas antecipado e foi preparar alguma coisa para o jantar. Ainda por cima, teria que preparar o almoço no dia seguinte, para ela e Haroldinho, já que Gregório saía de manhã e só voltava quando a noite já estava toda escura, por volta de quinze para as oito ou um pouquinho mais. Enquanto isso, Gregório continuava maravilhado com a infância de seu pai, queria detalhes sobre como ele se havia desgraçado e tornado mais de três décadas de sua vida num inferno. — Ora, Gregório, isso é muito comum, tão comum que tem gente que pensa que é normal — continuou Jesus — É, eles querem dizer que é aceitável e fazem um inferno com os filhos. A verdade é que eles se deram à liberdade, mas isso não é exemplo, Gregório. No que você está pensando?

— Na arquivista da CapTur, ela é um pedaço de mau caminho, vive me olhando, pena que fuma.

— Você pensa em trair?

— Não é isso. É só que eu poderia, talvez isso estragasse o meu casamento. Se não fosse a Lídia, não sei o que me impediria, e aí, será que eu ia querer assumir que sou um traidor? Ia ser mais fácil pôr a culpa na Karine, por ter consentido.

— É mais ou menos assim — confirmou Jesus, que já não tinha nada a dizer, tudo se resumia em ousadia e castigo, os séculos tornavam as coisas maçantes para o Deus Vivo, mas ver a vida nunca deixava de ser interessante. Para o Gregório, o mundo de Deus era uma novidade, mas para Jesus era uma maçada. Cristo fazia gosto de lutar pela vida, como sempre, e ensinar a juventude, como sempre, talvez uma salvação de almas se apresentasse, mas o Gregório queria beber os segredos e Deus não pode nos ensinar o que não estamos preparados para entender. Gregório se entreteve com a TV e deixou os Deuses com suas tarefas modorrentas. Dali a um pouco, Lídia chamou para o jantar e, depois de pôr o Haroldinho para dormir, ficaram os dois até as onze vendo TV. No dia seguinte, Gregório acordou com o incômodo que sempre o atacava no começo da manhã de segunda-feira, por estar desabitado a trabalhar. Ouviu uma voz que lhe dizia: “chute o incômodo.” Ele chutou e lhe pareceu que o incômodo gritou de dor. No

mesmo instante, sentiu um alívio, para em seguida o incômodo recrudescer. "Continue chutando, Gregório, continue chutando." Gregório foi chutando o incômodo do quarto até a cozinha e, lá chegando, se sentiu leve, bem disposto e faminto. A mesa com tampo de fibra de vidro onde cabiam bem quatro pessoas. Quem fosse servir estava a um passo do fogão. Viu seu filho comendo pão com geleia e o amou como a muito tempo não fazia. Foi aí que sentiu como fazia falta um relacionamento nos dias de semana. Agora só se encontravam no café da manhã, pois o filho já estava dormindo quando ele chegava. Decidiu que iria fazer um passeio especial no fim-de-semana seguinte, mas resolveu não contar nada, pois não sabia o que seria. Passou a semana pensando, até que, na quinta-feira, escolheu ir à praia. Lembrou que, apesar de viverem numa cidade litorânea, o menino era quase verde, pois passava o dia em casa e Lídia se ajeitava com o sol do quintal. Ele mesmo estava precisando pegar uma cor. Esperou dar a sexta-feira para anunciar a atração. Felizmente, o Estefano não se intrometeu, desta vez, e foram os três no sábado, cedo da manhã.

Gregório estava especialmente divertido com seu filho e sua esposa. Porque não era uma mulher comum nem um menino comum. Eram sua única esposa e seu único filho. Era a única vez que iriam à praia naquele sábado e havia um motivo extra: Estefano não aparecera para estragar a festa, o que não era lá muito comum. O velho estava sempre encontrando chances

para estar na casa de Gregório e importuná-lo. Por isso Gregório deixou para anunciar o passeio na noite de sexta-feira, já imaginando que seu pai ia sentir a chance no ar se ele tivesse falado logo. Pensou no pai e, de imediato, deu um pequeno chute, fazendo o carro acelerar um pouco, e isso o aliviou e o remeteu de volta a sua única família que era para sempre, mas dourar a pele era finito. Todos entregam o corpo ao fim da vida. Apesar de Estefano, lá estava Lídia a seu lado e Haroldinho na cadeirinha no banco de trás. Pelo caminho ficou imaginando como os carros eram uma tecnologia limitada. Os homens do futuro, viajando em naves espaciais, com certeza admirariam a coragem dos pioneiros da propulsão motorizada. Talvez, achassem o carro uma geringonça infernal, que trazia poluição e permitia atropelamentos. Gelou de ter passado anos sem saber que um atropelamento poderia significar o fim da sua vida de outros modos que não os que ele já conhecia. O Divino ouviu e se incomodou — Você sempre soube que não é certo arriscar com o automóvel e guiou com o celular ligado — Gregório quis responder que desde sempre jamais se perdoaria se tivesse ferido alguém — Eu sei — continuou o Divino — mas um pecado é um pecado. Eu detesto o pecado, se não fosse pecado, eu matava todos os pecadores. Acho a procriação um absurdo. Como deixam um entregue ao outro? Se houvesse outro modo, eu teria inventado. — Aquela conversa em tudo incomodava o Gregório. Não haveria nunca outro

modo de nascer. Mesmo a inseminação artificial deixa o feto na responsabilidade de um adulto e, para que falar do Estefano justamente na hora do passeio? — Você tem que lidar com essa relação, Gregório, não pode simplesmente ignorar o seu pai, ele não vai desaparecer de repente, você tem que vencê-lo. — O Divino não estava disposto a permitir a Gregório que desviasse o raciocínio de Estefano até que ele o expulsasse de sua vida, e continuou — É sua obrigação proteger a criança, você não pode deixar o menino agüentando esse aviciador babando no pescoço. Tome uma atitude e lute!

A vontade que deu em Gregório foi de mandar o Divino para aquele lugar. Pois era cheio de ordens e só sabia dificultar as coisas. Ele estava fazendo tempestade em copo d'água. A tranqüilidade da família estava garantida, tinham tempo de sobra para lidar com Estefano. Aliás, o Gregório achava que tinha que agüentar e pronto. E tinha mais, se ele agüentou diretamente, porque que o Haroldinho não podia pegar uma ponta? Se ao menos o menino estivesse tendo um comportamento deviante, mas não, ele era o mais amoroso da família, dava lições aos pais, como quando foi pedir a Estefano que largasse o "cigalo". O avô fez uma carranca e disse que fumava porque queria, estava muito velho para mudar. Em vez de reclamar, o menino simplesmente passou a mão nas mãos do velho e disse: — Eu te amo.

— Também te amo, respondeu o velho e pôs o menino no colo e beijou-o na face, para

pânico da Lídia, que, na primeira oportunidade, tirou o menino daquele covil ambulante e levou ao banheiro, para lavar-se do bafo de cigarro que era uma constante em Estefano.

Quando conheceu Gregório, ainda um fumante desempregado, teve que fazer um esforço hercúleo para aceitar aquele fedor nas proximidades, e não beijava nem abraçava, apenas conversava amorosamente. O Gregório estava tão feliz de ter encontrado amor e ajuda que nunca exigiu mais que isso de Lídia. A não ser uma vez, quando a moça deixou claro que só o beijaria depois que largasse o cigarro. Lídia foi a motivação e o motor que faltava a Gregório e ele jamais esqueceu. Mas a verdade é que ele só largou o cigarro depois que montou o seu Negócio e foi morar na sua própria casa. Em poucos meses, Lídia se mudou também. Gregório já não sentia as ganas de fumar, não como antes, mas nunca deixou de ser um esforço resistir à tentação, principalmente depois que a criança nasceu e o risco havia passado. Nessas horas, ele lembrava como a Lídia era bonita e pensava na educação de Haroldinho. A cada mês que passava, o cigarro cobrava menos o seu quinhão, e ele quase não sentia mais o verme.

Chegando na praia, se aboletaram numa barraca e pediram caranguejo. Lídia se ocupou de Haroldinho, enquanto Gregório olhava as banhistas. Aquilo não incomodava Lídia, pois ela também olhava os homens na rua. O amor dos dois era mais forte que um fruir estético ocasional, mas se Gregório fizesse uma amiga,

isso incomodaria Lída um pouco, o mesmo valendo para Gregório. Certa vez, na reunião de pais e mestres, Lída conheceu um homem que foi no lugar da mãe. Conversaram e descobriu que ele também era do ramo de imóveis. Era um moreno alto, forte, bem-falante, e passaram a se encontrar em toda reunião por alguns meses. O Gregório nem ficou sabendo, mas não teria gostado. Portanto, se o Gregório olhava as beldades, isso não incomodava Lída. Ela tinha muito mais ciúme da fedida da Karine, que ficava arquivando os documentos da CapTur e tratava o Gregório como se ele fosse de comer. Ela sabia, porque passara certa vez na CapTur e a moça estava na sala de Gregório. Aquele olhar que Karine lançava não era de uma funcionária solícita, ainda que ela o fosse. Seja como for, o Gregório havia largado o cigarro, e Karine era uma caipora, a fumante mais inveterada da agência, o que não combinava com seus vinte e poucos anos.

Distraído com as moças de biquíni, Gregório não tinha ânimo para sarrar, ele só pensava como seria continuar casado para sempre, queria perguntar a Deus, mas Deus lhe dizia que não tivesse pressa em saber dessas coisas. Chegou o caranguejo e os três se entregaram à tarefa de desossar o bicho. Lída ajudava o menino a sugar as patas, enquanto Gregório se deliciava com a cabeça. Tudo estaria tediosamente bem se não fosse a sombra do Estefano. Mas o sol causticante espantou o passado e, terminada a refeição na barraca, foram para a areia, tomar

banho de sol. Antes do lugar onde as ondas quebravam, havia uma piscina de água salgada. Gregório foi brincar, enquanto Lídia exibia o seu corpo ao sol para os passantes. Chegaram em casa no fim da manhã, mortos de fome. Por isso, passaram antes no supermercado, onde Lídia comprou uma pizza pronta tamanho família, só faltava levar ao forno. Haroldinho adorou a sugestão de cardápio e disse que queria mais vezes. Lídia disse que ia ver, mas, na verdade, ela queria que o menino esquecesse. Tinham uma alimentação saudável, a base de vitaminas, carnes brancas, peixe, verduras, arroz e feijão. Ela não queria habituar o menino a comer massas tão cedo, bastava o macarrão. Gregório passou a tarde lendo uns prospectos de viagens, para escolher com qual pacote a CapTur assinaria. Ele tinham alguns contratos obrigatórios, referentes à franquia, mas também poderiam oferecer outros destinos, para perto. Chegou a noite e ele não havia se decidido, largara o prospectos, pois seria preciso fazer uma investigação pessoalmente. Havia dois prospectos que ele não descartara de pronto: um para um balneário num estado vizinho e outro para um porto turístico em uma ilha. Foi deitar. Teve um sonho em que viu o Divino Espírito Santo. Ele se parecia com o deus Mercúrio. Segurava um escudo prateado e um raio dourado fazia as vezes de espada.

— Gregório, venha — Disse o espírito e o transportou em sonho até a casa do seu pai. Havia um homem jovem, que reconheceu ser Estefano, sentado numa cadeira de balanço,

fumando um cigarro, quando entrou uma jovem, que era sua falecida mãe. — Estefano — disse a mulher — Já falei que não quero que você fume dentro dessa casa, será que você não vê que eu estou grávida?

— Ora, mulher, eu sempre fumei e cadê que isso fez mal ao Gregório? — rebateu o jovem. A mulher não se deu por satisfeita: — Isso não quer dizer nada, você não ouviu o médico? Foi aí que Estefano se impacientou: — Esses médicos são uns curandeiros, não sabem de nada. Mês passado o Vitório foi se operar de uma besteira e morreu. Não se preocupe que nada de mais pode nos acontecer. A não ser que nasça o Estefano Filho.

— Pois é — concordou a mulher, e sorriu.

Gregório acordou de um sobressalto, estava suado e abafado, com falta de ar. — Valha-me Deus — Foi aí que ele entendeu a dimensão do que tinha acontecido na família do seu pai. Não fora um acidente, eles haviam causado o mal a Clóvis e a Cássio. Vá saber porque ele não era mais uma vítima. Que ridículo, salvo pela inexperiência. Aquilo era mais grave do que ele sempre imaginou. Pensou que o acidente se tivesse dado por ignorância. Mas não, eles fizeram um bebê malformado de propósito, como se estivessem fazendo o papel de Deus, criando um ser à sua imagem e semelhança. Isso revoltou muito a Gregório, imagine qual não seria o sentimento de Clóvis e de Cássio. O Clóvis acabou fazendo a mesma coisa que o pai, mas... e o Cássio? Será que ele sabia o que lhe

aconteceu? Ainda por cima, o Cássio era o mais novo, seus pais já haviam sido punidos por Deus quando ele foi concebido. Isso modificou a opinião de Gregório quanto a Estefano, começou a achar que Lídia tinha razão quanto a evitar que o Estefano ficasse próximo do neto. Mas o que ele poderia fazer? Mudar de cidade? Justo agora que tinha se arranjado bem financeiramente. Seria uma maçada mudar de cidade e começar do zero novamente. Talvez Deus tivesse uma sugestão.

— Gregório, você tem que mudar para longe do Estefano — sou a voz do Divino de toda a parte e de parte alguma — Sua felicidade jamais será completa perto do seu pai. Ele é devotado ao prejuízo do seu semelhante. Ele realmente queria malgalar, para ter um filho como ele, e não aceita que esse procedimento seja proibido. Ele é um pária iconoclasta e não pode trazer bem nenhum para a sua família. — Gregório começou a imaginar que essa decisão talvez não agradasse à Lídia, voltar aos primeiros tempos.

— Não vai ser assim — insistiu o Divino — Você já tem experiência, conhece tudo sobre o ramo. Mude-se dessa terra pobre, vá trabalhar onde está o dinheiro, e seja rico de verdade.

— Porra, Senhor, mas lá a concorrência é tão alta.

— E a freguesia é maior, mais rica e disposta a viajar. Não leve a mal, mas essa cidade é o degredo, e lá é a terra prometida — Gregório sentiu desânimo em imaginar que por mais cinco

ou seis anos ia ter que lutar para começar na vida, isto pela terceira vez. E procurou deixar a idéia de lado, mas os dias iam passando e o Divino ia insistindo, até que Gregório resolveu fazer a proposta a Lídia. Contou-lhe sobre o sonho e disse no que estava pensando.

— Gregório, nós temos um filho, não podemos abdicar da CapTur.

— Não é assim que vai acontecer. A CapTur vai continuar funcionando. Eu vou só abrir uma filial lá e, quando estiver funcionando, a gente se muda e passa a viver com o dinheiro de duas lojas. Você também pode ajudar, vendendo uns apartamentos. Eu calculo que em dois anos nós já podemos nos mudar.— Lídia ficou de pensar, mas no fundo ela adorou a idéia, teriam o dobro do dinheiro e nada de Estefano. Dois dias depois, ela deu o seu sim e começaram os preparativos. Gregório tinha que viajar para fundar a nova filial da CapTur. Foi ao Rio de Janeiro e estudou as possibilidades. Acabou por escolher uma casa simpática que poderia ser adaptada no Leblon. O investimento não era tão alto assim para as economias, mas teria que pagar o aluguel, pois o dono não concordou em vender. Gregório imaginou que poderia ficar naquele endereço por um ou dois anos, até encontrar um bom imóvel à venda, que se pagaria com a loja do Rio de Janeiro. Voltou para contar as novidades à Lídia, já com o sotaque engrolado dos Cariocas.

— Visitou o pão de açúcar? — perguntou Lídia.

— Tive medo da altura.

Os meses seguintes foram de preparativos, com Gregório indo ao e vindo do Rio, enquanto Lúdia trabalhava dobrado para ajudar. Estefano dizia que aquilo era uma empreitada arriscada e completava: — Quem tudo quer, tudo perde. — Mas a loja no Rio abriu em plena alta estação, só que com outro nome, pois outro grupo detinha a franquia naquela cidade. Gregório a batizou ViaTur. No princípio, ele ficava na sua cidade e ia ao Rio apenas uma vez por semana, enquanto esperavam que Haroldinho completasse seis anos e pudesse ser matriculado na escola no Rio de Janeiro mesmo. Lúdia com certeza ia ter uma queda de rendimentos assim que se mudasse para um mercado desconhecido e, por isso, estava trabalhando dobrado. Ambos estavam mais cansados que de costume. Assim que se mudaram, estavam descapitalizados, o que durou alguns meses. Venderam a casa por um bom preço e, com o dinheiro, compraram um apartamento de dois quartos no Leblon. O último dia antes de embarcarem foi dedicado às despedidas. Lúdia abraçou Rutinéia carinhosamente.

— Tem certeza que não quer ir para o Rio de Janeiro?

— Dona Lúdia, não vou me arriscar. Lá, eu não conheço ninguém. Aqui, eu tenho família, uma família muito boa. Além do mais, já estou empregada numa casa aqui pertinho.

— Embarcaram os três e o avião partiu. Apesar de alguma turbulência e do baldeamento, a viagem transcorreu sem transtornos. Do

aeroporto rumaram para o apartamento. Lídia estava alegre e triste ao mesmo tempo. Estava com saudade dos seus guardiães do jardim, da sala e do quintal em que tomava sol. Haroldinho olhava tudo com espanto. Quando viu o Cristo Redentor, ficou maravilhado, apontando e dando gritos excitados: — Olha aí, olha aí, mamãe, uma estátua gigante.

— Meu filho, essa é a imagem de Deus.

O apartamento estava desaparelhado. Tinha apenas fogão e geladeira. Tiveram que dormir nos colchões, sem a cama, pois Gregório não havia comprado. Tudo da casa velha foi vendido, incluindo os móveis, pois a CapTur estava fazendo um bom lucro e eles resolveram inovar tudo, coisas que não tivessem a marca do Estefano. Nem o telefone havia sido instalado, mas o apartamento tinha linha. Lídia só trouxe o seu computador, configurado para operar o seu *site*, que estava parado para que ela modificasse a sua praça. Teve que avisar aos clientes que não atenderia naquela localidade. Iria levar tempo para ela se estabelecer no Rio de Janeiro, mas, graças ao Gregório, ela tinha tempo. No primeiro fim de semana, resolveram ir a uma igreja. Na saída, foram a um restaurante da moda, comer uma comida carioca. Preferiram um filé com fritas, que estava delicioso, mas que deixou Haroldinho com sono. No caminho de casa, passaram no supermercado, compraram uma caixa grande de pizzas congeladas, para comerem durante uns três dias, afora as refeições ligeiras que Lídia preparava. Era preciso

contratar uma nova doméstica e Lídia não sabia o que fazer numa terra estranha. Passaram-se dois meses até que uma colega de condomínio, com quem Lídia simpatizara, indicou o nome de Aurora. A jovem era feminina e muito bem feita de corpo. Adorou o Haroldinho. Mais do que nunca, Gregório não parava em casa, pois tinha que voltar à sua terra natal para cuidar da CapTur. O ideal seria vender por um bom preço, mas ele só faria isso depois que a ViaTur estivesse rendendo o suficiente. A loja não tinha uma grande franquia por trás, mas não estava exatamente às moscas. Os negócios iam para frente, mas ainda não o suficiente.

Passou-se um ano nesta situação. Haroldinho estava prestes a fazer sete anos. Lídia já havia se entrosado no mercado carioca. Não fazia tantas vendas como antes, mas o valor das comissões era muito maior. Então, Gregório voltou à sua terra para vender a CapTur. Demorou a encontrar um comprador disposto a oferecer o real valor da agência, todos queriam pechinchar, pois achavam que só um homem em dificuldades haveria de vender um negócio tão bom. Finalmente, surgiu o senhor Suetônio, disposto a comprar tudo, a loja e a agência da franquia. Ele só não prometeu manter os funcionários.

— Não vou contratar fumantes — disse o homem com convicção — isso diminui a rentabilidade. Gregório insistiu o mais que deu para que ele voltasse atrás, pois se punha no lugar dos seus funcionários, apesar de não fumar

mais, mas não houve argumento que demovesse o sujeito. Gregório quase desistiu do negócio. Entretanto, tão cedo não apareceria um comprador com outra oferta tão boa. Entre os funcionários, foi um caos, com gente pedindo para que Gregório não fizesse o negócio. O único que ele pode atender foi Karine, que pediu para ir trabalhar na loja do Rio de Janeiro.

— Mas você vai assim, sem mais nem menos? Como você vai se arranjar?

— Eu dou um jeito, moro em república. O que não pode é eu voltar para a casa dos meus pais. — E ficou acertado assim, Karine iria trabalhar no Rio para Gregório. Quem não gostou nada disso foi a Lídia, pois sabia muito bem que Karine arrastava a asa para Gregório, mas resolveu não falar nada, pois confiava no seu marido. Enquanto vendia a loja, ficou hospedado na casa do seu pai. O velho conseguiu transformar a vida de Gregório num inferno em poucas semanas. Perturbando o seu sono e argumentando a todo tempo que essa empreitada para o Rio de Janeiro era uma loucura. Quando finalmente o negócio foi fechado, Gregório não via a hora de sair da cidade, ir para longe do seu pai e dos demitidos. Voltou no mesmo vôo que Karine. A moça pediu uma semana para se ajeitar no Rio, para então assumir suas funções. Gregório não podia ficar com duas arquivistas, pois já havia contratado outra para a ViaTur, e ficou acertado que ela trabalharia como atendente, já que havia uma vaga. No apartamento, livre de toda essa

confusão, ele só queria descansar, mas Lídia tinha muito o que conversar sobre essa ajuda que ele deu àquela “sirigaita”.

— Você demitiu todo mundo, podia demitir ela também. Ou então se demitir dessa família.

— Meu bem, ela era a única que tinha disponibilidade. Se eu pudesse, trazia todo mundo. Se você soubesse a cara que o Helvécio fez quando recebeu a notícia. Foi muito triste. Isso que aconteceu foi muito ruim e, em vez de culpar a Karine, você deveria apontar o verdadeiro culpado, o seu Estefano. Ele, sim, nos expulsou de lá com seu péssimo comportamento.

— A questão não é essa. Eu não gosto que você contrate fumante, nunca gostei, e preferiria que você mudasse de política aqui no Rio de Janeiro.

— Lídia, esse pessoal não escolheu fumar, foram aviciados na infância. Isso é um drama muito grave e ninguém liga.

— Drama grave é se tivesse acontecido alguma coisa com o Haroldinho na hora do nascimento. Já pensou? Será que essa Karine não tem um filho?

— Não.

— Como é que você sabe? — estranhou Lídia.

— Tá na ficha de admissão dela. Solteira, sem filhos.

E continuaram discutindo, sem chegar a um acordo. — Agora você vai ter que contratar fumantes para a ViaTur. Eu não concordo com

isso. Tivesse dito não na cara dela. E eu pensando que, vindo para o Rio de Janeiro, ia me ver livre do cigarro. Mas vou deixar uma coisa bem clara: nesse apartamento é proibido fumar. Nunca convide essa mulher para seja o que for aqui em casa.

As praias do Rio são maravilhosas. Lídia estava com ódio de o Gregório ter feito essa bondade. De vingança, comprou um fio dental e foi sozinha para a praia do Leblon. O seu corpinho malhado fez o maior sucesso no domingo. Enquanto isso, o Gregório descansava em casa, lendo a Bíblia ou outro livro místico. A Lídia já tinha passado dessa fase há muito tempo. Era uma *expert*. O que ela queria é que um carioca alto e forte passasse bronzeador nas suas costas. E nas pernas também. Ia levar um ano para perdoar o Gregório de ter trazido a sebosa da Karine para o Rio de Janeiro. Os dias iam passando e a cama dos dois estava cada vez mais fria. Gregório não sabia o que fizesse, pois Lídia não se conformou. Até que, sem mais o que poder fazer, teve que demitir Karine sem justa causa.

— Porque que o senhor está fazendo isso — disse Karine e arregalou os olhos. Gregório mentiu. — Contenção de despesas. Além do mais, você é a única fumante e eu não quero aqui na ViaTur do mesmo jeito que foi lá na CapTur. Se eu não te demitir, não vou poder exigir não fumantes. Não se preocupe que eu já arranjei uma vaga para você na OpTur, lá na nossa cidade.

— Na OpTur? — empalideceu a moça. Era uma das agências mais modestas da antiga cidade. Ela quis processar, mas não encontrou motivo, e acabou indo de volta para casa. Lídia passou semanas triunfante, mas fez doce por vários dias, para ter certeza de que a decisão não seria revogada. Quando finalmente se entregou a Gregório, foi num cetim vermelho, toda sorridente. A partir dali, pegou uma mania de chamá-lo de Gregão, o que muito agradou ao seu marido.

Os dias foram se passando e nada de novo acontecia, até que Haroldinho chegou em casa com uma ferida no joelho.

— O que foi isso, meu filho? — horrorizou-se Lídia.

— Foi um garoto que me empurrou na escada. — Lídia foi ao colégio, tomar satisfação, mas descobriu que ninguém tinha visto o momento do atentado e nem o próprio Haroldinho viu quem foi. O garoto só foi descoberto porque reincidiu. Era um menino perverso que acabou expulso da escola. O Haroldinho estava em pânico.

— Mãe, ele me disse que se fosse expulso, ia me matar.

— Vai nada, isso é conversa.

— Não, mãe, não é. Ele tem um estilete e me mostrou, quase me feriu.

Lídia não sabia mais o que fizesse. Para mudar de colégio, era preciso esperar o fim do ano. E, ainda, o Haroldinho não estava mais se aplicando aos estudos, não conseguia tirar da

cabeça essa idéia de atentado. Com o tempo, ele foi esquecendo e a Lídia até já desistira de tirar ele do colégio. Era uma boa escola e a ViaTur dava para pagar a vida, mas a cidade era cara. Outras coisas ocupavam a mente de Lídia, como terminar de mobiliar a casa, o que ia sendo feito a conta gotas, já que a ViaTur estava em começo de carreira. A sala era muito menor e a cozinha ficava entre a sala e os quartos. Não caberia um sofá mais a bancada almofadada. Compraram então um sofá de três lugares. Continuaram comendo na cozinha, que era um pouco abafada. O chão da sala e dos quartos era de taco de madeira e o da cozinha era de azulejo. O azulejo subia até a metade da parede e o resto era de tinta. O apartamento era menor que a riqueza do casal, mas era bem localizado e confortável. Os quartos eram arejados e eles mandaram instalar um ventilador de teto na sala. Lídia, depois que organizou a sua vida, estava à cata de fazer amizades, por isso se inscreveu na hidroginástica do bairro. Tudo estava começando a ir às mil maravilhas, quando receberam a notícia de que Susana havia falecido. Alguém tinha que cuidar de Haroldinho. Por isso, Lídia foi só para o enterro. Estava triste. Apesar de tudo, Susana tinha sido uma boa mãe. Achava injusto que ela tivesse morrido e Estefano continuasse firme e forte. Encontrou com Selma no enterro. Ambas abaladas, mas era preciso cuidar da herança. Tudo o que Susana tinha eram uma casa e algumas economias. Resolveram vender a casa e partilhar o espólio. Um advogado cuidou de tudo

e, em alguns meses, Lídia entrou numa bolada. Investiu quase tudo, pois não sabia o que fizesse. Pensou em comprar um apartamento maior, mas desistiu. Nunca se sabe quando dinheiro vai ser necessário. Lídia achava que podia ouvir o fantasma de sua mãe, mas não contou nada para ninguém. Foi a voz de Deus que lhe disse: "Lídia, ela ainda vai aparecer por uma década ou duas". Aquilo agradou Lídia, mas ficou imaginando que o Estefano também ia querer assombrar. Foi aí que Deus explicou que o Estefano não dura nem seis meses depois de morto. "Lídia, vida é amor e amor não faz mal a ninguém."

— Como assim, senhor?

— Quando a pessoa despeita, ela se autodestrói em vida, sua alma não têm forças nem para fenecer. Mas isso não deve te preocupar. Alma do outro mundo quase não incomoda, comparado aos incarnados.

Lídia havia feito uma amizade na hidroginástica, a Laura. Uma senhora muito idosa, mãe de três filhos lindos e de dois netos lindos. Certa vez a Lídia confessou a ela: — Sabe, eu tenho uma inveja da senhora, acho que queria ser a senhora.

— Queria ser velha, engelhada e pelancuda?

— Queria ser a matriarca de uma família tão boa.

— Minha filha, se você soubesse o que eu sofri na juventude. O meu pai não queria que eu casasse. Disse que era para ser freira. Eu tive

que casar escondida com o finado Nicanor. Dá uma saudade — E os meses foram se passando sem que nenhuma grande novidade acontecesse. Levavam Haroldinho na igreja, onde ele foi batizado, fez a primeira eucaristia, foi crismado. Passaram-se os anos e Lídia completou 48. Enquanto Gregório já estava com 50. Ambos estavam entediados da vida. Já não se sentiam mais especiais. O Velho Estefano, com 76, veio a morar com eles, pois não havia mais quem cuidasse dele. Quem ficava ciceroneando os três era Haroldo, com 20. O velho continuava fumando e tiveram que aceitar o cigarro dele naquela casa. Estava tão velho que não conseguia mais nem incomodar muito, mas falava pelos cotovelos. Ninguém já nem ligava para ele, suas falas se repetiam. Dali a dois anos, morreu. Fora um péssimo pai e um péssimo cidadão, mas o Gregório não guardava rancor dele. Deus havia ensinado ao Gregório como a vida era difícil para o Estefano. A perda dele era muito grave e ele tinha plena consciência disso. O pobre coitado não soube assimilar e despeitou. Mesmo o Gregório, que sofreu com o problema na própria carne, não guardou rancor do falecido. Ainda assim, não era o fim das tribulações naquela família. Enquanto Estefano foi vivo, tinha que agüentar o velho baforando pela sala, onde ficou dormindo. Depois do enterro, trocaram o sofá e mandaram Carmina, a doméstica que trabalhava com eles há quase a uma década, depois que Aurora casou, fazer uma faxina em regra.

Passaram-se vários meses em plena paz. Quando pensaram que havia acabado a aventura e que só faltava esperar morrer, Haroldinho assumiu que era homossexual.

— Meu filho, eu já sabia. Você tem a minha bênção.— disse Lídia.

— Vai assumir? — Gregório soou temeroso.

— O que que tem se eu assumir, pai?

— É perigoso, pode prejudicar a sua carreira.

— Pai, estamos em 2022. O mundo é diferente. Agora está todo mundo assumindo. Não tem mais essa história de *gay* enrustido.

— Meu filho, se fosse assim, você não esperava até os 22 anos para nos contar. Não tem nada de errado em enrustir. — Haroldinho ficou com aquela idéia na cabeça. Ele se formara em jornalismo e estava trabalhando num importante jornal carioca. Passou algumas semanas pensando, perguntou ao Carlos, seu melhor amigo, e resolveu fazer como o seu pai havia sugerido, mas se mudou com o Carlos para um apartamento de solteiro, onde eles rachavam as despesas. Sua mãe estava sempre videofonando para saber como as coisas andavam. Certa vez o Carlos atendeu o videofone só de cuecas, o que deixou a Lídia ruborizada. Gregório e Lídia haviam cumprido a sua missão. O filho deles era um rapagão lindo e com uma carreira promissora. Eles ainda trabalhavam. A ViaTur tinha o nome feito na praça e a Lídia era uma das principais agentes imobiliárias autônomas da cidade. Nunca aceitou

vender gato por lebre, o que lhe foi sugerido mais de uma vez. Morria de medo de se equivocar e vender um edifício em ruínas e o freguês morrer soterrado. Por isso, ela visitava os locais à venda antes de se dispor a vender. Um dos edifícios que ela rejeitou foi condenado antes da entrega das chaves. Esse cuidado da Lídia se espalhou de boca em boca e ela se tornou uma das agentes mais respeitadas do Rio de Janeiro. Às vezes, os negócios ficavam meio parados, como quando o governador resolveu transformar a linha vermelha em túnel suspenso. Como um grande número de empreiteiras se lançou no negócio, diminuiu o número de edifícios novos. Ela teve que se virar com a venda de apartamentos usados e, se não fosse a ViaTur, teriam que abdicar do seu nível de vida: os queijos importados, os biscoitos dinamarqueses, a TV por satélite, tudo isso custava um bom dinheiro. Coincidentemente, a obra se deu durante a alta estação, e o Gregório fez um bom dinheiro.

Um ano depois de se mudar para a casa do Carlos, Haroldo resolveu adotar uma criança, o que era permitido pela legislação vigente. Lídia achou a idéia de ter um netinho maravilhosa. Gregório achava que ele deveria se firmar mais como jornalista antes de tomar essa decisão, mas preferiu não falar nada. Os dois adotaram um menino. Havia até um Slogan: "Tire um menino da favela e leve para casa." O menino tinha cinco anos e era danado feito um capeta, mas muito dado e afável.

Lídia e Gregório ainda tinham vida sexual, apenas uma vez a cada quinze dias, mas era o suficiente. O grande diferencial do relacionamento deles era a intimidade. Lídia adivinhava os pensamentos de Gregório e ele era capaz de jurar quando ela estava chegando em casa. Em todo aniversário de casamento, ele pagava um jantar e lhe dava flores e um colar ou brincos ou mesmo um anel. Tudo estaria bem se não viesse a crise definitiva do petróleo, que estava cada vez mais caro, porque ia acabar de vez. Os países árabes mandaram o preço para a estratosfera. Ninguém queria mais viajar ou comprar imóveis. O dinheiro ficou muito curto. Como se davam bem com seu filho, fizeram uma proposta que ele aceitou: ficariam morando juntos no apartamento do casal: Gregório, Lídia, Haroldo, Carlos e Carmina e Heron, o menino adotado. A doméstica dormia no quarto que era de Haroldo e voltou a dormir na sala. Carlos, Haroldo e o menino, de nome Heron, ficavam se apertando no quarto de solteiro de Haroldo e Lídia e Gregório ficaram no seu quarto. Todos tinham que contribuir. Carlos trabalhava como lapidador de jóias e o setor também sentiu a crise do petróleo. No princípio tudo deu certo, mas, então, começaram as confusões. Heron ficava acordado até bem tarde, fazendo barulho, e Gregório e Haroldo tinham que dormir cedo, para pegar no batente. Felizmente, as linhas de ônibus elétricos eram bem velozes e não pegavam tráfego nos seus trilhos suspensos.

Lídia tentou falar com Heron, para que fizesse silêncio, mas o menino respondeu:

— Você não é minha mãe! — foi preciso que Carlos convencesse o garoto a fazer silêncio depois das dez da noite. Com o tempo, as coisas se ajustaram. Com jeitinho, Lídia se fez amiga de Heron e ele acabou tratando-a como se fosse a sua avó, pois ela já tinha idade para tanto. Haroldinho, por esses dias, estava cruzando os dedos, pois estava com uma reportagem inscrita num dos mais importantes concursos de jornalismo. Ele escrevera uma matéria sobre o pó que estavam jogando na lagoa Rodrigo de Freitas para despoluir que, segundo o texto, estava causando mutações nos peixes e mostrava um peixe com uma gueltra fora do lugar e dava a entender que os peixes estavam trocando de sexo. Mas nem tudo foram coisas ruins naquela época. O Brasil mandou o primeiro homem para o espaço, para trabalhar na estação espacial que estavam começando a construir. Ficaria em órbita estacionária sobre o oceano pacífico. Poucos dias depois, o Gregório teve que se internar para uma cirurgia. Teve que operar o duodeno e ficou se alimentando de uma dieta paposa. O médico recomendou três meses de descanso.

Quando o petróleo foi definitivamente substituído pelo gás metano, as coisas melhoraram. Haroldinho voltou a morar com Carlos e Heron. Tudo estaria bem se não fosse um vizinho novo, que se mudou com a mulher e o filho. Um homem empertigado e corcunda, que não ia com a cara do casalzinho *gay* e o seu

filho adotivo. Ele não poderia fazer nada, pois a lei permitia, mas chegou a levantar uma moção de expulsão na reunião de condomínio. Foi voto vencido, mas criou-se a animosidade. Haroldo não entendia porque tanta gente discriminava. Ele nem era bicha louca, vivia sempre de camisa de manga comprida e calças de vinco. Mas o vizinho não quis dar o braço a torcer, ficava jogando recadinhos por debaixo da porta, até que Carlos resolveu tomar satisfações. A resposta foram dois tiros no abdômen, que deixaram o pobre rapaz com complicações. O vizinho foi preso e enviado para a prisão, mas Haroldinho sobrou com a obrigação de cuidar do filho e do companheiro. Graças a Deus, contava com ajuda dos seus pais. Os primeiros tempos, depois do hospital, foram difíceis, pois Carlos ficou com dificuldade de andar e fazer suas necessidades fisiológicas. No seu escritório lhe deram seis meses de licença médica. Ele era um lapidador competente.

Haroldo estava arrasado com o que aconteceu com o seu amante, pensou em se mudar, com medo de vingança e foi o que ele fez, pois dava muito trabalho pôr a cadeira de rodas do amigo no elevador. Se mudou para um apartamento térreo, de aluguel baratinho. Ficou imaginando o que fazer da vida, rezando para que Carlos se recuperasse. Depois de três meses, já andava com uma certa dificuldade, mas levou quase um ano para que ele voltasse a defecar normalmente. Durante todo esse tempo, Haroldo cuidou dele como amante e

enfermeiro, o que atrapalhava um pouco a sua função no jornal, mas seu editor foi compreensivo e o lotou como *copydesk*, para facilitar. Nunca que Haroldo iria imaginar que aquilo ia acontecer com ele. Morava no Rio desde criança, conhecia tudo, sabia fugir do perigo. Mas o Carlos não era assim, era impetuoso, usava roupas chamativas e ninguém se enganaria sobre a sua orientação sexual, devido ao seu modo de falar. Quem mais ficou chocado foi Heron. Tiveram que levar o menino numa psicóloga, para ele pôr para fora o que estava sentindo.

— Ele é o meu pai, o meu pai, e fizeram uma coisa dessas. Porque que o mundo é assim? — disse ele numa sessão, inconformado. A análise durou seis meses, o que não comprometeu sua ida ao colégio. A escola não interpôs nenhum obstáculo à sua presença, mas os coleguinhas ficavam gritando: “Filho de viado! Filho de viado.” Haroldo teve que falar com o menino.

— Meu filho, eu sou veado mesmo. Você não dê bola para esse pessoal. — Aquilo era uma guinada de 180 graus na tática de Haroldo. O Escândalo de Carlos estava contaminando a sobriedade de Haroldo. Seus pais o haviam criado para ser um homem sério, circunspecto. De repente, ele estava tendo que enfrentar a mídia, a sociedade, o mundo. Quando voltou a trabalhar normalmente, seu editor passou a incumbi-lo das matérias sobre homossexualismo. Haroldo estava virando a contragosto um ícone

gay. Foi um dos primeiros a assumir a homossexualidade de terno e gravata. Não foi o que ele planejava, mas estava dando muito certo. As pessoas o cumprimentavam na rua. Às que lembravam do episódio dos tiros, perguntavam sobre a saúde do “namorado”.

— Meu amigo está bem — respondia Haroldo.

Já Carlos estava adorando a novidade. Assim que começou a andar normalmente, saía para a noite *clubber* todo paramentado e fazia o maior sucesso como pai. Chegaram até a tentar tirar a guarda da criança, mas a lei da época negou o pedido. Era cada vez mais comum que casais homossexuais criassem filhos. Havia até uma associação para esse fim. Iam os pais e as crianças. Haroldo de terno e gravata e Carlos com uma calça colante e uma camisa rosa claro. A presidenta da associação era uma lésbica de nome Lilandra, que interrompia a sessão a todo momento para atender o videofone celular. Era uma produtora independente de programas de TV que falavam sobre homossexualidade. O assunto havia deixado de ser tabu e era normalmente veiculado até nos canais abertos. Lilandra e Haroldo combinaram de montar um jornalzinho para representar a associação melhor do que os folhetos improvisados que havia. Iria se chamar Promix.

Haroldo estava se sentindo feliz, só o que o incomodava era o que aconteceu com Carlos. Já este, parecia se incomodar menos que o companheiro. Estava sempre de alto astral.

Adorava as reuniões e estava sempre animando o amigo.

— Bola para frente, Haroldo, eu estou novo em folha. — E beijava o parceiro na boca, na frente de todo mundo. Haroldo procurava evitar esses momentos. Formavam um casal elegante. Haroldo, forte como um touro e Carlos, alto e esguio, ele era pura adrenalina, enquanto Haroldo era nas endorfinas.

Nesse meio ínterim, Gregório estava fazendo rios de dinheiro com a ViaTur. Era tanto dinheiro que ele resolveu comprar um apartamento melhor e comemorar com uma viagem a Paris. Tanto ele como Lídia estavam já na casa dos cinquenta anos e não teriam outra oportunidade tão cedo de fazerem uma extravagância. Visitaram o *Louvre* e tiveram a oportunidade de conhecer de perto a Monalisa. Infelizmente, não puderam almoçar no restaurante da torre *Eiffel*, pois teriam que ter reservado com meses de antecedência. Voltaram para o Rio de Janeiro alegres e saciados. Tudo estaria perfeito se o casamento de Haroldo e Carlos não começasse a desandar. Haroldo não queria escândalo, mas não havia o que fizesse Carlos deixar de ser a bicha louca que era. Quando Haroldo reclamava, Carlos respondia: — Você é quem precisa se soltar. Acorda, meu amor, o mundo é outro.

— É outro com dois balaços no bucho — respondia Haroldo.

A coisa foi desandando, degradingolando e, quando menos se esperava, os dois se

separaram. Carlos não queria criar Heron sozinho. Haroldo achava que a responsabilidade era dos dois, mas Carlos não tinha estrutura para dar ao menino, então com oito anos, a criação que toda criança merece. O resultado foi que o menino foi para a casa dos "avós", e os pais iam visita-lo freqüentemente. De princípio, Heron não se aproximou dos avós, muito chateado de ter que sair da casa dos pais, mas Lídia, com tato e carinho, acabou conquistando o garoto e, através dela, Heron se entendeu com Gregório. Gregório ensinou-o a torcer pela televisão e até o levou a um jogo em São Januário, quando o Vasco venceu o Bangu por três a zero. Nesse ano foi fechado o América carioca, por absoluta impossibilidade de participar da terceira divisão do nacional.

Ao contrário de Haroldo e Carlos, Heron era heterossexual. Gregório não bebia nem fumava, mas, aos 18 anos, Heron tomou sua primeira cervejinha. Nesse caso, Gregório fez uma exceção e tomou três ou quatro copos no bar da esquina. A Lídia ficou possessa.

— Gregório, seu desnaturado, como você ensina o menino a beber?

— Quando eu cheguei lá, ele já estava bebendo, eu só fiz acompanhar.

— Heron, meu filho...

— Ah, vó, foi só uma cervejinha, todo mundo bebe.

— Eu não bebo. O seu pai normalmente não bebe. Isso vai atrapalhar os seus estudos. Me prometa que não vai mais.

— Ah, vó, é tão gostoso.

E não teve jeito de fazer o menino largar o álcool. Aquilo se tornou um problema. Pior que isso foram as amigadas que começaram a freqüentar a casa de Lídia. Parecia que o velho Estefano ainda estava vivo. Certa vez o Heron chegou em casa com um baixinho, magérrimo e meio careca, com o fundo das calças fedendo a merda. Ela proibiu Heron de chegar em casa com algum amigo, mas o pior ainda estava por vir. Por mais que Gregório falasse com o garoto, ele estava saindo com mulheres. O Gregório chegou a dizer: — Meu filho, se você fizer algo errado, Deus vai te punir.

— Deus não é de nada. — respondeu Heron. O rapaz só sabia que tinha sido abandonado no orfanato e que nem mãe direito ele tinha. Não queria reconhecer a avô ou o avô como autoridades paternas. O Carlos era desligado demais da criança e o Haroldo estava sempre muito ocupado. Quem mais tinha tempo para ele era a Lídia, pois trabalhava em casa. Mas o menino estava se transformando, deixando de ser agradável. Chegou a ameaçar a Lídia por dinheiro para tomar cerveja. Estava atrasado nos estudos e nem mais o Haroldo tinha assim tanto interesse nele, pois estava decepcionado com o menino, que lhe pareceu tão meigo na época da adoção. Aos 20 anos, o Heron engravidou uma namoradina de dezessete durante uma festinha na casa do Nico, uma figura triste que tinha dado as caras uma ou duas vezes na casa de Lídia.

Quando Gregório soube disso, caiu sentado no sofá.

— Meu Deus do Céu, vai ser tudo de novo — disse e ouviu a voz do Divino Espírito Santo: — Se prepara que o pior vem por aí — Heron estava a princípio tranqüilo, pensava em ter a ajuda dos avós para criar a criança. Mas aí as transformações começaram a acontecer. Primeiro, ele perdeu o movimento dos dedos mínimos. Em seguida, começou a sentir dores e, quando estava próximo do fim da gravidez, subiu uma corcunda nas suas costas. Ele não era mais o garoto jovial de antes. Seu sorriso parecia uma assombração. Nem estava no hospital quando o nené nasceu. Quem o pôs nos braços foi Lúdia e em seguida devolveu para a mãe, Isaurinha. Lúdia se entendia melhor com Isaurinha do que com Heron. Isaurinha estava sempre de cabeça baixa, olhando com um sorriso tímido, e acolheu seu filho com amor.

— Esse vai ser criado com todo o amor — disse assim que a enfermeira pôs o menino no seu colo. Era preciso pôr a cabeça de Heron no lugar. Ele ia ter que largar os estudos para começar a trabalhar e sustentar a criança. Heron pensou em fugir, mas desistiu, pois sabia que não teria vida melhor do que aquela. Gregório, que conhecia muita gente, arrumou para ele um emprego de balconista numa papelaria. Heron durou exatos quatro meses no emprego. O dono justificou a demissão porque ele saía demais para ir à esquina, fumar.

— Ele sai para fumar e, ainda por cima, os fregueses têm que agüentar o sarro.

Gregório não sabia onde aquele menino tinha desenvolvido aqueles comportamentos. Carlos se mudou da cidade, para não ter nada com aquilo. Mas Haroldo resolveu criar o filho e o neto, sem falar em Isaurinha.

Nesse meio tempo, Gregório estava muito atarefado, pois o dono da CapTur de sua cidade natal havia ido à falência por mau gerenciamento e estava disposto a vender de volta por uma pechincha. Gregório sabia que teria que investir um bocado, mas valia a pena, pois a franquía era muito afamada. Comprou e mandou espalhar que estavam com nova administração. Em seis meses o investimento se pagou e o Gregório resolveu voltar para a sua cidade, para morrer no seu torrão. Lídia não queria, pois não ia deixar seu filho sozinho com Heron. Ela estava escandalizada como um menino realmente criado com todo o amor chegava àquele ponto.

— Deixa estar, mãe, foram os anos no orfanato. Eu me viro — dizia Haroldo.

— Nem pensar, filho meu não passa uma provação dessas sem minha ajuda — Lídia jamais se perdoaria em deixar o filho naquela situação. Achava que ele não havia feito nada de errado. O Heron que havia saído do ovo daquele jeito imprestável. Não passava pela cabeça da Lídia o motivo que fizera o Heron engravidar a Isaurinha. Tanto que a TV avisa 24 horas por dia. E não era caso isolado, não. Houve um caso no edifício antigo, aquele dos dois quartos, mais ou menos

como o de Heron e Isaurinha. Sentada na sua sala acarpetada (idéia do Gregório), ficou imaginando o que fazer. Sabia que poderia contar com Isaurinha, que estava se portando muito melhor que o Heron. Isaurinha estava muito triste com o que fizera, prejudicando o seu próprio filho. Ela sabia que não deveria, mas a irresponsável viu o Heron de camiseta, aqueles ombros másculos sobressaindo, a braguilha inchada, e foram para o banheiro. Em quinze minutos estava consumada a desgraça. Os dois sabiam que suas almas estavam condenadas, podiam sentir isso no âmago. O Heron só queria saber de zoar, estava se tornando violento, como se estivesse se preparando para se tornar algo pior do que ele já era. Já a Isaurinha queria curtir o papel de mãe, pois sabia que aquela era a sua única chance.

A coisa chegou a um ponto que tiveram que mandar o Heron para um internato para rapazes problemáticos. O Gregório estava muito chateado de terminar a vida do mesmo jeito que começou, lidando com gente despeitada. E ficaram morando os quatro, além de Carmina: Gregório, com mais de sessenta, Lídia, chegando lá, Haroldo, já editor, e Isaurinha e o bebê, batizado Carlos, em homenagem a um dos avós, que fugiu para São Paulo e quase nunca dava notícias. Uma vez o Haroldo o cobrou por telefone.

— Você acha que eu tenho condições de agüentar esse diabinho com dois buracos no bucho? — respondeu Carlos e bateu o telefone.

A única hora em que Haroldo conseguia se desligar do problema, era no trabalho. Nem dormindo ele tinha paz, sonhava com Heron invadindo o apartamento e esfaqueando o bebê. Lídia estava procurando restabelecer a paz na família. O que não tem remédio, remediado está. Afinal, não sobrou nenhum arruaceiro, depois que Carlos foi para São Paulo e Heron, para o internato. Aquilo era uma cadeia. Uma vez ela foi visitar, levar um bolo de frutas. As condições eram péssimas. Não chegava a ser como na cadeia, mas além de estudar sabe-se lá o que, eles não faziam mais nada. Não tinha nem um campinho de futebol. Aliás, pelo o que ela averiguou, tinha, mas os jogadores eram tão violentos que foi desativado e construíram um dormitório no lugar. Era uma pena o que tinha acontecido com o Heron, um menino pobre que teve uma chance de ouro e jogou pela latrina. A Isaurinha também não ficava muito atrás, mãe aos 17 anos e a família não ajudava em praticamente nada. Todo mês mandavam mantimentos que não duravam nem duas semanas. Vinha só a mãe, brincar com o neto, e podia se sentir que ela bebia a tristeza de Isaurinha com prazer. Aquele neto malgalado era a sua grande vitória. Chamava-se Leonor. Usava unhas negras, muito compridas e afiadas, era um aplique, mas combinava com o seu colar laranja de bijuteria. Falava com Lídia como quem fala com uma servçal. A vontade que Lídia tinha era de expulsar Isaurinha com mala e tudo, mas ela cuidava tão bem do bebê e, além do mais, o

Carlinhos não deixava de ser responsabilidade do Haroldo. A Lídia se pegava sonhando com os tempos antigos, quando era só ela, o Greguinho e o Haroldinho. Ela mesma tinha olhado para o Heron aos cinco anos de idade e jamais imaginou que ele ia se tornar um marginal. Ele era um garoto silencioso, se bem que muito traquinas. Pensou que fosse dar algum trabalho, mas não aquilo.

O Gregório não podia dar atenção, gerenciando a ViaTur e a CapTur. Ainda por cima, em cidades diferentes. Era ele quem estava pagando o internato do Heron, mas preferiria não ir lá. Quem visitava era a Isaurinha, acompanhada da Lídia. O Heron ficava dizendo: — Eu quero sair daqui, essa criança não é minha, eu quero sair daqui. Até que o Gregório foi lá, fazer um acordo.

— Eu te solto se você sumir da nossa vida.
— disse.

— Trato feito, trato feito. — respondeu Heron, num sorriso distorcido.

E assim foi feito. O Heron foi solto e desapareceu no mundo. Passaram um tempo sem saber dele, até que houve um boato de que ele tinha se juntado com uma gangue de traficantes. Depois disso, ficaram sem notícias. O Carlinhos estava crescendo, já estava com quatro anos. Apesar do problema na gravidez, era um menino afável. O bisneto com que Lídia sonhou. Vivia no colo da bisavó, pois a mãe estava sempre com dores. Isaurinha era feliz por ser mãe, mas as dores a impediam de divertir a

criação. Por isso, foi Lúdia quem criou a criança. Levou o menino para brincar no parque espacial, que havia sido construído para comemorar a ida de um brasileiro ao espaço. Passavam horas no túnel de vento, flutuando como se estivessem em gravidade zero. Como cada tíquete só dava para 15 minutos, o passeio custava uma fortuna. Lúdia tinha novamente a tranqüilidade na família, tantas vezes ameaçada. Primeiro por Estefano. Agora, por Heron. Se bem que este talvez não fosse mais incomodar, era capaz de morrer com um tiro. Na TV, os tiroteios entre a polícia e os bandidos pareciam uma festa de fogos de artifício, com raio laser para todo lado. O morro estava cada vez mais violento e, às vezes, os bandidos ficavam brincando de tiro ao alvo. Certa vez, um meliante acertou um passante a dois quilômetros e meio do morro. O prefeito disse que precisava de reforço de tropas federais, mas não conseguiu nada. Até que chegou uma novidade positiva, a holovisão. Era uma mesa com um tubo de raios. Ao ligar, as imagens se formava no espaço acima da mesa. O Gregório sugeriu que alugassem um filme pornô, para ajudar na trepadinha quinzenal, mas a Lúdia proibiu, preferiu que vissem a versão holográfica de O Mágico de Oz. O mesmo aparelho sintonizava todas as estações de TV do mundo. Podia-se se ver a filmagem de qualquer ângulo, até debaixo, e isso foi muito explorado nos programas de auditório. Quando Carlinhos fez cinco anos, teve uma festa especial, para poucos convidados. Alguns funcionários da ViaTur e

amigas da hidroginástica da Lídia, além de Haroldo e Isaurinha. A nota destoante foi um buquê de flores que chegou com o seguinte bilhete: "Parabéns, filhão. Um dia eu volto para te buscar. Ass.: Heron, o Coisa Ruim."

Lídia teve um sobressalto. Então Heron era o coisa ruim? O traficante mais procurado da zona leste? Ficou rezando a Deus para que a polícia o pegasse logo. Quis jogar o bilhete fora, mas Gregório pegou o bilhete, leu e levou para a polícia. No dia seguinte, estavam as notícias nos jornais:

"Uma testemunha que não quis se identificar leva a polícia a crer que Coisa Ruim, o traficante mais procurado da Zona Leste, se chama Heron dos Santos Batista. Ele teria um filho com Isaura Feitosa. Heron já havia sido preso no Internato Gomes da Silva, de onde saiu com autorização da família. A partir daí, seu paradeiro era um mistério, pelo menos até ontem. A polícia acha que, com essa informação, sua captura se dará em poucos dias."

E foi o que aconteceu. Filmaram-no levando uns tapas e dizendo: — Quem me entregou vai ter o seu, eles vão pagar pelo que fizeram. — O repórter seguia dizendo que "Heron Batista tem um filho. Ele diz que quer vê-lo, mas a família não concorda. A situação é controversa, pois Heron é um dos primeiros filhos adotivos de casal *gay*. Um dos pais, Haroldo Batista, não quis falar, mas o outro, Carlos dos Santos, falou para a nossa

reportagem.” E então apareceu a imagem de Carlos.

— Eu não sei o que deu nesse menino. Quando a gente adotou, ele parecia um torrãozinho de açúcar movido a pilha. Se eu soubesse que teria sido assim, eu não tinha topado. Gente, eu detesto tiro, já levei dois.

“Carlos dos Santos foi baleado 15 anos atrás, numa discussão com um morador que não queria aceitar o seu casamento com Haroldo Batista, o outro pai da criança. O menino se chama Carlos Feitosa Batista e vive com os bisavós, pais de Haroldo.”

Lídia estava para ter um ataque — Taí no que deu você contar tudo para a polícia, Gregório. Agora está arriscado alguém aqui levar um tiro. Você deveria ter se identificado, para o Heron saber em quem atirar, seu monga. Gregório estava com medo, mas não deu o braço a torcer. — E era para a gente ficar com esse meliante nos ameaçando? Mandando recadinhos a todo momento, dizendo que ia seqüestrar o Carlinhos? Onde é que você está com a cabeça? Agora, pelo menos, a polícia está sabendo. Antes, o Heron estava livre leve e solto para fazer o que bem entendesse. Agora nós temos alguma proteção.

Heron pegou quinze anos, mas sairia com seis. Quando esta data chegasse, Gregório seria um velho com mais de oitenta anos, se já não tivesse morrido de outra coisa qualquer, e a Lídia teria quase 80. Não havia como eles enfrentarem a Heron sem ajuda. Sobrou tudo nas costas do

Haroldo, que foi quem originou o problema. Lídia pensava nisso todo dia, quando via Carlinhos brincar ou a Isaurinha queixar-se de dores. A Isaurinha, quando estava melhor, se dedicava ao filho. Às vezes, saiam todos para comer fora, mas o Haroldo nunca estava contente, pois achava que o Carlos tinha que contribuir mais para a família. Haroldo estava decepcionado com a vida. Lembrava arrependido do conselho que seu pai lhe dera de continuar enrustido. Agora, não era mais possível. Sua homossexualidade estava na boca do mundo. Mas o que mais lhe doía era a reação de Carlos, fugir do problema. Quando o conheceu, achou-o corajoso e se apaixonou. Nunca imaginou que ele fosse o covarde que era. No seu apartamento de solteiro, alugado, passava horas ouvindo música, para esquecer do mundo. Parecia que não havia lugar para ele nesse planeta. No jornal, ele era a bicha. Na casa dos seus pais, era fonte de problema. E, no espelho, era um homem com a vida ameaçada por seu próprio filho. As coisas estavam neste pé quando chegou a notícia de que Heron havia fugido da cadeia e se juntado com uma gangue do morro. Lídia fez o maior escarcéu, até convencer Gregório a se mudarem para outro apartamento, que Heron não conhecesse. Mudaram-se para um condomínio fechado da zona sul, vigiado por robôs. Lídia implorou a Haroldo que se mudasse também, mas o rapaz não cedeu. Isaurinha, com medo de que Heron fizesse algum mal à criança, mudou-se para o interior. Passou-se quase um ano até que se

tivesse notícia de Heron. Ele fora identificado num assalto a banco, mas conseguiu fugir. Heron não estava nem aí para a criança. Tentou localizá-la, para fazer chantagem, mas não conseguiu. Então, ele resolveu acabar com a raça do seu pai e ficar com os pertences do apartamento. Vigiou o local por alguns meses e, quando foi dar o golpe, foi recebido a raio. Haroldo havia comprado uma arma justamente pensando nessa possibilidade. Heron foi ferido de raspão e fugiu. Haroldo resolveu voltar a morar com os pais. Fez sua mudança em segredo, para que Heron não pudesse achá-lo.

Por todos esses anos em que Heron agiu, Lídia ia praticamente todo dia à Igreja, pedir ajuda a Jesus. O Santo dizia que nada demais haveria de acontecer, que Deus seria mais forte, mas a Lídia não se convencia. Finalmente, ela convenceu Gregório a voltar para a cidade natal dos dois, deixar a ViaTur nas mãos de um gerente. De volta à terrinha, Lídia se sentiu mais tranqüila. Se não fosse o fato de Haroldo ter ficado no Rio e de não poder mais ver o Carlinhos, tudo estaria bem. O Heron jamais ia achá-los, mas o Haroldo corria perigo e não percebia a gravidade. Viveram dois anos em calmaria. Lídia cuidava das plantas, na mesma casa em que eles moraram antes, que estava para alugar e eles resolveram pagar. Gregório telefonava ao escritório três ou quatro vezes por semana, apenas para não ficar inativo. A verdade é que ele estava velho e cansado. Não era um inútil, mas não agüentaria o rojão de

trabalhar seis dias por semana. Para a sua idade, a sua saúde era de causar inveja, mas ele preferia se entregar ao seu *hobby*, a pintura. Quando começou, não conseguia delinear um rosto, mas, depois, passou a pintar quadros bem interessantes. Pintou o rosto de Lídia, quando era nova, e ficou bem parecido. Deu de presente para sua esposa, que adorou.

— Ah, meu bem — comentou ela — o que a vida não fez com a gente, não é mesmo?

— Tivemos problemas o tempo inteiro, mas ainda vale a pena, não é mesmo? — respondeu Gregório.

— É, vale a pena, vale a pena — concordou Lídia — eu só queria que o Haroldinho estivesse aqui, longe da violência do Rio. Tenho saudades do Carlinhos também.

— Eu só queria saber o que foi feito do irresponsável do Carlos — deixou escapar o Gregório.

Por estes anos todos, o Carlos estava se escondendo do Heron em São Paulo. Seu projeto inicial era que a criança fosse um vínculo com um homem rico como o Haroldo. Ele não era boa bisca, mas nunca desceria ao nível que o Heron desceu. Morria de medo de encontrar com o Heron numa esquina e levar mais dois balaços. Isso jamais iria acontecer, pois a área de atuação do Heron era o Rio de Janeiro. Carlos vivia do seu trabalho. Vendia jóias que ele mesmo lapidava. Sua saúde estava debilitada pelo vício do tabaco. Começou a fumar depois que acabou com o Haroldo, meio para

compensar. Ninguém sabia, mas o Carlos tinha um filho que ele nunca assumiu. Isso foi antes de ele se juntar com o Haroldo. Numa noite em Copacabana, ele resolveu experimentar algo diferente e engravidou Sulamita, uma *go-go Girl* que nunca ficou sabendo quem era o pai. Mas Deus, que a tudo vê e tudo conhece, sabia, e puniu os dois. Carlos nunca teve certeza, mas, no fundo, sabia, pois os sinais da punição divina são inequívocos. Ainda assim, ele enganou Haroldo e toda a sua família. Depois que baixou a poeira, Haroldo voltou a cobrir assuntos sérios e estava até se destacando. Foi nessa época que Carlos resolveu voltar ao Rio de Janeiro, para pedir dinheiro ao Haroldo. Sabia onde ele morava, pois Haroldo não se mudara por causa do Heron. Tocou a campainha e, quando Haroldo abriu, foi entrando. Disse que estava muito mal de saúde e que precisava de dinheiro para o tratamento. Mal de saúde ele estava, mas ele queria o dinheiro para pagar a farra. Haroldo recusou, sabia que um lapidador ganha bem. Carlos ameaçou: — Se você não me der o dinheiro, eu vou contar tudo sobre nós.

— Essa história já foi ventilada e não deu em nada — disse Haroldo.

— Olha que eu posso fazer a maior confusão. Me dê quinhentinhos que eu vou-me embora.

Para se ver livre do Carlos, Haroldo arrumou trezentos, avisando que nunca mais o procurasse. Haroldo ficou receoso, pois tinha em vista um outro namorado, Lúcio, do mesmo

jornal que o seu e que andava arrastando a asa para o seu lado. Lúcio sabia de toda a história, desde os tempos do Heron, mas sabia que Haroldo havia sido enganado por Carlos. Por isso Haroldo resolveu se livrar logo de Carlos para que ele não interferisse com o seu novo romance. Lúcio era extremamente feminino, ao contrário de Haroldo, mas não era bandeiroso como o Carlos. Estava sempre de terno e gravata, com seu andar suave e saltitante. Procurou consolar Haroldo. Foi nesse período que Haroldo lembrou dos tempos de infância e entrou numa igreja para pedir ajuda a Deus. Entrou e começou a orar.

— Senhor, eu sou um homem bom, que ajuda as pessoas, mas eu fiz essa besteira de me juntar com o Carlos e ainda por cima adotar o Heron. Agora, um quer me chantagear e o outro, me matar. Será que o Senhor não pode fazer nada por mim? Tudo o que eu peço é um pouco de paz. Eu tenho meu próprio emprego e agora, com o Lúcio, vou ter minha própria família. Só não me peça para adotar, porque eu não quero passar por tudo isso de novo.

— Meu filho, lhe dou um conselho: coma uma pizza.

— Comer uma pizza?

— É, coma uma pizza por semana que as coisas se ajeitam.

Com um mês que Haroldo estava comendo pizza, Heron foi preso. Mais alguns meses e Carlos foi incriminado num processo de contrabando de

jóias, em São Paulo, e ficou proibido de sair da cidade.

O Filho de Sulamita se chamava Roderique, era assim mesmo que se escrevia, pois era branco e ela achava que era filho de estrangeiro. Roderique lembra de pouca coisa da sua primeira infância, só se entendeu por gente aos seis anos de idade. Morava num muquifo onde coabitava com outros cinco grupos familiares. Ele era um dos privilegiados do local, pois eram só ele e sua mãe. Era um menino bom e amoroso, fazia tudo o que a sua mãe pedia. Não estudava. Pelo contrário, passava o dia esmolando nos sinais. Ouvia muito xingamento, mas também recebia algumas esmolas polpudas. Certa vez, uma senhora idosa lhe deu cinco reais. Era o ano de 2038, Heron ainda era vivo e Carlos ainda andava livre. Roderique conheceu toda a zona pobre do Rio de Janeiro enquanto crescia. Evitou o tráfico, mas não conseguiu deixar de adquirir da mãe o vício de fumar. Aos quinze anos, era um rapagão forte, vistoso, que encantava as meninas do muquifo, mas ele nunca quis nada com elas, queria vencer na vida e não sabia como. Começou catando lixo reciclável e terminou dono de um ferro velho. Isso levou vinte anos. Roderique chegou a conhecer Heron. Este o convidou para fazerem uns assaltos, chegou a forçar a barra, mas Roderique pulou fora. Quando soube da prisão do Heron, sentiu-se orgulhoso de ser um cumpridor. Catou tanta lata que ganhou um emprego no ferro velho. O dono era um ancião que não pegava mais no

pesado, ficava só coordenando o serviço. Ele se afeiçãoou a Roderique pela sua bondade e produtividade e propôs-lhe sociedade. Roderique faria o serviço pesado e ficaria com quinze por cento do que arrecadasse. Os outros funcionários ficaram com ciúme, mas não poderiam fazer nada, era uma decisão do patrão. Certa vez o velho, de nome Simão, confessou a Roderique: — Eu estava esperando um homem bom como você para entregar os pontos e ir para o céu.

— Que é isso, seu Simão, não diga uma coisa dessas — o fato é que sete anos depois, Simão morreu e deixou tudo para Roderique. Aliás, Roderique já havia comprado boa parte com o suor do rosto. O ponto fraco de Roderique era a contabilidade. Teve que contratar um contador para manter as contas em dia. Felizmente, era um homem honesto. Viúvo, porém honesto, seu Ambrósio. Assim, os negócios prosperaram e Roderique se tornou um bom partido, cheio de mulheres afim. Roderique resolveu se casar e escolheu Gislene para sua esposa. Ela levantou uma condição: que ele largasse o cigarro e fosse ao médico, antes de se casarem. Roderique regateou um pouco para largar o cigarro, mas acabou cumprindo a imposição. Foram ao médico e ele deu o “oquei” para que eles tivessem um filho.

O Rio de Janeiro era uma cidade dilema. Na zona sul, os trilhos magnéticos para os carros deslizantes e, nos morros, veículos movidos a gás metano. A evolução tecnológica não trouxe a

paz para a cidade do Rio de Janeiro. Os apartamentos já eram construídos com reforço de placas de aço duplo e os vidros eram defletores, para diminuir o estrago dos raios laser. Roderique trabalhava tanto com carros a metano como para os ricaços, que andavam com carro de propulsão pela quebra da água e delizavam em trilhos magnéticos da zona sul. Os carros a metano usavam roda mesmo e eram proibidos de entrar na zona sul. Como o ferro velho de Roderique ficava bem na fronteira, ele abriu uma garagem que trabalhava para os dois mercados. Foi ele que construiu o carro em que Heron foi preso. Ele o fez para um freguês antigo do velho Simão que foi roubado por Heron.

Heron viveu por curtos anos o paraíso da droga. Naquela época, cocaína tinha saído da moda e o quente da estação era uma droga sintética chamada *less*, sigla de um ácido que ninguém no Brasil conseguia pronunciar, pois era uma invenção dinamarquesa. Heron adorava invadir a zona sul com carros de metano e danificar os trilhos dos carros magnéticos. Foi numa dessas invasões que a polícia meteu-o nas grades.

Roderique sempre teve vontade de conhecer o pai. Sulamita lhe dizia que não sabia, devia ser algum marinheiro, mas o jovem não desistiu. Ele foi ao centro de registros genéticos e chegou ao nome de Carlos. Com mais um pouco de investigação, encontrou-o em São Paulo, num asilo de doentes, fumando feito uma

caipora. Carlos confirmou que esteve com Sulamita.

— Você por acaso é meu filho? — disse e caiu na gargalhada.

Roderique confirmou. Conversaram durante alguns minutos, mas Carlos pediu para que ele saísse e não voltasse mais. Não queria lembrar do tempo que tinha saúde. Não queria lembrar do que lhe aconteceu por causa daquela noite com Sulamita.

— Eu quero ajudar o senhor.

— Eu não preciso da sua ajuda, Roderique. Vá embora, me deixe morrer em paz.

A enfermeira instou Roderique a se retirar. Ele queria conhecer melhor o seu pai, mas Carlos não queria mais viver. Estava consolado no asilo de velhos. Aquilo deixou Roderique muito decepcionado. Voltou cabisbaixo para o ferro velho, onde ele também morava. Naquela mesma semana, Gislene revelou que estava grávida. O menino nasceu lindo, sete meses depois, de parto natural. Resolveram chamá-lo Francisco e criaram-no com todo o amor. Sulamita morria de inveja de Francisco, por ter pais amorosos, enquanto os seus a lançaram na prostituição. Não fazia mal à criança, não era tão vil quanto foi Estefano, mas passou a evitar a casa do filho depois que o menino nasceu, pois não suportava a inveja. Gislene se desvelava em cuidar do menino. Quando era nené, ela vivia só para ele, era ela uma verdadeira dona-de-casa. Roderique gostava disso, ele era abastado, graças ao ferro velho. Por algum motivo que

nem Deus sabe explicar, Francisco era bom. Ele era melhor que seu pai, que era também um homem muito bom. Soube compreender a inveja de Sulamita e procurou agradá-la, mas isso só fazia piorar as coisas, pois Sulamita queria ser o que Francisco era, uma alma naturalmente boa, que olhasse o mundo com piedade. Foi isso que Gregório nunca conseguiu entender em Estefano. E nem Estefano queria que ele entendesse. Toda vez que Gregório baixou a guarda e foi amoroso com seu pai, foi recebido com uma rasteira. Ao contrário de Sulamita, que deixou o barco correr, Estefano fez tudo para que o barco de Gregório afundasse. E teria mesmo afundado se não fosse por Lídia. Quando Gregório morreu, ele continuou visitando Lídia por mais 12 anos, o tempo que ela ainda durou depois de sua morte. Lídia podia sentir as vontades de Gregório. Ele comia, quando ela comia, respirava, quando ela respirava. Estava sempre lá, em algum ponto da casa de Lídia. Ficavam jogando conversa fora, comentando o namoro de Haroldo e Lúcio e se bendizendo por terem um filho tão bom. Haroldo conseguia perceber a presença do seu pai, mas Lúcio achava aquilo bobagem. Para Lúcio, Deus era só uma vibração boa, destituída de inteligência. Deus para ele era como um beijo de Haroldo, quando eles rolavam, nus, na cama. Lídia sabia que uma hora ou outra o Lúcio ia ter a surpresa, ou não, pois o rapaz não freqüentava a Igreja.

Um belo dia o carro de Haroldo quebrou e ele foi consertá-lo na garagem de Roderique.

Conversa vem, conversa vai e Haroldo descobriu que ele era filho de Carlos. Não disse nada. O rapaz não estava precisando de ajuda e Carlos estava nas últimas. Mas Francisco, que era muito sensitivo, olhou para Haroldo e percebeu sua proximidade. Ele também não falou nada, mas ficou feliz que Haroldo tivesse se tornado freguês de Roderique. Do outro mundo, Gregório conhecia toda a história, mas não havia mais nada a ser feito. Heron estava morto. Suicidara na cadeia. Sua alma nem mais existia quando Gregório passou desta para melhor. Assim que morreu, Gregório entrou em sono profundo e só acordou seis meses depois. Lídia acordou, certo dia, e pode sentir a atenção de Gregório velando-a.

— Meu bem, é você? — Ela sentiu uma confirmação silenciosa e vibrou de alegria. Então, pôde entender: “Eu sou seu para sempre.”

— Eu também sou sua, para todo o sempre, pelos séculos dos séculos, por todo o universo. — Levantou-se radiante de alegria e mandou a doméstica ir ao supermercado e comprar algumas barras de chocolate, além de fazer a feira. Estava ansiosa com a expectativa de ouvir do outro mundo do seu próprio marido.

— Como é no outro mundo? Você me vê?

“Não dá para explicar direito, mas eu te vejo. Eu vejo o mundo tão bem como quando eu tinha vinte anos e me sinto jovem, radiante, sente só:” Gregório transferiu bastante energia para Lídia, e passou, também, bem naquele lugar.

— Para com isso Gregório, eu não tenho mais idade para isso. Me diga uma coisa: você encontrou o Estefano aí no outro mundo?

“Não, e nem o Heron. As almas deles se desmancharam. Eu descobri que quando a pessoa se porta mal, a alma se desmancha mais rápido. Lídia, eu vi um homem se desmanchando, é uma coisa terrível, parece com amnésia. Só que, no final, não tem mais nada lá. O que sobra é só a nossa própria lembrança que, com o tempo, não tem mais a marca de quem a deixou. Eu sou homem, não tenho a melhor memória do mundo. Mesmo aqui no outro mundo, onde estou livre das dores do corpo, é difícil decorar todos os conhecidos que vão desaparecendo aos poucos. É muita gente.”

— Não vá arrumar outra, me espere, por favor, são só mais alguns anos.

“Qual foi, Lídia, vale sarrar.”

— Sim, mas eu quem sou sua eterna companheira, eu que te tirei do buraco para ser minha preciosidade. Eu que estava ao seu lado durante toda a sua aventura no Rio de Janeiro. Eu sou sua esposa.

“Nunca ouviu falar que é até que a morte os separe?”

— Isso é conversa de alma penada! Você é meu para sempre. Não digo que não sarre, mas eu sou sua dona. E foram felizes para sempre. Bem, você está enjoado de mim?

“Eu estava só brincando. Lídia, te peço um favor: me guarde no coração, é tão gostoso.”

Lídia, depois da morte de Gregório, vendera por um bom preço a CapTur, a ViaTur e as propriedades no Rio, estava vivendo de rendas na primeira casa do casal. Vivía com Isaurinha e Carlinhos, que mandou buscar. Estava velha e iria se juntar em algum tempo a Gregório. Por isso, ela fez seu testamento, onde beneficiava Haroldo, mas também deixou algumas ações que rendiam bem para Isaurinha. E separou uma boa parte para o Carlinhos, que chegariam às suas mãos quando ele fizesse 21 anos. Acontece que o Rapaz fez 21 e Lídia ainda era viva. De fato, ela morreu depois de Isaurinha, que teve um câncer de útero e não conseguiu escapar. Então, ficaram só Lídia, Carlinhos, a doméstica, Luana, e Gregório. Gregório brincava de bater portas e balançar os lustres, o que deixava Luana apavorada.

— Calma, Luana, é só o Gregório, meu marido. Não se preocupe não que esse fantasma é de bem.

— Deus que me livre, dona Lídia. Morro de medo da morte.

— Pois esse fantasma dá alegria para viver. Conheça, conheça, mas tem uma coisa: ele é meu marido, não vá se engraçar.

“Vale sarrar”, reverberou Gregório.

— Ai, meu Deus do céu. E agora eu vou ter que agüentar alma se enxerindo? E o que eu digo para o meu namorado?

“Manda ele me dar um tiro.”

— Gregório Batista, deixe a Luana em paz. Você é meu. — e a vida continuou assim por

mais alguns anos na casa de Lídia, até que ela morreu. Não ficou muito tempo adormecida, pois Gregório foi lá e a acordou. E saíram pelo mundo viajando. Voltaram a Paris, e desta vez foram ao restaurante da torre *Eiffel*. Não puderam comer, mas descobriram que ainda sentiam os alimentos. Lídia se encantou com uma torta de anchovas e ficou passando a sua língua sobrenatural. Não era a mesma coisa que saborear com uma língua de carne, mas pelo menos ela não sentia mais fome. Os sabores chegavam como que filtrados, perdiam a intensidade, mas eram reconhecíveis. Outra coisa interessante era se misturar com Gregório até que eles pareciam ser um só. Isso gerou uma certa discussão entre os dois. Se poderiam ou não se misturar com outras almas. Afinal, seria sarro ou traição? Chegaram à conclusão que era sarro, mas no começo preferiram não sarrar para não ter ciúmes. Com o tempo, eles foram percebendo que um era a única presença constante do outro. Viviam entre a cidade antiga e o Rio de Janeiro, cuidando do Carlinhos e do Haroldo, até que o Haroldo mandou vir o Carlinhos para o Rio. Carlinhos não sabia que era protegido por espíritos do outro mundo. Se bem que aquela proteção era uma faca de dois gumes, pois Lídia e Gregório eram neófitos no serviço. Eram tão trapalhões nos seus desejos e ações que tiveram que ouvir um sermão do Divino Espírito Santo. Lídia e Gregório seriam sempre dois trapalhões, mas a inexperiência era um caso sério, eles estavam

interferindo no bom andamento da relação de Haroldo e Carlinhos.

Haroldo queria que Carlinhos fosse mais sério, traumatizado com o que fez Heron, mas Carlinhos era como o pai, só que sem o viés maligno. Vivia em festinhas rodeado de mulheres e o Haroldo, já velho, detestava saber que sempre tinha uma mulher diferente no quarto ao lado. Carlinhos era cuidadoso, tomava a pílula do homem e, com a descoberta da cura da AIDS, a camisinha não era mais obrigatória. Eram inúmeras as mulheres que ele levava para o apartamento do seu pai adotivo. Sandrinha, Cássia, Zuzinha, Renata, Jane, além de estar sempre dando festinhas, coisa que o Haroldo detestava. Haroldo perguntava a Deus se tinha que agüentar uma coisa dessas. Deus era reticente e dava a entender que sim, e foi assim que as coisas seguiram até que Carlinhos conheceu Roquete, uma negra linda que saía do morro do vintém para as passarelas. A partir dali, não havia mais ninguém para o Carlinhos, para alívio de Haroldo.

Haroldo estava num ótimo momento da sua carreira, como editor chefe do ExtraNotícias. Sua história perigosa com o filho adotivo e o antigo amante, depois que os dois morreram, não atrapalhava mais. Além do mais, ele sentia forças redobradas. Eram seus pais que ficavam energizando-o regularmente. Eles passaram a viver no seu apartamento. Desenvolveram uma rotina. De segunda a sexta, cuidavam do filho e, nos fins de semana, viajavam pelo mundo.

Achavam mais importante cuidar do filho, pois sabiam que teriam todo o tempo do mundo para conhecer o mesmo. Foram à China, foram ao Japão, foram ao território palestino, viram a guerra de perto e observavam se os mortos em combate era inocentes ou culpados. A maioria era culpada. Era um espetáculo dantesco ver uma alma se desmanchar. A alma como se desfiava, a começar pela genitália e, quando chega ao coração, vai sendo tragada pelo vazio. Quem está desaparecendo solta guinchos terríveis, que representam todo o seu sofrimento e as atrocidades que cometeu.

Depois de três anos de namoro, Carlinhos se casou com Roquete, na igreja e de papel passado. Foi uma cerimônia linda. Lídia pousou na imagem da Santa, para abençoar a união. Uma veterana quis fazer piada, mas a Lídia estava muito emocionada para ouvir gracinhas. “É o meu neto que está casando e eu também vou abençoar essa união.”

“A gente só está brincando, pode abençoar.”

Se Lídia tivesse um corpo, teria derramado um rio de lágrimas, mas de fato ela chorou, como choram todos os fantasmas. Com o sentimento. Carlinhos era um arquiteto e não podia sair do Rio a todo o momento. Assim, via sua esposa quando ela tinha um tempo livre ou ocorria um evento no Rio de Janeiro. No princípio, eles estavam ardendo de paixão. Não queriam filhos, pelo menos não ainda. Roquete tinha pelo menos uma década de sucesso pela

frente e Carlinhos entendia isso. Ele imaginava que teriam filhos mais tarde, até que descobriu que Roquete o estava traindo com um maquiador. Foi no terceiro ano de casamento. Roquete estava no Rio para um evento e Carlinhos a flagrou nos bastidores, só de calcinhas, dando um chupão no maquiador.

— Roquete?! — foi tudo o que Carlinhos conseguiu dizer.

Roquete olhou sem conseguir entender, pois estava sem a lente de contato. Quando percebeu quem estava ali, tentou disfarçar.

— Oi, meu amor, essa é a minha amiga, o Lindomar.

— Amiga uma pinóia. Você está me traindo com essa bichona! — esbravejou Carlinhos.

— Meu amor, ele é *gay*, não tem nada de sério entre nós.

Carlos não quis ouvir mais nada, saiu dos camarins e da vida de Roquete. A modelo mandou cartas, flores, bombons, mas Carlinhos não quis mais saber dela. Roquete ficou desolada e, na falta do que fazer, se consolava com o Lindomar. Lindomar era um bofe de cabeça aberta e não ia perder uma grande amiga por causa de um careta. Roquete e Lindomar, Lindomar e Roquete, fizeram todo o circuito *fashion* e não largaram um do outro. Quando tinham que ir para eventos diferentes, se davam adeusinho às lágrimas. Gregório não entendia aquilo, achava os dois meio descompensados. Lídia respondia: “É o futuro da humanidade, Greguinho, somos todos bissexuais.” Ao que

Gregório respondia: "O meu roscóf, não, está pensando o que?" Lídia insistia só para chatear. Por causa disso, o Gregório fez o destino de Carlinhos se encontrar com o de Eulália. Ela era feminina ao extremo. Só andava perfumada e ninguém que passasse perto dela deixaria de notar sua odorosa boceta, que ela lavava com sabonete líquido. Preferia as saias esvoaçantes e blusas de mangas compridas e decote acentuado, para realçar seus seios empinados e fartos. Andava sempre com uma bolsinha de mão, onde guardava o dinheiro e seu rosário. "Como fui eu que arranjei a namorada, tenho direito de tirar uma casquinha", dizia o Gregório, e invadia Eulália e a fazia sentir coisas. A Lídia detestava essa indiscrição do Gregório e rebatia: "Pois eu vou curtir o Carlinhos." "Lídia, o Carlinhos é parente, parente não pode," obstava o Gregório, mas a Lídia não concordava: "Acabou-se essa história de sangue. O Sangue agora é para fazer de nós um só corpo e um só espírito. Depois de morto, vale parente. Se você não largar a Eulália, eu vou ficar com o Carlinhos. Gregório não estava nem aí. A Eulália era uma delícia, jovial, adiposa, perfumosa, ainda que Gregório não sentisse mais direito os perfumes, pior do que quando estava velho. Pelo menos, se sentia jovem. A Lídia não tinha nenhuma queda pelo Carlinhos, ela estava mesmo era com ciúmes. Quando os dois estavam juntos, Gregório saía de Eulália e voltava para Lídia, mas ela fazia beijo e chorava. E esperneou tanto que

o Gregório parou de sarrar com a Eulália, muito a contragosto.

Carlinhos estava receoso de ser traído uma segunda vez, mas isso não aconteceria. A Eulália era fiel. Acontece que Carlinhos tinha escolhido Eulália mais para não ser traído que por amor, e a Lídia ficava dizendo: "Olha o que você fez, Gregório, de novo você atrapalhando tudo. O Carlinhos não quer a Eulália. Isso não vai dar certo. Se ele casar, dessa vez vai ficar casado, que a moça é fiel, e vai ficar casado com a pessoa errada. Dito e feito: casaram-se e viveram muitos anos de uma vida insossa. Quando morreram, foram cada um para o seu lado. Carlinhos não culpava o Gregório por tê-lo apresentado a Eulália, mas Eulália ficou com prevenção contra Gregório. "Casamento é coisa importante demais para um doido inexperiente como você meter o bedelho onde não é chamado, seu sem-vergonha." A Eulália levou seis séculos para perdoar o Gregório. No final, se tornaram amigos. Antes disso, quando Carlinhos e Eulália ainda eram vivos. Haroldo e Lúcio resolveram adotar novamente. Haroldo era contra, mas Lúcio insistiu. Ele sabia da história de Heron, mas tinha certeza que ele saberia escolher uma criança boa e pura só de olhar.

— Lúcio, vai por mim, isso é loteria, ninguém sabe quem vai prestar e quem não.

Haroldo e Lídia queriam ajudar a escolher a criança, pois o Divino Espírito Santo sabia quais bebês davam os sinais de que seriam bons. A mulher da adoção já conhecia Haroldo e levantou

o maior número possível de obstáculos contra a adoção, mas foi vencida pelo currículo impecável dos dois. Então, foram escolher a criança. Lúcio se encantou por um bebê que não agradava nem a Gregório nem ao Divino Espírito Santo. Por mais que ele insistisse com Haroldo, este não concordou em levar aquela criança, pois temia passar tudo de novo e já estava velho. Demoraram-se alguns dias discutindo até que escolheram um bebê negro, que tinha a aprovação de Gregório. Batizaram-no de Gregório Batista Neto. Por causa dos tempos de colégio, ficou conhecido como Batista. Seus pais, quando queriam ralar com ele, especialmente o Haroldo, o chamavam de Gregório Batista. Lídia participou o mais que pode da criação do neto. Procurou ajudá-lo a aprender a enxergar, a ouvir, a andar. Batista foi um bebê brincalhão, estava sempre rindo de tudo. Adorava seus pais e não teve que enfrentar o preconceito dos primeiros tempos da adoção de crianças por casais *gays*.

Nas igrejas, uma grande novidade. As estátuas seriam substituídas por robôs, que obedeceriam diretamente aos santos, graças à extrema sensibilidade que a tecnologia desenvolveu. Os santos, então, escreveram encíclicas conciliares, que comemoravam a comunhão eucarística como elo de ligação ao mesmo tempo que meta principal da igreja. Com mais algumas décadas, os robôs sacros, além de compor textos, passaram a atuar diretamente na sociedade. Adivinhavam crimes e prendiam os bandidos em flagrante, mas, principalmente,

evangelizavam os mais necessitados, reduzindo significativamente o número de punidos por Deus, que eram reconduzidos ao caminho do bem com alertas e informações. Não chegava a ser a solução definitiva, mas cada vez menos as pessoas tinham a desculpa de dizer que Deus lhes faltara, pois o Filho estava lá, de corpo presente. Se não em carne e osso, em aço e óleo de lubrificação. Gregório era louco para pilotar um desses robôs, mas os robôs era poucos, menos de um por igreja, e os santos decidiram que os mais velhos tinham prioridade, pois saberiam servir melhor a comunidade. Os robôs não só policiavam, mas davam aulas de todos os assuntos em todos os graus de complexidade e com os mais variados métodos. De repente, as igrejas e as universidades passaram a ter os mesmíssimos interesses, uma vez que ficou cientificamente provada a existência da vida após a morte. Grandes cientistas da história foram chamados pelos centros educacionais para continuar colaborando na busca do conhecimento. Descobriu-se que muitos deles não existiam mais. A teoria do *Big Bang* foi abandonada pela do espaço infinito. Os computadores das universidades estavam abertos a colaborações de almas do outro mundo, e não poucos nomes famosos assinaram contribuições, acelerando a evolução. Nas outras áreas do conhecimento humano, a coisa se deu de forma semelhante, ficando bem claro quem ainda estava lá e quem tinha ido para o desmanche. Houve quem duvidasse da

veracidade dessa informação. Quando descobriu-se que um determinado grande cientista não existia mais, um importante catedrático de *Harvard* fez publicar um artigo desafiando a igreja a provar a identidade das almas que operavam os robôs. Sim, pois sabia-se com certeza que não eram operados os robôs por aparelhos de controle remoto, mas... quem seriam as almas que comandavam os robôs? A tecnologia da época só era capaz de fornecer o serviço, não de identificar o servidor. Demorou mais de um século para se desenvolver um método de identificação luminosa das almas. Ainda por cima, só dava 100% de certeza para quem tivesse morrido depois da invenção do tal método de identificação. Portanto, depois da publicação do artigo do doutor de *Harvard*, o Papa teve que emitir uma encíclica, afirmando a inequívoca confiabilidade das almas do outro mundo, pois não havia entre elas assassinos e nem ninguém que tenha danado seu semelhante durante a vida. Além de tudo, Jesus sabe tudo e conhece tudo e, se, de toda parte, Ele dizia que aquele cientista não estava mais no universo, isso era verdade. Mas não era isso que norteava a ação dos robôs das igrejas. Sua primeira preocupação, quando ainda era tudo muito novo nessa área, era salvar almas. Essa seria uma tarefa de proporções praticamente infinitas, já que a humanidade estava se espalhando pelo espaço. Sempre haveria oportunidade para o rancor e a tolice.

Quem mais combatia a ação dos robôs eram as pessoas penadas por Deus. Diziam que sua ação não representava o consenso de suas respectivas épocas, pois muitos que deram contribuições importantes tinham ido para o desmanche.

Até se comunizarem os robôs, levou uns cinquenta anos. Quando eles começaram a surgir, Batista tinha ainda era criança. No começo, eram apenas um terminal de computador que ficava ao lado da estátua e apareciam dizeres, concomitantes a uma voz eletrônica. Depois, foram construídos com aparência humanóide. Ainda não era a ressurreição da carne, mas já era a segunda vinda do Cristo. Graças aos terminais de computador, as pessoas podiam ter certeza absoluta do que diziam os seus mortos, se é que eles ainda estavam lá. Conversando com seu avô, na igreja Sagrado Coração de Jesus, Batista soube do que havia acontecido com Heron, que tivera a mesma oportunidade que ele e desperdiçara. Batista sentia na pele o preconceito, que não desapareceu quando se organizou o governo mundial. Essa era a principal luta dos santos, mas os robôs dos santos não iam para a guerra, eram contrários a todo tipo de solução bélica e só apareciam nos locais de conflito para negociar o armistício. Eles não escolhiam lado e não sugeriam soluções, mas procuravam desmistificar o valor dos locais santos originários das religiões monoteístas. Tinham um

lema: "O importante é a igreja que está no seu coração."

Com o fim do petróleo, as energias solar, elétrica, eólica e do gás metano se tornaram as mais importantes. A igreja consentiu no controle de natalidade, pois acabara a pujança energética, mas muitas facilidades haviam sido inventadas graças a ela. Assim, nasceria muita mais gente do que o sistema poderia comportar, numa proporção que poderia causar o colapso definitivo. Os robôs da igreja, para dar o bom exemplo, era movidos a energia solar e tinham pouca força. Os exércitos que se digladiavam no Oriente Médio eram movidos a gás liqüefeito, o que lhes dava imensa energia. Os palestinos lutavam com meros tanques. Enquanto isso, os robôs do além túmulo costumavam seu próprio acordo de paz, para dar o exemplo às autoridades. Falecidos que foram governantes no Oriente Médio foram convidados a dar sua opinião sobre o conflito, e constatou-se que muitos deles não existiam mais. Os que existiam se manifestaram a favor de um acordo. O General Omoriel Zing e o comandante Ali Ben Ali tiveram que aceitar um cessar fogo imposto pelos ancestrais ilustres. Foi criado o estado palestino e em poucas décadas os dois países passaram a manter estreita relação comercial, sendo Israel uma nação abastada e a Palestina um país pobre que andava sempre de pires na mão para manter sua população alimentada e abrigada.

Os robôs de igreja se reuniam uma vez por década em Roma, para tratar de assuntos religiosos. Em 2123, ficou decidido que os robôs poderiam eles mesmos officiar a Santa Missa. Assim, cada igreja tinha dois párocos. Um de carne e osso e outro de liga de metal. Havia os que preferissem os sermões eruditos e outros que fugissem da voz com um timbre metálico.

Essa era a época do neto de Batista. Este estava velho à época, mas os médicos disseram que em ótima saúde. O ser humano havia passado a viver mais. De fato, era comum gente morrendo com mais de 130 anos.

Mesmo com toda a evolução tecnológica, com o salvamento de almas, ainda havia gente punida por Deus. Esse era o caso do tetraneto de Batista. Ele havia atropelado um homem que estava limpando os vidros do décimo andar de um edifício. Seu nome era Robério e ainda assim gostava da vida. Sabia que quem se comporta bem tem mais um pouco de tempo para viver e conhecer o outro mundo. Tinha um filho malgalado, o que naquela época já era incomum, mas não chegava a ser raro. Separou-se da esposa e saiu pela vida, possuindo as "canguetes" perfumosas que foram com o seu bico. Não ia à igreja, apesar de ter sido aconselhado. Preferia tomar umas pílulas de sorriso, coisa que, se ele fizesse há mais tempo, não teria tido um filho malgalado. Porque o álcool e o tabaco não eram proibidos, mas viraram algo privado, como a prostituição. Robério fazia parte da minoria dos punidos por Deus do princípio do

Século XXII. Aquele foi um século de ouro, pois o homem havia conquistado a hegemonia planetária e igualitária e ainda não havia ido muito longe no espaço. Durante algumas décadas do período, todo o tipo de drogas foi proibido. Pode-se dizer que foi um momento único em que toda a humanidade se tornou uma ilha. Nos séculos seguintes, voltou a acontecer gravame em profusão. Mas o fato é que Robério estava praticamente só na sua culpa. Tudo ao seu redor recendia a inocência, até a arquitetura que o cercava. Se não fossem as facilidades de comunicação, quase não teria companheiros de infortúnio. Gregório simpatizava com Robério, invejava um pouco seu filho, por ter um pai camarada, mas tinha que admitir que ser filho de despeitado é melhor que ser um malgalado filho do cangado de bem. O filho de Robério se chamava Sinc, um nome da moda no século XXII. Sua mãe havia suicidado. Por vinte anos, Robério teve a companhia de Fábria. Naquela época, as igrejas tinham fileiras de videofones para entrar em contato com o outro mundo. E assim, Fábria participou da criação de Sinc. Participou, mas não muito e a contragosto. Ela queria desaparecer logo, pois não suportava a tristeza. Sinc era um bom menino e viveu eternamente, mas não conseguiu perdoar seu pai de todo. Ainda por cima, Robério e Fábria eram bem-galados. A história deles foi parar nos jornais, foi um escândalo. Naquela época, malgalar era notícia como atropelamento, e Robério conseguira fazer as duas coisas.

Portanto, ele era estigmatizado e não podia contar nem com a esposa para criar Sinc. Felizmente, Sinc era bom, ou o inferno de Robério seria terrível. Lídia resolveu ajudar na criação de Sinc. Conseguiu mandar uma mensagem para Robério, informando que era sua antepassada, e estava disposta a fazer o serviço que Fábria rejeitava. Não poderia oferecer o corpo, mas comandaria a casa eletrônica de Robério e daria uma formação a Sinc. Por isso Sinc cresceu num modelo muito antiquado. Não que Lídia obrigasse o menino a ser como ela, mas seu exemplo influenciou muito, e positivamente, o pequeno Sinc.

Robério comprou um robô para ser comandado por Lídia. Era pequeno, tinha meio metro, mas lavava, passava e cozinhava. Sinc cresceu tendo Lídia por mãe. Ele detestava mais a Fábria, que fugiu para a inexistência, do que a Robério, que ficou no mundo para lhe dar sustento.

Sim, porque apesar da luta dos robôs da igreja por uma distribuição justa da renda, o sistema ainda era o capitalismo no século XXII. Graças à caridade, ninguém mais morria de fome, mas sempre havia uns com mais e outros com menos. Os que tinham alguma doença crônica formaram uma comunidade atuante de encostados, mas os mais capacitados continuavam usufruindo o melhor da vida. E o submundo era movido a drogas, como sempre, mas numa escala, felizmente, reduzidíssima. E não era só a pílula do sorriso, que não causava

efeitos colaterais, mas também o álcool, o cigarro e até maconha e cocaína, um escândalo a céu aberto que se perpetuava, se bem que cada vez com menos vítimas. Já os acidentes veiculares se tornaram cada vez mais espetaculares, principalmente depois da invenção dos veículos flutuadores, espécie de dirigível em miniatura, turbinado. Foi com um desses que Robério atropelou o limpador de janelas. Naquela época, Sinc tinha cinco anos e Fábria tinha acabado de se suicidar. Depois de se entender com a polícia e a medicina, Robério arrumou um emprego de revisor de programas digitais. Ele corrigia as falhas deixadas pelos programadores em lançamentos de esferóides, que poderiam ser de música, cinema, multimídia ou tudo isso junto, até mesmo a clássica Enciclopédia Britânica, que era oficialmente fabricada em *Hong Kong* e vinha com o carimbo do rei da Inglaterra, que continuava monárquica. Segundo Gregório, este era o melhor esferóide de consulta. Ele adorava ler sem o peso do corpo. Estar morto não é só perda. Não é mais preciso carregar um corpo velho e cansado, está-se sempre jovial. Ainda assim, a fila para operar um robô tinha bilhões de candidatos. Lídia era uma miliardária, graças a problemas de família, e Gregório tirava uma casquinha dos predicados da sua esposa. Sua diversão favorita era ler livros de papel, que viraram como que jóias, mas não tão caros. Ainda assim, mais caros que os livros eletrônicos. Um excelente presente de aniversário ou para pretendentes. O Século XXII assistiu também o

primeiro governo mundial de uma mulher, foi o décimo sétimo governo mundial. Chamava-se Sarah Nostern e teve um papel pioneiro na mudança de sistema para o comunismo democrático, o que estava se tornando possível porque, devido à sofisticação da tecnologia, era preciso cada vez menos gente para alimentar todo o sistema. Nostern ficou conhecida como a padroeira dos vadios, porque, nos seus 16 anos de mandato (ela foi reeleita uma vez), deu vazão a todos os projetos sociais e abertamente caritativos que apareceram. Acusaram-na de ser conivente com a corrupção, mas isso não era verdade, ainda que sua política fosse um pouco frágil nesse ponto. Seu lema era "Só se nasce uma vez para o universo." Sarah Nostern é uma imortal e está para sempre conosco. Tem o privilégio de ter seu próprio robô vitalício, o que é garantido a todos os presidentes mundiais.

Entretanto, naquele princípio de século, em 2123, quando Lídia cuidava de Sinc e Nostern não era sequer um nome conhecido, Gregório pensou que a punição divina fosse mesmo acabar, ou pelo menos se reduzir drasticamente. Não supunha que fosse acontecer o que realmente aconteceu. Quando a tecnologia espacial se comunizou, a fronteira do vácuo virou um faroeste, com mineiros, pistoleiros e mocinhos e bandidos. Nada em comum com a calmaria do século XXII, que parecia uma pacata cidade do Leste, onde até a feitiçaria tinha sido plenamente dominada pela ciência, que havia comprovado o poder da imposição de mãos, o

poder das orações e também a magia dos quadros pintados, tudo isso podendo ser usado para o bem ou para o mal, dependendo de quem dona. O século XXII não foi o paraíso, a não ser que o comparemos com o século XX e começo do século XXI. Pois é, Robério vivia no paraíso terrestre, o único que pode-se dizer que houve, um breve momento da evolução, tinha perdido a imortalidade da alma, e ainda assim era bom e amigável. Não era o ser mais caridoso do mundo, muito pelo contrário, era cheio de queixas contra a injustiça. Ainda assim, Gregório sabia que ele era melhor pai que fora Estefano. Lídia ouvia os pensamentos de Gregório e dizia: "Esqueça aquela peça que nem existe mais ou não te empresto o robô para brincar com o Sinc. Você é um bem-galado, isso é a felicidade eterna. O seu corpo ainda dói? Então?, porque reclamar? O que passou, passou." A Lídia dizia e passava as prerrogativas do robô para Gregório, para que ele serenasse sua desilusão. A Lídia achava que o Gregório reclamava de barriga cheia, pois, quando chegasse o dia da reencarnação da carne, teria um corpo humano após o outro, reencarnando em perfeita saúde cada vez com uma mãe mais bonita que a outra e, graças à evolução da medicina, foram superados os problemas da consangüinidade. Seria o dia da redenção de todos os malgalados, que reencarnariam num corpo são e viriam de fato ao Reino de Deus.

Mas o dia da reencarnação não vinha, pois todo corpo que se criava já vinha com uma alma

nova. Os laboratórios de experimentos criaram seres rocambolescos que, se eram bons, viveriam para sempre. Felizmente não foi permitida a experiência com seres humanos, o que chegou a ser aventado por um cientista conceituado do século LIII que desapareceu do Universo poucas décadas depois.

Nessa época, Gregório tinha seu próprio robô. No ano de 5252, fora encarregado de invadir uma nave de piratas de rins e salvar as crianças, fetos e embriões que eles transportavam ilegalmente. Era preciso mandar os criminosos para o diabo sem ferir as vítimas. A operação foi quase um sucesso, pois um pacote de embriões fecundados se perdeu no espaço e morreu. Os embriões fecundados levaram séculos para perdoar Gregório. Eram embriões bem-galados, mas não chegaram a se desenvolver e nem nunca chegariam. Mas de 2123 a 5252 vai um longo tempo e muita coisa aconteceu nesse período. Esse que vos manda esta mensagem de aviso de volta no tempo não conhece além daí. Por motivos que os homens do começo do século XXI não entenderiam, não posso revelar mais detalhes para vocês do meu próprio futuro, isso causaria um cataclismo cósmico. Não sei se seria o fim do Universo, mas com certeza seria o meu fim como ser humano.

Voltemos a Lídia cuidando de Sinc. Aquilo para ela era um alívio, pois, se é bom ser uma alma imortal, é melhor ser gente encarnada, e isso só acontece uma vez. Dar mamadeira não é a mesma coisa que amamentar, mas satisfaz,

ainda que não totalmente. Com mais algum tempo, em 2563, inventaram os tecidos sintéticos, totalmente livres de alma nova. Não se comparava a um corpo natural, mas foi uma fila de milhares de anos para reencarnar. Como a oferta era muito menor que a demanda, um corpo sintético custava os olhos da cara, e como tinha gente querendo ver. Houve um pouco de decepção, pois gente que queria encarnar nos olhos, por motivos técnicos, teve que encarnar nos ouvidos. Não era a mesma coisa, mas, enfim, era a bem-galacão. Sintética, mas de bem. Com o passar do tempo, os técnicos conseguiram apurar a capacidade de gozo dos corpos sintéticos. Não se pode dizer se era melhor ou pior do que a do corpo natural. Pois, se era um gozo filtrado, não implicava em nenhuma dor. Seja como for, um cérebro sintético era muito melhor que viver numa coluna vertebral, num cerebelo, num coração ou num sistema nervoso simpático. Por incrível que pareça, muita gente não se animou a reencarnar e nem operar robôs, pois isso obrigaria a enfrentar a injustiça uma segunda vez. Se ao menos pudessem voltar num corpo humano, diziam, mas, para eles, a reencarnação da carne se provou a suprema injustiça. Chegavam mesmo a dizer que a vilanização e decaimento de bilhões de seres ao longo da história era como um carma insuperável. Eles tinham profunda pena dos punidos por Deus por terem danado seu semelhante. Se consolavam na perfeição de Deus Pai e não queriam sair de lá. Certa vez, Gregório, pilotando

o seu robô de resgate, conversou com um desses desiludidos e perguntou diretamente sobre a questão. O sujeito não se fez de rogado e respondeu: "Se eu voltasse ao material, eu teria que lutar contra a injustiça. Acontece que ser bom é a mais profunda riqueza, é nosso dever e nossa salvação. Você encara o dever, eu lamento a salvação. Não digo que a vingança esteja errada, o que digo é que quem vai punido é triste, foi ignorante e normalmente não foi recebido com sorrisos no mundo. Será que teria o mesmo fim com um bom pai e uma boa mãe?"

— Essa pergunta não tem resposta — objetou Gregório — Eu já pensei que o mal da humanidade tivesse cura, foi há séculos, não caio mais nessa. E quanto ao vilão, ele é um homem tão bom como outro qualquer. Eu sei que ele fez o que fez por ignorância, mas a rebeldia é o escracho, o abandono da espécie, o desprezo por dramas iguais ao dele mesmo. — O conhecido de Gregório ainda tinha o que dizer: "Eu sei que essa pergunta não tem resposta, mas essa pergunta é. Por isso não quero voltar ao mundo, ser um robô com partes em tecido sintético e cobrir uma fêmea. Para mim, não paga a tristeza de ter a obrigação de ferir meu semelhante pelo bem comum. Fico com Deus."

— Eu acho o seguinte: — disse Gregório, conciliador — é preciso gente experiente dos dois lados da vida. Na verdade, eu só estive realmente vivo uma vez, voltei a agir no mundo, mas, no fundo, permaneço morto. Acho que o Reino de Deus propriamente dito também tem

assuntos que precisam de um ser humano estudado. E muito do que faço pelo mundo é como alma, não como robô. Te entendo, mas não concor-

“Que seja, mas não esqueça que eu também sou bom, realmente bom, fui testado no cadinho e no crisol antes de você, e não estou satisfeito com o fim da vilania. Isso só me deixa menos triste, não quero um corpo para estremecer pela humanidade. Cristo foi para o Pai por livre e espontânea vontade. Isso foi muita coragem.” Aquela conversa não teria fim, se os dois interlocutores não esgotassem seus argumentos. Mas tudo se resume a vítima, refém, vilão e resgate, em infinitas variações. Gregório deu tchau ao seu amigo Diógenes e foi à luta. Além de policiar o espaço, que era o seu *hobby*, ele continuava agente de turismo, que era do que vivia, se é que se pode dizer assim. Já a Lídia continuava uma agente imobiliária, mas desenvolveu no *pós-mortem* o *hobby* de fabricar estátuas. No século LIII, as pessoas davam um valor renovado às estátuas, por intermédio das quais entravam em contato com o Pai, pois os robôs estavam muito humanizados, banalizados e mundanos, era difícil renovar a fé sem a ajuda do invisível e, no século LIII, todo mundo via alma do outro mundo, com a exceção de incrédulos mais renitentes. Lídia também pagava o seu robô com uma creche para crianças novas. Pois era preciso distinguir entre as crianças novas e as eternas crianças. Sua creche se chamava “O Novatinho Garboso.” No seu curso para crianças

de cinco anos ou mais se ensinava tudo sobre a vida eterna e o decaimento. Mesmo assim, vez por outra um ex-aluno ou ex-aluna cangava, decaía, se tornava um energúmeno ou uma energúmena. O povo da época atribuía o fenômeno ao mal do vácuo. De fato, a vida nos planetas era muito mais cativante. Era impensável que uma pessoa se vilanizasse num planeta, nem ao menos havia um trabalho sistemático de acolhimento para gente que decaí nos planetas, onde a vida é maravilhosa. Já os que decaíam no espaço eram vistos com piedade, especialmente os raríssimos malgalados da época, que, de tão raros, se tornaram mercadoria preciosa, quando eram bons, por seus poderes especiais, que faltavam aos bemgalados. Não que fosse essencial uma qualidade. Aliás, essa história de se achar necessário é o drama da humanidade. Mas o fato é que se aproveita tudo o que há de bom. E o que é ruim se joga no incinerador. Mesmo quando há algum desperdício do que há de bom, o que, com a ampliação do território, passou a acontecer cada vez mais, em números absolutos, os séculos infinitos se encarregavam de resgatar a sinceridade de todos os sorrisos. Realmente, no século LIII, havia mais malgalados que no século XXII, mas eles eram um percentual muito menor do total da população. Naquele tempo, para se atravessar todo o território humano a velocidades próximas à da luz, eram precisas duas ou três gerações de seres humanos, que viviam na casa de uns mil anos ao todo, cada espécime.

Isso sem falar nas naves batedoras, como a de Haroldinho. Enquanto isso, se passavam incontáveis gerações nos planetas, quase estacionários. Este que vos fala não galgou velocidades tão fenomenais e permanece no ano 5252, resgatando rins e cobrindo uma fêmea de tecido sintético. Mas imagine você, leitor ou leitora, a quem me dirijo no princípio do século XXI, num mundo cheio de guerras, o que seria uma nave dessas chegar a algum dos planetas do nosso gigantesco território. Será ou terá sido, não sei bem o que diga, agora que o homem domina até a cronologia, como se uma nave de australopitecos chegasse à terra. Seria um pandemônio. Pois, para nós, essa perspectiva é natural. Da mesma forma que nós enviamos uma nave para o outro lado do território, está prometido que eles farão o mesmo ao alcançarem um bom planeta. Portanto, nós aguardamos visitas de seres muito diferentes de nós mesmos daqui a alguns milhões de anos. Talvez nem ao menos guardem semelhanças reprodutivas conosco, mas são seres humanos. Da minha parte, estou esperando-os de braços abertos, mas tem gente que fala em tradição, em proteger territórios, em "não se sabe o que vem aí." Portanto, é preciso não só combater o crime como manter a paz. Nossos líderes imortais falam de ideais possíveis, mas os insatisfeitos, sobre os quais já referi explicitamente em várias épocas da história, se perguntam se vão restar semelhanças reprodutivas, o que seria essencial para um acordo aceitável. Portanto, no ano de

5252 nós oramos a Deus pedindo por favor para que as condições fenotípicas do espaço sideral sejam as mesmas em todo Ele.

Voltando ao pequeno Sinc. Aos cinco anos, ele perdeu a mãe e assistiu a seu pai se tornar um criminoso. Aliás, ele já era, mas atropelou, isso é vulgar, e Sinc viveu essa experiência já quase se entendendo por gente. Nesse período, ele sofreu uma grande tentação para se vilanizar, uma força que excedia até mesmo a sua, que era muita para uma criança de cinco anos. Sofreu e achou a maldade distorcida, deturpada, oca, inconsistente e fracassada. Na época, ele não entendeu o que era, apenas não se identificou com aquela emoção. Só aos oito anos, quando Lídia começou a criá-lo, dando-lhe dicas sinceras, mas veladas, pois ela temia que o menino se revoltasse contra o pai, que não estava mais criando problema algum além das duas presepadadas, foi que ele entendeu as dimensões do desafio proposto por Deus. Por isso Gregório o invejava tanto, porque ele foi criança em presença do Senhor, enquanto ele mesmo, Gregório, sofrera na ausência do conhecimento, como era o desejo de Estefano. Lídia também era uma ex-atéia, pois Susana tinha vergonha de dizer a verdade, queria que Lídia descobrisse só, como já foi dito, mas a tonta confundiu Deus com amor. Ainda assim, era uma riqueza acima da de Gregório, que confundiu Deus com civilidade. Como a civilidade é flegmática, Gregório amargou todo o corolário emotivo de decaídos que querem tirar uma casquinha "dessa sacanagem

que fica tentando expulsar todo mundo da existência, como se tivéssemos a obrigação de passar por provações de sofrimento para sermos felizes.” Em suma, o despeito considera a si mesmo inaceitável como possibilidade fenomínica. O universo deveria ser pleno prazer, com filtros para dor, como um tecido sintético. Gregório, por sua confusão original de Deus com a civilidade, era um tanto insensível ao mais profundo drama humano. Por isso, discordava tanto de Diógenes. Por isso, estremeceu tanto quando lembrava do pacote de embriões que se perdeu no espaço. Vulgarizar, banalizar nunca lhe pareceu o mesmo que tornar aceitável, mas os outros talvez ouvissem primeiro a um outro, que não era Gregório e nem Diógenes, mas o Senhor Jesus, que fazia o que é certo e calaria quanto ao que é errado, pois amanhã é outro dia e ele preguiça por ter que enfrentar todos os dias que virão a haver.

Desde o século XX até o século LIII, Gregório e Lídia viveram juntos, se não de corpo presente, pelo menos em espírito. Quando se conheceram, achavam que moravam longe um do outro, pois suas casas ficavam de lados opostos da cidade. Antes de descobrirem Deus, achavam que jamais iriam conhecer o espaço sideral, de modo algum. Conheceram, já mortos, mas conheceram. Demoraram-se a embarcar numa nave colonizadora do espaço, porque Gregório tinha um medo instintivo de abandonar o planeta. A Lídia dizia: “Mas você, um agente de turismo, com medo de viajar? Até parece

criança.” “Sou criança”, respondia Gregório. Nessa época, ele ainda não conhecia Diógenes, mas já o entendia. No fundo, é o medo que nos move e quem tem medo é criança. O Gregório entendia muito bem que o cangamento é uma criancice, os planos maquiavélicos vêm depois que Deus puniu o ser. Gregório tinha pena do seu pai, por isso reclamava da Lídia proteger tanto o Haroldo do Estefano, pois este era só uma criança.

— Você se resignou a perder tempo de vida, isto não está certo. — disse Lídia certa vez no século XXI, quando Haroldo era uma criança pequena. Em 2123, Lídia e Gregório não estavam com Haroldo. Este, assim que morreu, embarcou para o espaço, animado com a aventura e cheio de esperanças de que uma proximidade física da humanidade com o Senhor em maior escala trouxesse o tempo bom para a infância dali para diante. Lídia quase abandonou Gregório para rumar com Haroldo. Só não o fez porque este prometeu que voltava em no máximo quinhentos anos. Por todo esse período, Lídia sofreu de saudades e de quando em vez olhava queixosa para Gregório. Este lhe soprava de volta, como quem diz: E eu, que nunca mais vou ver meus pais? Ele soprava, mas não chegava a dizer, com medo de que Lídia tivesse um acesso de raiva. O Gregório se admitia criança e era mesmo um trapalhão. Jesus tentou formá-lo na escola Católica Apostólica Romana, mas o Gregório não tinha jeito para a coisa. Quando era a hora de mentir, o Gregório falava a verdade.

Quando era a hora de assumir a obrigação, ele pelo menos se demorava e muitas vezes não fazia o que era pedido. Mesmo assim, ele se dizia uma alma católica. Era um auto-intitulado temente cioso das coisas da igreja, mas não tão coeso assim. Além de tudo, descreu de Deus por grande parte da sua vida corpórea. Quando lhe diziam isso como uma crítica, ele citava as escrituras: “por pouco tempo me verão, por mais um pouco não me verão e então novamente me verão.” Pois é, e isso continua sendo verdade no ano de 5252, muitos jovens não acreditam que os robôs sejam operados por almas, dizem que são CPUs e que a alma imortal é uma lenda do tempo em que o ser humano estava confinado no planeta original. Essa besteira de alma imortal só podia ser idéia de alguém que vivia num mundo muito rudimentar e, com o faroeste da fronteira sem fim, aplicam essa esparrela para controlar os ânimos em geral. Seria uma demagogia para evitar que os insatisfeitos dinamitassem as galáxias. O Gregório conheceu um garoto de 15 anos que pensava assim. Dizia o rapaz: — Eu converso com você porque os computadores têm muito a nos ensinar e a moral nos ensina a preservar os objetos, mas, se é que você acredita mesmo em alma imortal pilotando robô, está precisando ser formatado e reprogramado.

“Homem bom é informatável”, respondia Gregório, mas o garoto descreu por mais 17 anos. Ele perdeu um tempo precioso dos 886 anos da sua vida corpórea. Mas, voltando à

questão anterior, antes que minha companheira aqui no ano 5252 me mate, vou contar a história do Haroldo. Ele não voltou nem em quinhentos nem em mil anos. Continuou desbravando o Espaço em busca da salvação definitiva de toda a humanidade. Toda semana chegam notícias dele, com séculos de demora, mas ainda assim são um consolo para Lídia. Por falar nisso, Rutinéia, depois que os robôs com almas do outro mundo tiveram a oportunidade de estudar, formou-se em psicoterapia e hoje tem uma clínica a 210 anos luz daqui da nossa nave-mãe. Aos poucos, estamos nos afastando dela. Vocês leitores do século XXI talvez se espantem de vivermos no meio do espaço. Vivemos da coleta de meteoritos, o que remenda nossas naves e nos alimenta. Quanto ao fato desta mensagem ter chegado em mãos do ilustre escritor Túlio Moreira, se deve ao fato de eu ter lido seu livro, as "Histórias do Mau Exemplo", e achar que a minha contribuição poderia interessá-lo para uma outra publicação. Alguns podem pensar que o senhor Moreira é um vagabundo sortudo que vive mais às custas da produção de outros escritores do que dele mesmo. Para mim é uma chance de ser publicado numa época que vai achar minhas linhas interessantes, pois isto que vos envio não passam de obviedades do jardim da infância no ano de 5252. Além do mais, é de se registrar o esforço do senhor Moreira em escrever introduções. Se não publico em meu próprio nome essa mensagem que envio ao passado é porque em vida eu não fui escritor,

mas agente de turismo. Sei que é difícil entender porque não enviei para mim, mas me acreditem, já é muita coisa ter conseguido contatar um escritor (...) nas curvas das coincidências do Divino Espírito Santo. Se eu não aceitasse a oportunidade, talvez jamais fosse publicado. Uma coisa é certa. Eu não compreí esse livro quando vivo. Senão, me lembraria. Ou não?

Mas Lídia insiste para que eu detalhe os esforços de meu filho para salvar a humanidade. Eu diria que o louquinho acha que há uma forma de purificar a geração da alma. Confesso que não entendo bem os significados excessivamente simbólicos do que ele chama de evolução. Admito que de fato a comunhão funciona como um milagre benéfico, mas uma coxinha de galinha é uma coxinha de galinha. Minto, sei que é mais que isso, mas também é só isso. Nós que nos espantamos como "só" é tanto. Como "só" é muito. De formas que dou boa sorte ao meu filho querido na salvação de toda a humanidade e continuarei como agente de turismo, além dos *hobbies* de combater traficantes de rins e pintar. Se bem que a pintura tenho deixado de lado, por falta de um robô dedicado à tarefa. O Haroldo acha que é possível uma massa crítica em referência a um território infinito. Pelo menos uma massa crítica do grupo em relação a cada indivíduo, para o que, pelo que entendo, ele conta com a ajuda do território. Pois eu digo que a diferença entre a presença de Deus e a do homem, por mais que a humanidade se expanda,

será sempre infinita, impedindo uma mudança qualitativa. Houve quem pensasse em abandonar o modelo sexuado de procriação, uma hipótese em si incongruente, não sei ao certo se queriam dizer hermafrodita ou se nos duplicariam como clones ou bactérias. Seja como for, está constatado que todo corpo novo vem com uma alma nova. Mas não era esse o ponto, quiseram por a culpa na sexualidade pelo mal que habita o Universo, dando à consciência um *status* de pureza original, que seria conspurcada quando voltamos nossos olhos para o meio das pernas. Essa é uma temática sofisticada, pois o homem não pode, digo, não deve ser dividido em partes para se avaliar sua conduta. Do contrário, estaríamos concedendo com o mal. Estamos vivos na unidade do Divino Espírito Santo, e não num universo dividido em planetas, sóis e espaço vazio. Tudo é um só. Assim, cada homem é um todo, ainda que lhe falte uma parte que normalmente estaria lá. O que resta é um todo. E, de todo modo, não concordo que o mal seja exterior. O mal está no âmago e cabe a cada um de nós vigiar com responsabilidade essa pulsão que é comum a toda gente. Não acredito que um ditador nasça com vontade de dominar o Universo. O gosto pela coisa, ele adquire com a experiência, com os estímulos pavlovianos, ainda que as condições não sejam laboratoriais, a experiência é quase irracional. Estou rodeando um segredo de polichinelo e eis que este é a infinita liberdade interior do homem. Não a liberdade de mover o seu corpo, mas a de

pensar, a de achar-se no direito. Em suma, como o anjo de Deus Pai disse a Lúdia e Gregório, apontando suas partes: a liberdade de se achar necessário. Mas a Lúdia pede que eu diga que estava tudo bem com o Haroldinho a séculos atrás e que esta é a última notícia que temos dele. Diga de novo, ela me pede, e sorri com o seu rosto sintético.

Por mais que não sejamos mais encarnados, ela continua cativante. Aquilo que chamamos de simpatia, em distinção à beleza, depois que morremos rivaliza com a formosura das flores. Entre outros motivos porque a expressividade não deixa mais marcas é porque a beleza e a utilidade estão mais unidas do que antes. Quanto ao argumento de que a cabeça é um ser e a genitália, outro, isso é um mero corte didático, que perde sua consistência no Reino de Deus. É o corpo quem distingue o intelecto do prazer. A alma, não, ela goza o estudo e calcula o orgasmo. Mas a comunhão dos Santos demonstra a coesão do projeto de Deus, mesmo a distinção acima sendo mesmo possível de ser feita após a morte. Ainda assim, essa é uma temática atual no século LIII. Primeiro, porque os que ainda estão em seus corpos naturais querem viver, trabalhar, gozar, realizar. Em segundo lugar, porque os mortos estão presentes fisicamente, como robôs com partes de tecidos sintéticos. Existem os mais variados modelos de robôs. Uns voltados para o combate, outros voltados para o sexo. Muita gente tem robôs como quem tem vestidos, um para cada ocasião.

Robôs para dançar e ouvir música, robôs para escrever e ler. Robôs para viajar. Robôs para lutar. Robôs para copular. Robôs para o teatro, para a medicina, para tudo o que se possa fazer quando somos encarnados. O Gregório tem um de luta e outro para cópula. A Lídia tem três, um robô babá, um robô escultor e um robô de cópula. Já tentaram fazer o robô multi-uso, mas não funcionou tão bem quanto especializar as funções. Eles estão no mercado, mas não são lá um grande sucesso de vendas.

A Lídia me pede que fale de Carlinhos, Eulália e, claro, Lindomar e Roquete. Carlinhos e Eulália estão bem ou, pelo menos, estavam bem, ainda que não estejam mais juntos. Isso foi a cerca de um século meio, data da última mensagem. Se bem que o tempo está cada vez mais relativo. Se conta pela translação do planeta original, mas o tempo passa diferente em cada região do Universo, às vezes mais depressa, às vezes mais devagar. Assim, temo que tenhamos perdido a noção do tempo original, que parecia um só para toda a humanidade. Creio eu que é essa mesma imprecisão na passagem do tempo que me permite enviar essa mensagem ao passado. Me lembro bem de como demorou até eu ver-me livre do meu pai, o velho Estefano. Agora me parece ter sido um curto período de tempo. O velho Estefano dizia que o tempo passa devagar para as crianças e rápido para os adultos. A Ciência em 5252 não tem respostas satisfatórias. Já se dá o salto temporal graças a grandes velocidades, mas a relação do tempo

com as distâncias ainda é confusa. Sim, porque, quando muito longe, as pessoas podem se encontrar em momentos diferentes do tempo sem o concurso de naves. Então, o tempo que levaria para um chegar ao outro, digamos assim, pessoalmente, mesmo que não de corpo presente, seria algo muito relativo, que depende das condições do Universo. Isso ainda está sendo estudado atualmente e é chamada de última esperança de ressurreição da carne. Mas, quanto ao Lindomar e a Roquete, não estão mais juntos, a última notícia que tenho deles é tão antiga que nem me lembro. Ah, a Lídia diz que o Lindomar continua maquiando, e a Roquete continua desfilando. Para ela, é um privilégio operar a mais variada gama de robôs nas passarelas. É tão caro ter um robô. Eu mesmo estou querendo comprar um de pintura, pois tenho que me virar com o de cópula para pintar meus quadros. As coisas estão meio difíceis nos últimos tempos, pois os meteoritos andam rareando. O governo já começou a falar em racionamento para desempregados e o movimento dos doentes crônicos, MSS (movimento dos sem saúde) rebateu, dizendo que alma do outro mundo não passa fome e que o governo devia dismantelar os robôs dos mortos para dar melhores condições aos vivos. Para eles, um ser morto andar sobre o soalho metálico dos andares da nave é um privilégio aviltante numa época em que ainda há doentes crônicos.

E essa é uma das grandes derrotas da Ciência dos nossos tempos. As pessoas continuam adoecendo e, no final da vida, morrem. E, quando morrem, é para sempre. Nem ao menos temos garantia de uma saúde perfeita. E acontecem coisas terríveis, como o consumo de drogas deletérias nos infirmos. Não aqui, na nave mãe, isso não é comum, mas em pequenas naves que cercam a base central. Muita gente, quando envelhece, paga para ficar em câmaras criogênicas de dormir o resto da vida, pois não toleram o cansaço, são os chamados preguiçosos de espírito. Já o Gregório tem uma saúde de aço inoxidável, com componentes biônicos, é pau para toda obra, mas vai ter que esperar que os meteoritos voltem em profusão ou que nossa nave rastreie um asteroide, o que seria a grande pujança. Há um projeto de rumar para um planeta habitável, a ser descoberto, mas o governo está sempre economizando combustível, de modo que o nosso deslocamento no espaço é muito lento, pode levar bilhões de anos para encontrarmos um planeta habitável e ainda por cima sem uma raça inteligente para reivindicá-lo. As feras teriam que nos aceitar, mas não um simulacro qualquer de gente, que tivesse códigos e instrumentos. A patuléia diz que um dia a nave explode e até os mortos vão se perder uns dos outros e amargar a solidão no espaço. O Gregório já falou para a Lídia que, nesse dia, os dois se juntam no robô de cópula dela.

O tempo vai passando e a memória já não dá conta de tudo o que passou. Nem todos os que conheci voltam à minha mente nesses mais de três mil anos, mas jamais vou esquecer de como quebrei o braço. Eu estava brincando num brinquedo rudimentar e extremamente perigoso chamado passa-passa, o que seria uma escada em forma de "U" ao contrário fincada no chão, quando lembrei do sorriso do nariz do meu pai, soltei-me dos degraus e caí no chão. O braço ficou doendo muito, pedi a meu pai para me levar ao médico. Ele disse que era coisa pouca, que eu me deitasse um pouco que a dor logo passava. Tive que insistir muito para ser tratado, fiquei com o braço na pala durante um mês. Algum leitor mais recente do que do século XXI, lendo uma republicação, talvez se espante de como era rudimentar a época. Para se ter uma idéia, as pessoas viviam se ferindo sem querer. Os acidentes de transporte eram banais, não davam nem cadeia. Aqui na fronteira espacial tudo é controlado automaticamente por computadores, mas, ainda assim, muitas pessoas terminam punidas por Deus por seus sonhos maldosos que redundam em acidentes no interior do organismo ou em situações de risco. Vez por outra falece mais cedo um velhinho nas câmaras de sonho e a causa? Bem, a causa são a vida de sonhos de criancinhas de até 3 anos de idade. Hoje em dia diz-se que ninguém com quatro anos que não cangou virá ainda a ser punido por Deus. Os sonhos são mais poderosos que a vigilância mecânica das máquinas, mas não

passam despercebidos a Deus que julga a inocência. As vezes, a criança está só se salvando, mas em outros casos é o gosto pelo abuso. Haroldo nos escreve um tanto quanto contrafeito e decepcionado, parece que ele está começando a se convencer que não há outra forma de purificar o ser humano que não seja pela vida e em seguida a morte. Me explicando melhor, a origem conterà sempre alguma impureza que conspurcará a existência. Meu amigo Diógenes não diria do mesmo modo, ele diria: são todos bons e foram vilanizados. Diria que a fonte é pura, o teste é que é excessivamente rigoroso. Eu, que já vivi num planeta enquanto era vivo, o que hoje é um privilégio de uma percentagem ínfima da humanidade, e que agora lido com as agruras do vácuo, me pergunto como seria a situação se um dia a fonte fosse purificada ou o teste se tornasse tolerável por todos. Como ficariam as gerações anteriores. Na verdade, elas não estão mais lá, nem no outro mundo. Mas será que, num mundo em que todos fossem de fato bons, alguém haveria de reivindicar um pedido de desculpas a todos os que desapareceram ao longo dos séculos? Isso no ano 5252 é uma mera suposição, o que nós constatamos é que o mistério existe autonomamente, aos homens e a Deus. E o mistério é a comunhão, o mistério é termos uns aos outros. Isso me faz lembrar da história que o Diógenes me contou sobre a sua vida: nascido de pais punidos por Deus, amargou uma infância triste e desprovida, no século III da

era cristã. Quando chegou a época de se casar, o que era por volta de 15 anos, muito ingênuo, desposou uma mulher punida por Deus. Naquela época, a corja dizia que elas tinham recebido a visita do Divino Espírito Santo. Seja como for, ele teve um lindo filho com essa mulher, a quem criou com todo o amor, ainda que a mãe não fosse cuidadosa nem tampouco amorosa. Diógenes morreu aos 29 anos, quando seu filho tinha 14, e assistiu no outro mundo a vilanização da criatura que ele havia posto no mundo. Foi aí que ele percebeu que o filho não tinha sabido suportar as agruras, que só era bom como um reflexo da educação que recebera. O Diógenes sabe desse viés, mas ele diz sem concordar, e repete sempre: "Mas ele era de fato bom, eu olhei no fundo da sua alma e vi a bondade. Alguma coisa mudou, ele mudou de atitude quando ficou só no mundo." É por isso que o Diógenes acredita que são todos bons. Ele pergunta se todos nós temos que carregar pesos com nossos músculos para termos músculos. De fato, essa é outra pergunta que fica sem resposta, porque nunca acontece mais de uma vez para ninguém, ainda que nos encontremos em momentos diferentes do tempo, a linha temporal de cada um não tem retorno, um paradoxo. O Diógenes assistiu do outro mundo a sua esposa, como direi, desmanchar a bondade que ele havia plantado no menino. Digo assim pelo motivo do idioma ser limitado diante das imagens, e os sentimentos são imagéticos. Tudo o que sabemos é que as

peessoas fazem o que querem porque querem, acho que jamais saberemos em tempo algum a resposta para a pergunta: o homem é bom? Se nos apegarmos aos atos, diremos que talvez sim e talvez não. Mas, se nos detivermos nos pensamentos, chegaremos à conclusão de que todo homem é bom, mas falho. E dir-se-ia: "Você é bom e fez o que fez." Está tão certo quanto "Cada um nasce a si mesmo." Tão certo ou tão errado. Porque o homem contempla a grandeza do Universo e nunca obtém resposta para esse tipo de pergunta. Escaparam da esfinge os que se detiveram em terreno seguro e não perguntaram emocionados: "E se eu fosse outro?" Todos os que se resignaram a serem a si mesmos, permanecem entre nós, ainda que com milhares de anos-luz os separando.

Voltando à questão econômica, no momento estamos passando longe de qualquer estrela. Então, vivemos na sombra, sob luz artificial, que ficou mortífera devido à carência de meteoritos. Todos têm direito a uma refeição saudável, que alimenta. Quem mais reclama são os gulosos, que perdem o direito de comer muito quando a colheita de meteoritos é baixa. Já o trabalho para manter o sistema operacional é pouco e cada vez mais simples. Não o trabalho de compreensão, mas a realização em si do trabalho de salvação. Basta uma pequena elite de catedráticos para manter a todos nós vivos e com saúde, mesmo os doentes crônicos têm benefício. Isso gera um pouco de lassidão no rebanho, o que é tido como normal e aceitável,

como, no século XXI, os gordos eram considerados uma coisa normal. Atualmente, comer além da cota é muito feio, pois todos têm direito inalienável à vida e o que excede no prato de um faz falta. A medicina é muito rigorosa com o excesso de peso, o que chega a levar a internamentos nos temíveis SPAS, onde a pessoa vai aprender a reestruturar sua ânsia. Os ansiolíticos são muito populares hoje em dia, digo, no século LIII. Bom, eu já vi isso acontecer inúmeras vezes. Já ajudei muitos gordinhos a se recuperarem na vida. Já outros terminam do tamanho de uma baleia, cumprindo tratamentos médicos até o fim da vida. O segredo por trás disso é que os punidos por Deus se entregam à gula exageradamente, pois já não encontram prazer em outras atividades. Esses vivem entrando e saindo de internamentos.

Os seres vivos se agradam também de tecidos sintéticos, que usam como roupas vivas, colchões, vendas etc. Nenhum grande amante pode passar sem. São como era a *liengerie* no século XX. As pessoas fazem amor nos sacos vivos de dormir, eu mesmo gostaria de ter nascido nessa época. Dificilmente eu teria quebrado o braço e o Estefano não poderia me incomodar tanto, pois até os pensamentos são vigiados. Se bem que eu teria que agüentar minha mãe, que muito provavelmente teria sido salva pela medicina, mas, quando penso em não estar com a Lídia, eu deixo isso para lá. O homem não deve dizer "se", o "se" é de Deus. O homem deve dizer no máximo "talvez". É muito

triste quando nos perguntamos porque não aconteceu de outro modo, quando foi tão ruim. Não devemos nos lançar na tristeza, antes devemos nos retirar da mesma. Eu mesmo poderia estar ralando para comprar meu robô de pintura, mas me sinto impelido a escrever estas histórias meio aventureiras e meio confessionais, porque também não estou satisfeito com tudo. Queria que o meu pai tivesse o direito de estar aqui, comigo, com o seu próprio robô, mas, infelizmente, o certo é que eu seja eternamente órfão. Como eu disse, vivem dizendo que o Universo vai acabar, mas os mortos estão sempre em luta para que isso não aconteça, e não existe uma oposição nesse subgrupo da humanidade. Por falar nisso, os que atendem pelo nome de Jesus, hoje em dia, formam o que nas igrejas se chama exército da paz. Eles estão em toda a parte do território e entram em luta para salvar os vivos. O Gregório já tem idade para ingressar nesse exército, bem como o Diógenes, mas nenhum dos dois quer isso. Não que o Gregório não lute pela causa do bem nem que o Diógenes não seja caridoso, o que ele faz sem o concurso de um robô, de alma para alma. Ele se orgulha quando resgata uma criancinha de dois ou três anos e a põe no bom caminho. Como foi dito antes, não se sabe se essa criancinha ia mesmo desagradar ao Senhor, mas que parece que foi salva, parece e, com certeza, acontecem melhoras concernentes ao sistema dos homens. E, de tudo o que reclamam os vivos, está por trás, como diziam os antigos, o

terreno. Nós dizemos *vacuante* ou que sofre do mal do vácuo.

Pois bem, como eu ia dizendo, o avanço da época reduziu a idade máxima do pecado mortal para três anos de idade, é o máximo que alguém demora para matar a charada hoje em dia. Ainda assim, muitos não matam e eles vivem entre nós, antes de desaparecerem para sempre, cerca de mil anos. Dois terços desse grupo é de gente honesta que não come demais. O outro terço são um bando de invejosos que ficam olhando para a primeira infância como se fosse um pirulito de veneno e utilizam de artimanhas para "enganar a Deus", "provar que é inocente", "mandar um para o diabo", "mostrar que ninguém sabe nada." O Gregório imaginava que Deus fosse inspirar outros livros sagrados, além da Bíblia, para servirem de texto base para a humanidade, como prêmio pela melhora das relações humanas, mas, até o ano 5252, nada foi inovado nesse quesito. É dito que esta fase foi superada, que o homem tem que procurar evoluir sua relação com Deus por outros caminhos que não só a palavra oficial de Deus. Há quem diga que a Bíblia é uma fração caótica do que o ser humano pode entender da inteligência do Senhor, tanto que aparece nas mais variadas apresentações. Dizem que só a falta de seriedade da idade antiga, um período do tempo em que o homem ainda estava plenamente contido no planeta original, do qual faz parte o século III, mas não o século XXI (na verdade, o primeiro passo para a expansão

especial foi dado no século XX, mas isso é outra história), permitiria que um livro "inspirado por Deus" ganhasse ares de letra de lei, ainda que lei de Deus. E dizem, também, a boca miúda, que o que está escrito lá, portanto, é imperfeito e não pode ser levado a sério para orientarmos nossas considerações. Querem dizer que ao menos o Antigo Testamento não passa de uma tentativa desesperada de pôr alguma ordem na sociedade, valendo-se da mística, e que não teria maior valor como conselho para uma vida já civilizada. Hoje em dia, e insisto que este é o ano 5252, nem mesmo o Novo Testamento é visto como sagrado por determinadas facções. Dizem eles: "De fato o novo é melhor que o antigo, mas é só uma fração de múltiplas personalidades, uma invenção análoga à roleta de ônibus, que serve para organizar o ir e vir das pessoas na coletividade. Diz-se de um tudo, inclusive que estamos todos enfraquecidos pelo racionamento, encantados pela luz mortíça, ameaçados pelo rancor e perdidos no espaço. O ser humano é um pecador que, por sua natureza primeira, ele ousa, dizem. O cuidado seria a imperfeição que Deus impõe toscamente ao ser tão mínimo, não por maldade divina, mas porque ele mesmo não sabe o que está fazendo, Deus tem limites. É o que dizem. Do contrário, não perderia tantos dos seus filhos, mesmo que seja em sonhos de crianças de até três anos. Em suma, dizem que o ser humano é falho, limitado, que ao menos seu corpo é finito, e que a vida eterna não é a mesma coisa que andar com pés e agarrar com

mãos. E, quando alguém acontece algo errado, é recebido com agressividade e violência, quando deveria ser agasalhado com pena, em que pese o duplo sentido dessa palavra. Mas, não, já saem do ovo em ira contra o pecado, num desvario auto-intitulado de "solidário", têm a pretensão de dar ao que é certo um *status* superior ao que é bom, sendo antes concorrentes no que argumentam ser a "solidariedade". E, quando tropeçam na soberba e caem no abismo infinito, decaem para o escracho, para a "festa no arraial" da hipocrisia, dita dominante. Enquanto isso, dizem eles, a sinceridade silencia. A mim me parece que a sinceridade luta para se expor o mais que puder, em nome do bem comum, pois não há como se habituar a ser sincero sem antes ser bom, pois a maldade é sempre uma mentira, um truque, um engodo, uma fraude. Nesses mais de três mil anos, já li mais livros do que posso me lembrar ao todo, mas sempre fica algo da impressão dos autores. Quanto a isso, posso dizer que os livros maldosos se dirigem à infância e à adolescência, enquanto os livros bondosos se dirigem às eternas crianças. Admito que me dei ao lúdico na leitura de todos os concorrentes, e me pego pensando se haverá mesmo um Dia do Senhor.

Isso me lembra de Ladislau, um garoto que teve a alma salva por Diógenes em 4646. Ele tinha dois anos e meio e sonhava ameaçadoramente. Fui eu quem percebi o comportamento deviante, mas foi Diógenes quem teve a sabedoria de tocar o coração do

garoto na sua ignorância. Perguntei-lhe como ele conseguira serenar a maldade. "Não passava de medo", respondeu Diógenes, o que me fez lembrar do dia em que meu pai morreu. Eu já era um tanto avançado na idade, mas ainda controlava os negócios. Já freqüentava a igreja há um bom tempo, Deus havia derrotado o agressor que era meu pai ainda em vida. Eu já não me afligia com sua maldade. Ele teve um treco, baixou hospital e, em menos de duas horas, morreu. Pude sentir quando sua alma se desmanchou e ouvi a voz grave de Nossa Senhora dizendo: "Acabou." De fato, é o que me lembra o Ladislau, a quem criei e rebatizei como Estefano. Ensinei-lhe o truque da bondade, depois que Diógenes o fizera em primeiro lugar, no fundo da alma. Eu fiz com que o truque aflorasse ao intelecto, com meu exemplo de comportamento e com a comunhão da palavra, que sai da boca e vai aos ouvidos. Disse-lhe claramente: quem for bom, mas realmente bom, viverá para sempre, mesmo quando o corpo acaba. E Ladislau me perguntou, ainda na sua primeira infância: "o que é ser bom?"

— Ser bom é querer o bem, é fazer o bem, mesmo quando as coisas são complicadas. — vibrou a voz de timbre sintético do robô.

— E quando me fazem mal, eu tenho que ser bom? — obstou o garoto.

É tão difícil explicar que, sim, ele tem direito de se defender, mas, não, não pode ser mau. Mas o Ladislau Estefano entendeu a mensagem,

graças ao Diógenes. Quando descobriu que nós achamos que a alma dele teve que ser salva, ficou meio enviesado para o nosso lado, disse que sempre foi bom, mas foi como amigo que ele partiu da nave mãe e saiu na aventura de expandir o mais rapidamente a dimensão do território. Ele conhecia o projeto de Haroldo e embarcou nele. Certa vez penso ter ouvido um bodejo de pensamento, de que o que Deus precisava era de carinho, um carinho grande o suficiente para que ele se desse suficientemente ao prazer. Nessa versão, seriam os mistérios gozosos que salvariam a humanidade em definitivo. E ficaria evidente que havia mesmo o projeto de conquista de Deus pelo homem. Conquista de um colo macio que acolhesse a todos, mas, ainda assim, uma luta de eras até que o consolo e a graça se fundissem num só.

Me realizei como filho na prática da paternidade e posso dizer que fiz isso salvando o corpo e a alma do tutelado.

Ladislau Estefano conheceu Ibirn (um nome que os rapazes de hoje em dia consideram extremamente feminino. A mim me parece nome de entidade patronal), uma jovem meiga e diáfana. Tinha um jeito suave, meio imperceptível de ser. Quando a vi, não pensei que tivesse o desejo por Ladislau Estefano. Confesso que não me senti, de primeiro, confortável em ver meu filho virar homem no sentido de ser parceiro sexual, isso foi estranho. Pois bem, Ladislau Estefano, que eu prefiro chamar de Estefano, pela última notícia que eu

tenho, é pai de dois lindos filhos e não pensa em largar nunca de Ibirn. Os dois, com algum apoio de uma patota de amigos, sustentam-se como pais e genitores, o que já não é tão comum nos nossos dias. Não temos, culturalmente, a idéia de continuidade sangüínea como realização necessariamente ideal. Achamos que antes os filhos consangüíneos estão mais preparados para a infelicidade dos pais em vez de dizermos que a felicidade dos pais está mais ou menos garantida na consangüinidade dos filhos. Portanto, há quem vá ao médico, graças ao alto nível da tecnologia, não para ter um filho, mas para comprar um. O útero artificial foi uma invenção relativamente de fácil domínio, se compararmos à clonagem, que lhe é anterior. Com a criação dos tecidos sintéticos, ficou provado que os embriões se desenvolvem normalmente num ninho alternativo. Ou seja, a mensagem da vida é independente da mãe, mas, não, da concepção. Quanto aos clones, ficou provado que eram como um decalque, e terminaram por ser abandonados. Hoje em dia, só se usa o que inicialmente se chamava de transgênicos. Nós chamamos de "novidade". Estamos sempre alterando as condições da "natureza" laboratorial da nave, para se adaptar às condições exteriores de momento. Agora, estamos replantando vegetais que precisam de pouca luz e alimento. Uma descoberta que talvez interesse aos homens do século XXI, como novidade, seria a descoberta da inteligência vegetal, que está envolta no que parece um sono eterno. Algumas

espécies são mais inteligentes que outras e, quando a árvore peca de forma indevida ao formar seu fruto, ela é punida por Deus. Isso levou a uma interpretação literal do versículo do gênesis que diz: "E a árvore do bem e do mal." Ressurgiram religiões de adoradores das plantas, agora como uma facção do cristianismo. Esse é um subproduto que demonstra o nosso entrosamento entre o que os terrenos chamavam de ocidente e oriente. Alguns dizem que, quando o entrosamento for quase perfeito, a humanidade será quase pura, mas isso não é um fenômeno ainda devidamente quantificável, ainda que muitos autores decretem como líquido e certo, com uma série de argumentações de especialistas. Argumentações que se tecem com desenvoltura, que antes não havia, mas terminam sempre em "não sei". O consenso é de que essa idade de no máximo três anos pode ser ainda mais reduzida, tornando o tempo hábil para a alma se vilanizar exíguo ao ponto de um percentual de casos se tornar numericamente desprezível. É o projeto mais razoável, que não pensa em determinar a verdade, mas estabelecer o equilíbrio. Se esse dia vier, o que não é provável em 5252, terá sido um dia conquistado pelo perdão e não pela fuga do problema. Bem, todos nós aqui no século LIII confiamos que virá a melhora e temos uma tendência de época de achar que o respeito banalizado é a solução definitiva para todos e cada um. É uma luta que esbarra na privação que nos oferta o território. Às vezes, o Gregório

se arrepende de ter ouvido a Lúdia e saído do planeta muito antes da explosão do sol. Mas ela ficou repetindo: "O que que tem? Você não já morreu mesmo? Já fomos a todos os países uma porção de vezes. Agora eu quero conhecer o espaço sideral." Atualmente, seria muito difícil obter os meios para voltar à terra, com a escassez de meteoritos, e estamos cada vez mais longe. O Gregório teria que comprar um imenso robô de viagem, além de convencer uma patota de gente com os dons certos para garantir o bom andamento da viagem. A Lúdia já disse que vai ficar um milhão de anos no primeiro planeta habitável, quer tenha inteligência nele ou não, pois tem certeza que, tão certo como é que os vivos vão se estranhar e negociar ou disputar território (vá saber o que vem por aí), os mortos de ambos os lados vão entrar em acordo em nome do bem comum, olhando não para a diferença das espécies, mas para a peculiaridade de cada indivíduo, seja homem, seja E.T.. O Gregório morre de medo desse dia, como se fosse um novo fim do século XXII, que foi um oásis anterior à expansão em grande escala para o espaço. Seria o fim da era de ouro da redução do período máximo para que se mate a charada no coração?

A criação no século LIII é coletiva. Família e escola se distinguem cada vez menos, mas todos são cada vez mais acessíveis a todos, desde o primeiro momento. A novidade, dito assim de um ser humano, cada vez menos está protegida pelo mistério e pelo fato de ainda ser desconhecido.

Da mesma forma que Diógenes foi ao coração com relativa facilidade, o que seria muito difícil nos séculos XX ou XXI, também a maldade ganhou em eficácia no seu alcance e coordenação. Não como um projeto organizado e levado a cabo pela coletividade, mas como um subproduto das facilidades cada vez maiores ofertadas pela tecnologia. É um segredo de polichinelos dos nossos tempos que todos temos acesso direto à tecnologia, virou a base da nossa democracia. Os acidentes são cada vez mais raros, mas ainda acontecem e, às vezes, com culpa. Como se diz, o pecado é individual, mas as conseqüências do pecado são coletivas. No século LIII, nós vemos como elas são coletivas e se espalham ao longo do tempo. Não deixa essa de ser uma maneira de observar o Deus Vivo acontecendo, a humanidade como fração de Deus Pai todo-poderoso, do Divino Espírito Santo. Sem falar no Senhor Jesus como fração da humanidade. De fato, quando acontece um acidente com culpa, diz-se que isso aumenta o risco de uma epidemia de acidentes. É uma superstição bem convincente de nossa época, também argumentada como fenômeno psicológico dos sonhos, meio misterioso, mas com um fundo instável de verdade.

Quanto aos adoradores do vegetal, elegeram uma espécie de sargaço como a mais inteligente desse reino. Eles têm a sua própria igreja. O catolicismo ainda é a religião mais popular. Pelo menos, na nossa base espacial ambulante. Ladislau e Ibirn são cultores da

religião do vegetal, chamada de Plantacionismo. Certa vez nos mandaram uma holofoto da sua residência, toda colorida e perfumada com plantas. Os meios eletrônicos agora também transmitem odores. Virou trote bater um holo de peido, cocô e outros odores desagradáveis. As mulheres adoram holofotos de bebês. O Ladislau Estefano nos mandou uma holo do seu primeiro filho cagado na fralda. As fraldas hoje em dia são feitas de tecido sintético imitação de intestinos. Demoram a ter que ser trocadas, absorvem os objetos até que ficam encardidas. Ainda assim, uma unidade leva algumas semanas para ficar inutilizada, pois o que é absorvido vaza em algumas horas, tempo hábil para que a mãe ou pai troque a fralda e mande a usada para o digestor, onde o que foi absorvido será retirado e enviado, por um sistema de tubulação, ao bosque da nave. O Gregório gosta muito de ficar no bosque, mata um pouco as saudades da terra. Por uns tempos, ele andou cabisbaixo, mas, depois, superou o arrependimento e já está conformado a vagar por um tempo imprevisível até que se divise um planeta em boas condições. Os telescópios da nave enxergam até 20 bilhões de anos luz, mas, graças à aceleração portentosa, levaríamos poucos milhares de anos para chegar lá, mas essa esperança não está nem no horizonte. Existe uma facção que advoga que não devemos nunca nos aproximar de um planeta, pois a tecnologia dá garantias de que nada de muito grave vai nos acontecer no vácuo. Outros acham que o retorno a um

planeta é condição essencial para que a evolução continue, como alguém que sai para dar uma caminhada, tem uma idéia e volta para casa a fim de realizá-la. Seja como for, a idéia é um projeto que deve incluir a bondade da ignorância, pois já ficou constatado que os bebês são intrinsecamente ignorantes, ainda que muitos defendam que há a possibilidade de que isso venha a ser revisado e descubramos um método de a pessoa nascer já atenta e consciente. Seria o fim dos sonhos ameaçadores? Seja como for, gente se arrisca no vácuo, às vezes morrem em acidentes, mas suas almas, se é que ainda as tinham, estão preservadas. É uma tragédia que abala toda a nave quando um jovem ou uma jovem morre no cumprimento do dever, normalmente concertando o exterior da nave ou o motor atômico. Suportamos todos a proximidade dessa usina-motor, mas, felizmente, ela não é ligada muitas vezes, apenas para corrigir o curso e, raras vezes, para aumentar a velocidade, pois no vácuo quase não há atrito.

Uma das minhas melhores amigas morreu recauchutando a fuselagem. Eu gosto muito dela, chega a dar ciúmes na Lídia, se chama Vitral. Nosso relacionamento nunca teve nada de físico. Afinal, estamos ambos mortos, mas lhe sou simpático. A Lídia também tem os seus amigos, às vezes me dá um incômodo, mas nós superamos a fase da possessividade extrema dos tempos da encarnação. A Lídia reclama que eu sou machão demais, mas, se eu mudasse, não seria mais o Gregório. Não é porque a relação é

duradoura que ela se torna perfeita. Aqui do outro mundo, posso dizer que os que levam a sério a santidade, ou seja, que atendem mesmo pelos nomes de Senhor Jesus ou Nossa Senhora, também se atrapalham de vez em quando e, como estão devotados a salvar os vivos, a confusão é ainda maior. Existe uma queixa mal-assumida de que todos os mortos, digo, os mortos imortais, teriam a obrigação de pertencer à igreja, mas não é assim que acontece. Conheço mortos que vivem para a leitura. Outros, para o sarro. Outros ainda para a observação da cidade. A nossa cidade, onde dizem estar em contato direto com o Divino Espírito Santo.

A cidade não é muito grande, somos apenas 20 milhões de habitantes. Quando partimos, havia outras naves, ainda em construção, para abrigar 400 milhões. Eles tinham um projeto de viver eternamente no espaço. O nosso projeto era alcançar outro planeta, mas talvez não vá acontecer. O espaço é muito amplo e nós só passamos até agora por dois sistemas com planetas inabitáveis. Ainda assim, foi um período de fartura, com muito material para ser beneficiado. Teve gente argumentado que deveríamos permanecer na órbita desses planetas, pois seria a riqueza eterna. Foi feita uma votação e a busca do planeta ideal venceu. Ouvei de uma jovem, naqueles dias: "Não me importo de morrer no espaço, desde que algum dia eu volte a ter o

contato com a natureza, me perder numa floresta, poder cheirar o que quiser.”

A alimentação na nave é controlada, carne vermelha só uma vez por semana. No resto do tempo, comemos peixe e saladas. Frutos do mar são um regalo para poucos. Alguns porque têm alergia e outros porque não podem comprar. Porque, se todos têm direito a uma alimentação saudável, determinados pratos são só para quem trabalha. Mas isso não me afeta mais, pois eu não como, não bebo. Minha relação com o mundo do mercado é mediada por um pequeno robô de cópula e outro de combate. Eu e a Lídia moramos no exterior do casco, pois não precisamos de oxigênio, já que não sobrevivemos mais. Por isso me tornei amigo da morta, porque falhei em resgatar a sua vida. O maçarico explodiu em suas mãos e ela estourou no vácuo. No mesmo dia, foi constatado que um bebezinho de três meses tinha cangado. A moça, já disse, se chamava Vitral e o bebezinho, que só foi batizado depois, Criptônio. Ele cangou e jamais perdeu o sistema pelo que tinha acontecido. Dizia sempre: “Vocês acham que é válido atribuir culpa a um bebezinho? Foi um cochilo inocente e eu não tenho culpa do que aconteceu, escapou do meu controle. Sou inocente e Deus é injusto.” Pois este ser devota a vida a desafiar a Deus, tornou-se um despeitado, um líder dos seus companheiros de infortúnio. Seu projeto é governar a nave. Felizmente não temos mais um homem-chave no nosso sistema, tudo é decidido em concílio e votação. Criptônio sugeriu que

mudássemos o sistema, ele acha que um líder poderia resolver as coisas mais facilmente. E diz que está preparado, conta agora com apenas 15 anos. Me lembro bem do seu último discurso: "Companheiros, nessa época de privação, é preciso dar um basta na gulodice. Tenho certeza que Deus está ao meu lado na luta por uma cidade melhor. Proponho que a ração desses comilões deva ser cortada até que eles atinjam as metas atuais." O discurso foi uma bomba. A igreja reagiu de pronto, dizendo que não é massacrando os desventurados que vai se resolver o problema, que há muita riqueza empregada em cópulas, em jogos, em pílulas do sorriso, que poderiam reverter para que o homem tivesse direito à dignidade de fartar o bucho. Não se deu ouvidos a Criptônio, mas o racionamento continua nesse ano de 5252. A democracia diz que qualquer homem tem direito de ser pai. Hoje em dia muitos homens são pais solteiros. Aquela ojeriza que os homens tinham, no século XXI, passou. É cada vez mais comum que os homens se mostrem talentosos para o trato com os bebês. Em contrapartida, as mulheres são cada vez mais fortes.

Criptônio adotou, aos 13 anos, um menino que havia sido punido por Deus, chamado Eiuhw (pronuncia-se Aiú). Disse: "Vou criá-lo para ser um forte." Mimou-o de cuidados, inscreveu-o na escola mais rica, onde ele pôde conviver com crianças de todos os tipos, pois não se discrimina o cangado em nossa sociedade. O que, às vezes, acontece é que velhos insistem em sonhar

malignamente. É muito comum gente dizer: "Eu não me fechei no sonho? Pois vou sonhar." E eles sonham com acidentes e desejam que outros além deles sejam punidos por Deus. Se inxerem nos sonhos das crianças e as tentam para que sonhem malignamente. À boca miúda, muitos cangados se dizem inocentes, pois como culpar uma criancinha por ter sido conduzida em seus sonhos? Mas Deus, que tudo sabe e tudo conhece, sabe quando uma criancinha foi conduzida contra a vontade a sonhar e existe esse imortal entre nós. Eles são pessoas traumatizadas, que levam uma vida de dificuldades, ainda que na abundância, pois são vítimas de escracho. Muitos querem argumentar esse tipo de caso como prova da injustiça de Deus.

Conheço um sujeito assim. Chama-se Fdji. Pronuncia-se Fíji, pelo menos é o que eu acho, pois não estou mais tão habituado com a pronúncia do português. Hoje em dia fala-se o idioma LBD (Língua Buco-Digital), numa combinação de sons e gestos. Existem certas regras. Por exemplo: nomes próprios se diz com a boca, mas os termos da boa educação são expressos com gestos das mãos. "Obrigado" é um beijo soprado. "Por favor" é cruzar as mãos e formar passarinho com os dedos, abanando-os. "Com licença" é estender a mão e mostrar a palma para cima, com os dedos pendentes. "Não, obrigado" é levar o indicador aos lábios, como quem pede silêncio. "Silêncio" é fechar o punho e o erguer. E por aí vai a linguagem. Não

que não existam termos falados para tudo, mas é considerado delicado se expressar com gestos. Por falar em boa educação, não se utilizam armas na nave-mãe, a não ser os inúmeros canhões laser exteriores à nave que pulverizam os meteoritos antes da coleta. Como a nave é pequena, são raros os períodos de racionamento como o atual, porque cada metro quadrado do espaço tem uma média de quatro átomos, que vão sendo coletados ao longo do percurso. O nosso ecossistema é uma imitação do da terra, o que é mais saudável, mas também é possível transformar os minérios do espaço numa pasta que muitos dizem ser saborosa. Alimenta como uma refeição e agrada como uma sobremesa. Eu, particularmente, gosto da pasta, experimentei-a com a minha língua artificial, pena que não fosse uma língua dedicada a saborear, mas deu para o gasto. Foi numa época de muitos meteoritos, porque os alimentos são proibidos para os mortos durante o racionamento. Nós que nos contentemos com o perfume. Ainda que não sinta a mesma dor, a alma tem fome, tem sede, tem desejos. Mas nós, que ficamos proibidos, nos controlamos muito melhor que os pecadores da época. Os cangados fazem um estardalhaço durante o racionamento, tentando seus filhos para que quebrem o regime e sejam indicados para tratamento médico. Certa vez, conheci um garotinho de dois anos e meio que já estava inscrito num SPA de dieta. Lá, eles são alimentados com energéticos especiais que

ajudam o indivíduo a dominar os seus apetites. Hoje em dia, esse garotinho é um homem recuperado e até se tornou produtivo. Ele, pela última conversa que tivemos, não perde tempo culpando os pais e está prestes a embarcar numa nave menor, das que passam muito tempo sem se aproximar da nave-mãe, juntamente com sua esposa, uma privilegiada que sempre produziu e comeu muitos frutos do mar.

Mas a Lídia fica insistindo que eu conte o destino da Vitral. Ela era uma jovem muito ingênua, tanto que morreu num acidente, e era casada com um homem punido por Deus, coisa que ela não sabia, e com quem teve um filho, chamado Jenkis. Quando eu disse que até os três anos a criança mata a charada, é que o certo é ser bom, mas os detalhes da punição divina, eles só costumam descobrir na adolescência e na juventude. Há mesmo gente de idade bem avançada que não sabe que Deus pune os maus. Já os maus sabem disso desde a primeira infância. E ficamos assim, num mundo em que os ignorantes bons perdem por não conhecer tão bem a realidade como os maus. Mas a maioria escapa, graças a Deus. Não estou dizendo que é a maior maravilha, a vida no espaço, drogas rudimentares ainda são toleradas nos inferninhos, onde rola prostituição. Vez por outra escapa algum imortal dessas zonas de perigo. Desses eu me apiado e procuro ajudar, pois me lembro dos anos em que eu fui fumante no século XX. Há pouco tempo ajudei Yutil (pronuncia-se como se escreve) a se livrar do

vício e encontrar uma colocação na vida. Ele é agora um jardineiro, o que, hoje em dia, requer uma formação especializada. Estive a seu lado durante todo o período da sua recuperação e inserção no mercado e comemorei seu primeiro prato de frutos do mar. Ele comeu mais com orgulho que saboreando, pois seu paladar nunca mais foi o mesmo, depois de provar do álcool por tantos anos, além do que, também fumou, o que é muito mal visto, já que gozamos da mesma atmosfera. Os inferninhos são dotados de filtros atmosféricos que são periodicamente purificados, mas, ainda assim, o Yutil amargou um bom pedaço. Como eu, ele também foi ensinado a fumar pelo pai, que o levou a um inferninho desses quando ele tinha 14 anos. Não temos mais como controlar idade mínima, como falharam em tentar no século XXI. O motivo é a já citada barreira dos três anos. Seria impossível dar limites a um bando de crianças já amaldiçoadas. Yutil fumou até os 35 anos. Isso poderá prejudicar sua longevidade, talvez viva apenas uns 600 anos. Agora ele é um jovem potente de 65 anos. Acessa sempre a minha sintonia para conversar e pedir conselhos, pois não pode contar com o pai, que continua no inferninho, tomando todas e deitando com mulheres comerciais. Para mim foi muito incômodo assistir a desintoxicação de Yutil, pois me lembrava do meu próprio drama. Sua vitória é também a minha vitória. Ele demorou dois anos para se ver livre do vício e mais quatro para começar na sua função de jardineiro. Por ele, se

arrancava todos os pés de fumo, mas essa é uma mácula com que temos que conviver, pois muitos decaídos estão decididos a não largar o vício e alguns são produtivos e comem frutos do mar nas salas fechadas dos restaurantes.

Mas voltemos a falar de coisas boas: Vitral resolveu ser a madrinha de Yutil. Ela não tem um robô ainda, mas Yutil consegue percebê-la. Ficam horas conversando na folga dele. Yutil é um rapaz muito mais antenado do que eu fui em vida. Hoje eu sei de tudo e conheço tudo, mas, se não fora a intervenção de Lídia, não sei o que teria sido de mim em vida. Yutil sempre quis largar o vício, mas era descrente, como seu pai lhe ensinou. Foi só quando ele descobriu que Deus existe que veio buscar ajuda nos robôs de imortais. Nós lhe demos forças e conselhos e o instamos a lutar contra o vício, até que ele largou em definitivo, já está há décadas fora das drogas, é um jovem ativo e está pensando em arrumar uma namorada para se casar. Quem o viu nos inferninhos, como eu o vi, talvez não o reconhecesse agora, que só anda perfumado e barbeado. Perguntei a Yutil se não guardava mágoa de seu pai.

— Alguma, mas prefiro não alimentar esse sentimento. Ele está lá se acabando no vício e, pelo que eu entendi, nem Deus quer que ele largue as drogas, mas a mim, Deus deu força, me cobrou a cura, me acompanhou em todos os momentos da minha nova conversão. Não que eu tivesse freqüentado a igreja, mas, agora que eu sou um freqüentador habitual, já quase não

me lembro do que sofri. Os invejosos gostam de me jogar na cara o meu passado, mas para mim isso faz parte da salvação. Porque de fato este é o meu passado, mas não é Deus que fica me incomodando com essa história. Ainda sou apenas um jardineiro auxiliar, mas um dia serei responsável pelo plantamento. Já me disseram que sou muito bom no que faço. Portanto, é uma questão de tempo.

Ele me disse mais: disse que vai lutar pelo fim dos inferninhos, para que ninguém tenha que passar pelo que ele passou, mas isso só seria possível num mundo sem maldade. Ou não? Nossa organização é tão perfeita que o acidente reprodutivo é tão raro que vira notícia. Os médicos tomam conta da situação quando alguém engravida indevidamente. Muitas vezes, eles preservam a integridade do feto. Ainda assim, acontece de quando em vez que nasça uma criança com alguma deficiência. Normalmente, ela é filha de cangados despeitados, o que torna sua tragédia uma tripla tragédia. Felizmente, hoje em dia a criação é coletiva, e essas crianças têm um tratamento especial, para integrá-las na sociedade. Seja como for, o mal ainda é irreversível, mas a medicina trabalha há milênios numa solução que reverta a malformação fetal. Conseguiram poucos avanços, que só funcionam quando o problema é irrisório. O ideal é repetir o processo de formação do feto *in utero*, mas a coisa é complicada demais. Depois que a criança nasceu, não tem mais jeito. Fico abismado com o número de

gente perfeita que tem esse tipo de comportamento. Cerca de 1,5% da população de pessoas que tiveram um nascimento perfeito incorrem nesse gravame. E é porque somos constantemente avisados do risco e das punições de tal ato. Um pai ou uma mãe que cometem esse tipo de crime são isolados do sistema e levam uma vida de privações. Só conseguem funções subalternas, no setor de limpeza, e vivem se queixando de dores.

Quando acontece uma coisa dessas e o bem-galado não se conforma, é comum a pessoa sair da nave-mãe e passar a viver numa das pequenas naves auxiliares. É assim que Deus trata os teimosos, mas isso não é uma regra, é apenas uma tendência. Por isso, dizem do êxodo o mesmo que dizem da Bíblia, que não é a sério. Já eu, que gostaria de viajar num mísero robô de viagem, estou impedido pela Lídia, que sonha em conhecer outra natureza, com outras formas de vida. Eu vivo dizendo a ela que tudo o que ela vai encontrar são animais e vegetais, grande diferença. E ela responde: "Ah, você não pode ter certeza e, mesmo se for, deve ser tudo diferente. Quem sabe existam outros tipos de seres, como plantas falantes?" Seja como for, não estou triste e cabisbaixo de não poder voltar para a terra. Afinal, tenho Lídia a meu lado, além da amizade de Vitral, que deu novas cores à minha vida, sem falar nas cartas de Haroldinho. Na última que chegou, ele respondeu à pergunta que eu havia lhe feito a uns mil anos, que era se ele já sentia as bênçãos de Deus

tocando a humanidade. Respondeu-me que ainda não, mas que eu não me precipitasse, o projeto era recente, ele responderia em definitivo daqui a um milhão de anos e que só não dava mais detalhes porque estava com pressa de viajar. O Haroldinho é um fenômeno, ele agora viaja só, pois, depois de morto, virou *expert* em tecnologia e o seu robô é capaz de se sustentar com os quatro átomos que há em cada metro quadrado. Eu só temo que o um meteorito o atinja e ele fique perdido no espaço. Porque, nós, almas, somos atraídos pela gravidade. Já pensou se esse menino cai num buraco negro? Mas, não, o destino da humanidade demanda uma operação de busca de emergência. Deus guie meu filho herói. Por falar em filhos, Jenkis não está se comportando muito bem, temo que ele seja uma bomba de efeito retardado. Acontece: a pessoa toma as decisões erradas até os três anos de idade e não quer mais ouvir a opinião dos outros. Diz-se que já está culpada, só falta oficializar. Se essa pessoa não come além da conta, o que é muito raro na infância, os médicos não podem fazer nada. Por isso, tenho olhado para Jenkis em especial, o que tem sido difícil, pois Eiuhw quer que ele seja punido por Deus. É muito estranho ver a coisa se repetindo, como aconteceu conosco e nós não sabíamos, como o velho Estefano fez comigo, me pondo para fumar, na esperança de que eu malgalasse o meu filho. O viúvo de Vitral não está nem aí para Jenkis. É um espetáculo horrível assistir aos atos e gestos do menino Eiuhw, de

apenas 9 anos, friamente calculados para prejudicar. Para quem sabe o que está acontecendo, o risco não é tanto, mas, para as crianças, é doloroso. Gestos como alisar os rins, preparar a comida, dar boa sorte. Isso não é nada demais, mas pode incomodar profundamente e, se a pessoa não tiver firmeza de caráter, pode acabar prejudicada para sempre. Tem quem se queixe de que não se poderia punir quem sofreu tanto. E, de fato, a sociedade deixa para lá, essas pessoas vão sendo selecionadas para suas funções pelas suas capacidades. Ainda assim, querem descontar na sociedade o que foi uma decisão ou uma reação de Deus. Quando eu digo que eles terminam no setor de limpeza, isso não é uma regra, é uma tendência. Felizmente, existe muita gente que se arrepende sinceramente do mal que causou. São os chamados rebons (bons novamente). Talvez, pela descoberta de Deus, talvez por não perdoarem a si mesmos pelo que fizeram, eles se reintegram à sociedade com uma fé renovada e cultuam a Deus como a um líder, mais que os imortais, que vêem nele um Pai conselheiro.

Mas eu falei que a ciência já admite que quadros não são meras aparências, que eles têm força e um simulacro de alma. Na verdade, não é só o corpo que fala, tudo o que existe pode falar, se nós quisermos ouvir, inclusive as nossas roupas e apetrechos. As plantas falam, não somente ouvem, mas também falam. Agora que morri, posso ouvir as vozes dos objetos e animais. Descobri que os objetos têm fome, eles

se alimentam das almas que vão se desmanchando. Porque todo objeto é bom por toda a sua existência, eles não sofrem decadência da virtude, seja um par de sapatos, seja uma calçada. Eles podem ser usados para o mal, mas contra sua natureza. Por isso o projeto de Deus é possível. Por isso estamos nos espalhando para o espaço sem que nos tornemos, pelo menos não ainda, bárbaros. Por isso a qualidade da vida é cada vez maior. Nossa medicina avança cada vez mais e nós somos cada vez menos obrigados a recorrer a ela, pois nossas vidas são uma espécie de medicina preventiva. Sei que para um morto é fácil falar, mas o futuro é mesmo melhor. Se não fosse pelo fato de estarmos no vácuo, no lado exterior do casco da nave, eu teria uma visão maravilhosa do que é a vida hoje em dia. Não que eu não entre na nave em espírito. Mas olhar as estrelas o tempo todo dá medo, uma solidão. Pelo menos tenho Lídia para me fazer companhia, sem falar nas mensagens semanais de Haroldinho. Na verdade, ele escreve todos os dias, mas com o tempo que leva para a mensagem viajar o período em que ele ficou explorando o espaço, as mensagens chegam com o atraso de uma semana. À velocidade que ele vai, não vai demorar muito tempo para alcançar os chamados confins do universo, ou área observável. Daqui da nave, nós constatamos que a área observável se desloca juntamente com a nave. A terra vai ficando distante, distante, já não a divisamos mais em detalhes, o sol vai se escurecendo, e outras

realidades vão aparecendo. Nós escolhemos a rota de bordear a galáxia, na suposição de que nas bordas da galáxia seria fácil encontrar um planeta habitável, mas, até agora, nada. E o número de seres empenhados na tarefa aumenta cada vez mais, com as sucessivas gerações. Vitral está empenhada em combater Criptônio, que agora tem quinze anos. Euihw espera cangar Jenkis. E Jenkis não sabe o que faça da vida. Criptônio procurou fazer amizade com Jenkis, este é um pouco mais velho que ele, tem 22 anos, mas ouviu as palavras de Criptônio. Euihw, que está com 9 anos, adorou a novidade. Criptônio preparou uma refeição para os dois.

— Temos um quitute de sargaços que é uma delícia.

Para os devotos do Plantacionismo, isso é uma heresia execrável, mas comeram os três à mesa os quitutes de sargaços. Euihw disse que a inteligência deixava o sargaço mais saboroso, e mastigava os bocados com prazer. Vitral fica terrivelmente indignada com Euihw, procura atacá-lo. Me pede emprestado o meu robô de luta, mas ela não sabe o que está fazendo. Convidei-a para orarmos e impormos mãos em nome de Jenkis. Ela aceitou e nós fizemos uma três ou quatro sessões e o rapaz melhorou de conduta, sentiu-se liberto, mas ele ainda não ouve o Senhor. Vinte e dois é tempo demais. Gregório é velho, mas não tem o talento para bancar Deus, ainda que seja católico, religião que diz que Deus se fez carne e depois subiu aos

céus. A verdade é que não é todo imortal que está disposto a “levar uma vida” de serviço. Muitos se entretêm investigando a natureza, lendo livros sem parar, copulando tão somente. Repito como instância, mas nem o Gregório é assim tão dedicado. O Gregório e a Lídia são dispostos a ajudar, é só que não têm o talento religioso. Ao mesmo tempo, o Gregório queria que, da sua cabecinha, o Criptônio admitisse a culpa, que o Eiuhw fosse mais respeitoso e que o Jenkis notasse logo que estão mexendo com a sua bondade. Ele é um rapaz que não sonhou ameaçadoramente enquanto Vitral foi viva, mas que estava tendo um comportamento deviante e extremamente raro, pois ele tinha mais de três anos. Aliás, estava com 22. É verdade que existe o cangamento retardado, mas não passa da pré-adolescência. Os professores o olham assombrados, como alguém pode ter um comportamento notadamente mau, ainda que não muito prejudicial, e ainda não ter cometido o pecado mortal aos vinte e dois anos de idade? Ele era mais que uma raridade, ele era único. Ou, pelo menos, como supunha Gregório, o primeiro de uma série, como um novo final do século XXII. Gregório não pode informar nada além do ano 5252, data em que ele envia esse relato rudimentar ao passado, para a casa do senhor Túlio Moreira, por ter lido o seu livro “Histórias do Mau Exemplo”, e ter percebido que ambos tinham o mesmo interesse de narrar a relação do homem com Deus. Existe uma igreja no vácuo, que é freqüentada só por robôs pilotados por

mortos. Gregório frequenta e procura de Deus informações sobre o paradeiro do senhor Túlio Moreira, pois, como já foi dito, é possível o encontro em momentos diferentes do tempo, principalmente mediados por Deus, mas o Gregório não tem obtido resposta. Ele sabe, por ler a biografia não autorizada de Moreira, que ele foi um boa-vida ousado, mas gostaria de ouvir suas idéias, especialmente nessa hora em que Jenkis é um fenômeno humano. A boca miúda se discute o seu destino. Alguns dizem que depois de tanto tempo, ninguém canga mais. Outros argumentam que nunca se sabe, e já foram feitas até algumas apostas. Dois despeitados, de quem não importa o nome, empataram um robô de cópula numa mísera soma de dinheiro. É um mau negócio se quem empatar o dinheiro perder. Gregório queria falar com Jenkis. Vitral está subindo pelas paredes para salvar a alma de seu filho e até Diógenes não sabe o que faça: "Ele está desiludido com a humanidade", diz Diógenes, e continua: "Essa é a pior coisa que pode acontecer com um homem, perder a fé não em Deus, mas no próprio homem. Quem perde a fé em Deus se machuca. Quem perde a fé no homem morre. Essa é uma das maiores dores da ironia, nosso futuro está mais preso a nós mesmos que a Deus, não como espécie, mas como indivíduos." Gregório resolveu entrar na nave para falar com Jenkis, contar que sua mãe o ama e que há muita gente preocupada com o destino dele. Chegou a abordá-lo, mas o rapaz não quis ouvi-

lo, chamou-o de louco, disse que não brincasse com a memória da sua mãe e fugiu da presença de Gregório. E, enquanto escrevo essas memórias com meus próprios dedos, ainda que não sejam dedos especializados em escrever, estamos vivendo esse drama, eu e minha paquera fixa. Lídia não quis participar da tentativa de resgate. Ela diz que não quer mais se meter nessas coisas da vida, quer só viver para a escultura e suas amizades por todo o quadrante, tanto na nave mãe como nas menores, ela é uma garota sintonizada. Largou a vida de agente imobiliária. Da minha parte, cansei do turismo. Queria poder me dedicar à pintura, mas me falta o robô. Para mim, ela está é com ciúmes do meu envolvimento com a Vitral, que se tornou uma aventura, está se sentindo alijada do posto de mocinha da fita. Ora, quem mandou ter um filho exemplar, sendo mais fácil que ele nos salve que nós a ele? Pobre Jenkis, caminhando para a morte sob os olhares divertidos de Eiuhw e Criptônio, enquanto nós não conseguimos fazê-lo crer na vida eterna. A nave é muito grande, são cerca de 20 milhões de habitantes, e ninguém vivo tem tempo para dar uma orientação. Se ao menos o rapaz se encaminhasse a uma igreja, ele encontraria a plena força de Deus e não poderia negar a existência de algo. Seja como for, estamos esperançosos, apesar da teoria do Gregório. O Gregório não é nenhum especialista, ele só se traumatizou com o fim da era de ouro do século XXII. Mas o fenômeno Jenkis é realmente muito estranho. Se ele está desiludido

e se encaminhando para comportamentos reprováveis de outros séculos, como ainda não incorreu em pecado mortal aos 22 anos? Por outro lado, se ele está mesmo sendo bom, porque aparenta depressão? Essa é uma pergunta que será respondida algum dia. Se vier o resultado antes de eu enviar essas linhas ao senhor Moreira, vocês ficarão sabendo. Mas o melhor é que Jenkis permaneça um mistério insondável, o "cara mau que não foi punido por Deus", nem sem querer. É por isso que Vitral reza, mais que pela vingança contra o jovem Criptônio, que a mandou para o outro mundo fora de hora.

Criptônio é muito menos perigoso que Jenkis, pois seu histórico é normal, digo, comum, banal. Já o caso Jenkis poderá talvez mudar a história, não digo da humanidade como um todo, pois não sei como se passa em outras naves, mas de nossa comunidade. Certa vez, assisti um encontro atemporal entre gulosos. Um deles, punido por Deus, arrependido, tendo que fazer dieta e o outro, ainda na terra, alguns séculos antes, vivendo desde a infância o que nós chamaríamos de uma bacanal da comida. Dizia o punido: "Não é justo, se eu tivesse essa comida toda para me consolar na primeira infância, vocês acham que eu ia cangar? Eu sei que fiz o que não deveria, mas será que é justo o que aconteceu? Se eu tivesse uma chance diferente, hoje era imortal." O gordo do passado não sabia o que dissesse, pois não sabia que juízo fizesse de quem vai punido por sonhar, isso nem ao

menos era regulado por Deus na sua época, pois a tecnologia toda estava presa à mão e não à mente. O anjo de Deus Pai teve que intervir, pois o homem do passado já se imaginava um psicótico. Disse Deus: "Isso é um vizinho a três quadras daqui. Cangado: foi mesmo a comida? Tem certeza mesmo que foi a comida? Precisava mesmo?" E Deus interrompeu o contato, devolvendo o homem do passado para sua compreensão limitada do veículo. "Não se meta nessa história, Gregório. Não é todo mundo como o senhor Túlio Moreira que tem condições de perceber a verdade espaçotemporal", comentou o Divino Espírito Santo, que sempre foi e sempre será, e nem por isso deixa de ser uma unidade.

Quem nos visitou recentemente foi o Cássio. Ele está sempre com uma namorada diferente, não se casou em vida e nem após a morte. Desta vez apareceu, em 5246, com uma morta chamada Lutínia. Foram tantas as namoradas de Cássio em vida, que fico imaginando a coleção que ele já não fez nos últimos 3000 anos. Me entendo bem com Cássio, concordamos com os fins, mas não com os meios. Talvez porque sofremos juntos sob o mesmo teto. Mas, também, porque ele foi forte, viveu a vida toda sozinho, não foi rico, mas venceu sozinho, enquanto o Gregório precisou de ajuda pelo caminho. O fato é que o Cássio sabia como arrumar ajuda nas amizades, uma ajuda intangível que o Gregório não sabia capitalizar. Por isso, o Gregório pediu a Cássio por

Jenkis. Cássio respondeu que “quando a pessoa não quer, não tem cristão que dê jeito. Lembra que a gente era tudo ateu? Lembra do Clóvis? Pois é, quando tá na casa do sem jeito, é melhor relaxar. Tranqüilo, Gregório, o Jenkis vai passar e, se o mundo mudar, é porque Deus quer.” Essa resposta frustrou Gregório, justamente porque fazia sentido. Porque o Gregório era sempre o primeiro a dizer que rola canga e o último a desistir de salvar uma alma nas encruzilhadas da vida. Seu sono era perturbado, de quando em vez, pela lembrança de um decaído que talvez tivesse escapado. E é que depois de morto o corpo nunca mais lhe doeu, mas a consciência ainda o perseguia, pois o que ele queria era uma sociedade perfeita, e Deus apreciava os sonhos de Gregório, não para salvar o mundo, mas para salvar alguns. Aquilo era excruciante para Gregório. Ele gostaria de ser como o Cássio, despreocupado. Talvez sarrar um pouco mais., mas Vitral foi o mais longe que ele foi num romance fora do casamento. Não que ele não tivesse prazenteado vivas e mortas em três milênios, mas nunca se tornou uma relação verdadeira. Foi ajudando que ele se apaixonou pela primeira vez uma segunda vez. E ficava com esse nome lindo na cabeça, Vitral, sem ter direito à memória do corpo, pois quando a conheceu, já estava morta. Estava tão apaixonado que ousou dormir em intenção de Vitral, em vez de em intenção de Lídia. Como não tinha lembrança do corpo, não tinha dedo a chuchar, foi sua primeira relação extraconjugal e

primeiro romance de defunto, se não contarmos Lídia. E ficou se sentindo meio carente por estar com uma mulher que se chamava Lídia, quando poderia ter passado esses três mil anos com uma Vitral. Pelo menos, pensava de si para si, não teve que agüentar uma Ibirn, por mais que os rapazes da época gostassem desse nome. Imagine uma Ibirn de mau humor? Seria uma fera ameaçadora. Já uma Vitral zangada ficaria ainda mais bela, como comprovava a sua Vitral, que se impacientava por ele não lhe emprestar o robô de combate para da um jeito em Eiuhw. "Aiú", ora se isso é nome de gente. Se alguém soubesse, dentre os vivos, o nome de Gregório, com certeza iria estranhar. Vitral achou feio o nome, e resolveu apelidá-lo de Goesgho, que no fundo foi no que deu Gregório na linguagem do futuro. Isso causou uma pequena cena de ciúmes entre Gregório e Lídia, pois ele pediu a ela para chamá-lo de Goesgho. "Ah, Gregório, vá plantar batatas, Goesgho é o barulho que a bosta faz quando cai no vaso, você não tem mais esse problema." Quem estava com problemas era a Lídia, que não conseguia aceitar que o Gregório estava apaixonado por outra. Ela mesma já tivera umas quinze paixonites, mas nunca largara o Gregório, e agora tinha medo que ele a largasse por Vitral. Gregório não pensava em abandonar, mas em adicionar. A pobre Vitral era a falecida de um decaído, só tinha a Jenkis, e ainda assim como uma esperança que permanecia indecifrável, e não era para ser seu amante, mas filho. Ela também

se apaixonara por Gregório e o seu sentimento ardeu pela grandeza do amor que Gregório lhe dedicava. Sentia-se meio mal de ser a outra, mas não fugiu do sentimento e viveu plenamente a paixão por Gregório. Virou uma espécie de segunda esposa, chegou mesmo a ajudar Gregório a lembrar dos seus afazeres. Sua vida foi frustrante, morreu muito jovem, com apenas 105 anos. Ainda por cima, a tonta não viveu a experiência divina enquanto estava encarnada. Por isso, a entrega a Goesgho era uma forma de extravasar. Já Goesgho estava feliz, o mais que um morto pode ficar feliz. Na verdade, os mortos são felizes, têm poder, prestígio, beleza e charme. Reencarnariam em corpos comuns, se não fosse o limite universal, mas nem por isso deixavam de ser muito felizes. Os séculos se encarregam de apagar as mágoas e frustrações e resta o sentimento da bondade, do amor, do carinho, do merecimento de ajuda que tem a humanidade, com todos os seus defeitos. Eles lembram como era gigantesco o problema de sair do ovo e como, de repente, não significava mais nada.

Pensando nisso, Gregório se lembrava de Ginko, um homem que viveu nos inferninhos da droga e morreu por causa dela. No ano de 5252, ele tinha comprado um robô de gula, já há algum tempo, e voltou para os inferninhos, para continuar se drogando. Gregório não concebia uma atitude dessas, mas Ginko dizia: "Vou me drogar para sempre, quando o robô entupir, eu descanso, trabalho de novo e compro outro. É

muito bom se drogar, pena que cause problemas. Bem, eu morri disso e vou ficar nessa. E não era só o Ginko, não. Uma porção de almas eternas e desencarnadas habitam os inferninhos, onde, enquanto ajudam os bons, sentem na alma mesmo o prazer das drogas. Se guardam em pulmões e corações, protegendo suas longevidades, mas também curtindo o cigarro e o álcool. O Gregório até que toparia uma bebidinha, mas a Lídia era seráfica e mantinha-o longe das drogas. Vitral só veio reforçar esse virtuosismo. Vez por outra, quando seu robô estava na retífica, Ginko aparecia para contar umas piadas e comemorar a imortalidade da alma. “Você não pensa em se casar com uma boa mulher, Ginko?”, perguntava Gregório. “Eu mesmo, não, casei com a zona. Sabia que existem muitas prostitutas imortais? O meu robô não é de cópula, mas dá para fazer coisas incríveis com a língua. E, não me levem a mal as suas senhoras — dizia ele, ruborizando Lídia — eu quero é mocotó. Minha grande frustração é que não dá para reencarnar num corpo comum.” Gregório aquiescia e ficava tentado a ir na zona, mas, quem precisa disso quando tem uma esposa e uma amante? Se nada mais o convencesse, ele lembrava do longo martírio que fora largar as drogas. Demorou um ano para que o cigarro parasse de o chamar de volta ao vício. E foi um ano angustiante, quando ele ainda não conhecia a Deus. Ele sabia que Deus não poderia o ajudar muito mais se ele se reaviciasse, pois viu muitas vezes acontecer de um viciado sair do

vício quando descobria que Deus existe, e não era nada fácil para eles, como não foi para Gregório. Seja como for, existem mesmo almas descarnadas, que não prejudicaram a ninguém de forma irreversível nas suas vidas, que vivem eternamente no vício. Pois o vício não atinge só o corpo, mas também a alma. Tanto é que é comum ver gente convicta de largar que volta contra a vontade. Isso é porque o vício já saiu da alma, mas continua no corpo. Em situações assim, demoram-se anos para que haja a cura e, ainda assim, alguns desistem de largar e morrem no vício. São estes que estão sempre lá, nos inferninhos das drogas, consolando a alma de uma vida que foi ceifada indevidamente. Esse território das drogas é mesmo muito injusto, até com quem foi punido por Deus. Por isso que o Gregório lembra com tanta saudade do século XXII, porque pairava na atmosfera de todo o planeta uma aura de que esse problema estava resolvido para sempre, como se fosse uma varíola, contra a qual todos estivessem vacinados, mas a conquista do espaço trouxe de volta o limbo organizacional e velhas fórmulas foram preparadas por corpos doloridos. O Gregório às vezes acha que Deus não sabe o que está fazendo, que Ele é grande demais. Gregório vive repetindo que Deus é grande, mas tem dúvidas quanto à sua fidelidade, pois o anjo do Senhor também fraqueja, como se fosse um ser humano. Com os anos de devoção, Gregório aprendeu que é preciso ajudar a Deus, ou os milagres e as bênçãos não chegam. Deus diz

tolices e faz asneiras, cabe a nós, seres humanos, discernir o certo do errado. Se bastasse obediência, seríamos todos felizes em todos os tempos, não existiriam as artes dramáticas, pois tudo estaria certo. A música teria sucesso garantido e a literatura seria um apanhado de odes ao Senhor, limitando-se à poesia da mais alegrinha, o que seria a identidade de todo mundo. Não haveria gente carrancuda, nem ranzinza, nem avara. Nem haveriam débeis, nem maledicentes, nem melancólicos. O talento da crítica seria suprimido das capacidades humanas, seríamos todos obedientes. O crime seria como Adão e Eva antes de comer a maçã: desconhecido como idéia.

Ainda assim, mesmo sabendo de tudo isso, quando recebia as visitas da alma de Ginko (pois Lídia não permitia que ele viesse ao seu cantinho de casco exterior com seu robô imundo), Gregório ficava em dúvida se comprasse um robô de pintura ou outro de gula. Seja como for, os anos se passavam e o dinheiro nunca dava para comprar um terceiro robô. As esculturas de Lídia vendiam bem, mas baratinho. Enquanto isso, depois que largou o turismo, Gregório ganhava algum como vigilante, e é só. Tinha as despesas de manutenção, mas havia um gasto que eles faziam como devoção: a caridade. Assim o dinheiro do robô de pintura escoava para entidades estudantis e a sociedade dos velinhos com câncer. No ano de 5252, o câncer foi praticamente dominado. Ele não ataca mais ninguém com menos de 800 anos. Raros são os

casos que não são assim, e dizem que acontece com quem é desagradável ao Senhor. As observações de Gregório confirmam, mas deve-se levar em consideração que Deus se desagrada de inúmeras maneiras. Nem mesmo almas imortais estão livres de cair nessa armadilha do câncer. Mesmo assim, com o avanço (e obediência aos) dos cuidados preventivos, a maioria dos casos são benignos. A não ser nos inferninhos da droga, que é uma situação, hoje, à parte da sociedade, como já foi o crime à parte, se podemos dizer assim. Quando o Gregório nasceu, a droga estava em toda parte. Hoje, não, é tabu. Mas ela já esteve, por séculos, em letreiros de rua, elogiando a dignidade de seus consumidores.

Por isso o Gregório não concorda com o Ginko e, pasmem: o Ginko é cancerologista. Além de tudo, ele sabe como prolongar a vida sintética do seu robô, conhece as substâncias todas que combatem o efeito das drogas e sabe manipulá-las. Ele mora num gueto do inferninho e é o médico de muita gente que vive no mundo das drogas. Para que o leitor entenda: isso não era para estar acontecendo, mas o sistema faz vista grossa porque o problema é grande e a fronteira espacial é obviamente a prioridade coletiva. O Ginko ajuda muita gente a se desintoxicar, ele tem a manha do ofício. E assim, ele paga o seu vício. É uma situação conhecida de todos e que todos respeitam, ainda que alguns não gostem. Existe ainda um percentual de malgalados que querem proibir a

droga, mas seu número de votantes é ínfimo, porque, hoje em dia, malgalação é como era a escravidão no século XXI, oficialmente proibida, prevenida e coibida. Não acontece mais nos níveis de então. O Gregório gostaria que eles ganhassem de novo a luta, como no século XXII. Foi um fenômeno formidável a proibição, então considerada definitiva, das drogas. Houve revolta nas ruas de gente que queria continuar se drogando. Foi uma decisão do governo mundial, que mandou destruir as plantações do vício, legal e ilegal. Muita gente enlouqueceu de repente, foram dez anos de seqüelas para o bom andamento da vida em sociedade. Então, a humanidade ressurgiu vitoriosa, ainda que a memória de muitos, naqueles meados de século, mantivesse o vício vivo de alguma maneira, mas, no fim do século, dava gosto de ver a juventude saudável em toda parte. Não que a humanidade tivesse virado um poço de virtude sem um único decaído, mas o século XXII não sabia como a vida fora possível no século XX. As guerras mundiais eram um horror somente possível num mundo de drogas, segundo diziam os especialistas. Outros acrescentavam que, num mundo de drogas, não haveria como fugir da guerra. Isso era muito polêmico nos meios acadêmicos de então, ao mesmo tempo que a família perdia espaço para a escola na criação dos pequenos. Mas já no século XXII se anunciava o que ainda é realidade no século LIII: a subsociedade da droga, que já não perpassava o grosso da população. É preciso que se entenda uma sutil

diferença cultural que inovou as relações desde o final do século XX. A droga já fora uma opção do livre-arbítrio, no consenso das opiniões em geral. Foi no começo do século XX que se começou a reivindicar o viés criminoso do uso de drogas e, no final do período, já se raciocinava coletivamente em proibir todo o tipo de drogas, e não apenas as mais pesadas. Fornecer drogas foi legalmente equiparado, ainda que a analogia não seja perfeita, a escravizar. Houve até pedidos públicos e oficiais de desculpas à memória dos viciados. Um certo político da América do Norte (sede do primeiro governo Mundial), de nome Willis Draing, chegou mesmo a dizer que "o sistema repressivo do século XX é a prova da infantilidade da alma humana." Seja como for, ainda que o submundo da droga tenha voltado ao terreno do livre-arbítrio no século LIII (e, diga-se, o aviciamento voltou a ser tolerado devido à precocidade dos decaimentos, sem falar que nos defrontamos com a fronteira do vácuo e o mistério dos sonhos), esse submundo foi alijado do poder, até o momento em definitivo. Como já foi dito, a dieta substituiu o trabalho como princípio básico da moral. Justamente porque, graças a Deus, o trabalho foi isolado da criminalidade e serve à comunidade com extrema facilidade. Ninguém arruma emprego hoje em dia sem comprovar a pureza de sua dieta. Como eu já deixei claro, o ócio é tolerado, e é no ócio que revive o mundo das drogas, uma vergonha para a sociedade e especialmente para os viciados. Gente no

emprego movida ao vício é impensável no século LIII. O sistema ainda é o comunismo democrático, tudo é resolvido por eleição de fins e governado em concílio.

O que ainda é muito polêmico no século LIII é a situação social do ex-viciado. Alguns foram lançados no mundo das drogas na primeira infância e resolveram, por livre-arbítrio, numa determinada idade da maturidade, largar. Atualmente, a lei os proíbe de ter cadeira nos concílios e o voto dos ex-viciados é ouvido em separado, tendo em vista uma ínfima parcela da população, posto que a de viciados em geral é bem reduzida. O Gregório tem um interesse especial em velar pelo futuro desses homens de carne e osso que conseguiram sair do mundo das drogas, demonstrando um poder de luta admirável, mas que ainda assim são isolados do poder social. Para o Gregório, que é um morto ex-viciado, é um absurdo que um século tão ordeiro exerça oficialmente esse tipo de preconceito. Mas, no fundo, no fundo, a verdade é que quem acha o século LIII ordeiro são os mortos de outras épocas. Para os viventes, o século LIII é um drama intenso, onde as emoções chacoalham indefinidamente entre o rancor e o perdão. Aliás, como sempre. Ainda assim, os mortos têm a sua opinião e têm peso na sociedade, um peso de metal e tecido sintético e eles acham mesmo que o século LIII é ordeiro demais para que certas coisas aconteçam, como a discriminação oficial (dita clínica) dos ex-viciados. O próprio Gregório se

pega horrorizado consigo mesmo, quando, às vezes, flagra uma criança chorando e tira a conclusão de que é por besteira. Nessas horas, ele recita mentalmente a Willis Draing, pede perdão à humanidade pela infantilidade do seu justo juízo, argumentando como prova de autoacusação a alegada infantilidade da alma humana, com a qual ele já deveria ter-se acostumado depois de tantos séculos. A Lídia concorda com o que o Gregório diz, e gostaria que ele sentisse de acordo com o que diz, mas o Gregório é muito criança, pensa ela. É então que o título dessa obra é "Aprendendo a perdoar", ainda que o Gregório tenha seguido caminhos tortos, levantado óbices e se detido em história geral com um título desses. Porque a verdade é que o Gregório está mesmo aprendendo a perdoar, já ou ainda no século LIII. Porque ele reclama de quem diz "se" em lugar de Deus, mas se pega com vontade de se auto-afirmar como intrinsecamente bom, mas dobra a coluna, a contragosto, à sua própria e eterna ignorância de outro destino qualquer para si mesmo que não o único e, cada vez mais, ele compreende como o acaso é uma vontade consciente de Deus, mas ao fim do dia perde as contas das suas idéias. O Gregório gostaria que todo mundo dissesse só "talvez", prosternando-se ao "se" de Deus, como ele faz e no fundo sempre fez, mesmo quando era um ateu, nos séculos XX e XXI, e o sangue animal ainda pulsava nas suas veias, mas isso seria uma prova de maturidade da alma humana e a literatura se resumiria à poesia,

ainda assim, só à poesia alegriinha, que seria o único ânimo de todos os povos. Falando desse jeito, o Gregório meio que cai na conclusão de que a vida é uma brincadeira, como insinuou, contrafeito, Willis Draing. A solução do paradoxo é que quem consegue dizer "se" leva a vida muito a sério. Esse é Deus. Por isso o chamam de Pai, a quem devemos ou deveríamos obediência (dependendo de quem expressa essa opinião). Porque o mal também se expressa em minúsculos bocados de eternidade benigna, e somos todos crianças perante o Pai. Pelo menos, é o que o Gregório acha.

Essa questão polêmica leva a um assunto delicado: a cristalização da personalidade. Antes de mais nada, é preciso deixar claro que, onde está dito que Deus diz asneiras e faz besteiras, subentende-se que é do ponto de vista limitado do ser humano que se percebe esse fenômeno da fraqueza divina, porque o verbo se fez carne, mas não é só a carne, ele é, antes, a luz. Voltando à questão da cristalização da personalidade: antes de mais, não devemos confundir personalidade com talento. O talento é nato, a personalidade se fabrica durante a vida. Mas há uma pedra de tropeço, que é a natureza individual do pecado, que tanto é nato como construído durante a vida. Essa tênue fronteira entre natureza e interação, que o Gregório admite não saber estabelecer de uma forma definida, clara e precisa, é o que não devemos ousar transpor. Porque não sabemos onde é a fronteira, mas sabemos de que lado dela

estamos a qualquer momento, e o certo, o belo, o bom, o útil é determinar o bem comum como padrão decisório das ações, ainda que num mundo onde a injustiça é possível. Sim, ainda que a injustiça seja possível, não cabe utilizá-la como argumento lógico. A prova é que o mal anseia por ser o bem e o bem prefere permanecer o bem. Isso, que o Gregório diz com uma linguagem atraente, é um comportamento muito feio e prejudicial, que sempre leva à tristeza. E já foi demonstrado incontáveis vezes que o mal pode migrar para o bem, ainda que provisoriamente. Ainda que, ao se defrontar com a grandeza de Deus, o perdão se torna inescapável, isso não implica no silêncio de quem aquiesceria, donde retornamos ao assunto primeiro deste parágrafo, a cristalização da personalidade. Pois, quando nós recorremos a expressões idiomáticas tais quais "agora já foi", "já era", "Inês é morta", "acabou-se o que era doce", abrimos mão de sermos senhores da nossa própria personalidade, tal e qual um viciado se rende ao vício pelo resto da vida. Realmente, acontece, mas não deveria ou não poderia. Se alguém achou essa argumentação clara, o Gregório alerta para que tome mais cuidado, porque é em admitir a ignorância do que é certo que se comete menos erros. Os donos da verdade e senhores da razão todos terminam seus raciocínios na ignorância da próxima novidade. Mas o Gregório não está dizendo que o bem não topa a brincadeira. Topa, joga, luta, expande, conquista. Enfim, o bem realmente

evolui e a vida melhora como um todo. Os percentuais melhoram genericamente. Nessas horas, o Gregório gosta de ouvir a opinião do seu filho, o Haroldo. Mas o Haroldo se limita a ampliar os territórios do bem com uma linguagem poética, alegrinha, que deixa eternamente a prosa do Gregório sem uma resposta sobre o fim do conflito humano. Isso é um absurdo, mas o século LIII não é o último e o Gregório ainda guarda um fiapo de esperança de que chegue o paraíso, a Terra Prometida, algum dia, o que não se anuncia ao horizonte da compreensão. Ainda assim, a vida melhora. Por isso que, ao lembrar do Estefano, o Gregório tem um apreço especial por quem tem a grandeza de se arrepender do mal que fez. Quase discorda de Deus quando Ele sentencia os arrependidos. Mas, pensando melhor, o arrependido gostaria de não ter feito o que fez com adoração ao Senhor, e essa não é uma sorte que devemos desejar ao nosso próximo. Portanto, a razão permanece com o Senhor, por mais que o Gregório se rebele ao ponto de ouvir o coração do vilão. Por isso o Diógenes abandonou a luta e voltou-se para uma vida de adoração reduzida no prazer da aventura, porque não suportou ouvir o coração do vilão. O Gregório já nem liga mais para o que aconteceu entre ele e o Estefano, já passou há muito tempo, mas o Gregório jamais conseguiu realmente entender porque o Estefano era como era. Além do óbvio "acabou-se o que era doce", permanece a pergunta do porque, mas não há resposta para essa pergunta e foi a

pergunta que o vilão pensou ter respondido. Poético, mas imoral e antiético. Não justifica o gravame e nem a rebeldia. Bom, ainda assim, o Gregório se esmera em aprender a perdoar, na convicção de que esta é a melhor forma de combater o mal. Que fique claro que perdoar não é o mesmo que aquiescer, não é o mesmo que abandonar o combate. Perdoar é o melhor combate.

O que levanta, após essa questão que, além de insolúvel, é secundária, qual seja, da cristalização da personalidade em comparação com as sinas e os destinos da vida, a questão principal que empecilha a salvação, ou seja, o sofrimento. A primeira barreira, anterior ao próprio sofrimento, não no universo, mas na comunidade, é a rejeição a um projeto de sociedade que encampe o sofrimento. Em seguida a isso, temos o próprio sofrimento, com todas as suas cores injustas. Uma criança jovem, ao chegar nesse ponto do caminho, tem que decidir se continua para sempre ou se volta à origem na prática. Em que pese o que foi dito por Gregório sobre o arrependimento. Gregório nessas horas se volta para Jesus e pergunta: "Que linha eu escrevo após essa?" E o caxias responde: "qualquer uma, pois, depois do perdão, tudo já foi dito, estamos só repetindo". O Gregório fica rabugento, porque um ser do bem deveria preocupar-se em extinguir a dramaturgia nem que fosse só um pouquinho. E Jesus também revela um lado que, para o pecador, com sua compreensão limitada, parece

mais besteira divina. Qual seja, é misterioso o pecado original, mas existe o mérito. Jesus resume: "Vem do mal a certeza de que o mérito existe, justamente porque este anseia pelo bem. O arrependido expõe essa verdade, ele admite que fez o que não poderia, essa a apresentação do arrependido para si e para os outros. Não nego que parte da verdade está no coração do vilão, mas não dê uma magnitude à ameaça maior do que ela realmente tem, isso é fraqueza pecaminosa. Porque a conclusão de quem perdoa é que Deus é a única Grandeza, os pecadores são ínfimos, irrisórios, mínimos, insignificantes. O que é de dar medo", diz Jesus, deixando o raciocínio incompleto e se retirando para o repouso, ao passo que deixa, não só o raciocínio incompleto, mas, também, Gregório entregue ao seu próprio juízo e sorte. Definitivamente, ao contrário do Gregório, Jesus não têm o gosto pela explicação, ele mede o conhecimento em resultados. O Gregório, muito falante, conclui que é porque o chamado pecado original jamais deixará de ser mistério, e teme por si mesmo, pois Jesus lhe atribuiu o ônus, e o Gregório é um sofredor. Desencarnado, mas sofredor, e é preciso despender poder para pilotar o robô. E a Lídia não estará satisfeita se o Gregório não vier a se aplicar um dia à pintura, o que conflita com a satisfação de fazer a caridade. E o dinheiro realmente é pouco, porque o comunismo que de fato se implantou não foi a negação do capitalismo, mas seu complemento numa fase beneficiada tecnologicamente, o que

estava muito longe de ser verdade no começo do século XXI, quando Gregório foi à igreja e descobriu que existia algo azul claríssimo que, se fosse alimentado com a cultura, retornaria em benefício da mais variada qualidade. Naquela época, o Estefano era vivo e devotava a vida à tristeza. E o Gregório tinha que agüentar, e ninguém faria mais que dar-lhe um alívio, sob determinadas condições que ele deveria cumprir *a priori* para obter o tal alívio, e ninguém dizia a Gregório que iria dar certo, mas só que já tinha dado certo antes, essa era a estatística dominante entre os que satisfizeram o perfil para ter o benefício, seja o alívio, seja o incremento.

Dias depois de ouvir, aliviado da responsabilidade de salvar a humanidade, o Senhor Jesus, que tomou a si a tarefa, visitou Gregório o bom e malgalado Sinc. Apesar de ter sido criado por ele e Lídia, o Sinc não assimilou totalmente a política do perdão universal. Por mais que conversassem sobre o irretornável como uma das realidades da vida, ele jamais se conformou que o irretornável tornasse a acontecer. Deixava claro que não abria mão da repressão e dizia, entredentes mecânicos: “tem mais que apanhar para servir de exemplo.” Na nave-mãe, para visitar seus pais adotivos, Nossa, como reclamou do livro de Gregório. Disse que não é porque o mal é tolerado que ele é aceito. Existe uma diferença de significado entre essas duas palavras.

— Sim, eu vou sofrer, isso é tolerar, não, não vou reproduzir o erro. Isso é não aceitar —

ele reverberou com a sua voz metálica num robô de relações públicas — Não interessa a época, o que vale é o princípio. Você pode dizer, todo mundo vai morrer, mas eis-me aqui, malgalado para sempre. Como eu queria verde e azul, mas o papai, que teve verde e azul, não me deu verde e azul. Tenho pena de quem errou sofrendo como eu sofri, mas eu poderia ter me rendido à facilidade de criticar minha existência e não estaria mais aqui. E tenho certeza que estou evitando que aconteça de novo por não ser tolerante. E não tolerarei por toda a eternidade, movido pela minha falta de cor-de-rosa. Você pode dizer (eu te conheço, papai) que quando se evita o acidente, uma alma se salva. Pensa que me inquieto no meu ardor repressivo? Pelo contrário, aí que eu me encanto com a Beleza do Senhor, pois um gesto que, no primeiro momento parece inútil para a bondade, pode, na verdade, resolver os dois problemas, tanto o da vítima como o do decaído. É preciso lembrar a todo momento que decaído não é vítima, é algoz. Ora, se fizermos de um néscio um homem bom e de seu filho um bem-galado, nossa, e tudo graças ao sistema repressivo. E do jeito que a coisa funciona, não fica nenhum vínculo desnecessário entre o repressor e a alma salva (irc), pois a cura mística se dá pelo exemplamento de terceiros. E não me venha com limite da “convivência”, pois este limite é o que o lado do bem se diz no dever de expandir a cada momento. Isso, sim, eu chamo de época. Graças a Deus os mortos já podem dar sua

opinião. É em consenso pela bem-galacção, sem falsidade nas palavras, independentemente de quem esteja falando. Veja bem, Gregório, eu sou seu filho e tome aqui um dinheiro para você comprar seu robô de pintura — disse Sinc e estendeu um cheque polpudo, colorindo a visão do velho fantasma e estourando o sorriso de Lídia. Quiseram agradecer, mas Sinc ainda tinha o que falar — Pai, eu também sou criança, mas a vida é dura, quem cai se arrebenta e quem faz o que não deve está na cadeia quer queira quer não. Eu, quando vejo uma pessoa culpada se escondendo atrás da mentira, eu paro para julgar se vale a pena abrir a boca ou não, porque tudo tem um limite, até a repressão. Tem um limite, mas existe, tem que ser exercida. O mesmo Deus que perdoa a toda gente, desmancha as almas dos culpados em crises de dor. Se eu fosse o senhor, deixava essa besteira de aprender a perdoar para lá. Não perdoe, releve. Como eu disse, é agüentando a dor que se prova o caráter. Talvez, se o senhor lembrar que muitos colegas seus, diante dos seus olhos, tomaram o rumo da canga! Isso não é de dar pena. É de encher de raiva. O cara lá, na mesma chance, uma chance maravilhosa, com mil saídas e possibilidades surgindo a cada momento, sofrendo os mesmos limites, perfeitamente toleráveis, na mesma escolinha, e o cara sobe na canga? Isso é inadmissível. Acho até egoísmo seu, papai, o senhor querer perdoar o cangado. Não pensa nas vítimas? A futura vítima ainda pode salvar-se. Não interessa a idade do

cangado, se três anos ou se 886, ele sempre está errado no que faz, seja se esfregar na canga, seja tentar jogar na canga. Pelo amor de Deus, sintam a intensidade do drama. Ora, eu sou humilde de não existir em outras condições além das que eu tinha. Até entendo que sonharam com uma vida melhor, que não lhes caberia de fato, mesmo que de direito, sei o que é sofrer. Mas, ainda assim, querido pai adotivo, não interessa se foi um malgalado quem malgalou, tome na canga e pronto. E, se por um acaso, o problema da carne for mesmo insolúvel, o que jamais saberemos que não, pois temos um período infinito para tentar resolver, isso só faz aumentar a obrigação de reprimir o vilão, encarnação do mal, do capeta, do coisa ruim, do cramulhão, do chifrudo. O vilão é um ser que se fez grotesco por egoísmo, inveja, intolerância. E o que ele pede? Mesmo agindo como sempre agiu? Ele pede amor, compreensão, amizade. Como um estelionatário, como um descuidista, como um fraudador. Isso não é uma causa nobre e nem um bom sentimento. O senhor diz que quem não tolera o mal se torna o mal. Ora, a repressão tolera. Reação não é sinônimo de impaciência. Quer perdoar o vilão? Está perdoado, senhor vilão, e tome na canga — e Sinc continuou falando de uma religião um tanto quanto marcial noite adentro, pois, nos últimos tempos, longe de um sol, a nave vivia uma eterna noite e, ultimamente, com a falta de meteoritos na coleta, com as luzes artificiais mortíferas. Que se perdoe o vilão, era o que dizia.

Mas que se execute as tarefas do dia-a-dia com a intenção certa e o cumprimento certo. O demônio mora no buraco, mas tem asa e voa. E foi-se mais uma criancinha de três anos para o inferno. Não poderia. De quem é a culpa? Segundo Deus, dela mesma. Se Deus não tem certeza do que faz, quem é um vilão fracassado para ensinar as forças do bem? O Gênesis é um livro muito antigo e rudimentar, se comparado com os evangelhos.

— Pai, eu sou uma grave vítima do mal, perdi muito da minha vida por causa da maldade insolvente e irresoluta. O que eu quero? Quero a felicidade do meu semelhante, não dou ouvidos ao demônio, que diz: "Se não houve para mim, porque eu daria a alguém?" Nossa, que cara egoísta. Pois olha só: surpresa, você "já era, acabou-se o que era doce". Me angustio em saber que eles tiveram na doçura e azedaram, mas só me resta salvar meu semelhante. Ninguém disse que seria perfeito. Oh, foi um irmão, um primo ou, o que é pior, um genitor — continuou Sinc.

A vida acaba, é melhor se acostumar com a vida eterna. Esse tipo de comportamento não é aceito. Nunca nenhum caso de maldade, no dano, foi para o céu, em todos os tempos. Deus não fez uma única exceção. E claro que a vida humana não vale nada aos olhos dos homens. O vilão valeu mais que os outros. Somos formiguinhas formando uma ponte de corpos afogados para atravessar a água. A diferença é que os nossos mortos agora populam o espaço

sideral. Se aquela formiguinha for boa, viverá para sempre. Deve-se encarar a maldade com benignidade, mas também com limite. Não é porque nossa alma está salva que devemos descuidar do prazer, do sossego, do bem-estar, da segurança do nosso semelhante.

— Pai, eu perdôo, mas o mal é o inimigo e o inimigo se mata, se fere, se destrói. Existe uma coisa, que incomoda muito o demônio, chamada lei da causa e conseqüência, que se chama "quem fez primeiro". E ele se incomoda não porque ache que está errado, mas porque dói na alma. Ele sabe que é culpado, conhece seu merecimento. Apenas está na jaula, agüentando. Tolerando estar vivo porque vai morrer. E, não, vencendo a morte porque vai viver. — disse Sinc.

— Filho, eu concordo, mas só você pode responder por sua posição. Ninguém nunca deixou de ser a si para dizer que agüentava o destino de outro — Gregório gostou de ouvir Sinc, mas preferiu provocar para ver o que saía.

— E daí? Pergunte a Deus se ele poderia resistir a não vitimar. Poderia, mas a vida é curta e, vamos e venhamos, o demônio já esteve no céu, ele já teve algo a zelar. Porque não zelou? E agora, o que ele faz, já disse, ele vive porque vai morrer. Pois eu morri para viver. Está dito que não importa o que é de nós nesse mundo, pois o banquete nos aguarda no outro lado, e faça bom uso do seu robô de pintura. Agora eu vou me encostar no casco e descansar o robô. Vamos dormir, que alma precisa de descanso. —

E foram se deitar, depois de sorver, numa bolha de ar enclausurada num conteneinte de vidro, um incenso que Lídia serviu para alimentar. Ficaram enfiando os narizes descarnados na bolha de vidro. No dia seguinte, Sinc continuou argumentando que o bem não deve transigir com a maldade. E dizia:

— Meu pai natural era um vilãozinho forreca de quinta categoria. Não é porque eu comi da comida dele que lhe devo gratidão "*in memoriam*", pois ele só estava cumprindo a sua obrigação. Um pai não pode jogar na cara do filho que ele é bem-galado, porque isso é uma obrigação do pátrio poder. Honrar Pai e Mãe, diz o mandamento. Não vejo nada de errado em dar casa e comida para um velho que nos prejudicou tanto. Isso a cadeia também proporciona. Agora, não me vá justificar o que fazem na fome. Não estou falando da pobreza, mas da miséria. Os que nascem e se reproduzem na miséria estão errados. Não se faz uma criança no meio da rua, e muita gente sabe disso e está entre nós, sentindo de perto a caridade de cada um.

— Chega Sinc — interrompeu Gregório — você já me convenceu. O perdão é um bordão, um cajado, com o qual se apascenta as ovelhas.

— Só me deixe concluir: o mal merece o que está tendo, merece e pronto. Combater não é sinônimo de aniquilar, isso depende da situação. Para pequenos vilões, pequenas punições. Hitler, lembra desse nome histórico? Fez o que fez e não sofre mais. Não se entristece, não sente dor, não sente falta da sua

inocência. Desaparecer para sempre não é tão grave assim. Os imortais vão experimentar muito mais angústias que os que desaparecem. — Gregório teve que concordar com a conclusão de Sinc. Ele mesmo, por mais que os séculos passassem, sentia medo de ficar sem a Lídia, não passava de um grãozinho porco de mostarda que sujava tudo de amarelo.

Sinc ficou varias semanas, em que deu ânimo para o combate e provou por "a + b" que punir o vilão é um fato normal da vida, até o vilão vive nessa expectativa. Além do que, o sistema é cada vez mais humanitário, a crueldade da punição vai diminuindo à medida que mais vilões são punidos. O ideal é chegar nos 100%, a exemplo de Deus, que tem um sistema punitivo tão perfeito que deixa o vilão até ser bonito. Sim, se o vilão quiser, Deus o deixará ser bonito e até regenerado. Todos eles deveriam topa, talvez tope quando o sistema dos homens se equiparar ao de Deus na quantidade, nessa época tão dramática de nossa história. Foi bom enquanto Sinc ficou para inspirar a todos. Podia-se ver as contradições dos vilões se materializando no espaço, para sofrimento dos mesmos. Lembrou a Gregório o Círio Pascal. Sinc agia com rigor, é preciso reprimir o vilão, mesmo que seja nosso pai, mesmo que seja nosso consorte. Ainda assim, Gregório restava com uma vontade de saber porque uma alma inteligente terminava sua curta existência identificada no objeto de seu corpo, e não no interior da sua alma, que, ainda que provisoriamente, está entre

nós. Sinc gostaria que Gregório fosse mais combativo nas suas opiniões, que encarasse o vilão como um sujeito responsável, mas o Gregório era muito criança para levar tão a sério. Ainda assim, Sinc tinha um coração de gigante, onde no fundo tinha lugar para o vilão, desde que não atrapalhasse a salvação, que era muitíssimo importante. Lídia achava que Gregório deveria oferecer seu robô de combate em troca do de relações públicas de Sinc.

A combatividade de Sinc dava inveja em Gregório, fazia-o lembrar de como vacilara no começo da vida sob a égide de Estefano, até que Lídia lhe mostrou o quão infantil era o seu pai (o que causou um bom estrago). De repente, de desempregado, virou dono de loja, e não foi só com cobranças de maturidade que a coisa aconteceu, mas com uma disposição de criança, como a de Sinc. Acima de tudo, foi com boas intenções que se resgatou Gregório do mundo do vício para o trabalho. De todo modo, se somos todos crianças, quem fizer malinação, merece mesmo umas palmadas. Já pensou se o Gregório fosse além do limite com Vitral? Qual não seria a reação de Lídia se os dois entrassem nos robôs de cópula e fossem brincar? Não há nada demais numa amizade mais quente de duas almas amigas, o companheiro ou a companheira toleram, mas... perguntaria uma criança mais sonsa, qual é a diferença? Daí que Sinc estava certo. Gregório, que vivia da repressão, como vigilante, não podia reagir com pena quando os

criminosos seqüestrassem crianças, o que é uma grande criancice, qual seja: o crime.

O crime comum, que Gregório combate, é uma criancice. Segundo Gregório, não podia ficar impune, era inaceitável aceitar. Aqueles embriões não poderiam ter morrido no espaço, uma falha que incomodava a consciência de Gregório. Portanto, o crime era inaceitável. E ele queria perdoar a memória de Estefano, depois de todos aqueles séculos. Ora, se Gregório queria viver melhor com as perdas que lhe foram impostas, será que era necessário consentir com quem lhas infligiu? Não era admiração que movia Gregório, antes a idéia de que o Estefano era só uma criança insatisfeita, querendo se consolar. Se visse as mesmas motivações no crime, o Gregório passaria por cima em nome da proteção, mas, no seu próprio caso, queria perdoar o sorriso de Estefano. Já não tinha que sofrer nas mãos dele. Certa vez, Gregório, ao patrulhar o espaço, enfrentou uma gangue de arruaceiros. Gente jovem, de no máximo 60 anos, que vivia para fazer zona. Gregório via no rosto de cada um a imagem de Estefano, também na casa de 60 anos, como um gangueiro que ameaçava a sua família. Ao partir para a luta física, tendo que atirar, pois estavam provocando acidentes com potencial de causar mortes nas naves pequenas, vestidos em trajes espaciais de combate, Gregório, no seu robô, teve que ferir um dos gangueiros, em legítima defesa de outrem. O gangueiro explodiu no espaço, enquanto Gregório lembrava, com tristeza no fundo da

alma, de Estefano e entendia o que levou Diógenes a abandonar a luta pela vida. O sujeito estava gargalhando, enlouquecido, quando o projétil disparado por Gregório furou seu traje. Ele explodiu em poucos segundos. O que impressionou Gregório foi que o sujeito não pareceu se dar conta de que estava no final, como se achasse que voltaria no "próximo episódio", ressurgindo da morte. Os outros fugiram com medo. Parecia a Gregório que eles tiravam um sarro da cara do que morreu. Como Estefano, eles tinham que levar vantagem em tudo, ou não suportariam a vida. Por isso, o sujeito morreu sem se importar. Talvez, seus colegas não estivessem escarnecendo, mas agradecendo a Deus por ter posto um fim na vida sofrida de um companheiro. Claro que eles eram todos culpados, não poderiam fazer o que fizeram. Não há muito a fazer quanto a isso, é uma luta física, para a qual muitos não estão preparados. Não podemos negligenciar o drama das pessoas nas naveas que seriam atingidas, mas não é o ódio que vai trazer vidas de volta. Ainda assim, amanhã é um novo dia onde teremos que enfrentar desafios. As palavras são reaproveitáveis, são citáveis. Seja como for, qualquer civilização tem um subproduto desagradável e não é comemorando esse ângulo da realidade que vamos diminuir o problema. Se somos duros, colhemos a dureza. Se somos sensatos, colhemos sensatez. O risco de vida é o mesmo, o de uma explosão de instabilidade. Não peça à gazela para morder como um leão,

nem ao homem para ser solitário como o urso. Ainda assim, todo ser humano tem problemas para aceitar seu semelhante. Vivemos em comunidade, estamos nos vendo nas ruas a todo momento. O assassino está no meio de nós. Será que isso justifica que pensemos e ajamos como ele? Se Gregório se rendesse à melancolia de Estefano, teria vencido na vida?

Todos esses questionamentos voltaram à mente de Gregório com a visita de Sinc. No século LIII o homem ainda se matava, por todo o espaço sideral. O confinamento nas naves, principalmente nas naves menores, que se afastavam por um bom tempo da nave-mãe, enlouquecia as pessoas. Não se passava mais fome, mas os sem-trabalho faziam coisas terríveis com suas mentes ociosas, pois a tecnologia era controlada pela mente, tanto que até as almas do outro mundo podiam controlá-la. Insanos queriam se vingar da humanidade ou, como aparenta, tirar uma casquinha da carne.

Porque a falta de prazer, como algo dito insuperável de forma mentirosa por gente fracassada, é um drama, e o drama do vilão não é alegável. E, quando Gregório comprou seu robô de pintura, graças à ajuda de Sinc, se pegou para si mesmo alegando que esteve mais que certo em esperar que Deus providenciasse essa chance, em vez de apertar o cinto ou cortar o da caridade. Gente alega suas falhas como os macacos catam piolho. É como se o vilão estivesse com coceira e não pudesse se coçar. Muita gente faz questão que eles sofram

muito por terem prejudicado. Já o Gregório teme a empatia. O Sinc se incomoda com a preocupação que Gregório alimenta com o destino do vilão. Se todos nós temos que nos conformar a uma vida de sofrimentos (que acaba sempre em morte), porque teríamos que alisar o vilão, que foi tão rude conosco, a ponto de perder sua alma imortal? O Gregório preferiu ficar calado na frente do Sinc, uma vítima de gravame. Frente ao drama de Sinc, o de Gregório é irrisório, com seu histórico de vícios e seu braço quebrado. Mas ele acha mesmo que é preciso transcender o peripatetismo (sem estimular essa ocorrência), porque, se nos ativermos a alguma espécie de apego à carne, vamos estar no território do vilão. Gregório vive do serviço do aparelho repressor, o qual considera válido, como medida emergencial. Apesar de estar morto desde o século XXI, ele admite que a encarnação (primeira e única) é muito importante e, para Sinc, essa importância ia além da vida corpórea, pois como se diz no Gênesis, o homem foi moldado no barro. E o vilão também brincou com o barro. Gregório gostaria muito que o bom Sinc tomasse a cargo a missão de solucionar o problema (para seu semelhante, como um ato comunitário), mas Sinc se detém no ato de coibir o vilão como se fosse a chave mestra. Como se daí ele viesse a obter uma certeza prática (que é pelo que Gregório anseia) de que determinado procedimento levará à solução do problema (da humanidade enquanto uma evolução geracional).

Perseguir o vilão é pô-lo na ribalta, dar-lhe um cartaz. E é disso que vivem os que exploram as artes dramáticas, de um jeito ou de outro. Ainda assim, a vida melhora. A pílula do sorriso foi uma invenção que aliou o melhor de dois mundos, uma lombra que não causa malformação fetal. Parecia a solução definitiva para muitos casos. Até que corpos doloridos resolveram que precisavam ou mereciam mais que isso, e recorreram a fórmulas antigas. Felizmente, isso acontece em percentuais bem mais baixos. Mas o número absoluto de casos é muito maior. Daria para popular um planeta. Estão por toda parte e fazem o que bem entendem, como o gangueiro que foi morto quando ia matar. Seu cadáver foi para a necropsia. Continuava muito perigoso, como uma flor de papoula, não devemos nos descuidar desse momento e não há ninguém a ser derrotado, o mal está agora dentro de nós, ao olharmos para aquelas carnes que explodiram e lermos o histórico. A vida continua, ainda há muitos vilões, e devemos fazer o que funciona para o bem, não apenas o que parece correto. Assim, fazer um curativo, deixar o macaco se coçar, parece a Gregório a coisa mais certa, para o bem comum. Além disso, e a palavra é mesmo além, o vilão gostaria de ser o herói, ele o inveja, ainda que no ódio. Mas o Gregório concorda que não devemos pedir às pessoas que abram a guarda para que o vilão pratique o mal. Ele fica imaginando o que o senhor Túlio Moreira, que vive num século atrasado como foi o século XXI, pensa de tanta criancice. Mas parece ao Gregório

que ele pegará a oportunidade de linhas preenchidas com o que seria uma distração, como pensam muitos que seja a principal função da literatura. Talvez algum leitor ache que eu deveria copiar fórmulas científicas, em vez de enviar um relato genérico do que haverá. E se me perguntam onde estão os outros que não enviam mensagens. Acontece que enviam a todo momento, o passado é que não é capaz de perceber, mas o futuro está-lhe orientando. Ainda assim, fazem presepadas com os conhecimentos que pensam inventar, quando na verdade está-lhe sendo contado por gente que viveu muito mais tempo. Seja como for, isso não é exatamente legal no século LIII e o Gregório está se arriscando de se revelar. Daí que não vai explicar mais nada.

Pouco tempo depois da partida de Sinc, foi preso um dos gangueiros. A polícia queria que ele entregasse o esconderijo da gangue, era um escândalo que não tivessem sido rastreados ainda. Dizia-se que tinham em mãos aparelhos de disfarce eletrônico de uso exclusivo das forças armadas. Nada demais foi encontrado com o gangueiro, ele se arriscou indo ao maior centro comercial da nave mãe sem disfarce. Pensou que sua identidade ainda era desconhecida, mas a polícia não havia divulgado essa informação, na esperança de que os criminosos se sentissem seguros. No seu trabalho de vigilante, Gregório cumpria meio expediente como carcereiro, e ficou frente a frente com o gangueiro, chamado Ronic. O gangueiro reconheceu o robô de

combate de Gregório e disse: "Você é o cara que matou o Cris." Ronic falou sem ódio no tom. Assumiu um ar vingativo mais como quem segue um *script* do que como quem sente o que diz, nem ao menos conseguia encarnar na personagem. Apontar Gregório era para ele como quem diz "oi". Não se engane o leitor, Ronic é um homem violento, um assassino, mas queria a companhia de Gregório, pois sabia que ia ficar o resto da vida preso no sistema carcerário por suas mortes. Na nave-mãe, não se permitia o contato livre entre prisioneiros, por medida de segurança. Então, eles conviviam com seus carcereiros mais que com qualquer outra pessoa. Gregório não queria a intimidade de Ronic, mas não teve como fugir dela. Na hora, ele respondeu: "Isso não é da sua conta." Entretanto, os dias foram se passando, e Gregório era o responsável pela alimentação e até o fornecimento de cigarros de Ronic, o que era um suplício para ele, que ficava lembrando das palavras de Ginko. Felizmente, depois de cada dia de trabalho, Lídia tocava a alma de Gregório com seu amor e tirava essas idéias suicidas, que não ficam bem em um morto, da sua mente. Com o passar dos dias, Gregório se tornou íntimo de Ronic, pois este fez questão de contar a história da sua vida. Parecia a Gregório que, se tivesse cigarros, Ronic viveria razoavelmente no sistema carcerário. Era como se um adulto o estivesse ajudando no banheiro. Uma tarefa que lhe cabia, a de viver, mas que ele entregava de bom grado ao estado. Ronic

não tinha mais que tomar decisões, tudo na sua vida era regido por horários impostos, para dormir, comer, se exercitar, trabalhar para o estado. O estado é para Ronic mais ou menos o que Lúcia é para Gregório, com algumas vantagens, pois o estado só espera do preso que cumpra a pena, e uma esposa espera autonomia do seu marido. Os meses se passaram e Ronic se mostrou um prisioneiro exemplar. Gregório começou a sorrir para Ronic como se fora uma missão dada por Deus. Ronic dependia de Gregório para quase tudo. Ele pensou em hostilizar cegamente a Gregório assim que chegou na detenção, mas como Gregório não correspondeu, a prevenção de Ronic se desfez como que por mágica. Ele iria a julgamento por três assassinatos, e agia como um poltrão de casaco, defendendo interesses gordurosos, o que nem de longe era verdade. Ronic era um sem-trabalho desde que se entendeu por gente. Iniciou-se no mundo das drogas com oito anos, imitando seu pai, tal e qual acontecera com Gregório. Gregório também foi um sem-trabalho, mas a época era outra. Um período em que ainda havia os sem-comida. Intimamente, Gregório se achava melhor que Ronic, mas era justamente por ser um igual que o comportamento de Ronic era tão criticado. Porque a filosofia cristã, ainda em voga no século XIII, nos iguala a todos e espera que nos saíamos bem dos mais diferentes desafios. Em suma, não existe uma explicação satisfatória para o mistério da existência. Não cabe à moral saber porque o

homem se torna espúrio, mas dar-lhe a paga merecida, o que é legítimo, se lembrarmos que a morte vai acabar com todos mais cedo ou mais tarde. Ninguém sabe porque Ronic fez o que fez, nem ele mesmo. Na dúvida, Ronic iria passar o resto da vida na cadeia, enquanto Gregório retornava ao fim do dia para Lídia. Com seu robô de pintura, ele estava começando a ganhar um dinheirinho razoável e já pensava em abandonar o aparelho repressivo como forma de sustento. Ronic havia se tornado um "bom menino" na cadeia, mas sua companhia não era o que Gregório sonhava para sua felicidade pessoal. Além de tudo, sua alma guardava as marcas do vício abandonado mais de três mil anos antes, e isso o estava incomodando. Lídia estava reclamando que Gregório andava muito insistente no uso dos robôs de cópula, mais de uma vez por dia era demais para ela. Isso era efeito da vontade de ir visitar Ginko e usar um pouco de drogas. Tentado, Gregório pediu demissão assim que a pintura começou a render o suficiente, o que não demorou muito, pois ele tinha talento e vivia de reproduções, que venderam razoavelmente. Ficou com a impressão de que o ângulo da vida representado por Ronic, e, também, por Cris, não tinha solução, o que não batia com os ideais do século XXI. Acontece que o Século XXI e o seguinte foram de vida praticamente intraplanetária, com a exploração espacial sendo o confeito do bolo. Eles nem sequer sonhavam com naves de 20 ou 400 milhões de tripulantes. Esse o resumo do que

mudou, não somos mais habitantes, somos tripulantes, passageiros. Não existe mais a propriedade imobiliária. A nave-mãe é de todos. É considerado contravenção ter filhos de surpresa. O Gregório não entende como, num mundo tão evoluído, a sociedade continua se corrompendo. De fato, a insatisfação humana é como cultivar o vício do cigarro. Não começamos nisso porque queremos. Somos estimulados, convidados, mas não queremos mais sair, o que não é sinônimo de satisfação. Quem larga o vício, no fundo, gostaria que cigarro não fizesse mal. Seria melhor nunca ter conhecido o cigarro, mas, agora que conhecemos, que abrimos a caixa de Pandora, que comemos do fruto proibido, somos expulsos do paraíso em meio a todos os males. Por isso o Gregório não agüentava o Ronic, a ponto de pedir demissão, e não porque o assassino se tornou um cordeirinho depois de preso, graças, na opinião de Gregório, ao culto ao tabagismo. Fica no ar a dúvida se Ronic seria um assassino se nunca tivesse fumado. Essa a pergunta que não devemos responder. Não porque seja tabu, mas porque realmente não tem resposta. "Talvez" não é resposta. Pois bem, talvez, mas jamais saberemos.

Longe do aparelho repressivo, longe do burburinho vivo da nave, absorto na pintura, no seu isolado casco exterior, Gregório reencontrou a paz que coroa a existência por tantos séculos. Pintava com tintas especiais que não ficavam flutuando no espaço. Lídia estava lá e Vitral era uma linda criança. Lídia permitia que Gregório

ajudasse Vitral. O viúvo de Vitral era o chamado regenerado pela inteligência. Nunca fora mau de fato, apenas sumamente egoísta, a ponto de pisar no bem comum. O leitor perdoe o Gregório, mas ele vai omitir o nome do sujeitinho. Ele é o tipo do filósofo da vida que não se apiada de si mesmo, o que reflete no seu comportamento para com seu semelhante, ao passo que ele já não faz mais as loucuras que fazia, arrependido. Mas gostaria que o seu semelhante o fizesse sem um pingão de culpa, pois, se é verdade que o cangamento é culpa, quem cair tentado não poderá se justificar, dizendo que fulaninho ou cicraninho o levou pelo caminho do mal. Essa sua grande dor espiritual. Não estava disposto a abrir o seu coração a quem quer que fosse. Nem aos bons, que não saberiam perdoá-lo devidamente, nem aos maus, que perdiam, no seu entender, a linha do raciocínio original, o qual o abateu. Gregório diria que o viúvo se encantou pelo charme da vilania, antes de saborear seu travo, e que seu arrependimento era genuíno, mas não era uma disposição de mudar para melhor, apenas para mais sábio. Para o viúvo, todos os homens bons do universo tiveram a "necessária" recompensa por sua bondade, o que já não lhe era mais acessível. Portanto, não seria bom, posto que, estava convicto nos seus pensamentos, ninguém que cometeu o erro ingênuo da maldade voltou realmente a ser bom, mas educado. Era de fato um homem muito educado, trabalhador e com um ânimo redobrado para o convívio, pois estava

vivendo mais que a única vez, mas a última. Já buscava uma nova amante entre as jovencinhas de 70 anos. Não queria uma alma apenada, mas livre, como Vitral. Ele continuava, como na sua infância, vendo a felicidade como a mercadoria humana. Não compreendeu que o preço da vida não é a felicidade em si, mas o que se paga para ter a felicidade. Estava cercado dos melhores produtos. Entretanto, não estava usufruindo deles, mas lembrando dos seus preços. Era inteligente o suficiente para julgar o valor, mas vivia a filosofia do preço. Não concordava que o que era fácil para uns, era difícil para outros (ou essa era sua queixa de Deus). Para o Gregório, o viúvo resumia sua felicidade a si mesmo, não gozava seu semelhante. Raciocinava como quem diz: "Eu quero ser feliz, os outros são só o meio para que eu seja feliz." O Gregório entendia muito bem o raciocínio, mas sabia que a maior felicidade que existe é por outra pessoa e, se essa pessoa não estiver feliz, não seremos felizes, mas ricos, o que é espúrio. E já se viveu melhor que isso na pobreza.

O viúvo não tiranizava Jenkis muito, não o desencaminhava de caso pensado como uma prioridade, tampouco era uma tábua de salvação para a alma do próprio filho. Comerciava duramente com o filho, não era amigo, mas leal. Entregava-se à diversão do conhecimento às custas da ignorância do filho, pois, como foi dito, achava que era uma obrigação resistir na ignorância. Por isso não perdoava a si mesmo. Ainda assim, não descia baixo ao ponto da

torpeza. Era para o filho um conhecido em quem se confia para coisas sem importância, mas ao qual não se deve entregar o coração. Jenkis oscilava entre o amor ao pai, o que era uma provação, e uma bruxuleante autocrítica que oscilava entre a obrigação de ser bom, por vezes, e uma entrega a pensamentos sombrios, do tipo "é cada um por si", "ninguém liga para ninguém", "só valeria a pena ser bom num mundo perfeito" e "eu não sou obrigado a agüentar isso". Jenkis não sabia, mas era uma celebridade nos meios místicos da cidade espacial. Era vigiado com preocupação pelo sistema preventivo. Todos temiam, em expectativa, que ele fosse decair em prejuízo do seu semelhante. Dizia-se a ele que fosse bom. Gregório gostaria de lhe dizer abertamente que ser bom é o melhor negócio, porque o Universo permanece vigilante como um policial e preciso como um cirurgião. Além de infalível como ninguém. Acontece que, mesmo no século LIII, havia uma banda podre e outra escondida (além do miolo ignorante). Os jornais divulgavam a palavra da igreja, qual seja: de que só se vai ao Pai por intermédio de Jesus e que todos os que não seguirem Jesus serão condenados. Qual a palavra de Jesus? "Amai a Deus sobre todas as coisas e a teu próximo como a ti mesmo". O que talvez possa significar, em linguagem coloquial, "apega-te à tua alma em respeito ao próximo que manterás a mente tranqüila durante a tribulação." Não que isso seja a garantia de uma vida abastada, tranqüila, com um banheiro

próprio ou de uma família (o luxo de nossa época espacial), não que isso seja a garantia de bons acompanhantes, mas com certeza de boa companhia. Gregório gostaria de ir na casa de Jenkis e fazer algo por ele enquanto é tempo, talvez lhe dar a Bíblia Interativa. Um terminal da maior rede ecumênica, com *links* para uma gigantesca coleção de livros sobre o assunto religião, além da possibilidade de conversar com gente do meio, até mesmo santos que respondem oficialmente pela divindade que o ser humano se concede graças aos contínuos e ininterruptos milênios de existência das... unidades. Gente, desse e do outro mundo, que já conhecia o caso Jenkis, um fenômeno único no histórico milenar de uma população média de 20 milhões de habitantes. A realidade espaçotemporal aberrava nas proximidades de Jenkis. Lembrava a Gregório o século XXI. Porque, se as épocas, pôde constatar Gregório depois de alguns séculos, perdem o seu mistério protetor, ganham em harmonia sensível. Daí que não devemos abandonar a esperança de um mundo melhor para todos. A tarefa é factível, só não haverá um término do trabalho, mas ele se realiza de forma claramente concreta e perceptível. O fim da escravidão atesta a melhora, tanto quanto o fim da fome, que só veio no fim do período intraplanetário. Ainda assim, quando a Lídia arrancou Gregório do planeta, para conhecerem o Universo, ninguém passava fome. Não era mais a idade de ouro do século XXII, mas esse tipo de exploração abusiva

não acontecia mais. Foi uma grande conquista da medicina preventiva aliada à escola. O segredo foi uma nova aplicação dos serviços sociais, que só foi possível quando Norte e Sul, Ocidente e Oriente, finalmente, sentaram-se a sério na mesa de negociações, o que ocorreu em torno da virada do Século XXI para o XXII. Assim, no antigo Brasil, instalou-se um certo ar venerável no trato com a coisa pública, enquanto, em determinados países da Ásia e da África, a mulher ganhou plena liberdade de ação dentro do corpo social. Muitas outras conquistas foram atingidas paralelamente a essas duas, como o fim da fome nos bolsões de miséria da África, que foi conquistada graças a subsidiamento de uma tecnologia avançada de cultivo e pecuária, que só veio a estar disponível, com facilidade, para a África, no começo do século XXII. Não foi surpresa que os locais beneficiados pela novidade recebessem essa bênção coletiva com uma devoção maior que a dos benemerentes, ainda que não pudessem oferecer as mesmas garantias das quais passaram a usufruir. O Gregório pensou que tinha chegado a felicidade definitiva quando assistiu o florescer do século XXII. Ao contrário do século XX e começo do século XXI, que tinham parte com a escatologia.

Assim, Jenkis era para o século LIII, guardadas as devidas proporções entre uma cidade e o mundo, o que o governo mundial foi para o século XXII, uma novidade polêmica, mais positiva que negativa, mas que anunciava o abismo interminável que estamos sempre

beirando, num caminho que nos leva cada vez mais fundo no coração do Universo infinito. Isto é, se sua alma se salvasse, o que periclitava sob os olhares aflitos ou invejosos. Um dos graves problemas de se morar numa nave cidade é que a migração não existe. Estamos todos aqui para sempre. O número de almas do outro mundo aumenta todo dia. Não se pode nem ao menos proibir que elas ocupem espaço com seus robôs, porque a salvação ainda passa pelo serviço dos Antigos, nos mais variados aspectos. Desde a salvação pessoal, como no caso de Jenkis, até na seleção de rotas que fossem ao encontro de uma cota maior de meteoritos, talvez encontrar um asteróide pelo caminho. Há muito se fala num grande mutirão para aumentar a capacidade da nave para 30 ou quarenta milhões. Outros dizem que isso só seria possível se chegássemos a um planeta. Ainda outros sugerem um controle de natalidade que reduzisse em definitivo a população para quinze milhões, dando espaço para os robôs. Dizem que 20 ou 15 milhões, não importa, a espécie estaria perpetuada, com todas as garantias oferecidas pela medicina reprodutiva, graças ao cirurgião Jesus e seu robô cirúrgico, além do útero artificial. Dizem que, mesmo que todos os seres vivos morressem num acidente atmosférico, a vida retornaria a vicejar no espaço, como uma semente que dura indefinidamente até que seja fecundada. Rebatia-se esse argumento com o de que não se deve aumentar sem um motivo realmente importante a frustração da sociedade. Muitos

homens e mulheres deixariam de ter a experiência de amar seus filhos com um controle de natalidade ainda mais rígido. E já era rígido o controle. Era proibido fecundar sem uma licença que deveria ser renovada a cada nova gravidez. O período da permissão ia dos 35 aos 150 anos. Muitos se queixavam de que o período era mais curto que o da saúde reprodutiva, mas aí que está o negócio. Ser mãe não era mais uma opção livre, mas uma concorrência acirrada. Só mesmo os casais mais predispostos a criarem filhos, com a intervenção irrecusável da escola e da medicina, chegavam a popular a nave. O Gregório não sabia como ainda a vida dava errado num mundo tão organizado e ínfimo, diante da população da terra, que ficou estabelecida para se limitar aos seis bilhões.

Pois é, curiosidades sobre o século LIII. É a humanidade, mas não é mais o planeta azul, pelo menos não aqui na nossa nave-mãe. Peço ao editor que ore um Pai-nosso em intenção da salvação da alma de Jenkis. Se lograr publicar o meu original, estendo a todo o leitorado que reze três Ave-marias e três Pai-nossos pelo futuro da humanidade, também pelo bom andamento da vinda do governo mundial o que, desassombro e tranqüilizo, são favas contadas, mas também para que encontremos um asteróide cá na nave.

Esse momento tocante me faz lembrar do grupo de devotos do qual faz parte o Gregório, na igreja do vácuo. O templo se resume a uma pintura no casco exterior da nave, que serve de

chão da matriz, onde os robôs grudam magneticamente. No seu grupo, juntam-se tanto almas imortais como desencarnados punidos por Deus, que, depois de dado o mau passo, voltaram-se de coração para a vida santa, ainda que não caibam mais, concretamente, no Universo da santidade. Significa dizer que vez por outra se perde um irmão no desmanche de almas. O que procura-se impedir com a força de todos os participantes. De todo modo, o número de devotos imortais do grupo, denominado "Comunhão", está sempre aumentando, enquanto o de apenados permanece mais ou menos o mesmo. As almas punidas por Deus duram em média 200 anos na outra nave-mãe. Diz-se que nem o Universo está com pressa de se ver livre dessas culpas, posto que somos todos crianças diante de Deus, nomeado, metaforicamente, mas no sentido da mais concreta realidade, de Pai. Do grupo participam algumas vítimas de sonhos, que conseguiram perdoar a malinação que sofreram injustamente. Estes conseguem dar valor ao arrependimento sincero. De todo modo, nessa época espacial, é impressionante que a pessoa assuma a culpa por algo que fez até os três anos de idade. Se bem que as crianças estão cada vez mais espertas.

A Lídia é uma das participantes mais dedicadas do "Comunhão", está sempre nas reuniões de oração. Ultimamente, ela tem orado pela alma de Jenkins, depois que o Gregório mudou a cabeça dela, e o Gregório fica espantado com o fervor de que ela se tem

imbuído, até parece que está certa que a alma de Jenkis vai se salvar. O pintor neófito não quer dizer, mas teme que ela vá ter uma grande decepção. Não adiantam os séculos que se passam, a marca de Estefano ainda o faz hesitar e duvidar. Por isso ele não diz nada, para não atrapalhar. Ele acha que não lhe cabe emendar ou aconselhar quem o tirou da vida de pecado e o pôs no caminho do Senhor. Por isso, ele acha que a Lídia está sentindo que conseguiu lograr a salvação de Jenkis. Como se fora um risco de gol anunciado numa partida de futebol. Aos leitores espaciais, informo que futebol era um jogo jogado com os pés e a cabeça, onde não se podia usar os braços. Dois times de 11 jogadores disputavam um rudimentar esferóide de couro, e tentavam, dispostos num campo retangular, acertar o alvo adversário com o esferóide. O alvo era uma rede sustentada por traves. Realmente, um jogo violento, onde muitos terminavam com a motilidade danificada. Nada parecido com o mentalex, onde, no máximo, o indivíduo fica com um pouco de dor de cabeça. Aos leitores do passado informo que o mentalex, o maior sucesso esportivo da nave, é um jogo disputado um a um ou dois a dois, no máximo, onde o jogador tem que acertar respostas a perguntas de conhecimentos gerais, que lhe dão a oportunidade, se a resposta estiver certa, de forçar o chamado saco de areia, que na verdade é uma barreira magnética, enquanto os adversários procuram impedi-lo de empurrar por mais de 31 metros (o que equivale ao gol),

contando mentiras. Como no futebol, muitas partidas terminam no "0 x 0".

O Gregório gostaria de contar como terminou a história de Jenkis, mas ele não sabe, não ainda, pois ela se passa no ano de 5252, o hoje de Gregório. É aflitivo assistir o cotidiano de Jenkis, já virou uma disputa mais popular que muitos jogos de mentalex. Muita gente presta atenção em Jenkis e isso passa despercebido do jovem de apenas 22 anos. Há gente com séculos de experiência que não gostam de Jenkis e ficam condicionando a existência ao decaimento dele, mas tal fato não se dá. Jenkis sonha de forma ousada, consideram muitos, mas ainda não causou nenhum acidente. Deve ser por isso que a Lídia está tão confiante de que a alma dele está salva (ou quase), porque é muita energia que ele está sofrendo sem se desviar da conduta, ainda que de forma temerária. Quando a Lídia pegava o Gregório querendo salvar a alma de Jenkis, ela se interpunha e dizia: "Eu não sei se o Jenkis vai te perdoar, como foi o caso da Eulália, nem que ele viva 600 anos." A turma do quanto pior, melhor, ficava incitando Gregório para que desse uma lição de moral em Jenkis. E eram vivos, tinham maleáveis corpos humanos para utilizar.

— Vai lá e explica para ele que todo homem é bom. Vamos, Gregório, você não quer salvar a alma?, cuidado que ele está por cangar — pensava sempre o senhor Boldru, um velho de 950 anos que não dava mostras do fenecimento. Os médicos estimavam que fosse até os 1200,

no mínimo. Boldru era um estudioso do decaimento, já havia lido milhares de textos, alguns anteriores à conquista da lua. Portanto, ele estava ciente de que a barreira dos três anos era uma situação própria da nave-mãe. Um objeto minúsculo, se comparado a um planeta. Além disso, havia a evolução técnica e social do período. Ele sabia que, no planeta, o Jenkis não era tão raro, mas também não era a regra, como já fora em séculos anteriores. Boldru estava convicto de que Jenkis estava cangado e não sabia. Segundo ele, mais dia, menos dia, Jenkis ia decair, ainda que as condições do seu sofrimento permanecessem as mesmas.

— Não é possível uma coisa dessas. O Jenkis é uma fedentina que encruou, uma hora ele cai, e vamos dar um jeito de que seja logo — conclamava Boldru aos seus companheiros de torcida. Ele era o torcedor mais fanático, chegava a irritar o seu lado, pois não pensava em outra coisa na vida. Estava escrevendo um diário íntimo das suas impressões a respeito de Jenkis, que pretendia transformar em livro assim que ele atinasse em como cangá-lo e realizar o tento. Tinha sonhos, dormindo mesmo, de usufruir da glória. Sua primeira reação era lembrar dos camaradas de torcida mais impacientes e dizer: “Que tem mais o que fazer que nada. Você queria estar no meu lugar. Jenkis: você é meu.” E não entrava na cabeça de Boldru que alguém tivesse mais o que fazer. Quando Kelmi e Lunchk, seus contemporâneos, também na casa dos 900, lhe diziam que chegava desse assunto,

ele ficava indignado, pois achava que eles mentiam para tomar o seu lugar de destaque nesse cangamento. Essa a grande aspiração de Boldru, mais que a profissão ou a família. Ele era casado com Pirsthwe, outro homem (pronunciava-se Pírstu). Ao contrário de Boldru, Pirsthwe vivia para a família. Não fosse por ele, Boldru talvez nem estivesse mais vivo, pois Pirsthwe era quem o mantinha fora dos vícios. Para ele, Jenkis era uma chateação que, pelo menos, mantinha Boldru longe da esbórnia, um *hobby* perfeitamente aceitável, pois era obrigação de Jenkis ser um homem bom. Essa a opinião de Pirsthwe. Dizia para si mesmo que não é porque ele mesmo falhara em cumprir que a obrigação deixava de ser aquela. E ele não ia com a cara de Jenkis, um jovem que descuidava da sua vida profissional, quando o viúvo de Vitral era uma excelente oportunidade. Mas não, o Jenkis tinha que manifestar afeto. Justamente afeto, o que irritava Pirsthwe por um motivo que nem ele sabia explicar direito. Seja como for, isso não tornava o Jenkis melhor que ele e, se o Boldru o cangasse, seria mais um mimo que lhe ofertava o seu marido na sua longa vida. O mais provável é que Pirsthwe vivesse um pouco menos que Boldru, segundo o prognóstico médico. Ele temia essa possibilidade, menos por si mesmo, que já vivera tudo o que há para viver e fizera sua preparação, que por deixar Boldru só no mundo, entregue a seus apetites e a uma interminável fila de cangados que lhe atribuíam responsabilidade nos seus destinos finais. Além

de tudo, os anos se passavam e o Boldru continuava se divertindo aos montes com os mesmos jogos simples e repetitivos. No fundo, no fundo, o Pirsthwe gostava mais de ver o Boldru torcendo mentalex do que perdendo noites de sono com seu caderno de notas sobre o Jenkis. Não que o Pirsthwe não se divertisse, mas um homem de 950 anos, como era o caso do Boldru, tinha que se economizar. Vivia perguntando, para pô-lo na cama:

— Você quer ou não viver até os 1200?

A maioria das vezes, o Boldru atendia e ia dormir, mas, quando chegava o sábado, se as idéias clareassem, ficava compondo seu diário-livro até a hora de acordar, que variava conforme o local da nave. Havia quatro fusos, para garantir a troca de turnos. Os sem-trabalho detestavam esse regulamento. Diziam que diminuía as chances de casamento, pois eram sem-trabalho e sairia uma fortuna se mudar. Realmente, quando os pobres se juntavam em fusos diferentes, demoravam-se anos para terminarem juntos.

A Lídia era uma santa casamenteira, ainda que não respondesse pelo nome de santa nenhuma. O fato é que a Lídia não era de falar, mas de fazer. O Gregório acreditava na salvação das almas, para ele era uma volta ao caminho da mínima obrigação a tempo. Mas essa não era uma certeza no caso Jenkis, pois o Jenkis não lembrava direito do que tinha sonhado. Seus hábitos da vigília não se alteravam com os sonhos terríveis que lhe eram inspirados. Acontecia

alguma coisa com Jenkis que nem as máquinas de escrutínio telepático diagnosticavam. Até Jesus se declarou ignorante e completou, o que muita gente ouviu: "Se esse menino for bom, nós lhe devemos desculpas. Mas, se não for, que filho..." Esse comportamento frio e cético de Jesus incomodava o Gregório. Lembrava ao finado os tempos em que ainda se punia o assassinato com a pena de morte. Jesus respondia que todas as almas penadas estão fadadas ao desmanche, "é a vontade de Deus". Mas o Gregório achava que o gestual da luta não ficava bem no convívio. Não seria o Gregório que iria condenar algum jovem que desafiasse os pais malvados, fugindo da canga e do ostracismo de forma ousada. E, também, porque todas as almas penadas estão condenadas ao desmanche. Qualquer um que estivesse disposto a conviver pacificamente deveria ser bem-vindo à sociedade.

— Qual foi? Se der, Eu ilumino o Jenkis. Agora, se ele cangar, cangou. Culpado, culpado e pronto! — reverberava com sua língua de tecido sintético o Senhor Jesus. E continuava — A vida não é só salvação de almas. Temos de comer, de nos transportar, temos de cuidar da natureza. E, claro, existe a criminalidade. Isso é um grande investimento e um esforço enorme. E não estou só falando de gangueiros. Estou falando de gente que maltrata a prole também. Se eles não têm interesse na nossa sociedade, o que se há de fazer, senão lutar? Como é o Jenkis? Mistério. Um garoto de 22 anos que já

deveria ter-se elucidado. A vida é assim: quem é bom, é bom. Quem é ruim, é ruim. Quem foi ruim que me desculpe, mas não poderia. E o mistério fica em aberto. Não é porque o Boldru diz que tem certeza que existe mesmo certeza nesses casos. O Boldru já foi mistério. Eu lembro dele, um bebê chorão, que sorria. Pelo menos, foi o que eu achei, que ele estava sorrindo, mas, pelo visto, o hipócrita estava trincando os dentes, e não interessa se ele só tinha dois anos. Eu não sei o que se passa nessas mentes. Seja o que for, não interessa que caso é esse. Sabia que o certo é ser bom, não sabia? E porque não foi? Não ligou para o seu semelhante. Pois bem, sou o Senhor Jesus, sou bom, mas não tenho que agüentar isso e pronto, e é que acolho no rebanho todos que se arrependem. Eu sirvo os arrependidos. Agora, o Boldru é um meliante, um tunante. Acho mesmo que algo deveria ser feito contra esse caderninho de notas, mas não concordo que existe o demérito de cangar-se outro alguém. Porque chegam na vida e estranham o sofrimento, mas, vejam vocês como eles o infligem com desenvoltura. Agüentam dores terríveis para causar o mal e não são capazes de tolerar com paciência o sofrimento, se dizem natos, quando se encantaram com o poder da luz e pensaram que era um poder tal e qual o dos homens. E, também, copiaram o reflexo de outros homens que viram a perdição na luz. Realmente é poético, infernalmente poético. O que eu tenho a dizer para o Boldru? Tome na

canga e vá. Passa o tempo e ninguém mais vai chorar pelas vítimas de Boldru, como você não chora mais pelo Estefano ou pela dor que ele te causou, ô Gregório. Fique na pílula de sorriso, mergulhe na fábrica de pílulas. Mas não esqueça que tem gente nascendo agora mesmo. Eu também acredito na salvação das almas. As riquezas são diferentes, isso não prova nada nem nunca vai provar, mas é um indício que não se deve desprezar. Talvez, se não concedermos com quem age tão errado, um ser tenha sido ganho pela luz. É o que parece e, vamos e venhamos, todos devem sua salvação ao Senhor Jesus. Eu li tuas lembranças da primeira infância, Gregório, e sei que tipo de homem era o seu pai. Ele soube reconhecer a grandeza de Deus, mas não a agradeceu e muito menos a engrandeceu. Tiranizou a prole como se estivesse diante de uma chance fabulosa, sua última diversão. Foi um sujeito sinistro que te incomodou até mais da metade de tua vida corpórea. Pois eu te digo: seu drama é irrisório, mais importante é a salvação. Hoje mesmo eu vi uma criança de três anos que sabia que o certo é ser bom e, mais, ela sabia que ser bom era a coisa mais importante do mundo. Não sabia que existe o decaimento, mas, e daí? Lembro-te que muita gente já usou da violência sem perder a imortalidade da alma. O decaimento, a canga, é mesmo uma culpa de gravame. Sinto muito, lamento, mas acho que você está desperdiçando seu tempo e o nosso dinheiro com essa mensagem que você quer enviar ao passado —

Gregório negou veementemente que tivesse intenção alguma de contar nada ao passado, o que era proibido — Ora se eu não sei, Gregório, das suas intenções de mudar a história pessoal de Estefano. Faz um teste para adquirir experiência e, claro, tem todo o tempo do mundo para tirar o pai da canga. Pelo amor de Deus, Gregório, não insista nessa tentativa. Um livro de ficção não é nada importante, mas alterar um fato tão definitivo como o decaimento pode até esfiapar o tecido da existência. Talvez o tempo se desarme e o universo se guarde em si mesmo, desaparecendo sabe-se lá por quantas eras. Você tem que aceitar de uma vez por todas que o Estefano teve o que mereceu. Aposto que até ele sabia disso. Não há desculpa nem moderação na vida que ele decidiu levar. Fez-te sofrer e o que ele sofreu foi muito merecido. Seu espírito não está mais entre nós, você quer se realizar no Jenkis, para se consolar da ausência de Estefano. Gregório, quer saber o que eu acho: você é muito mimado, dá trabalho demais para ser um órfão, fica vivendo para um passado que não se deve comemorar, nem cultuar, mas esquecer. Um pobre que chega na riqueza deve se vestir de acordo, até por uma questão de respeito ao seu novo ambiente. Aqui é o mundo do “faça a coisa certa”. Vê se pinta uns quadros que inspirem a felicidade, em vez de perdoar o imperdoável. A única concessão que lhe faço no seu projeto de revelação é que a vida é risco.

O sabão de Jesus foi um duro golpe nas aspirações de Gregório. Entristecia o Antigo (Gregório) que ninguém quisesse se unir pela infância. De todos os lados murmuravam que, se o menino fosse bom, viveria para sempre. Que o sofrimento é de se esperar. Outros apontavam uma miríade de obstáculos práticos, que a tecnologia não dava conta. Às vezes, sem permissão, uma nave menor saía da área de alcance e nunca mais voltava. O que acontecia nessas naves era meio misterioso, mas, vez por outra, migravam almas de descarnados, voltando do espaço, contando histórias terríveis de torturas, assassinatos em massa, maus tratos, de festival de cangamentos. Certa vez, pouco depois da terra sumir do horizonte da nave-mãe, aconteceu o primeiro caso de debandada. Cinquenta anos depois, chegou um pequeno robô de viagem, apinhado de almas de mortos, algumas cangadas, entre as quais Shilitok. Ele perguntava a todo momento se tinha que agüentar aquilo. O sujeito cometera o despautério de malgalar depois de levar uma surra. E Jesus repetia sempre:

— Sim, você tinha que agüentar — repetiu por 185 anos, até que Shilitok derreteu numa poça de plasma e sublimou. Sua filha está até hoje entre nós e nunca se embeveceu com o verde, o azul, o vermelho ou qualquer outra cor. O que Jesus achava é que, realmente, não era tão grave assim a malgalação, mas tampouco o desmanche de almas, tampouco mandar tomar na canga. Nada é grave demais a ponto de que

não caia no esquecimento e, no entanto, a vida se espalha pelo espaço infinito em todas as direções e para todo o sempre. Gregório, se não cangasse depois de morto, ia lembrar de Estefano para sempre. Mas, e daí? O Gregório era só mais um homem bom com maus genitores. Um entre quatrilhões. O destino dele não importava tanto assim. Ele que agradecesse a Deus pela visita de Sinc. Em vez de se preocupar com o perdão, que vem de Deus e Deus que se ocupe disso, o Gregório deveria se satisfazer em fazer as vontades de Lídia.

Ela tinha muito orgulho da bondade de Gregório. Achava, como Jesus, que era um desperdício perder tempo perdoando o Estefano ou que vilão fosse. Ela pensava da seguinte maneira: não tinha que perdoar ninguém porque não queria perseguir ninguém. Já vencera em vida a luta contra o mal, resgatara o seu marido para a senda do bem e estava com ele no *pós-mortem*. A coisa mais grave do mundo não eram as marcas que o Estefano deixara em Gregório. Ela achava bonito o lamento de Gregório, sentido, mas era como um filhote de cachorro que levou uma mordida do pai e gane para não se envilecer. Todo dia ela punha Gregório no colo e o ninava, dizendo que grave mesmo era a ausência de Haroldinho, sem falar no *delay* de séculos na sua correspondência. O Estefano, quando existia, se espantava com as mensagens de salvação do Haroldo, mas não entendia que aquilo não eram promessas, mas precauções. Não só porque a infância é um mistério, mas

sobretudo porque os adultos falam demais. Muitas vezes, suas palavras são meros instrumentos, não guardando nenhuma sinceridade de sentimentos, ou são sinceramente vis. É mais fácil derrotar um ditador que ver-se livre de uma legião de vermes. Estes corroem qualquer ditadura, nem que leve mil anos. A nave-mãe era uma área abençoada pela democracia. Os vermes eram livres para dizerem o que bem entendessem, desde que não exercessem o preconceito, que, todo mundo sabe, é inequivocamente errado. Portanto, a nave talvez não pudesse prover a filha de Shilitok com verde e azul, mas com certeza a faria vibrar com verde e amarelo. Realmente, Haroldinho tomara uma condução muito mais veloz que a nave-mãe de vinte milhões de vivos e um número cada vez maior de mortos. A Lídia contava em que algum dia chegasse a massa crítica de mortos imortais para melhorar a vida. Ela achava que o mal deixaria de nascer e todos passariam a sofrer com galhardia. Seria a purificação da fonte universal da vida. A mesma fonte que gerou a vida no mar e descartou os dinossauros para que pudesse surgir a inteligência na terra. Aos que a diziam mais fantasiosa que o Gregório, ela contra-argumentava que nem os malvados gostam de existir, que eles se eliminam entre eles mesmos. O que só aumentava sua esperança de que, algum dia, o Deus universal seria capaz de realizar a proeza de "extirpar o mal pela raiz", como se dizia na época dela. Hoje em dia, no século LIII,

se diz “desintegrar o mal por completo”, o que é um grande avanço. A Lídia não falava isso só por ser esposa do Gregório. Não foi à toa que ela escolheu o Gregório para marido. Há certas coisas que ela não entende. Por exemplo: enquanto o homem está entregue ao pecado, que é desestabilizador e errado, os maus vicejam ao seu redor. Agora, quando o sujeito toma tino na vida, até com a disposição de perdoar quem o feriu, aí as muralhas dos maus começam a gemer de angústia e ruir. Será que tudo isso é inveja? Mas inveja de um sofredor que teve sua felicidade reduzida com o vício e o braço quebrado? Não é possível que seja só isso. Essa pessoa sofre mais que a inveja, talvez reflexo do decaimento. Para a Lídia, essa dor insuportável, que não pode ficar quieta com uma nesga de saúde, bondade, felicidade é causada pelo Universo conspirando um fim definitivo para a maldade. Não a maldade de Estefano, que Gregório quer transformar numa missão de resgate de uma comprometida bondade ou uma inalegável liberdade, que deve ser previamente descartada em casos futuros. A Lídia é boa o suficiente para não se importar se o ser vai ser recuperado ou eternamente descartado por outros que saibam sofrer com hombridade. Isso não interessa. Jamais saberemos. A opinião de Estefano, que guiou por longo tempo os passos de Gregório, não pode mais ser consultada. Por isso a salvação da alma de Jenkis interessa tanto a ela, porque pode ser o momento inicial do fim da maldade na nave-mãe. Que seria quando até

os sem-trabalho seriam todos eternamente bons. Uma coisa que a Lídia não esquecia é que os com-trabalho também se tornavam maus. Não faziam as barbaridades que chegavam a fazer os sem-trabalho, mas também perdiam a imortalidade da alma. Para ela, Jenkis, que oscilava entre esses dois universos, era o indício de que essa gente ia deixar de nascer ou passar a nascer corretamente. Esse um projeto que deixava Jesus atônito e sem fôlego. E o messias dizia:

— Lídia, isso é zelo demais. O que que tem se o mal nascer para sempre? Ah, qual foi? Quem tudo quer, tudo perde. Já falei que não se deve sobrevalorizar a ameaça da maldade. O mal é como o restolho: sempre sobra em toda obra e a solução do entrave é fácil, é só jogar fora, só que demora um pouco. Além do mais, essa bocada seria injusta com as gerações passadas. Um homem tem que correr riscos enquanto sofre, que é para ver se presta. Sou o Senhor Jesus, sei de tudo e conheço tudo e não quero qualquer um na vida eterna — a Lídia queria responder que o Universo conspira a favor, mas Jesus estava a sério — Puxa, Lídia, você sabe o poder que eu acumulei nessas eras todas? Não quero qualquer um, sem ser comprovadamente bom, dominando esse poder. É importante e talvez seja vital. Portanto, o homem deve conhecer a realidade da injustiça e sofrer um pouco. Admito que tem gente sofrendo mais que o necessário para testar, pobres sem-trabalho, imortais ou não, mas um

pouquinho de risco real de perder a imortalidade da alma é uma barreira de segurança imprescindível.

A Lídia não concordava com isso. Achava que o Deus Universo teria poderes maiores que Jesus para levar as caras-de-pau a uma funilaria, algo mais ou menos assim, que não se lhe perguntasse como Deus obraria o milagre, talvez nunca percebêssemos o como, mas só constatássemos que todos no mundo dos vivos se tornaram bons de repente. Por isso ela gostava tanto do Gregório, porque ele tentava trabalhar essa questão mais a sério. Claro que, se Deus estivesse maquinando mesmo uma solução superior para a era do espaço, o esforço de Gregório seria dispensável. Elogiável, mas dispensável. De todo modo, é alvissareiro quando um pecador age em conformidade com os ditames de Deus. Era o século LIII e nada parecia mudar. Jesus argumentava que o caso Jenkis não era novidade, já ocorrera muito no período intraplanetário, mas a Lídia não conseguia deixar de verter um fio de esperança de que, pelo menos numa pequena nave, a bondade começasse a imperar, depois de séculos de construção. Ainda que aos tropeções, o mundo se torna mais justo, etapas vão sendo vencidas. A Lídia não acha que o conformismo ou o conflito foi o que trouxe a melhora. Foi muita batalha, com certeza, mas no bom combate, o perdão, a argüição de direitos iguais, a concessão de oportunidades para quem tinha dificuldade, e ela esperava que esse humanismo se fundisse

com o lado Divino da existência, que o Deus de todas as coisas parasse de ser incongruente consigo mesmo, pois era ele na igreja do vácuo e também era ele em tudo mais, inclusive nos textos do Gregório e no concílio governamental. A vida é cíclica, o grupo volta ao mesmo ponto várias vezes, para cada vez se sair melhor. Claro que já tentou-se tudo, acontece que sempre ainda resta tentar tudo de novo. A Lídia não fica chorando pelos cantos por quem resolveu se suicidar na ignorância, mas, se der, ela salva. Porque, a partir do momento que a pessoa admitir que deve ser boa, ela será outra pessoa. Além de tudo, se essa assunção não for sincera, mais dia, menos dia, não estará entre nós, mesmo que já tenha abandonado o corpo.

A Lídia sabia que Jesus era meio impaciente com o Gregório. Já o Gregório era paciente até demais. No entender de Lídia, a salvação deveria estar à disposição de alguém como Boldru, mas Boldru não estava mais disposto a receber a salvação. Quanto a isso, não havia mais nada a fazer. Boldru vivia na expectativa de entregar o corpo e se desmanchar em meros seis anos, destino dos rebeldes no outro mundo. Ora, ninguém quer entregar o corpo, mas acontece com todos, e nem a ciência do século LIII tem como resolver isso. Pelo contrário, parece que está definitivamente provado que é só uma vez e pronto. É em explorar os escaninhos dessa limitação que conta Boldru. Não parece à Lídia que seja certo, bom, belo ou útil concordar com Boldru. Ela admite, o Boldru não tem jeito, deve-

se tirar o caderninho da sua mão, talvez anotar linhas que o desafiam, mas nunca concordar com ele. Ou pelo menos, se concordarmos (o que não é o caso de Lídia), devemos dizer isso nós mesmos, e, não, utilizar um mamífero como símbolo do adversário do qual nos apropriamos para significar o que é bom, certo, belo ou útil. Ao ouvir o que Lídia dizia, Gregório ficou com medo, pois parecia que podia dar certo. E tudo o que pode dar certo move paixões. Ainda assim, ele guardou aquelas idéias e as preservou nas suas anotações. Pensava em tirar dali um libelo ao perdão. Como Lídia, ele tinha sua vida no seu cantinho de casco exterior, que morresse Boldru ou cangasse Jenkis, ele continuaria pintando. Mas seria melhor que Jenkis vencesse a esfinge e percebesse a riqueza pessoal que é ser bom. Vale a alma e mais que a alma, vale a alegria de viver. Essa a lembrança que Gregório guardava da sua própria vida, do tempo em que sofreu com seu pai malvado. Tinha sido importante comemorar coisas simples como a luz do sol, acolhidas com a bondade simples e desprovida de aspirações maiores que a mera existência. Foram fases de sofrimento, por vezes árduo, que passaram melhor e redundaram menos graves para si mesmo.

Havia um decaído, de nome Anfdosen, que prestava atenção quando Gregório escrevia em busca de harmonia. Considerava Gregório um tolo que fazia caridade com a ralé. E fazia Gregório entender que ele achava que o sofrimento não deve jamais ser comemorado,

nem que seja uma comemoração apesar do sofrimento. Para Anfdosen, um ser vivo só poderia comemorar o pleno prazer e prosperidade. Segundo ele, só assim as pessoas parariam de decair.

— Não pode haver privação para que reine a bondade — ele dizia. Não acreditava que as pessoas fossem deixar de achar desse modo. Não haveria funilaria que resolvesse o seu verniz — Eu mesmo não seria tão educado se fosse um sem-trabalho. Vejam vocês que eu tenho um irmão que não conseguiu emprego e ele deu para beber e fumar, não se contenta, como eu, com a pílula do sorriso. E fomos criados pela mesma mãe e o mesmo pai. Ele conta em operar um robô depois de morto, mas eu conto é com o prestígio da minha colocação. Ora se eu ligo para a vida eterna, sem sangue nas veias. O que realmente importa a um homem é sua época natal, o que ele consegue usufruir do seu período. Jesus vive para servir seu semelhante. E quando eu digo vive é por falta de uma palavra que descreva melhor a existência após a morte. Enquanto isso, eu usufruo do serviço que presto. Minha opinião determina o andamento das coisas, eu transmito as informações como eu prefiro, donde obtenho longos momentos de fruição. Isso com certeza é muito mais importante que ser o Deus dos aflitos. Eu, não, sou o ícone de toda uma geração. A mesma geração que é cortejada por Deus. Ele corteja e eu conquisto. Te respondo porque sou um conhecedor, Gregório, mas você não passa de

uma alma descarnada na periferia do sistema, vivendo de reproduções baratas. Eu, não, sou um astro da holovisão, serei lembrado até depois da minha morte, enquanto os seus escritos vão, no máximo, comprometer memória eletrônica. Jesus não é tão importante assim, o cara não apita nada em matéria de dinheiro, ele vive de esmolas. Já eu sou assediado pelo capital por todos os lados e sigo firme em frente até o apogeu da perenidade. Não é para sempre, mas dura mais que a média dos apogeus. Sou um trabalhador de sucesso e não tenho porque me queixar de mais nada, seja o que eu fiz da minha vida, seja o que me ajudaram a fazer. Não vou dizer que não tive um pouco de sorte para estar onde estou, mas também não empanem o meu mérito. Claro que, se eu tivesse sido lançado no mundo das drogas pesadas, a proibição me tiraria do trabalho, mas não fico me martirizando por ter sonhado. É o seguinte, rolou, uma pessoa morreu, foi um acidente, eu não queria que aquilo acontecesse, mas rolou. Eu estava muito mal no período, dando importância demais à pressão dos meus pais e não vou cometer o mesmo erro de novo. Minha vida é ótima, eu sempre contei em morrer, porque haveria de me estressar com uma perspectiva que eu sempre tive? Todo dia depois do trabalho eu tomo um pílula do sorriso e vou dormir todo sorridente. Acordo cedo, descansado, bem disposto, rendo no serviço, me destaco. Sou até um ombro amigo muito procurado por gente que quer levar uma vida como a minha. Eles me perguntam

como eu fiz para ser feliz depois do que aconteceu, você sabe, o rompimento da minha alma. Respondo que no começo foi muito difícil, mas eu tinha mesmo uma carreira a preservar, tinha mesmo um futuro para brilhar. E o tempo é curto demais para se perder com esse tipo de comisseração. Atualmente estou com 244. Digamos que eu vá fazer sucesso até os 500, 500 e poucos. São pouco menos de 300 anos. Isso não é nada, eu não posso desperdiçar meu tempo entristecendo os cantos. Tenho que me entregar ao sucesso. E, quanto a não ter uma alma imortal... quem não sofre mais, também não reclama mais. Se eu desaparecer do universo, coisa com a qual eu sempre contei, não estarei mais em agonia. Sei que não é o melhor final, mas é um bom final. Além do mais, faltam uns 800 anos, talvez mais. A humanidade está vivendo mais, mas o tempo passa na mesma velocidade de sempre. E haja frutos do mar, haja frutos do mar. Morra de inveja, Gregório, eu tenho um estômago ao qual regalo e, você, nem que venda mil quadros, não vai voltar a comer algo — essa a palavra de Anfdosen. O baque o ensinou a sofrer com hombridade, mas Gregório queria que ele tivesse percebido antes, como disse Lídia. Anfdosen respondia que não se preocupassem com ele, pois estava tudo bem, ele era capaz de assimilar. Se é que Gregório iria salvar alguém, não seria ele, mas alguém parecido e, no final das contas, se estivesse mesmo salvo, ele não se reconheceria em Anfdosen. Quem se espelhava nele eram seus

companheiros de infortúnio, porque a bondade é muito útil para quem a tem, mas há limites, há limites. Dizia Anfdosen a Gregório que não esperasse tanto da bondade. E continuava: — agradeço o seu perdão, me deixa tocado, mas eu acho o mesmo que o Senhor Jesus, no que sou um devoto mais humilde que você. O mal vai nascer para sempre. Meus amigos, daqui há cem mil anos, vão encontrar os meus registros e saber se reconhecer no meu jeitão, apesar de me acharem muito antiquado. Nós também estamos construindo o mundo e damos a ele a nossa imagem. E quem é Jesus? Um velho que fala uma língua que nem existia quando ele era encarnado. É capaz de não conseguir falar mais o seu idioma natal. Toda a vez que um idioma morrer, Jesus vai penar um bocado para se adaptar, sofrendo o estranhamento. Se nada disso te convence, ó Gregório, que a imortalidade da alma não é tão importante assim, não esqueça que Jesus é um anônimo. “Como é seu nome? Senhor Jesus.” Ora, se ele dissesse que se chamava “Zé” estava melhor identificado.

Gregório achava boa a companhia de Anfdosen. Talvez tivesse que agüentar gente como ele para todo o sempre, se a Lídia estivesse errada. Então, o seu projeto de perdão, de irrealizável, tornava-se uma pequena iniciativa, mas de resultados constatáveis, uma espécie de prêmio para os mais humanos. Se bem que Gregório teve que perdoar Estefano para não se autodestruir. Havia muita gente na nave que agia barbaramente, até se Gregório

lembrasse da sua própria infância. Pois outro segredo de polichinelo é que as pessoas que cometiam o mal em sonhos, uma primeira vez, repetiam o gesto acordadas. Ou não. Outros eram como Anfdosen, que estavam mesmo preocupadas em construir uma civilização e, para tanto, nunca foram totalmente maus. Sua maldade era uma certa exasperação, e não um ódio à existência. Segundo a Lídia, esse tipo de criança seria o primeiro tipo a ser definitivamente conquistado pelo lado do bem. O tipo de Estefano seria um dos últimos. Após ele, só mesmo os gangueiros. O projeto da Lídia era mais ousado que o de Gregório. Ele não pensava em dar um fim à canga, achava que, se isso fosse possível, independia dele. Ele só queria humanizá-la. A fêmea era mais ambiciosa que o macho. Gregório sentia o peso do mundo ao ouvir a Lídia falando das suas intenções. Quando ela via o marido atarantado, explicava — Calma, meu bem, não importa se é ou não possível, deve ser tentado — no que estava certa. Não se toma uma iniciativa qualquer, seja alimentar um nené, seja fundar um concílio, tendo em mente a possibilidade do decaimento. Esse tipo de atitude deve ser tomada visando o melhor para todos, sejam “todos” um bebê ou vinte milhões de habitantes. A Lídia não sabe o que vai acontecer, mas, se lhe perguntarem, ela desejará que aconteça o melhor. Ela entende que o Gregório estuda com interesse o surgimento de um ser humano, ele a ajudou a criar Haroldo, mas foi uma baba, Haroldinho foi

facilmente conduzido pelo caminho da felicidade e do sucesso. É verdade que, se Haroldinho tivesse dado trabalho, seus pais teriam uma experiência mais útil ao projeto de salvar a humanidade. Felizmente, não era assim. Afinal de contas, nem mesmo a experiência de milhares de anos dava alguma luz no caminho, e os ainda mais antigos acenavam negativamente para as esperanças de Lídia. Ainda assim, o projeto de humanizar as relações sociais, tendo em vista a realidade do decaimento, era algo possível. Um grande ponto positivo é que o preconceito era proibido. Era com iniciativas desse tipo que Gregório contava. Claro que o perdão não é o mesmo que aceitar a rebeldia, mas suportar a rebeldia, combatê-la sem se contaminar, o grande desafio. Se odiarmos o rebelde, seremos como ele, pode ser fatal. Ao condenarmos a rebeldia, devemos ter muito cuidado com radicalismos. Ao combatermos a rebeldia, com a ajuda de todos os Santos, devemos ter um certo cuidado com nossos desejos, pois eles podem se realizar. Assim, pensava Gregório, dava o real valor tácito a comemorar a luz do sol (no caso, das estrelas) como um instrumento da vitória. Se não no centro do sistema (como era o caso do satisfeito Anfdosen), pelo menos com as melhores medidas de precaução. Não que Anfdosen fosse um rebelde, muito pelo contrário. Anfdosen perguntava quem era o Gregório para falar de perdão, depois de ter trabalhado no aparelho repressivo e ter despachado o tal de Cris para o outro mundo.

— Uma coisa não nega a outra. Eu perdôo o Cris, ainda está no desmanche e eu o perdôo. A questão é que, se ele veio para rachar uma cabeça, o que que tem se for a dele mesmo? Além do mais, se eu tivesse deixado ele destruir uma das naves, a coisa estaria certa? Ora, Anfdosen, você mais que ninguém sabe que nem tudo é possível. Eu não acho que o projeto da Lídia seja possível, e nem acho o meu projeto perfeito. Não dou um níquel no meu projeto como solução ideal. É um remendo que é valido porque o mundo está sempre se rasgando em dores, e não porque seja a melhor situação. Até os rebeldes consentem em ajudar seu semelhante quando a coisa se torna interessante. E, quando eu digo ajudar, leia-se ajudar. Se eu puder tornar as coisas mais atraentes para você, Anfdosen, não prometo salvar sua alma-irmã, mas os atos concretos de bondade se tornarão mais comuns, o que seria positivo para toda a gente, independentemente de índole, ainda que seja mais positivo para uns que para outros. Ainda que muitos desprezem essa melhora. Também acho estranho que seja ajudando o rebelde que mais vezes ele se sinte, a palavra não é obrigado, mas compelido a ajudar seu semelhante. Quanta gente não mantém os limites, contrariando seus próprios apetites, para não terem o fim de Cris ou mesmo o de Ronic, que está até hoje na cadeia, curtindo seu cigarrinho. Sou um descarnado, mas me volto para a época presente, não com a impavidez de Jesus, mas ainda como um pecador, ainda que

não igual a um vivente. Eu tenho as minhas fraquezas. Eu preguiço, me zango, invejo os vivos, fico dias na fábrica de pílulas, por pura gula, cobiço ao pintar, me envaideço dos meus escritos e, vez por outra, utilizo, juntamente com minha esposa, os robôs de cópula. Não é a mesma coisa que estar vivo, mas é luxúria.

A resposta soava incomodamente satisfatória para Anfdosen. Isso ia ao encontro do seus padrões. O pensamento de Gregório realmente tinha potencial para angariar bilheteria, ainda que fosse num circo mambembe.

— Quando eu pinto, sou muito mais convidativo.

— Pois passe a pintar no teclado — ironizava Anfdosen.

— Algum dia eu o farei, quando tiver caducado a minha missão humanitária, aí vou buscar o centro do sistema com histórias românticas. Mas você tem razão em dizer que escrevo para toda a gente. Até o Boldru gostaria de se olhar no espelho. Quanto à sua dúvida anterior, espero que você não confunda o perdão com o acolhimento da rebeldia. Perdoar não é o mesmo que permitir ou acolher, mas libertar. Somos todos bem-vindos ao mundo, mas cabe a cada um permanecer nele, conforme o nosso desejo de ajudar a vontade do Deus Universal.

Anfdosen achava mesmo que se devia dar um uso mais comercial às palavras, que não interessava a ousadia em começo de carreira. Segundo ele, a ousadia era uma prerrogativa dos

velhos, que já se dirigem para o cemitério. Um jovem como ele tinha mais que se limitar ao padrões vencedores. Mas ele não tinha só essa crítica ao finado Gregório. Achava que seu projeto de humanização era irrealizável.

— Suas notas pessoais parecem mais um livro de auto-ajuda. Eu sei que auto-ajuda vende bem, mas sabe quantas correntes diferentes circulam nas livrarias? Você fala em humanizar as relações sociais, quer lançar um manifesto. Acho sua iniciativa ridícula, posto que impraticável. Você está sonhando em mover o coração de gente como o Boldru. Veja bem, eu não ligo para o Jenkis. Que cangue ou que não cangue. Tampouco me importo com o Boldru, que viva ou morra. Isso o tempo dirá. Você publica o seu livro e vai viver de outra coisa, vai produzir arte propriamente dita. E em que foi útil o seu livro? Absolutamente nada. De que adianta perdoar o Boldru? Se ao menos houvesse uma aventura se passando na sua história. Uma mocinha casadoira, um vilão de cinema. Suspense, romance, ação. Se você conseguisse aliar a disposição de perdoar a algum conflito, de preferência uma história fantasiosa, fantástica, talvez fosse um marco menor na literatura. Mas você fica esmiuçando, espicaçando os defeitos da sociedade do século LIII, mostrando os podres, sem apelar para o risco de vida. Sei que você é um autor morto, mas pense nos vivos quando for escrever, não é aos vivos que você quer atingir? Introduza o romance. Além do mais, você só aborda situações desagradáveis. Até a salvação das

almas, que devia ser envolvida numa película protetora de fantasia, você deixa exposta, de forma óbvia. Eu não sei se esse tipo de iniciativa vai fazer muito sucesso. Talvez você publique na periferia do sistema, mas, se você quiser sustentar o seu robô com palavras, vai ter que fazer melhor que isso. Outra coisa, não se preocupe com a alma de ninguém quando estiver escrevendo. Manda ver, rapaz, ouse na sexualidade, crie heróis impossíveis. Evite os limites reais. O livro é para substituir a orgia, não para reproduzi-la *ipsis litteris*. Conte a história da sua época, pare de falar do passado. Seja atual, mesmo com uma roupagem de época ou futurista, fale para o homem de hoje. Estamos em 5252, na nave-mãe número 34. Realize o sonho de todo mundo. Tenha um filho lindo com uma esposa linda e amigos lindos. Sugiro isso em substituição ao seu projeto de perdoar o rebelde ou, meramente, transviado. Eu agradeço o seu perdão, sei que é verdadeiro, mas o que eu quero de um livro é sonhar. Não me imortalize, me encante.

Gregório compreendia o argumento de Anfdosen: quem perdoa passa a servir. Era tão pouco tempo que lhe restava, que seria uma maçada ler um livro sobre o perdão da culpa. Gregório que se especializasse em perdoar os ex-fumantes, Anfdosen não tinha tempo para desperdiçar. E isso era verdade, desesperadamente verdade. Não que Gregório fosse levar toda a existência perdoando a culpa. Ele também gostava de romance e aventura. É

só que achava que já era tempo de explicitar aquela situação, pelo menos uma vez na história. Em sendo assim, era importante que fosse a palavra do perdão, mesmo de Boldru, mesmo de Ronic e Cris. Um vivente na nave que ia ser destruída por Cris talvez não o perdoasse, mas tudo isso é da época e a época é passageira, o que fica para a história é o que se pode reaproveitar. Crimes são descartáveis. O perdão é reciclável. Gregório também entendia o ponto de vista de Jesus. O Filho de Deus achava pecaminosa essa visão aparentemente bondosa de Gregório. Para ele, um homem tem mesmo que correr riscos reais, para ver se presta. Segundo Jesus, Gregório foi aprovado, mas achou ruim se arriscar. Uma atitude, no entender de Deus, um tanto egoísta, pelo seu viés negligente. No século XXI, diria-se que Gregório queria tudo "molinho sem caroço". A referência era aos frutos originais, como o Deus universal os criou. Guardavam suas sementes no bojo, ao contrário dos nossos frutos transgênicos, que são pura polpa com cascas comestíveis. A algum leitor mais caxias do passado, informo que hoje em dia o coco é todo comestível, inclusive sua casca impermeável. A expressão "molinho sem caroço" foi cunhada num período em que a procriação não era regulada por lei. Na verdade, era um período tão rudimentar, ainda que já bafejasse a tecnologia, que os governos todos, sem um centro que harmonizasse o conjunto, seriam incapazes de controlar a natalidade. Gregório sabia que Anfdosen era realmente

culpado, o que era muito feio para quem teve acesso granjeado ao centro do sistema, onde há mérito, com certeza, mas também um pouco de sorte na filiação. Se estivesse em outra nave-mãe, seu destino talvez fosse outro. "Talvez" não é resposta, nem resolve nada ratificar uma culpa óbvia com a qual nós concordamos em conviver em paz e harmonia. Anfdosen queria então saber porque Gregório escrevia seu relato. Pelo já exposto, a vida melhora a cada concessão que se faz à realidade. Que se pense nas crianças que começam na ignorância, se tivessem acesso ao rudimento da realidade divina, que resultados não alcançariam, ainda que não fosse a perfeição, seria algo muito melhor. Sem comprometimento, Gregório não se importaria em escrever uma história em que Anfdosen fosse o herói. Uma história fantasiosa, verdadeiramente irreal. Mas será que Anfdosen iria se reconhecer num herói sem uma mácula qualquer que, ainda que metaforicamente, representasse sua condição humana? Sim, Anfdosen era um herói de época, mas não aos olhos de Jesus. Mas a verdade é que tampouco Gregório era tido como heróico na conta do povo sério que devota a imortalidade ao serviço da comunidade, na igreja, obrando diariamente pequenos milagres para culpados e inocentes. Uns, questionáveis, e outros, aceitáveis. De todo modo, entre todos os citados, nenhum realmente importante. Alguém pode lembrar de nomes com Da Vince ou Galileu e chamá-los de sumamente importantes, mas não são. Tiveram

o privilégio de realizar obras importantes, cruciais, mas supérfluas ou que viriam mais cedo ou mais tarde, independentemente de quem as produzisse.

— Então é isso que você quer, Gregório, se tornar famoso por uma obra importante? — espantou-se Anfdosen, para em seguida cair na gargalhada — Gregório, isso já foi dito quatrilhões de vezes. Há toda uma literatura marrom sobre o assunto, livros técnicos ensinando com provocar um decaimento, tudo em linguagem acessível a qualquer um que domine os rudimentos. Gregório, não há livro infantil que não conte essa história. Você não está trazendo novidade nenhuma. Seu livro não vai ser sequer um sucesso de vendas. Homem, desista dessa história, vá fazer algo de encantador. Você não quer comprar um monte de robôs? Essa literatura é coisa de “mortafome”. Pelo visto, você também saiu com uma marca indelével da infância. Quem perdoa, deixa para lá. Se você não pode servir os despossuídos como faz Jesus (nem sei para que), pelo menos valorize esse teclado no qual você digita com um robô que não foi produzido com esse fim. Fico imaginando qual seria o seu fim na idade média. Iriam te queimar numa fogueira.

— Ora, Anfdosen — redargüiu Gregório — na idade média não existia a Onu, Unesco, OMS e muito menos a holovisão. Você, quando muito, divulgaria a palavra do rei.

— Onu, Unesco, Pomes? O que é isso? — perguntou Anfdosen.

— Foram algumas das primeiras entidades mundiais da história, de um tempo que pode-se chamar de era de ouro da organização, graças ao fato de que o território era...

— Não precisa repetir, eu ouvi o que você escreveu. Me fale da Unesco, gostei desse nome.

— Não conheço muito bem, apesar de ter vivido na época. Eles lidavam com questões culturais de uma humanidade que mais parecia uma colcha de retalhos. Premiavam iniciativas culturais que visassem o progresso da comunidade, inclusive programas de Televisão, que era...

— Eu sei, era o tetravô da holovisão. Entendi o seu recado, o mundo muda, a democracia evolui, a história se repete para os dois lados. E o mocinho revela o vilão pela enésima vez. Todo mundo finge que não gosta, mas todos estão esperando que aconteça, para oxigenar o marasmo. De repente, sentir um pouco de raiva, dar vazão à frustração, pode render um bom período de alívio psicológico.

— Eu falei a sério quando te chamei de herói de época. Vocês vivos não entendem direito que o ideal imortal é quase impraticável pelo vivos. Muita gente na sua situação já deu contribuições cruciais para o progresso. Há uma tendência a associar a culpa ao comportamento de gente como o Boldru. Você não é o cavaleiro no cavalo branco. Seu cavalo é negro, com reflexos em vermelho, mas é um cavalo saudável, o que remonta a uma psicologia sã. Você é tão

são que teve a lucidez de perceber que a minha obra não representa nenhum grave perigo a ninguém. Tudo já foi dito quatrilhões de vezes, não há quem não descubra essa realidade, cedo ou tarde. Ninguém precisa de um físico para nos dizer que as coisas caem para baixo, nem de um desenhista da idade média para inventar uma máquina que só seria possível no século XX. No entanto, existem tais desenhos e esse físico entrou para a história, chamava-se Isaac Newton e não me pergunte porque a massa atrai a massa.

— Se sou um herói, ouçam-me os povos: cala-te boca. Pouco importa de que brincam as crianças. Prefiro ainda o rigor de Jesus que o bafo quente do seu perdão, teclando com o robô de cópula. Renego o papel de herói. Não sou malvado, mas sou o vilão. Eu sonhei ameaçadoramente e, por causa disso, aconteceu um acidente nas fossas de reciclagem e um funcionário morreu afogado. Sou culpado e admito. Todo herói é inocente e todo culpado é vilão.

— Sou inocente e o Divino Espírito Santo me chama de poltrão. Você já ouviu falar de um herói poltrão? Além do mais, Anfdosen, confesso, mas que não me reveles, escrevo para o passado, o que é contravenção. Vamos, não seja tão rígido nos seus conceitos. Evite o radicalismo de Boldru. Ele, sim, fez questão de purificar sua categoria de vilão malvado. Se eu puder te convencer a fazer o bem, você vai se beneficiar da sua atitude. Como poltrão, não

espero de você imensos sacrifícios, mas um pensar que guie seus pequenos gestos. Foi você mesmo que disse que se beneficia ao servir. Os grandes heróis são salvadores, isso os coroa de honras, o que se tem em conta de benefício pessoal. É o que se espera que as pessoas todas façam, mas não se pode negar que é um benefício à imagem desses valorosos combatentes. Você percebe a condição mambembe da minha existência e quer me atribuir o grande heroísmo. Vou te confessar que eu me realizo mesmo como marido. Escrevo essas linhas ousadas, dando destaque para o perdão, não só porque eu acho que seja a coisa certa a fazer. Achar eu acho, mas a Lídia também. Se ela achasse errado o que eu estou fazendo, confesso que, talvez, eu subornasse a minha consciência. Mas, quando ela me chama de pauzudo heróico, justo eu, que nem mais carne tenho, isso me dá forças redobradas para continuar escrevendo em nome de um novo panorama social, mais justo (onde eu não estou usando justo como sinônimo de severo). Estou pensando no sistema que não dependa tanto de heróis pontuais para salvar o grupo. Me agrada você me chamar de herói, mais que ouvir os queixumes neurastênicos de Boldru, mas eu sou só um boa-vida. Arrumei até uma amante, a mãe de Jenkis...

— Eu conheço a Vitral. Agora quero deixar bem claro que tenho meus interesses. Sou mesmo um vilão, ainda que não seja vil. Aliás, a você eu nem sei o que diga, o idioma é tão

limitado, o significado das palavras é tão exíguo e rigoroso.

— Eu sei, pois eu te convido a sonhar com um futuro mais explícito, onde seja mais difícil engabelar as crianças. Não pense que eu quero jogar na cara de ninguém que lhe foi dita a verdade, não é por isso que escrevo, ainda que admita que isso faz parte da novidade que anuncio. Eu não estou só no mundo. É só que acredito na salvação das almas, nem que seja por desengano de consciência. Te pergunto: você já observou a personalidade de uma pessoa? As personalidades se tornam aparentes quando a pessoa sofre. Aquilo que está ali não é a própria pessoa, mas uma opinião que ela carrega, que pode ser modificada. Quando o sofrimento que moldou a personalidade é muito grande, se torna incomum a pessoa mudar. É incomum, mas acontece. Sei que, para você, isso é uma decepção, também não posso afirmar que o mundo vai mudar de uma hora para a outra. As coisas já caíam para baixo antes de Newton. Não espero sair com esse livro do circo mambembe, depois eu escrevo para o deleite do Século LIII. Não espero que você acredite num futuro melhor para a infância, mas apenas que não me tolha a iniciativa — Gregório estava mesmo disposto a arregimentar o esforço de Anfdosen para a causa social.

— A mim tanto se me dá. Não tenho filhos e não vou ter filhos, mas você está mexendo num vespeiro...

— Também não é para tanto seu alarme — interrompeu Gregório — as novelas da holovisão estão o tempo todo cutucando a ferida e o seu canal continua no ar. Se sou mais explícito é porque isto é uma obra de literatura, o impacto é muito menor. Além do mais, não estou enganando o leitorado. Com esse título, “aprendendo a perdoar”, quem estiver a fim de uma fuga, não vai pegar o livro. Ainda assim, mesmo que não seja um *best-seller*, não creio que vá ser um fracasso completo. Muita gente sonha com um novo amanhã. Eles querem não ter que enfrentar indefinidamente as armadilhas que os embaraçaram. Boldru e sua iconoclastia é a representação de uma minoria muito barulhenta, mas minoria. A maioria das pessoas, por mais que lhes toque a desgraça, consegue comemorar a pecaminosidade. Um bom almoço, às vezes, justifica mais que a morte de cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo. Você devia conhecer o Ginko.

— Não me fale desse desmantelado. Detesto a vida dele — irritou-se Anfdosen — para mim, o exemplo dele é inaceitável. O homem com tudo na vida, aliás, no pós-vida, e adota um comportamento desregrado, um péssimo exemplo para os vivos que têm que agüentar o submundo das drogas. As pessoas pensam que ninguém mais canga na galação, mas existe uma pequena minoria de casos. Como são poucos, as autoridades fecham os olhos para o que fazem pessoas como o Ginko, vendendo a

medicina a quem não vai sair do vício. Isso é inaceitável.

— O Ginko é ético, ele não mente a ninguém sobre os riscos. Ele também fornece anticoncepcionais. Esse pessoal não passou nas mãos do Ginko. — discordou Gregório.

— E você ainda defende o sujeito. Quer saber, estou começando a dar razão ao Divino Espírito Santo, você não tem nada de herói. O submundo das drogas é inaceitável. Vidas e existências estão sendo ceifadas nesse inferninho — enfureceu-se Anfdosen — as pessoas dizem que quem é bom não perde a alma imortal, mas ninguém lembra que essas pessoas tinham tudo para serem boas. E o que diz Jesus?: é preciso agüentar cusparadas, bordoadas., achaques.

— De fato, é preciso agüentar, Anfdosen, pois tua nobreza na retirada não é uma regra geral. Hoje em dia temos as máquinas telepáticas, que dão algum alívio, mas também pioram os resultados quando têm seu uso deturpado. Você foi mau, era um vilão, mas hoje em dia é bom, ainda que não haja remendo para você.

— Bom, eu voltei a ser, mas você me pede caridade. Ainda por cima com um sujeito tão desregrado que não poderia existir, e existe, esse tal de Jenkis.

Nesse instante, Lídia interrompeu a conversa telepática de Anfdosen e Gregório. Disse ela:

— O que falta para salvar Jenkis é mostrar-lhe que Deus existe. O problema é que ele não

crê e não dá pelota para o que ouve dos outros. Fazem meses que eu oro para que ele descubra o Senhor Jesus, mas, até agora, nada. A situação dele é estável, mas eu tenho notado pequenos sinais de mudança de conduta, como ranger de dentes e momentos de agonia, desespero com a existência.

— Se eu pudesse, eu fazia alguma coisa — respondeu Anfdosen.

— Você pode. Você pode me ajudar a orar. Seria importante — rogou Lídia.

— Eu posso até orar, mas não vejo porque seja tão importante— inquietou-se Anfdosen.

— Você representa o risco que ele está correndo. A vida dele está por um fio. Seu apelo, nas orações, pode ser o que falta para convencê-lo da gravidade do seu comportamento, pois você, Anfdosen, sabe como é grave — explicou Lídia. Ao ouvir a desmorta, Anfdosen ruiu por dentro. Seu mundinho fechado do sucesso havia sido tocado por uma realidade que há muito tempo ele fazia questão de esquecer. De repente, ele viu-se a sós com Boldru, numa visão. O velho disparou em meio a luzes que queimavam:

— Você não é louco de me desafiar. O Jenkis é meu, todo meu! — Anfdosen não resistia de dor, desistira completamente de ajudar Jenkis. Foi quando Lídia entrou no sonho e lhe pediu pela alma de Jenkis. A primeira reação dele foi tentar fugir, mas o apelo da desmorta foi tão pungente que ele resolveu orar pelo possível companheiro de infortúnio. Por um

instante, ele cobiçou Jenkis. Só de saber que alguém teve sua alma salva, lavaria sua honra.

— Nada disso — interrompeu Boldru, as luzes já não queimavam, mas encandeavam — ele tem que sofrer, vocês ouviram o homem.

— Que homem? — perguntou Lídia, irônica.

— Jesus Cristo, o único Deus, que se fez homem. — respondeu Boldru, tentando parecer sério.

— Os homens são de carne e osso, Boldru, não se sabe do que Jesus é feito, chama-se de alma por falta de um nome que descreva melhor. Alma, ânima. São muitos séculos assistindo o drama humano sem grandes novidades, O que você não sabe, Boldru, é que se salva almas o tempo todo. Todos os que permanecem foram salvos por outros seres.

— Então eu tenho muito do que me queixar. Bando de incompetentes, porque eu não fui salvo? — gritou Boldru.

— Eu tentei salvar você. Mas você agia como um desnaturado. Você não deu tempo a ninguém. Olhava a todos como se fossem sobejo do seu prato. Atirava seus brinquedos nas pessoas — interrompeu o Senhor Jesus.

— Você vai me imputar os atos da infância? — reclamou Boldru.

— Você que começou, perseguindo um jovem ignorante — interveio Gregório.

— Não é justo, não poderia ter acontecido comigo. Eu sou um homem bom, não poderia sofrer o que o soffro.

— Pois mostre que é bom — cobrou Gregório.

— Eu mesmo, não. Eu vou curtir. Eu não tinha que agüentar cusparadas, bordoadas e achaques? O que que tem se eu infligir um pouquinho? Se pensarmos bem, mil anos é só um pouquinho. Se o Jenkis for mesmo bom, ele vai ter o prêmio eterno. Eu só tenho agora para me justificar. E, afinal de contas, temos que agüentar.

— Passa, passa, gavião, todo mundo é bom — foi a Lídia, lembrando de um verso de cantiga de roda que não se usava mais a milhares de anos.

— Temos que agüentar, mas não devemos infligir — cobrou o Gregório de novo.

— Como assim? Isso não é lógico. Se temos que agüentar é porque nos permitimos infligir — discordou Boldru.

— Queira Deus que o Jenkis não pense assim — desejou Lídia.

— Você fala e age como se os homens pudessem tudo. Digo “pudessem tudo” não em relação ao universo infinito, mas à sociedade — insistiu Gregório.

— Ah, e não são os homens que fazem tudo na sociedade, não? — argüiu Boldru.

— Eles fazem tudo, mas não podem tudo e nem devem poder. A maior parte do tempo, agimos em conformidade com o que nos condiciona, e não por liberdade plena. Se você fosse um menino comportado, estaria do nosso

lado. Se você fosse um adulto educado, viveria aliviado — reclamou Gregório.

— Aliviado ou não, eu vou viver mais de mil anos e, quer saber do que mais?, o Jenkis é só mais um na minha lista. Já mandei dezenas para o inferno e não vou parar agora. Vejam onde estou: tenho um cubiculódromo com banheiro próprio. Nunca ganhei nada em ser bom. Tudo o que gozei foi a custa de muita luta, batalha baixa e encarniçada. Vocês deram sorte e ficam cobrando o rato sem rabo — Boldru era erudito o suficiente para rebater a Lídia.

— Suas luzes já não ferem mais, Boldru. — disse Jesus — Anfdosen: sinto muito, lamento muito. Você é culpado e eu vou lhe ajudar.

— Definitivamente, ser bom é um sacrifício. Ah, Boldru, vou orar por esta alma como quem torce por uma partida de mentalex. E, quando ele se salvar, e ele vai se salvar, queira Deus, eu vou andar por aí de peito erguido — disse, hesitante, mas com sinceridade, Anfdosen.

Boldru arreganhou o nariz e perguntou — De que adianta tudo isso se você vai morrer, Anfdosen. Economize o seu couro. Eu sou mais violento do que você imagina. Já falei que o Jenkis é meu.

Anfdosen não respondeu nada, mas passou a orar pela salvação das almas, especialmente a de Jenkis. Ele passou a freqüentar uma igreja dentro da nave, aos domingos. Na nave-mãe 34 trabalhava-se quatro dias e descansava-se três. A sexta-feira chamava-se hopew (ropu), que quer dizer dia da esperança. Para espanto de

Anfdosen, seu cartaz com as mulheres começou a crescer depois que ele passou a orar pela salvação das almas. Não com todas, teve mesmo um juvenzinha de 17 anos que lhe disse abertamente o nome de Boldru, enquanto sorria graciosa, mas a maioria o olhava com admiração desejosa. Havia um desejo que Anfdosen chamaria de autocomiseração, mas não era o mesmo significado, porque, como foi dito, a culpa não é tão importante assim. Sim, Ronic ia passar o resto da vida na cadeia, isso não estava em questão, mas o fato é que não importava tanto assim. O milênio de Ronic e Anfdosen, o fim de milênio de Boldru, meros 250 anos, no máximo, tudo isso ia passar, mesmo que Anfdosen parasse de agradecer as mulheres. Seu tempo iria passar. Mas o Gregório estava quieto no seu canto, mantendo um robô às custas da pintura e achava isso importante. Não que ele fosse morrer por falta do robô, mas era importante. Anfdosen também soube dar importância ao seu novo cartaz com as mulheres. Não que largar a igreja fosse o fim de sua carreira brilhante, mas era importante freqüentar. De repente, não sabia mais como fora feliz sem Cristo em sua vida. Do mesmo modo, Boldru achava importante causar o decaimento de Jenkis, não que isso fosse espantar a tristeza, mas ele dava importância. Expressava muito mais do que achava. E, talvez por seu jeito artificial de sobrevalorizar algo que, mesmo para ele, não tinha tanto valor assim, foi que ele perdeu a disputa, se é que podemos chamar de disputa

um luta tão negra e sem regras. Jenkis descobriu que Deus existe às vésperas de completar 23 anos de idade. Uma luz profunda, fria, uma afago luminoso, invadiu o espírito de todos que trabalharam pela sua salvação. Para Anfosen, era a prova de que Jenkis havia sido recambiado para o caminho do bem. Gregório gostava de ter essa dúvida, de sentir-se humilde na sua bondade. Não que ele fosse se submeter livremente à vilania, mas era um bom dia para perdoar os pecados de Boldru. Este não gostou nem um pouco da luz fria e carinhosa que emanou do encontro de Jenkis com Deus. Boldru emitiu, telepaticamente, a imagem de um peixe na lama, seus olhos confundiam-se com suas pestanas e suas palavras borbulhavam, inaudíveis. Ele estava divertindo a derrota, com tranqüilidade, como quem diz: amanhã é outro dia, mais um bebezinho de três anos estará na berlinda, são mais 250 anos de brincadeira.

Assim que tiveram certeza de que Jenkis descobrira que existia algo além da vida biológica, Gregório e Lídia atravessaram o casco exterior, penetraram na nave e foram até o cubiculódromo em que Jenkis morava com seu pai. Vitral já estava lá, radiante de felicidade, e, ao ver "Goesgho", fundiu-se a ele em comunhão, grata. Depois, virou-se para Lídia e pronunciou-se eternamente endividada. "Você vai ter como me pagar algum dia, pois, para você, esse dia chegará." Foi a resposta de Lídia. Os três falavam sem serem percebidos por Jenkis. Seu pai não estava em casa. Jesus estava

irradiando muita energia, para que Jenkis pudesse percebê-lo. Jenkis não sabia o que pensasse. Estava em dúvida se Jesus era um homem que morreu e virou Deus ou se ele era o próprio nirvana com uma consciência aparte da existência posterior de cada indivíduo. Uma coisa era certa, Jesus encarnava o homem heterossexual, ainda que não fosse alguém, mas muitos a um só tempo. Imaginou que aquilo, ou ele, era o resultado do que foi deixado escrito pelos cristãos, na Bíblia e nos demais documentos religiosos, como uma consequência que adquirisse independência das causas e voltasse para monitorar a estas. Jesus compreendeu a ignorância de Jenkis, mas isso poderia ser sanado com o tempo, havia outra coisa, mais importante, para gastar a energia fenomenal que ele estava dispendendo para fazer brotar a fé de Jenkis. Depois, ele mesmo, por seus próprios méritos, poderia entender que Jesus era o filho do Pai, o salvador, uma alma imortal. Jesus interrompeu as divagações de Jenkis: “Você vem, há muito tempo, em dúvida se vai ser bom ou mau. Eu diria que há tempo demais.” Nesse instante, Boldru tentou uma manobra desesperada, se fazendo de consciência de Jenkis, tentando convencê-lo de que ele era o próprio Jenkis, mas o jovem e tolo Jenkis não caiu no truque, graças a Jesus, que lhe deu a mão e mostrou o espectro de Boldru bem claramente.

— Quem é esse? — espantou-se Jenkis. O tempo corria e Jesus tinha uma missão a cumprir

com a energia que destacara para a salvação de Jenkis. “Não importa, é um morador da cidade que quer te sacanear. Deixe isso para depois. Vamos falar sobre a sua dúvida que não se resolve”, interrompeu Jesus.

— De fato, Senhor, eu não sei se devo ser bom ou não. Ainda não me decidi. Porque eu deveria ser bom?

“Primeiro que tudo, porque é a coisa certa a fazer. Em segundo lugar, por piedade com os sofredores e, por último, para perdoar os malvados.”

— O senhor diria que meu pai é um malvado? — Jenkis queria que Jesus lhe pedisse por favor para ser bom, mas Jesus sabia que isso não o faria ser bom, mas gabola. Era preciso que Jenkis escolhesse livremente ser bom e não que ele viesse a ser bom como uma concessão a terceiros. Jesus sabia que tinha um longo trabalho de convencimento pela frente. Vitral queria aparecer para seu filho e dizer-lhe para ser bom, mas o poder de Jesus sombreava tudo o mais. Além de tudo, era muita gente torcendo para que ele não percebesse a vantagem de ser bom. Gregório sentiu um aperto no coração. Era um momento crucial, a batalha não estava ganha ainda. “Ah, Goesgho, não fica assim, pela amor de Deus, calma que vai tudo dar certo”, soprou Vitral, ainda mais tensa. Estavam todos esperando que Jesus respondesse a pergunta de Jenkis: “Jenkis, pense em si mesmo na hora de tomar suas decisões. Não pense em seu pai, porque ele não pensa em você. Não se limite a

ele, suas circunstâncias são maiores que a presença de seu pai na sua vida."

— Ah, Jesus, tenho mesmo que agüentar? Se não fosse tão errado, não sei o que faça da minha vida.

"Jenkis, e se eu te disser que é só uma questão de tempo para você estar livre? Livre como a sua mãe."

— A minha mãe ainda existe? — Jenkis olhou com esperança e abriu-se num sorriso quando Jesus confirmou. Aquela era a informação necessária para tocar seu coração, sua mãe ainda existia. Então, Jesus iluminou Vitral para que Jenkis a pudesse ver — mãe? É a senhora? — "Filho, sou eu, sua mãe, lembra do Ozig?", disse Vitral. Ozig era um boneco com que Jenkis brincava quando criança. Os olhos de Jenkis se arregalaram de surpresa. Então, existia mesmo vida após a morte. De repente, tudo pareceu fácil para Jenkis. Ficou imaginando que, depois que todos morressem, ele teria sua família de novo, com o pai e a mãe. Talvez, longe das necessidades do corpo, seu pai voltasse a ser uma pessoa amigável, como ele era quando sua mãe estava viva. E seriam felizes para sempre. Jesus teve que mostrar que as coisas não eram bem assim: "Seu pai não vai muito longe depois desta vida, ele existirá no máximo seis anos depois de morto."

— Porque? — decepcionou-se Jenkis — só porque ele é um mau pai? — "Não, porque ele sonhou ameaçadoramente e causou um acidente", respondeu o Senhor Jesus,

apavorando Jenkis. Ele mesmo tinha brincado de sonhar e só não tinha acontecido nada errado por milagre. Teve uma vez que não deu em nada por pura sorte. "Ainda bem que você não decidiu ser mau, Jenkis, porque, se não, hoje você estaria na situação do seu pai", explicou Jesus. Foi aí que Jenkis entendeu a realidade de fato. Foi aí que ele entendeu porque seu pai não era amigável, ele sabia que havia perdido algo muito importante. Revoltou-lhe o fato de que seu genitor não lhe explicasse os fatos da vida. "Seu pai não é o pior do bando. Ele mal liga para você. Quem te persegue são Criptônio e Eiuhw." Interrompeu Jesus.

— Mas o Eiuhw, ele é uma criança...

"É uma criança, mas já trilha o caminho do mal. Ele quer que você decaia. Ele já sabe o que acontece com quem sonha ameaçadoramente." Jesus passou a explicar a Jenkis sobre a barreira dos três anos. Por fim, revelou o papel de Criptônio na morte da sua mãe. Jenkis ficou possesso, mas resolveu se conter, pois já temia ter o mesmo fim que seu pai. E sua mãe estava viva, se é que se pode dizer assim. Foi então que Jenkis decidiu ser bom. Ele era um menino educado, a exemplo de seu pai, mas resolveu que ia ser bom. Não é tão difícil ser bom, muito mais sacrificante é ser caridoso, como foi Anfdosen com Jenkis, e aquele nem ao menos esperava o reconhecimento deste, fê-lo como uma prova de que a justiça do Deus Universal, ainda que irretocável, não é satisfatória perante o juízo do homem. Antes, aceitamos porque

devemos aceitar e não porque satisfaça os critérios humanos. Ao contrário de Lídia, que achava que o Deus Universal ainda traria a novidade algum dia, Anfdosen achava que uma solução geral só viria quando os homens se adaptassem melhor aos rigores da vida. Ele achava que o ser humano deveria ser salvo da culpa em primeiro lugar. Gostaria de reclamar dos inocentes como se fossem privilegiados e insensíveis, mas era obrigado a admitir que quem mais atrapalhava o resgate da inocência eram os próprios culpados. O mais doloroso para Anfdosen era o fim do dia, quando era preciso interromper as tarefas e deixar muitas soluções em aberto. Gregório concordava com Anfdosen, mas achava a tarefa de resgatar a inocência gigantesca, além de não ser nem um pouco agradável, pois os rebeldes estão sequiosos de companhia na desgraça. Qualquer um que procure dar a mão a seu semelhante em situação de risco, sofrerá oposição justamente de quem já esteve na mesma situação e rejeita a empatia. Ainda assim, a vida melhora. Ao longo dos séculos, pequenos momentos de evolução, como a salvação da alma de Jenkis. Dele se espera, como de toda a gente, que busque resgatar seu semelhante, mas ele, mais que os demais, saberá o que se passa nas mentes sofridas século após século. Pois Gregório se admitia impossibilitado de chegar tão fundo na alma de um menino ameaçado, pois ele mesmo não vivenciou daquela maneira sua própria situação de risco. Como Jenkis, Gregório tinha

um mau pai, viúvo, mas ele nunca achou que seu pai fosse um padrão inquestionável para se relacionar com o mundo. Jenkis oscilou nessa opinião perigosamente. Mas, agora, que se tornou bom e confiável (pelo menos era a esperança de Gregório), poderia nos contar os pequenos detalhes da sua aventura emocional. Suas malandragens, seus truques, para que não se torne impossível alcançar outros sob a mesma ameaça. Se pudermos tocar o verdadeiro sentimento que vai no coração do homem, e não a falácia de sua boca, as chances de trazê-lo para o lado do bem são maiores. Só então ele poderá mostrar-nos a grandeza do resgate, pois ele é quem carrega essa cruz. Mais ou menos como só o movimento dos doentes crônicos pode expressar suas reivindicações e necessidades. Quando ficou a par do que esperavam dele, a primeira e demorada reação de Jenkis foi manter-se afastado dessa caridade. Não tanto por descaso, mas por medo de não ter cabeça fria para enfrentar a situação. Tinha medo de se impacientar com quem está na situação de risco e causar um desfecho indesejado. Era preciso que ele primeiro perdoasse a seu pai, para então ele assumir uma tarefa efetiva na sociedade. Aos 22 anos, ele não tinha nenhuma perspectiva de progresso, era um sem-trabalho. Sua primeira atitude depois de descobrir a Deus foi abandonar o convício de Criptônio e Eiuhw, com quem privava. Os dois foram visitá-lo algumas vezes, quando seu pai estava em casa, mas acabaram perdendo o

interesse em Jenkis, pois ele tinha ficado esperto. Passaram a incomodá-lo só de vez em quando, na esperança de convencê-lo novamente de que Deus não existe. Passaram-se algumas semanas até que Jenkis desse o primeiro passo para perdoar seu pai de coração. Seu pai continua tratando-o com frieza e distância, mas o mundo de Jenkis passou a ser maior que seu pai, ele havia conseguido sair da casca.

Este que vos escreve não saberia dizer se Jenkis vai-se devotar à salvação das almas. Parece que ele vai precisar de anos para se integrar a essa tarefa, à qual todos damos algo de nosso empenho na comunidade "Comunhão". Seja como for, faltam, queira Deus, mais de mil anos para que ele possa se integrar à nossa comunidade de fiéis defuntos. Atualmente ele está revendo seus conceitos de Justiça, fala muito com Jesus sobre esse tema. Parece que ele começa a aceitar a idéia de relatividade e solução caso a caso como algo justo, ainda que o motivo dessa solução singular sejam os limites da existência, como o comportamento de cada um, seus talentos e, claro, o mais difícil de agüentar, ele começa a reconhecer que devemos ser justos apesar da injustiça que pratica nosso semelhante. Teve que compreender a Justiça Universal para aceitar essa realidade, mas teve o mérito de aguardar por ela, ainda que de modo periclitante. O Gregório gostaria de contar a todos um caso em que o próprio Jenkis salvasse um semelhante, mas o próprio Gregório não tinha nenhuma história a contar além daquela em

que ele supõe ter sido co-partícipe da salvação de uma criança com Diógenes. Além de tudo, a salvação provocou o afastamento entre salvador e salvo. Pobre Gregório, sonhando em congregar com quem salvasse. Isso não é muito comum. Os salvos têm vergonha de revelar sua condição. Vitral disse a Gregório que o amava, mas que não forçasse a cabecinha de Jenkis. "Ele ainda está no corpo e o corpo tem seus humores. Para você é muito fácil, Gregório. Só de levar uma vida inocente, ele já está fazendo muito", disse ela.

Chegou o Natal de 5252 e Gregório se apressa em enviar estas linhas para o passado, antes que se feche a brecha temporal, e não poderá contar como evoluiu o estranho caso de Jenkis. Ele continua existindo com Lídia num cantinho exterior do casco da nave, de onde paquera Vitral, se bem que ela anda se engraçando para um outro membro da "Comunhão" e talvez vá-se juntar no pós-mortem. Seja como for, depois que passar a novidade, ela há de lembrar de seu bom amigo Gregório, que salvou o seu filho. Enquanto isso, Gregório tem a Lídia, mas só Vitral sabe chama-lo devidamente de "Goesgho", dá-lhe um ar atual. Encerrada essa missiva, prometo voltar a contatar os escritores do passado, trazendo a novidade. Sem mais, declaro encerrada a história de Gregório e Lídia. Ah, o Haroldinho atingiu os confins do universo conhecido. Disse na sua última correspondência o que viu: mais Universo até onde o telescópio alcança.